

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO**

PEDRO VASCONCELOS COSTA E SILVA

CBF VAR EM MEDIATIZAÇÃO (2018 -2022)

**A circulação como uma dimensão para a percepção das inovações no
espetáculo esportivo**

São Leopoldo, RS

2022

PEDRO VASCONCELOS COSTA E SILVA

CBF VAR EM MEDIATIZAÇÃO (2018 -2022)

**A circulação como uma dimensão para a percepção das inovações no
espetáculo esportivo**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Ciências da
Comunicação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fausto Neto

São Leopoldo, RS


2022

S586c Silva, Pedro Vasconcelos Costa e.
CBF VAR em midiatização (2018 -2022) : a circulação como uma dimensão para a percepção das inovações no espetáculo esportivo / por Pedro Vasconcelos Costa e Silva. – 2022.
279 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2022.
“Orientador: Dr. Antônio Fausto Neto”.

1. Video Assistant Referee (VAR). 2. Circulação. 3. Futebol midiatizado. 4. Interpenetrações. 5. Espetáculo esportivo. 6. Confederação Brasileira de Futebol (CBF). 7. Tecnologia.
I. Título.

CDU: 659.3:796.33

 UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Escola da Indústria Criativa
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

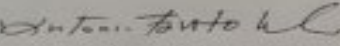
ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 010/2022

Aos quatorze dias do mês de outubro de dois mil e vinte e dois, realizou-se no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, a sessão de Arguição Pública da Tese "CRF FAR EM MEDIATIZAÇÃO (2018 -2022) A circulação como uma dimensão para a percepção das inovações no espetáculo esportivo" apresentada pelo aluno **Pedro Vasconcelos Costa e Silva**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Doutorado, à Comissão Examinadora constituída Edison Luis Gastaldo (UFRRJ), Ana Carolina Viveiro (UFMG), Pedro Gilberto Gomes (UNISINOS), Ana Paula da Rosa (UNISINOS) e Antônio Fausto Neto (Orientador). Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno, Capítulo VI e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu ao(a) aluno(a), o grau 9,8.

A emissão do Diploma está condicionada a entrega da versão final da Tese.

Ocorreu alteração do título? () Não () Sim: _____

Esta atividade foi realizada integralmente em modo online para atender às recomendações da OMS e Ministério da Saúde de prevenção contra a Covid-19.

Comissão Examinadora:
Prof. Dr. Antônio Fausto Neto (Orientador) 
Coordenação do PPG em Ciências da Comunicação: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

Av. Unisinos, 950 - Caixa Postal 275 - CEP 93022-750 - São Leopoldo - Rio Grande do Sul - Brasil
Fone: (51) 3590-8450 Fax: (51) 3590-8132 <http://www.unisinos.br>

PEDRO VASCONCELOS COSTA E SILVA

**CBF VAR EM MEDIATIZAÇÃO (2018 -2022) A CIRCULAÇÃO COMO UMA DIMENSÃO
PARA A PERCEPÇÃO DAS INOVAÇÕES NO ESPETÁCULO ESPORTIVO**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, pelo Programa
de Pós-Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 14 DE OUTUBRO de 2022.

BANCA EXAMINADORA

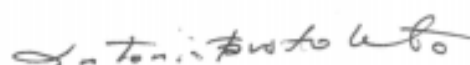
**PROF. DR. ÉDISON LUIS GASTALDO - UFRRJ
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. ANA CAROLINA VIMEIRO - UFMG
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. PEDRO GILBERTO GOMES - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. ANTÔNIO FAUSTO NETO – ORIENTADORA
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PPG em Ciências da Comunicação da UNISINOS pelas portas abertas que transformaram a minha vida e a de tantos outros colegas, discentes e docentes, nestes mais de trinta anos de excelência na produção de conhecimento e de pesquisa - referência para estudos da Comunicação no país e no mundo.

A gratidão e o carinho que nutri pelo curso se misturam nesta hora com uma profunda tristeza provocada pelo seu encerramento. Deixo registrada minha indignação com o processo que resultou na descontinuação de 12 programas de pós-graduação da universidade - sintoma de um país que abdica de olhar e de pensar sobre si mesmo.

A esperança de dias melhores reside e resiste nos exemplos. Na história de luta e no trabalho dos mestres que sedimentaram estes e tantos outros caminhos. Professores e educadores que já enfrentaram outros momentos difíceis de ataques à educação e pesquisa e que com serenidade e altivez nos passam agora a certeza de que ninguém nos tira aquilo que aprendemos.

De forma especial, agradeço ao meu orientador, Dr. Antônio Fausto Neto, pelo carinho com que me recebeu e conduziu todo o desenvolvimento da minha trajetória. Por compartilhar de forma generosa o seu conhecimento. Pela paciência e pelo afeto com que conduziu nossas reuniões e atividades em sala de aula. Agradeço por permitir que eu desenvolvesse meu trabalho de forma autônoma sem jamais me desamparar.

Agradeço à Professora Dra. Ana Paula da Rosa pelas contribuições em sala de aula, pela compreensão com o meu percurso, pela disponibilidade em atender minhas demandas enquanto coordenadora do programa e pelas ricas e generosas contribuições oferecidas a este trabalho durante estes quatro anos.

Agradeço ao Professor Dr. Pedro Gilberto Gomes pela disponibilidade, contribuições e inspiração. Sua obra e suas palavras ecoam não só neste trabalho, mas também reverberam na forma de olhar e de encarar este “novo jeito de ser no mundo”.

Agradeço ao Professor Dr. Jairo Ferreira pela incansável e generosa luta na organização do Seminário Internacional de Mídiação e de tantas outras atividades importantes. Agradeço por nos encorajar a enfrentar os sempre renovados desafios da vida acadêmica.

Agradeço ao Professor Dr. José Luiz Braga pela oportunidade de tê-lo como mestre e interlocutor. Uma honra imensurável e uma experiência enriquecedora, dessas que a gente guarda para vida inteira.

Agradeço ao Professor Dr. Sérgio Francisco Endler por me acolher em sala de aula com generosidade e paciência durante meu estágio docência e pelas ricas contribuições oferecidas a este trabalho durante a banca de qualificação.

Agradeço ao professor Dr. Micael Vier Behs por acompanhar o meu estágio, confiando e compartilhando comigo toda a sua experiência como docente.

Agradeço ao professor Dr. Édison Gastaldo pela inspiração. Pela disponibilidade e pelas críticas pertinentes que foram fundamentais para evolução deste trabalho.

Agradeço à professora Dra. Ana Carolina Soares Vimieiro por aceitar participar da banca, enriquecendo este momento com todo seu conhecimento. Suas contribuições serão de fundamental importância para o meu crescimento enquanto pesquisador do esporte e da comunicação.s

Agradeço ao Professor Dr. José Márcio Barros por abrir os caminhos da minha vida acadêmica no mestrado e a Professora Dra. Maria Ângela Mattos por despertar em mim o interesse pela pesquisa acadêmica ainda na graduação na PUC Minas.

Agradeço à minha mãe Aparecida pela luta de uma vida inteira, pelo amor e confiança. Pelo investimento sempre desmedido em minha educação e em meus sonhos.

Agradeço ao meu Pai José Eduardo por despertar em mim a paixão pela bola e o encantamento pelo mundo. Pela base sólida que me permitiu chegar até aqui.

Agradeço à Mayra, minha companheira. Por fazer minha vida mais interessante. Pela paciência, pelo amor, pelos carinhos e pelas brigas que brigamos juntos dia após dia. Eu te amo, Pipa.

Agradeço ao meu filho que veio pronto. Meu enteado Romeo, o encontro mais importante da minha vida. Agradeço por esperar paciente a hora de brincar. Pela alegria mais gostosa de se viver e por me fazer pensar e acreditar em um futuro bonito.

Agradeço à minha sogra Marita, meu sogro Euclides Redin e à minha cunhada Mayana por me receberem tão bem na família. Pelo acolhimento nos momentos de festa e também nos momentos de dificuldades que estreitaram nossos laços.

Agradeço a toda família Costa e Silva e Oliveira pelo amor incondicional dedicado a mim. Pela torcida e pelas muitas alegrias compartilhadas. Em especial agradeço às minhas muitas tias: Cândida, Rosa, minha madrinha Verônica, Lúcia, Fátima, Mel, Cacá, Silvana, Márcia, Ieda, Cassinha, Bernadete e Nini. Mulheres incríveis, fundamentais em todas as etapas do meu percurso.

Agradeço aos meus avós: Leda, Petrolina, Josias e Homero.

Agradeço aos colegas de turma pelo ensinamento cotidiano, pelas gargalhadas na hora do café e pelos muitos mundos que me foram apresentados nas discussões em sala de aula. Obrigado: Anaís, Christian, Danton, Diniz, Eduardo, João Damásio, Júnior, Luiza, Marlon, Roberta e Simone. Foi um prazer e uma honra compartilhar este percurso com vocês.

Agradeço os amigos que essa trajetória me deu. Obrigado João Damásio por compartilhar e vivenciar todo este caminho ao meu lado. Sem você tudo seria mais difícil: da escrita de artigos à descoberta do frio.

Agradeço ao Marlon pela alegria e pela sagacidade sempre inspiradora.

Agradeço ao amigo Danton por sua luta e pela parceria enriquecedora. Agradeço os amigos Rodrigo, Evellin, Jean, Vinícius, Aline, Bianca e todos os demais colegas que fizeram dessa jornada uma aventura prazerosa.

Agradeço os amigos de uma vida inteira: João Gabriel, meu irmão. Eduardo, Rafael, Lucas, Fred, Caio, Flora, Tamara, Maria Clara, Isabela, Bruno, Pedrinho, Thiagão e Diego.

Agradeço aos médicos e amigos Marcelo e Júlio pelos bons uísques.

Agradeço à minha médica Ariane por acompanhar de forma atenciosa toda minha luta para enxergar melhor.

Agradeço a minha analista Edméia pela parceria fundamental nos momentos tão difíceis.

Agradeço aos amigos João Henrique Eugênio e Laura por compreenderem minha ausência na celebração dos respectivos casamentos

Aos amigos e parceiros de várzea Rafael Rajão e Fábio César.

Agradeço ao meu sócio e amigo André pela disponibilidade e parceria.

Agradeço aos novos e importantes amigos que POA me deu. Meus compadres Frederico Naroga e Carol.

Aos meus amigos Pedro, Rodolfo, Jardel, Gustavo, Mari, Paula, Bruno, Marlon, Camila, Boli, Antônio, Ico e Marina.

Pela primeira acolhida em POA, agradeço ao Guilherme.

Agradeço ao Elias, Ali, Aline e Manu pelos tempos de AP.

Agradeço ao Emanuel e Cris pelo carinho pela “impressão da tese”. Movimento importante na reta final da minha escrita.

Agradeço ao Edu pelas risadas e pelas trocas sempre muito ricas.

Aos atleticanos da Trilegalo e ao bar do Alemão, minha segunda casa - agradeço pelos momentos de fuga e de festa.

RESUMO

Fundamentada pelos estudos da mediação, esta pesquisa tem como objetivo investigar como a inovação CBF VAR tem sido percebida pelos atores sociais e instituições envolvidas com a produção e recepção do espetáculo esportivo no Brasil. Por um lado, federações e empresas de tecnologia responsáveis pela patente do VAR buscam legitimar a implementação do árbitro assistente de vídeo como uma solução para problemas antigos do futebol relacionados à arbitragem. Por outro, o seu processo de adoção revelou defasagens entre aquilo que é ofertado e o que é produzido enquanto sentidos que se tensionam na instância da circulação (FAUSTO NETO, 2010; 2016; 2018; 2020 e VERÓN, 1997; 2004; 2013; 2014). Nas zonas de contato (FAUSTO NETO, 2018), busca-se perceber tanto o que emerge enquanto estratégias e discursividades produzidas por parte dos especialistas designados à observação do trabalho do VAR em instituições tradicionais do campo dos *media* (RODRIGUES, 2000), como também em redes digitais, espaços em que os demais atores sociais em recepção se engajam de muitas maneiras complexificando a ambiência comunicacional. Busca-se, assim, observar as interpenetrações (LUHMANN, 2011; 2016) entre os campos político, esportivo, econômico e midiático a partir da investigação da circulação do CBF VAR, sentidos sobre a inovação que se materializam neste trabalho a partir da descrição dos arranjos que constituem um dispositivo interacional (BRAGA, 2011; 2020). Nosso trabalho se vale, portanto, de um novo esforço interpretativo do dispositivo. Para nossas análises, constituímos um Caso Mediatizado na tentativa capturar as atualizações da inovação no período compreendido entre 2018 e 2022. O processo de coleta de indícios e da seleção das materialidades empíricas resultou na escolha de três ocorrências que organizam o Caso. Lances relacionados ao uso do VAR no campo de jogo que se desdobram midiaticamente, possibilitando a percepção de questões colaterais que nos fazem pensar sobre o jogo, sobre a tecnologia, sobre vigilância e sobre as inovações na sociedade mediatizada. Neste sentido, tentamos descrever e refletir sobre um novo jeito de jogar, de inovar e de viver no mundo (GOMES, 2017).

Palavras-chave: VAR; Circulação; Futebol mediatizado; Interpenetrações; Espectáculo Esportivo.

ABSTRACT

Based on mediatization studies, the goal of this research is to investigate how the innovation of CBF VAR (Brazilian Football Confederation Video Assistant Referee) has been received by social actors and institutions involved in the production and reception of the football spectacle in Brazil. On one hand, federations and tech companies responsible for VAR patent try to legitimize the implementation of the video assistant referee as a solution for old problems in football refereeing related. On the other hand, adoption process showed discrepancies between what is offered and what is produced while meanings that tension on circulation environment (FAUSTO NETO, 2010; 2016; 2018; 2020 and VERÓN, 1997; 2004; 2013; 2014). In contact zones (FAUSTO NETO, 2018) we seek to understand both what emerges as strategies and discursivities produced by the specialist assigned to observe VAR's work in traditional institutions of the media field (RODRIGUES, 2000) and digital networks. Field in which social actors in reception engage in many ways turning the communication ambience complex. We seek to observe the interpenetrations (LUHMANN, 2011; 2016) between the political field, sportive, economic and mediatic from the investigation of circulation of CBF VAR, meanings about the innovation that materialize in this work from the description of the arrangements that constitute an interactional device (BRAGA; 2011; 2020). Our work therefore relies on a new interpretative effort of the dispositif. For our analyses we constituted a Mediatized Case in an attempt to capture innovation updates between 2018 and 2022. The process of collecting evidence and the selection of empirical materiality resulted in the choice of three occurrences that organize the Case. Circumstances related to the use of VAR in the football field that unfold in the media, allowing the perception of collateral issues that make us think about the game, about technology, about surveillance and about innovations in the mediatized society. In this sense, we try to describe and reflect a new way of playing the game, innovating and living in the world (GOMES, 2017).

Keywords: VAR; Circulation; Mediatized football; Interpenetrations; Sportive spectacle.

FIGURAS

Figura 1 – Torcedor do Santos joga sal grosso em cabine do VAR em jogo válido pelo Campeonato Brasileiro de 2021	41
Figura 2 – Print de um tweet de memes futebolísticos.....	42
Figura 3 – Capa da revista da FIFA 1904 anunciando a implementação do VAR.....	58
Figura 4 – Torcida do Grêmio invade campo de jogo e destrói equipamento do VAR	61
Figura 5 – Imagem gerada pela tecnologia <i>Entrtent Goal-Line</i>	63
Figura 6 – Locais diferenciados do processo de inovação	69
Figura 7 – Locais diferenciados do processo de inovação do VAR.....	70
Figura 8 – Foto da interface do VAR no campo de jogo durante a Copa do Mundo de 2018 .	74
Figura 9 – Frame de lance utilizado pelo VAR no jogo de estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2018.....	77
Figura 10 – Comparação entre o antigo Estádio Parque Antártica e o remodelado Alianz Parque	98
Figura 11 – Instruções da FIFA sobre a disposição dos auxiliares na cabine do VAR.....	101
Figura 12 – Festa da torcida do Fortaleza com as luzes de aparelhos celulares.....	106
Figura 13 – Esquema para análise da midiatização	113
Figura 14 – Representação das defasagens e reconhecimentos.....	115
Figura 15 – Processualidades relativas às ações comunicacionais de oferta e reconhecimento presentes no processo de inovação do CBF VAR	117
Figura 16 – Meme de Neymar rolando em campo durante a Copa do Mundo de 2018.....	136
Figura 17 – Imagem utilizada pela arbitragem do jogo para validar o gol de Lindoso.....	141
Figura 18 – Print de imagem retirada da transmissão do jogo entre Paysandu x Coritiba, válido pela série B em 2020	149
Figura 19 – Capa da revista Veja, de 23 de setembro de 2005.....	151
Figura 20 – Imagem do logo do CBF VAR projetado em telão no estádio do Maracanã.....	154
Figura 21 – Fluxograma explicativo de funcionamento de 2018, disponibilizado pelo Manual do Árbitro de Vídeo da CBF.....	155
Figura 22 – Fluxograma explicativo de funcionamento de 2019, disponibilizado pelo Manual do Árbitro de Vídeo da CBF.....	156
Figura 23 – Gráfico fornecido pela CBF relacionado ao uso do VAR na Copa do Brasil de 2018	157
Figura 24 – Linha do tempo relacionada às ofertas do CBF VAR.....	158

Figura 25 – Frame e zoom de lance de falta de Jadson em Dedé capturado da transmissão realizada pela TV Globo.....	166
Figura 26 – Print de interface do site oficial da CBF com disposições específicas relacionadas ao VAR.....	168
Figura 27 – Print de frame que mostra o manuseio de equipamentos específicos do VAR durante a capacitação dos árbitros, exibido pelo Esporte Espetacular	172
Figura 28 – Print de frame que mostra o mapa com a disposição das câmeras de transmissão da final.....	173
Figura 29 – Da euforia à revisão televisionada	177
Figura 30 – Táticas de elucidação da infração na transmissão televisiva	178
Figura 31 – O veredito da Central do Apito	182
Figura 32 – Usuária @dezaafreire questiona escalação do time em perfil oficial do clube...	186
Figura 33 – Usuário @meutimao divulga festa da torcida durante a chegada do time na Arena	187
Figura 34 – Usuário @sportv compartilha comentário de ex-jogador feito em programa da emissora.....	188
Figura 35 – Usuário @geglobo compartilha comentário de Gaciba sobre o gol anulado por VR e usuários respondem	189
Figura 36 – Usuário @andreolla77 comenta possível interferência de VAR em estado anímico do time.....	190
Figura 37 – Usuário @andrezek comenta uso de VAR na Final.....	192
Figura 38 – Usuário referenda opinião de jornalista	193
Figura 39 – Post do @BlogRaposa em referência ao gol de Pedrinho, quatro anos após o jogo	194
Figura 40 – Interface da transmissão da checagem de pênalti marcado para o Flamengo.....	209
Figura 41 – Protesto de Bellintani no Twitter	210
Figura 42 – Conteúdos dispostos na interface da seção Análise do VAR.....	213
Figura 43 – Torcedor se veste de árbitro e simula VAR em jogo do Flamengo	216
Figura 44 – Provocação de torcedor no <i>Twitter</i> relacionada à penalidade marcada para o Flamengo - interfaces de discursos que se articulam em torno de uma narrativa que lida a partir da interpretação do autor da tese	218
Figura 45 – Provocação de torcedor no <i>Twitter</i> relacionada à penalidade para o Atlético	219
Figura 46 – Ranking de GE relacionados a decisões dp VAR no Brasileirão 2021.....	221
Figura 47 – Print do perfil da @Var_Brazil no <i>Twitter</i>	223

Figura 48 – Print do comentário do @Var_Brazil em sua página sobre o pênalti marcado para o Flamengo	224
Figura 49 – Print do perfil da @Var_Brazil no <i>Twitter</i>	225
Figura 50 – Imagem e leitura de tira-teima em lance em jogo entre Corinthians e São Paulo em 1987	229
Figura 51 – Imagem de checagem do VAR em lance de impedimento marcado no jogo entre Atlético e São Paulo pelo Brasileiro de 2020	232
Figura 52 – Imagem de checagem do VAR em lance de impedimento marcado no jogo entre Cruzeiro e Ituano pelo Campeonato Brasileiro da Série B de 2022.....	236
Figura 53 – Tuíte com comentário de @m_luccas61 sobre o lance de impedimento.....	238
Figura 54 – Tuíte com imagem alterada graficamente por @diegofurro	239
Figura 55 – Tuíte de Ronaldo Fenômeno com ironia ao VAR	240
Figura 56 – Tuíte de torcedor cobrando providência Ronaldo Fenômeno	241
Figura 57 – Tuíte do jornalista Pedro Ivo Almeida com informações sobre Gaciba e os áudios da CBF.....	243
Figura 58 – Tuíte do jornalista Dale Johnson em que explica providência da Premiere League	246
Figura 59 – Tuíte de Renata Ruel sobre margem de erro em Campeonato Brasileiro	246
Figura 60 – 29 pontos mapeados em corpo de atleta por sensores que irão auxiliar na marcação de lances de impedimento.....	248

QUADROS

Quadro 1 – Mapeamento de esforços relacionados à investigação do VAR no Brasil entre 2018 - 2022.....	31
Quadro 2 – Circunstâncias em que o VAR pode ser utilizado	73
Quadro 3 – Tipologias dos fluxos gerados pelos acontecimentos relacionados ao uso do CBF VAR a partir de seus dispositivos analíticos (DA).....	146
Quadro 4 – Flânerie do torcedor pesquisador: materialidades observadas para constituição do caso	160
Quadro 5 – Notícias extraídas do site oficial da CBF sobre capacitação de VARs e AVARs	169
Quadro 6 – Relação de comentaristas de arbitragem com destaque no campo dos <i>media</i> (2018-2022).....	180
Quadro 7 – Principais estratégias de aperfeiçoamento e atualizações do CBF VAR (2019 -2021)	201
Quadro 8 – Fragmento de condensação de um real reconstituído pelo autor da tese - Lances relacionados ao uso do CBF VAR que agravaram a crise da CBF (2019-2021)	205
Quadro 9 – Lances relacionados ao mal uso da linha de impedimento pelo CBF VAR (2019 - 2021).....	233

SIGLAS

AVAR	Assistente do Árbitro de Vídeo
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEAB	Centro de Excelência da Arbitragem Brasileira
CISECO	Centro Internacional de Semiótica e Comunicação
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONMEMBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
CT&I	Ciências, Tecnologia e Inovação
DA	Dispositivo Analítico
FA	The Football Association
FC	Futebol Clube
FEA-USP	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo
FIFA	Federação Internacional de Futebol
FIPE	Fundação de Estudos e Pesquisas Econômicas
FPF	Federação Paranaense de Futebol
IFAB	International Football Association Board
NBA	National Basketball Association
NFL	Liga de Futebol Americano
PADA	Programa de Assistência ao Desempenho da Arbitragem
STJD	Supremo Tribunal de Justiça Desportiva
TAR	Teoria Ator-Rede
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
VAR	Video Assistant Referee (Árbitro Assistente de Vídeo)
VOR	Vídeo Operation Room (Sala de Operação de Vídeo)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 DAS POLÊMICAS ÀS QUESTÕES: O QUE TEM SIDO DITO E PENSADO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO ÁRBITRO ASSISTENTE DE VÍDEO NO FUTEBOL	28
2.1 O VAR como uma questão interdisciplinar	28
2.2 O VAR atrapalha o jogo?	38
2.3 O VAR como uma questão da regra	46
2.4 O VAR como uma questão da inovação e da comunicação	53
2.4.1 A implementação tardia do VAR no futebol	55
2.4.2 Dos laboratórios à adoção da FIFA em suas competições	67
3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS: O VAR COMO UMA INOVAÇÃO NA SOCIEDADE EM MUDIATIZAÇÃO	81
3.1 Sobre as pesquisas em futebol e midiatização	81
3.2 O futebol ao sol e à sombra do campo dos media	88
3.2.1 O VAR, a televisão e sua infraestrutura de vigilância	96
3.3 De um futebol nos meios ao futebol em midiatização	106
3.4 A circulação como eixo para o desenvolvimento do problema de pesquisa	112
4 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E CONSTITUIÇÃO DO CASO MUDIATIZADO	121
4.1 O dispositivo interacional como uma heurística para observação dos arranjos do CBF VAR	126
4.2 Do caso ao caso midiatizado	130
4.3 Considerações sobre os primeiros indícios coletados	133
4.4 Os dispositivos analíticos como método auxiliar para o enfrentamento do Caso Mudiatizado	144
4.5 Da exploração à constituição do Caso	148
4.5.1 Urgências e contextos de implementação do CBF VAR	148
4.5.2 Breve histórico da implementação do VAR Brasil	152
4.5.3 O Caso CBF VAR e as três ocorrências destacadas para sua análise	159

5 O CASO DO CBF VAR MEDIATIZADO (2018-2022)	164
5.1 Ocorrência I: Um VAR à brasileira e o gol anulado de Pedrinho	165
5.1.1 Ações comunicacionais de legitimação da inovação CBF VAR.....	167
5.1.2 O VAR protagonista no espetáculo	174
5.1.2.1 O VAR DO VAR: a Central do Apito e as novas estratégias dos media	179
5.1.3 Do lance às defasagens de sentido: a percepção da inovação na circulação	185
5.2 Ocorrência II: Das interpretações do lance às interpenetrações dos sistemas sociais	197
5.2.1 Atualizações estratégicas do CBF VAR (2019-2021).....	198
5.2.2 Contextos comunicacionais e uma crise agravada no CBF VAR	204
5.2.3 Tecno-discursividades em disputa: o árbitro que brigou com a imagem	207
5.2.4 Vigilâncias externas sobre a vigilância em campo.....	216
5.3 Ocorrência III: Do paralaxe às redes	228
5.3.1 Do tira-teima ao VAR	228
5.3.2 As mal traçadas linhas do VAR.....	235
5.3.3 A margem de erro do CBF VAR.....	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
REFERÊNCIAS	262
LISTA DE NOTÍCIAS E MATÉRIAS CONSULTADAS	274

1 INTRODUÇÃO

Em 2007, o artista visual Harun Farocki inaugurava em Berlin uma instalação denominada por “*Deep Play*”¹, “Jogo Profundo” em nossa tradução para o português. O artista se debruçou sobre as tecno-discursividades que atravessaram a final da Copa do Mundo de 2006 em que se enfrentaram as seleções da Alemanha e da Itália. Dezenas de monitores espalhados pela galeria exibiam imagens da transmissão da partida, dos *softwares* que traduzem o jogo em números e em uma infinidade de elementos gráficos e estatísticos.

De forma não linear foram sobrepostos às imagens os sons capturados das torcidas, da conversa entre jogadores, dos diálogos entre os produtores e técnicos da televisão, dos policiais que fazem a segurança do evento – áudios advindos de rádios comunicadores que incrementam uma infraestrutura complexificada que envolve o esporte espetacularizado.

A matéria-prima utilizada pelo artista advém dos rastros deixados pelas práticas interacionais estabelecidas entre atores humanos e não humanos, das relações entre os sujeitos e os meios utilizados tanto para a prática esportiva, quanto para a ação comunicativa que se desdobra em discursos sobre o espetáculo original.

Marcas que indicam uma ambiência esportiva mediada por tecnologias, mídias e processualidades que revelavam há quase 20 anos um cenário propício para pensarmos em uma ambiência profundamente transformada pela midiaticização no esporte. Neste sentido, compartilhamos com Faxina e Gomes (2016, p.188) a perspectiva de que “a sociedade é em midiaticização. O ser humano é em midiaticização. Isso, hoje, sublinha-se, configura um novo modo de ser e viver em sociedade”.

Neste trabalho, propomos pensar o futebol como parte importante de um mundo social mediado, incisivamente midiaticizado como o exposto pelo artista, abalizado pela presença das mídias e pelas processualidades midiáticas. A midiaticização é o conceito central utilizado por esta tese – sobre o qual nos debruçaremos ao longo de todo texto –, pois baliza nossa tentativa de observar as transformações da cultura, da sociedade e das suas práticas sociais, interpostas pelas transformações das mídias e da comunicação em um processo dialético.

O VAR (árbitro assistente de vídeo)², tecnologia eletrônica implementada no futebol nos últimos seis anos, é nosso objeto e tem oferecido muitas reflexões acerca destas

¹ Disponível em: <https://www.harunfarocki.de/installations/2000s/2007/deep-play.html>. Acesso em 3 ago. 2022.

² Tradução da sigla em inglês: (*video assistant referee*). Uma configuração composta por atores humanos e máquinas. Baseada sobretudo nas discursividades imagéticas advindas do conjunto de câmeras que transmitem imagens televisivas para uma cabine, um juiz auxiliar analisa as jogadas e auxilia o árbitro de campo em lances cruciais como: penalidades máximas, gols, cartões vermelhos e erros de identidade de jogadores.

transformações provocadas pela midiaticização: se apresenta como uma inovação tecnológica que modifica as dinâmicas e práticas do jogo, instaurando novas interdependências nas relações entre os sujeitos e as instituições envolvidas na produção e recepção do espetáculo esportivo. Seu processo de inovação suscita debates e percepções ampliadas sobre os seus efeitos em novos espaços de interação, nos quais é possível identificar discussões que revelam um novo contexto de produção de sentidos sobre o jogo de futebol.

Gomes (2017) delineou essa questão em seu livro intitulado “*Dos meios à midiaticização*” (2017), aludindo à obra de referência de Jesús Martín-Barbero, que também traz no título a ideia de um movimento sobre as perspectivas de análise acerca do problema comunicacional e que serve de referência para a área. O livro “*Dos meios às mediações*” (1987) emerge de uma visão integradora dos fenômenos da comunicação, observados a partir do trinômio: Comunicação, Cultura e Política, denominadas de mediações culturais da comunicação.

Ao atualizar sua perspectiva, Martín-Barbero apud Silva (2012) propôs a alteração no modo de sua problemática de estudos, introduzindo a ideia de “mediação comunicativa da cultura”, dando protagonismo à questão comunicacional como processo de referência para as demais mediações.

Desse modo, Martín-Barbero apud Silva (2012) pode ser aproximado à perspectiva que Gomes (2017) nos oferece como ponto de partida para compreendermos uma ambiência profundamente atravessada pela atividade midiática. Uma teia de novos modos de fazer e pensar a partir dos dispositivos e tecnologias digitais que integram o cotidiano individual e institucional da sociedade. Este é o cenário, ambiência em que iremos situar nosso objeto, objetivos e problema de pesquisa.

Impossível ignorar o contexto de retroalimentação estabelecido pelo futebol espetacularizado e pelos meios de comunicação que crescem de forma concomitante a partir do XIX. Fenômenos paralelos que, para Gastaldo (2020), se desenvolveram também em função da emergência de tecnologias e meios:

Nesse mesmo período, as artes gráficas e as tecnologias de comunicação audiovisual experimentaram extraordinários avanços: fotografia, telefone, fonógrafo, cinema, impressão *offset*, ainda no século XIX, forneceram condições tecnológicas para o surgimento desses dois importantes fundamentos da cultura de massa do século XX: mídia e esporte (GASTALDO, 2020, p. 399).

O VAR, enquanto oferta, se estabelece como uma nova tecnologia do esporte, cujas lógicas internas são atravessadas pela infraestrutura televisiva e por gramáticas advindas do

campo dos *media*, que até hoje influenciam de muitas maneiras no funcionamento do futebol espetacularizado.

Entretanto, apresentado como um objeto da sociedade em midiatização, o VAR suscita pensarmos neste cenário em que não mais se busca perceber a influência dos meios sobre o esporte a partir de relações lineares estabelecidas na constituição de produtos derivados do espetáculo, como nos indica Fausto Neto (2008, p. 92):

O eixo que atravessa tais formulações é o fato das mesmas entenderem que as mídias deixaram de ser apenas instrumentos a serviço da organização do processo de interação dos demais campos, e se converteram numa realidade mais complexa em torno da qual se constituiria uma nova ambiência, novas formas de vida, e interações sociais atravessadas por novas modalidades do ‘trabalho de sentido’.

Precisamos ir além do entendimento das influências dos meios sobre o esporte e também ir além da percepção de um processo de recepção passiva. Na circulação, a recepção age em uma nova instância situada entre os dois polos (produção e recepção), em um terceiro polo que captura as transformações dadas nos processos interacionais. (FAUSTO NETO, 2010).

Segundo Fausto Neto (2018), esta é uma instância que complexifica o trabalho dos atores, desestabilizando a natureza dos contatos entre os polos, suscitando pesquisas que precisam ir além dos modelos oferecidos por uma teoria da ação social. Eliseo Verón é pioneiro no desenvolvimento da pesquisa sobre a circulação, seu trabalho é chave no processo de construção de nosso problema de pesquisa, vejamos.

Desde sua implementação na Copa do Mundo de 2018, o que temos notado, primeiramente a partir da coleta de indícios, é um processo de inovação atravessado por tensionamentos advindos das mais variadas instituições e atores sociais. O VAR enquanto inovação se estabelece como mais um produto do esporte que suscita inúmeras discussões sobre os sentidos e sobre as novas dinâmicas em construção que ele produz no espetáculo esportivo.

A circulação é a instância onde esse debate e essas disputas se concretizam através de discursos e gramáticas. Primeiro, a partir de ações comunicacionais e estratégias por parte dos inovadores, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) e suas confederações e federações associadas, que adotam a tecnologia, cuja patente pertence à empresa *Hawk-Eye*. São as federações que buscam legitimar a inovação como solução de problemas históricos do esporte, especificamente relacionados à arbitragem, em um processo de legitimação do poder e influência das próprias instituições do futebol. Como veremos ao longo desse trabalho, essas entidades passavam por uma crise moral e política relacionada a uma série de escândalos de

corrupção que culminaram no desdobramento de uma operação do FBI, denominada de *fifagate*³.

Portanto, o VAR em ação suscita pensarmos em dois níveis de defasagens. Uma primeira observada no seu uso em campo, nos desajustes entre os seus protocolos de uso e no seu uso propriamente dito entre os atores esportivos. O objeto técnico produz novas tensões e modifica dinâmicas que interferem na agonística do jogo.

Uma segunda se revela na construção social do esporte espetacularizado na circulação. Especificamente, em sentidos produzidos pelo campo dos *media*, pelas instituições esportivas, por atores sociais e coletivos em redes e em plataformas que a cada dia se incorporam às lógicas do produto esportivo. O uso do VAR é percebido e tensionado, suscita transformações, traduções, modificações nos protocolos de uso do dispositivo.

A circulação é mesmo este lugar de encontros entre as diferenças, das defasagens entre gramáticas de produção e recepção, dos acoplamentos – modo como os sistemas sociais se relacionam com os sistemas psíquicos e com sistemas sociais de outra natureza e ambiente (LUHMANN, 2011) – e articulações entre instituições e atores sociais em fluxos não-lineares que produzem zonas de contato, espaços em que se tocam diferentes gramáticas. Espaços abstratos em que se interpenetram os sistemas sociais, suas instituições e atores produzindo *feedbacks* instantâneos reveladores das disputas travadas sobre o futebol, sobre a inovação, sobre os sentidos relacionados aos efeitos colaterais da tecnologia em nossas vidas. A circulação é o lugar onde podemos perceber o “desvio” atribuído à diferença pelo fato de que “ambos os polos da circulação estão operando segundo lógicas qualitativamente distintas” (VERÓN, 2013, p. 293).

Nos perguntamos, como problema de pesquisa, como se dão as ações comunicacionais em circulação. Como se dão as condições e ações comunicacionais - gramáticas de oferta e de reconhecimento (VERÓN, 2013) - inscritas no processo de implementação do VAR no futebol brasileiro em seus primeiros quatro anos de uso?

Ao longo do texto iremos elaborar melhor esta pergunta. Por ora, vale destacar nosso desejo de investigar os engajamentos midiáticos que nos oferecem uma nova instância do jogo simbólico. Nesse sentido, buscando observar este processo, elaboramos nossa pergunta problema, que organiza todo o nosso processo investigativo. Fundamentamos nossa questão

³ No ano de 2015, o Ministério Público Federal dos Estados Unidos revelou para o mundo inteiro um esquema de corrupção envolvendo importantes confederações de futebol em um esquema de compra de sede para competições organizadas pela FIFA. Sete dirigentes foram presos na operação denominada de *fifagate*, dentre eles o ex-presidente da CBF, José Maria Marin. A história foi contada recentemente pela série “El presidente” e está disponível na plataforma digital da Amazon Prime Vídeo.

dentro das gramáticas desenhadas pelo próprio Verón (2013; 2014) buscando compreender, por um lado, as gramáticas de produção e, por outro, as condições e gramáticas de reconhecimento, em um nível social mais ampliado, “em que a circulação discursiva de significado é estruturalmente rompida” (VERÓN, 2014, p. 16).

O CBF VAR é o dispositivo interacional que utilizamos para observar os circuitos por onde se estabelecem as interações entre os actantes envolvidos no processo de inovação. Segundo Braga (2017), dispositivos funcionam como uma heurística para observação da circulação e dos seus processos tentativos de estratégias comunicacionais que nem sempre são bem sucedidos:

Assim, na observação de episódios interacionais, assumimos como “comunicação” não só aquela de valor alto, do processo bem sucedido ou da obtenção de consenso – mas toda troca, articulação, ou tensionamento entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais; frequentemente desencontrada, conflituosa, agregando interesses de todas as ordens; marcada por casualidades que ultrapassam ou ficam aquém das ‘intenções’ (que, aliás, podem ser altas ou rasteiras) (BRAGA, 2017, p. 21).

O dispositivo foi implementado no Brasil pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2018. Até 2022 passou por atualizações, por desgastes e por tensionamentos característicos das condições locais de sua implementação. Escolhemos observar o seu funcionamento nos primeiros quatro anos de seu uso.

Para isso, constituímos um caso midiaticado, reconhecendo as particularidades de um estudo de caso deflagrado em estágio de descontinuidades identificadas nos processos de comunicação. Os espaços e materialidades observados se ampliam na mesma medida em que aumenta a complexidade dos arranjos interacionais e dos espaços e ações comunicacionais em jogo. Para tanto, definimos, aqui, de modo econômico, o que estamos chamando de caso midiaticado, formulação esta que vai ser aprofundada na seção 4.

Buscando tornar o trabalho factível, elegemos três ocorrências em que direcionamos nossas observações, são elas:

- a) Ocorrência envolvendo o gol anulado do jogador Pedrinho em jogo válido pela final da Copa do Brasil de 2018 entre Corinthians X Cruzeiro, em 17/10/2018;
- b) Ocorrência envolvendo o pênalti marcado em favor do time Flamengo em jogo contra o Bahia no dia 11/11/2021 pelo Brasileirão. O árbitro de campo manteve sua decisão mesmo após indicação de revisão sugerida pelo VAR.
- c) Ocorrência envolvendo erro de VAR no manuseio do *software* no tracejo da linha de impedimento, que invalidou o gol de Edu no jogo entre Cruzeiro X Ituano, em 05/07/2022, válido pelo Campeonato Brasileiro da série B de 2022.

O que é nomeado de ocorrência diz respeito a acontecimentos pontuais que se dão durante o jogo de futebol envolvendo o uso do VAR. Fatos que se desdobram midiaticamente no campo dos media e se integram a partir de engajamentos diversos à circulação. Micro- acontecimentos que se manifestam no contexto e ambiente do desenrolar do jogo propriamente, enquanto disputa regida lógicas que vão se complexificando com a adoção do VAR. São novos dispositivos que nos permitem observar e definir angulações para observação de nosso caso expandido.

Conforme nossa organização, elencamos fatos significativos de fases distintas da implementação do VAR no país, buscando perceber como a atualização do dispositivo se dava a partir de um processo comunicativo que expunha processos de interpenetração entre instituições e atores sociais envolvidos com o espetáculo esportivo.

A noção de interpenetração é trabalhada por Luhmann (2016), que busca explicar as interações entre sistemas institucionais e sistemas envolvendo atores sociais em midiatização. “Segundo tal conceito, esses polos se contatam numa dinâmica de interfaces nas quais um sistema (dos meios, por exemplo) operaria como entorno de outro (o dos atores sociais) e este como entorno para aquele primeiro” (FAUSTO NETO, 2018, p. 14).

A complexidade de cada sistema produz afetações mutuas em reciprocidade. Das interpretações sobrevém alguns subsídios para compreendermos as complexas configurações que se estabelecem em torno do processo de inovação do CBF VAR em midiatização.

Além das ocorrências, era necessário delimitar nossa abordagem empírica. Nesse sentido, tomamos como referência uma abordagem desenvolvida por Carlón (2017; 2020), em que o autor explicita a potencialidade dos dispositivos analíticos (DA) para capturar as processualidades da circulação a partir da observação de fluxos descendentes e ascendentes de materialidades midiáticas.

Em um esforço qualitativo da nossa investigação, nos propomos a construir uma história midiática de cada ocorrência selecionada, esboçando uma história ampliada da inovação no país. As fontes são diversificadas, mas seguem o rigor de identificação dos fluxos de onde são ativadas. Pretendemos observar os manuais, protocolos e regimentos estabelecidos pela CBF em seu *site*, em fluxos ascendentes. Buscamos observar o trabalho dos *media* a partir dos movimentos de transmissão de análise dos jogos, a partir das vozes especializadas que emergem e ganham importância na programação dos canais esportivos, uma vez que oferecem uma leitura teorizada sobre o uso do VAR. Elegemos o *Twitter* como a plataforma principal para observação das disputas de sentidos e dos engajamentos de torcedores e instituições acerca do debate gerado a partir de cada lance.

Desse modo, o objetivo geral desta tese é observar na circulação os processos comunicativos que atravessam a implementação do dispositivo CBF VAR no Brasil. Mais especificamente buscamos perceber como o VAR desponta como objeto potente para pensarmos em questões da comunicação, das inovações e do esporte, observando as interpenetrações entre os sistemas sociais envolvidos neste processo, objetivamos portanto capturar as primeiras consequências provocadas pelo VAR no espetáculo esportivo em um contexto local.

Traçados nossa problemática e os objetivos, faz-se necessário tratar brevemente de alguns aspectos relacionados à escrita e estrutura desta presente tese, escolhas que condicionam a compreensão de nossa proposta e merecem ser explicadas previamente.

Escolhemos dividir o texto em quatro capítulos (excetuando este momento introdutório – já compreendido como **primeiro capítulo** – e a seção dedicada às nossas considerações finais). Trabalhamos com objetivos específicos em cada um deles, organizando os conteúdos da seguinte forma:

No **segundo capítulo**, lidamos com um processo de sondagem e de aproximação do objeto de pesquisa VAR, tomado como referência para investigações científicas em diversas disciplinas e áreas. Rapidamente e de forma concomitante aos processos de implementação da tecnologia no futebol, surgiam diversos artigos acadêmicos, dissertações e teses que se propunham a investigar o fenômeno a partir daquilo que ele oferecia ao esporte e à sociedade em termos de reflexões e inferências.

Percebeu-se logo um caráter interdisciplinar suscitado pelo objeto, que despertava interesse de pesquisadores das Ciências Sociais, da Comunicação, da Filosofia, da Educação Física e da própria Física – diferentes angulações que demonstravam a diversidade de relações que o dispositivo oferecia. Se um objeto é construído a partir das diversas angulações que conferimos a ele, podemos dizer que o VAR são “muitos”.

Em busca do VAR que fosse objeto orientado pela perspectiva da midiatização, seguimos a orientação de Braga (2011a) no processo de desentranhamento do aspecto comunicacional do fenômeno, tensionando abordagens sobre o nosso objeto trabalhados em áreas vizinhas, que por sua vez desenvolvem estratégias próprias para lidar com as materialidades da Comunicação.

Selecionamos 22 trabalhos, dentre os quais destacamos ao menos três perspectivas, a partir das quais apresentamos características gerais do VAR que poderiam ser articuladas às problemáticas da midiatização. Primeiro, trabalhamos com a percepção da sua influência nas questões relacionadas à dinâmica do jogo. Questões suscitadas por autores que discutem como

o dispositivo de controle se estabelece no bojo do processo de esportificação do futebol, subsumindo aspectos relacionados à sua ludicidade.

Noções que são tensionadas a partir da obra de autores como Huizinga (1999), provocadas por sua definição de *Homo Ludens*. Buscamos, assim, indícios de um *Homo Ludens* midiaticizado, tensionado pelas práticas interativas de um futebol que expande os sentidos do jogo para a prática comunicativa, tendo seus processos de controle a partir de novas dinâmicas advindas do humor e da criatividade.

Também buscamos perceber, em uma segunda perspectiva, a partir das definições de Norbert Elias (1993), como o VAR é inserido no contexto de esportificação do futebol, tomando o esporte como parte do processo civilizador. Apresentamos como ele se insere nas interdependências do esporte, não só dentro de campo, na relação estabelecida entre os atores sociais, mas também fora deles, a partir das relações estabelecidas entre FIFA, IFAB e outras federações responsáveis pela regulação do jogo em nível global.

Apresentamos a midiaticização como uma interdependência (práticas e ações midiáticas inseridas nas processualidades do jogo de futebol) central para compreensão do funcionamento da tecnologia de vídeo, seja no seu processo de legitimação ou mesmo no seu funcionamento, estruturado a partir de uma infraestrutura implicada pelos processos de transmissão televisiva.

Por fim, tomamos o VAR como uma problemática dos processos de inovação. Buscando perceber-lo como um objeto técnico dotado de política e de características que também fazem parte dos processos relacionais que ele suscita. Articulando noções de Simondon (1989) e Latour (2001), discutimos aspectos do funcionamento do VAR, objeto técnico inscrito no processo de inovação.

Buscamos perceber algumas características iniciais estabelecidas tanto pelos discursos da oferta, como pelo discurso da recepção, relacionadas à percepção a respeito da inovação na Copa do Mundo de 2018, objeto de investigação de muitos dos pesquisadores que se propuseram a pensar o fenômeno a partir de suas primeiras atividades.

Este primeiro momento de construção do objeto marcou o enfrentamento de uma angústia relacionada ao processo de percepção de um fenômeno que tem se dado em processualidade. Interpretado em diferentes níveis de leitura, um objeto que se atualiza de maneira acelerada e é percebido por uma variedade de perspectivas que são representativas de sua complexidade.

Neste sentido, observamos que a circulação é instância em que podemos perceber as ações comunicacionais que se dão no processo de inovação. A midiaticização e suas lógicas se apresentam como centrais neste processo de tensionamento dos campos sociais e dos sujeitos

envolvidos tanto com as processualidades do esporte, como com as processualidades das inovações e da comunicação.

No **terceiro capítulo**, tensionamos nosso problema de pesquisa a partir da perspectiva oferecida pelos estudos da mediação. Já demonstramos a importância da circulação para o entendimento do processo de inovação do VAR.

É no capítulo dedicado à discussão teórica que iremos retomar estas questões de um modo mais aprofundado e angulado ao longo dos anos, como pode-se observar no PPGCC da UNISINOS, especificamente na Linha de Pesquisa 4 (Linha de Pesquisa em Mediação e Processos Sociais). Faremos isso, sobretudo, dentro de uma problemática da circulação, sobre a qual Antônio Fausto Neto (2008; 2011; 2013) direciona suas observações, caracterizando-a como um lugar de disputas entre ofertas e reconhecimentos, sobre o qual foi possível construir o presente problema de pesquisa.

Também acionamos aspectos indicativos da possibilidade de observação do objeto como um dispositivo interacional potente da sociedade em vias de mediação, nos termos descritos por Braga (2006; 2010; 2011; 2015). A noção de dispositivo também é trabalhada na perspectiva de Ferreira (2013; 2015) como hermenêutica potente para observação e concretização da abstração da circulação. O VAR, por sua vez, também produz discursividades imagéticas, cujas reverberações foram pensadas a partir das discussões da imagem como “valor”, feitas pela professora Ana Paula da Rosa (2012; 2016).

Todo este cenário envolvido ambiência da mediação, já trabalhada aqui na perspectiva de Gomes (2015; 2017), através da qual foi possível descrever e contextualizar o tecido social em que se desenvolvem as interações pertinentes à introdução do VAR no campo esportivo.

Neste sentido, apresentamos um futebol que ainda é atravessado de muitas formas por lógicas advindas do campo dos *media*, bem definido por Rodrigues (2000). Campo social que se desenvolveu na modernidade tardia e construiu laços estreitos com o esporte a partir de sua espetacularização. Sua disposição e funcionamento indicam a prevalência de valores como o da telerealidade (SODRÉ, 2006) e suscitam discussões sobre um panóptico transformado (BAUMAN, 2014) que se estabelece no campo do jogo e que se expande enquanto vigilâncias de segunda ordem, como veremos.

Entretanto, essas lógicas advindas do campo dos *media* passam a ser atravessadas pelas lógicas em mediação, conforme Braga (2015). O jogo não é só debatido discursivamente pelos profissionais do jornalismo esportivo, aliás o próprio jornalismo esportivo se engaja a partir de novas gramáticas oferecidas pelas plataformas e redes sociais. Surgem novos atores

capazes de opinar, influenciar e interpretar a partida de futebol. Buscamos constituir esse cenário em que está inserida nossa problemática, forro conceitual e contextual sobre o qual desenvolvemos toda a pesquisa.

O **quarto capítulo** é dedicado aos nossos procedimentos metodológicos, processos que nos levaram à constituição e definição de nosso caso de pesquisa, também apresentado neste momento. Não por acaso alternamos durante todo texto uma voz em primeira pessoa do plural e do singular. A primeira pessoa no singular é utilizada quando o texto aborda questões relacionadas ao processo de constituição do pesquisador com a temática, passagens pessoais consideradas como reveladoras de indícios que estabelecem um objeto de pesquisa singular.

Não se trata de construir um texto memorial, mas sim de explicitar um movimento processual da pesquisa que envolve todo um percurso nomeado como *flânerie* do torcedor pesquisador, evidenciando aspectos relacionados às subjetividades do sujeito que interferem nas escolhas e nos procedimentos de constituição do objeto investigado.

Feitas essas primeiras considerações, tratamos de classificar o VAR como um dispositivo interacional (BRAGA 2011; 2017; 2020). Fizemos isto neste capítulo uma vez que os dispositivos são chave hermenêutica, procedimentos para observação dos processos interacionais que circundam o VAR.

Busca-se observar “esses modos, culturalmente disponíveis no ambiente social (e em constante reelaboração e invenção), [que] correspondem ao que chamamos de dispositivos interacionais” (BRAGA, 2011b, p. 5).

Em seguida, descrevemos nossos primeiros indícios, cruciais para as escolhas, recortes de empíricos e de materialidades a serem observadas. Buscamos pensar o VAR em sua dimensão local, a partir da percepção do CBF VAR, adotado e ofertado pela instituição maior do futebol nacional e percebido em circuitos particulares do futebol brasileiro. Escolhemos três ocorrências – lances que acontecem em campo de jogo relacionados ao uso do VAR e que ascendem em debates que atravessam o processo de inovação.

Essas ocorrências constituem nosso caso midiaticado, percebido por meio da complexidade dos acontecimentos que, em midiaticação, não tem começo nem final, pois se desdobram em circuitos diversos, em um espaço sem mapa, sem contornos, que dificultam a delimitação total de seus desdobramentos e de suas materialidades midiáticas.

Os dispositivos analíticos (CARLÓN, 2017, 2020) nos fornecem possibilidades para a seleção dos empíricos. Buscamos deste modo materialidades em fluxos ascendentes e descendentes. Discursividades dos meios que transmitem as partidas, manuais, áudios e relatórios disponibilizados pela CBF. Instituições e atores sociais de diferentes campos se

encontram, disputam o sentido de jogo nas redes sociais. Escolhemos observar esse território de negociação, as zonas de contato (FAUSTO NETO, 2018), a partir das manifestações dispostas no *Twitter* durante o período de cada ocorrência. Neste capítulo, explicamos também os critérios de nossas escolhas, justificamos e explicitamos o contexto local de implementação da tecnologia de vídeo.

No **quinto capítulo**, trabalhamos essa materialidade. Dispomos o que foi coletado a partir de inferências transversais e organizamos nosso caso de modo cronológico, de modo que cada ocorrência é representativa de uma fase e de uma discussão importante acerca do processo de implementação e inovação do dispositivo.

Buscamos construir e interpretar uma história recente sobre a inovação no futebol do país a partir da percepção coletiva de seu uso. Buscamos perceber as disputas que circundam seu processo de inovação. Capturamos aspectos relacionados à sua interferência no jogo, aos seus aspectos tecnológicos, ao modo como o VAR entra na cultura de jogo, conferindo novas discussões ao debate esportivo, que neste caso nos ajuda a pensar nos efeitos da mediação na sociedade de uma forma ampliada, a partir de reflexões organizadas em nossas conclusões.

2 DAS POLÊMICAS ÀS QUESTÕES: O QUE TEM SIDO DITO E PENSADO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DO ÁRBITRO ASSISTENTE DE VÍDEO NO FUTEBOL

O presente capítulo marca um movimento inicial de sondagem e apresentação de características gerais do objeto, que se afunilam ao longo do texto com objetivo de desembarque em uma problemática que apresenta o VAR a partir da angulação da midiatização. Começamos olhando para o lado, buscando perceber o que tem sido dito e pensado sobre o VAR, até o momento de escrita desta tese, por estudos acadêmicos em disciplinas diversas e também por esforços advindos da Comunicação. Trata-se de uma apresentação preliminar do nosso objeto, conforme percebido por pesquisadores como um fenômeno potente para a observação das transformações incididas pelo processo de inovação em curso no jogo de futebol, no esporte e na sociedade em midiatização.

2.1 O VAR como uma questão interdisciplinar

Em um artigo recente, ao destacar a importância da antropologia na constituição de um campo de estudos relacionados ao esporte, Damo (2020) sustenta que se foi o tempo em que os pesquisadores podiam se queixar da escassez de produções científicas e de um referido pré-conceito do mundo acadêmico dirigido aos estudos relacionados ao futebol. Essa afirmativa se confirma ao vislumbrarmos um cenário⁴ crescente de encontros, eventos dedicados ao tema, além de uma regularidade e diversidade de teses, dissertações e artigos que surgem nos mais variados programas de pós-graduação do país⁵.

O desafio que se apresenta não é mais o de justificar o futebol como fenômeno potente, periscópio de observação e investigação do social. Mais que isso, torna-se necessário localizar nossa perspectiva dentro desse universo abrangente, não negando o seu caráter multidisciplinar, mas tomando-o como um objeto que se singulariza sob a ótica da comunicação e mais especificamente da midiatização. Desse modo, o futebol passa a ser tensionado por teorias analíticas diversas, mas, em nosso caso, próprias de uma disciplina relativamente recente, que, por sua

⁴ Em um trabalho mais distante, de reconstrução do cenário de expansão dos estudos relacionados ao futebol, Toledo (2001) destaca que a partir dos anos 80 e 90 as investidas relacionadas ao esporte cresceram exponencialmente no Brasil, concomitantemente ao surgimento dos grupos de pesquisa, seminários e simpósios dedicados ao fenômeno.

⁵ A propósito, o artigo do autor está publicado em uma coletânea: “O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil”, organizada por Giglio e Proni (2020) – esforço que é indicativo da constituição de um campo de estudos multidisciplinar relacionado ao esporte.

vez, ainda caminha de forma tentativa na busca por contornos mais bem definidos para a formulação de seus objetos de estudo.

Martino (2012, p. 27) destaca como a partir do século XX as Ciências Humanas passaram a produzir “saberes organizados em torno dos processos comunicativos”. Por um lado, a emergência de novos meios de comunicação de massa e seus produtos se integraram às mais diversas práticas sociais, fazendo com que disciplinas como a Sociologia e a própria Filosofia passassem a gravitar suas atenções para a problemática da Comunicação. Por outro lado, um campo específico começava a se desenvolver como um subproduto inevitavelmente atravessado pelos saberes de outras disciplinas, culminando em teorias analíticas e metodologias que circunscrevem o objeto comunicacional em uma dimensão ampliada, para além dos meios e da compreensão de seus efeitos.

Como se sabe, as dimensões de autonomia e interdisciplinaridade vêm sendo discutidas ao longo dos anos pelos teóricos da área⁶, sem que ainda haja uma definição suficientemente precisa e consensual sobre o que seria seu objeto de estudo. Entretanto, assumir os possíveis atravessamentos interdisciplinares que caracterizam a complexidade de nosso objeto não nos destitui do trabalho de defini-lo.

Neste caminho de entendimento sobre a dimensão da interdisciplinaridade, Braga (2011a) salienta que todo conhecimento é de certa forma interdisciplinar, uma vez que nenhuma disciplina existe de maneira isolada – de modo “estanque”. Já uma discussão sobre “interdisciplinarismo dispersante” (BRAGA, 2011a), apontado outrora como um problema para o campo, parece ter arrefecido em virtude de um debate que compreende a disciplina da Comunicação como prodigiosa na construção de estudos de interface: educação e comunicação, psicologia e comunicação, direito e comunicação, dentre outros.

Embora a interdisciplinaridade atravesse nossos esforços, não é proposta deste trabalho conferir alguma interface específica ao tema que não seja o próprio esporte – nesse sentido, se torna ainda mais necessário desentranhar o “comunicacional” deste objeto. Para isso, Braga (2011a, p. 70) sugere “distinguir primeiro a presença do ângulo ‘interação comunicacional’; e em seguida verificar se este ângulo é que comanda o olhar ou se está subsumido aos objetivos prioritários de outras disciplinas”. Segundo o autor, duas questões, sendo uma de partilha e outra de seleção, nos ajudariam neste processo:

⁶ Os encontros anuais do Grupo Trabalho Epistemologias da Comunicação da Compós são caracterizados pela discussão conceitual a respeito dos fundamentos epistemológicos da Comunicação.

- (a) decidir o que pode ser melhor estudado a partir de paradigmas, métodos, teorias e pontos de vista de outras disciplinas particulares; em contraste com o que pode ser melhor percebido no campo dos estudos em Comunicação;
- (b) decidir – dentro desse espaço indefinido de subtemas possíveis – quais são os tipos de objeto mais relevantes e mais urgentes para observar seus processos e produtos de interação (BRAGA, 2011a, p. 70).

Neste capítulo, iremos produzir algo semelhante ao que é descrito na proposição (b) levantada por Braga (2011a)⁷ na citação acima. Faremos um processo de seleção, uma vez que o próprio objeto é que suscita discussões que compreendam múltiplas áreas do saber, como veremos. Nesse sentido, antes de localizar nossa angulação, apresentamos a seguir algumas perspectivas escolhidas pelos pesquisadores que nos últimos quatro anos se dedicaram à investigação do VAR (Árbitro Assistente de Vídeo) a partir do viés de suas respectivas disciplinas e campos de estudo.

A especificidade deste pequeno esforço de organização desses trabalhos não significa abrir mão de constituir um estado da arte mais amplo, que circunscreva aqueles estudos voltados para a Sociologia do Esporte, para a Comunicação e, mais especificamente, para a relação entre esporte e midiaticização. Entretanto, essas perspectivas serão convocadas ao longo do texto, tensionadas e discutidas a partir das possibilidades aventadas por cada momento, sem que se perca o foco das questões que envolvem a midiaticização das práticas sociais e sobretudo das práticas esportivas.

A priori, é necessário assumir a dificuldade de mapear uma totalidade de trabalhos a respeito de uma inovação, cuja implementação ainda se encontra em processualidade. Neste primeiro movimento analítico, traremos trabalhos que foram encontrados nos repositórios da Unisinos e da Capes e nos buscadores Scielo e Google Acadêmico. São dissertações, artigos e ensaios de áreas distintas, que parecem discutir algumas questões que se tangenciam a partir de leituras e releituras de clássicos da Sociologia do Esporte e de outras áreas abarcadas pelas Ciências Sociais e Humanas.

Nesse sentido, o Quadro 1, a seguir, contendo um mapeamento de esforços relacionados à investigação do VAR nos últimos anos, contempla estudos de diversas áreas científicas, internacionais e nacionais. Aqueles oriundos da área da Comunicação merecerão considerações no capítulo seguinte, de forma mais detalhada, em um contexto de apresentação de nossa angulação teórica-analítica.

⁷ Admitimos que esta discussão epistêmica supera os objetivos desta tese, embora as escolhas e angulações presentes no texto façam parte desse esforço de constituição do campo.

Quadro 1 – Mapeamento de esforços relacionados à investigação do VAR no Brasil entre 2018 - 2022

Título / Tipo de publicação / Ano	Autor	Área de concentração da pesquisa	Breve resumo
Futebol e controle do jogo: as interdependências do árbitro brasileiro na configuração VAR / Dissertação / 2020	Luiz Augusto Zafalon Loureiro	Educação Física	A partir da entrevista de dez árbitros de futebol da Federação Paranaense de Futebol (FPF), o autor buscou compreender as interdependências presentes no exercício profissional do árbitro brasileiro - transformadas pela implementação e configuração VAR no futebol brasileiro profissional.
O árbitro de vídeo: política, futebol e corpos em imagens (em movimento) / Artigo / 2018	Eduardo Galak; Fabio; Junior Dantas; Hamilcar Silveira	Ciências Sociais	Antes mesmo da implementação do VAR nas principais competições mundiais, o exercício levanta algumas questões relacionadas à sua axiologia e ontologia, questionando as demandas do esporte em seu processo de burocratização, que influencia diretamente na ação dos corpos daqueles que fazem o jogo.
O VAR na perspectiva dos 5E's: possibilidades de compreensão do futebol contemporâneo / Artigo / 2021	Bruno Boschilia e Wanderley Marchi Júnior	Educação Física	A partir do uso do modelo analítico dos 5 E's (emoção, ética, espetáculo, ética e educacional), proposto pelo professor Wanderley Marchi Júnior, o artigo se propõe a discutir o futebol contemporâneo a partir da observação de aspectos relacionados à implementação do VAR no campo de jogo.
A nova tecnologia no futebol: diálogos sobre a influência do VAR / Artigo / 2020	Andriéle Cremonte Oliveira, Antonio Guilherme Schmitz Filho, Bernardo Carbone dos Santos, Bráulio da Silva Machado, Diozer Dalmolin da Silva, Marcos Roberto Cairrão	Educação Física / Comunicação	O artigo discute as influências do VAR no futebol a partir da análise de um programa de televisão, intitulado 'Sala de redação, durante a realização da Copa do Mundo de 2018.

Futebol na rede: uma análise dos twitters sobre a utilização da arbitragem de vídeo nas finais do Campeonato Paulista de futebol de 2019 / Artigo em Anais / 2019	Felipe Ferreira Edilson de Oliveira	Estudos interdisciplinares do futebol	Brevemente, os autores mapearam e categorizaram opiniões de torcedores no Twitter a respeito do uso do VAR na final do Campeonato Paulista de 2019. Os tweets são categorizados entre favoráveis e contrários ao uso da tecnologia.
O VAR e o tempo: a dinâmica das transmissões esportivas com a utilização do árbitro de vídeo / Dissertação / 2019	Mateus Kerr Barros	Comunicação	A dissertação investiga as transformações da transmissão esportiva, provocadas pela implementação do VAR durante 14 jogos da Copa do Mundo de 2018.
O drama do árbitro de vídeo: objetividade e interpretação no futebol brasileiro / Dissertação / 2021	Victor Ramos Freire	Ciências Sociais	A dissertação problematiza o VAR como um sistema sociotécnico que altera a percepção dos agentes envolvidos com a prática esportiva a partir das noções de drama, erro e justiça.
A influência do VAR no resultado final do Campeonato Brasileiro de 2019 / Artigo / 2019	Marcela Cunha Guimarães e Gustavo Tavares da Costa	Educação Física	O artigo faz uma análise quantitativa das interferências do VAR no resultado final do Campeonato Brasileiro de 2019
O Árbitro Assistente de Vídeo na copa do mundo de futebol de 2018 / Trabalho de Conclusão de Curso / 2018	Thiago Nery Pimentel Silva Dias e Victor Furtado Belisario Couto	Educação Física	O trabalho faz uma análise do desempenho do VAR na Copa do Mundo de 2018, a partir da análise de lances em que ele foi utilizado.
Tecnologias emergentes: 'questões problemáticas' do VAR tuitadas durante a Copa 2018 / Artigo publicado em anais/ 2019	Carlos d'Andréa e Leonardo Melgaço	Comunicação	O artigo analisa o Var a partir da repercussão da Copa do Mundo de 2018 no Twitter.
VAR: atualizações disposicionais durante a Copa do Mundo FIFA 2018 / Dissertação / 2020	Leonardo Melgaço	Comunicação	Esta é consequência do trabalho destacado anteriormente. Agora a análise é feita a partir de uma materialidade ampliada, ainda circunscrita na periodicidade da Copa do Mundo de 2018.

<p>Comparação entre os números de pênaltis no campeonato brasileiro da série A: antes e após a implantação do árbitro de vídeo (VAR) / Trabalho de Conclusão de Curso / 2020</p>	<p>Orlando César da Silva</p>	<p>Estudos interdisciplinares do futebol</p>	<p>O estudo compara quantitativamente as penalidades marcadas nos campeonatos brasileiros do ano 2019 (com uso do VAR) e campeonatos passados em que a tecnologia de vídeo ainda não era utilizada.</p>
<p>Análise comparativa entre o número de infrações nas Copas do Mundo de futebol de 2002, 2006, 2010, 2014 com a copa de 2018: mudanças implementadas pelo árbitro de vídeo / Trabalho de Conclusão de Curso / 2019</p>	<p>José Pereira da Silva Neto</p>	<p>Estudos interdisciplinares do futebol</p>	<p>O estudo analisa quantitativamente o número de infrações nas Copas do Mundo pré e pós VAR.</p>
<p>Futebol em sala de aula e a geometria dinâmica e a interpretação de um lance polêmico / Artigo / 2021</p>	<p>Lucas Sibemberg e Márcia Notare</p>	<p>Educação e Matemática</p>	<p>A partir de um lance polêmico do futebol brasileiro analisado pelo VAR, os pesquisadores desenvolveram um estudo exploratório com seus alunos de ensino médio, onde desenvolvem conceitos de projeção ortogonal e habilidades de visualização espacial.</p>
<p>Participação do árbitro de vídeo (VAR) na copa do mundo da FIFA de 2018 / Trabalho de Conclusão de Curso / 2018</p>	<p>Rodrigo Fernandes Júnior</p>	<p>Educação Física</p>	<p>O trabalho analisa e faz considerações sobre a atuação do VAR em sua estreia em Copas do Mundo.</p>
<p>Referencial para a utilização de técnicas de inteligência artificial no futebol / Dissertação / 2020</p>	<p>Nuno Maria Monteiro Palmeiro</p>	<p>Tecnologia da Informação</p>	<p>A partir da análise do funcionamento do VAR, o autor faz uma reflexão sobre a IA (Inteligência Artificial) no campo esportivo.</p>
<p>A imagem é clara? O VAR e as interpretações da imagem na Copa do</p>	<p>Carlos Roberto Gaspar Teixeira Roberto Tietzmann</p>	<p>Comunicação</p>	<p>A partir da análise da transmissão de dois lances em que o VAR é acionado na Copa do Mundo de 2018, os autores discorrem sobre duas interpretações de emissoras</p>

Mundo da Rússia 2018 / Artigo / 2018			distintas relacionadas à mesma imagem.
As novas tecnologias do futebol: algumas reflexões sobre o fair play na contemporaneidade / Artigo / 2020	Bruno Boschilia e Wanderley Marchi Júnior	Estudos interdisciplinares do futebol	O artigo discute como a noção de fair play se desenvolveu nos séculos XIX e XX e como se relaciona com o esporte moderno. Por fim, reflete as implicações das ferramentas tecnológicas (incluindo o VAR) em uma atualização desta noção.
“The video is wrong”: notas etnográficas sobre a introdução do árbitro de vídeo na Copa do Mundo televisionada / Artigo / 2021	Victor Ramos Freire	Ciências Sociais - Antropologia	A partir da análise da estrutura do arranjo tecnológico humano e não-humano VAR e da visão dos especialistas, o autor reflete sobre os impactos da implementação do árbitro de vídeo no campo de jogo.
A / Artigo / Capítulo de Livro / 2020	Sérgio Settani Gilio e Marcelo Weishaupt Proni	Comunicação	A partir de matérias jornalísticas, somadas a visões de especialistas, o artigo discute a polêmica relacionada aos primeiros anos de implementação do VAR
Análise das percepções sobre o <i>video assistant referee</i> na ótica dos adeptos de futebol em Portugal / Dissertação / 2020	Filipe Sousa	Comunicação	O artigo discute como os adeptos (torcedores portugueses) receberam a inovação VAR, a partir de uma netnografia, identificou uma rejeição por parte do público.
Precisão, justiça e favorecimento: a arbitragem de vídeo na Copa do Mundo de 2018 / Trabalho de Conclusão de Curso / 2020	Victor Freire	Ciências Sociais - Antropologia	O trabalho é consequência do artigo do mesmo autor apresentado anteriormente e reflete a implementação do VAR na Copa do Mundo de 2018 a partir da reflexão de “especialistas” e da documentação indicativa de seu protocolo.
Efeito do árbitro assistente de vídeo no futebol: caso da Superliga turca/2021	Cem Gürler e Volkan Polat	Educação Física	O artigo traz dados quantitativos relacionado a diminuição de infrações

Uma Breve História (e Defesa) do VAR / Artigo / 2019 ⁸	Matthew Farrell	Ciências Políticas	O artigo discute toda a trajetória política de implementação do VAR envolvendo a FIFA e seus representantes. O artigo defende seu uso, apontado como tardio no esporte.
O impacto do árbitro assistente de vídeo (VAR) nas variáveis de desempenho de partidas em torneios masculinos da Copa do Mundo da FIFA / Artigo / 2019 ⁹	Alliance Kubayi e Paul Larkin	Engenharia Mecânica	O trabalho debate o impacto da tecnologia no futebol, a partir de seu uso na Copa do Mundo de 2018.
O VAR e a sociedade em vias de midiatização: o caso da expulsão do jogador Dedé / Resumo expandido / 2019	Pedro Vasconcelos Costa e Silva	Comunicação	O trabalho discute a partir de um lance da Copa Libertadores, questões da sociedade em midiatização suscitadas por discussões relacionadas a uma tomada de decisão polêmica do árbitro da partida.
Do paralaxe às redes: considerações sobre a implementação do VAR na sociedade em midiatização / Artigo / 2021	Pedro Vasconcelos Costa e Silva	Comunicação	A partir da discussão do funcionamento do software que auxilia os árbitros na decisão de lances de impedimento, o autor discute noções relacionadas à circulação das imagens na sociedade em midiatização
Contra o VAR aos 40 minutos antes do nada / Ensaio, capítulo de livro / 2020	Vinicius Garzon Tonet	Ciências Sociais	O autor faz um ensaio bem humorado, onde questiona a relação do VAR com aspectos de ludicidade do jogo de futebol.
Engajamentos midiatizados com tecnologias: “revisão” do árbitro de vídeo na Copa do Mundo de 2018 ¹⁰ / Artigo / 2022	Carlos D’andrea e Markus Stauff	Comunicação	O artigo busca perceber os engajamentos em midiatização a respeito da utilização do VAR na Copa do Mundo de 2018.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos trabalhos referenciados.

⁸ Tradução nossa. Original: “A Brief History (And Defense) of VAR” (Farrell, 201, p. 1).

⁹ Tradução nossa. Original: The impact of video assistant referee (VAR) on match performance variables at men’s FIFA World Cup tournaments.

¹⁰ Tradução nossa. Original: Mediatized engagements with technologies: “reviewing” the video assistant referee at the 2018 World Cup.

Embora as limitações tenham sido explicitadas logo de partida, acreditamos que o quadro acima oferece alguns indícios relevantes sobre como o VAR tem sido investigado pelos pesquisadores das mais diversas áreas e, mais particularmente, na Comunicação.

Do Quadro 1, acima, apresentamos duas características mais abrangentes que se articulam: a primeira está justamente relacionada ao caráter multidisciplinar de nosso objeto, catalizador de interesses das mais variadas disciplinas. Neste sentido, em uma amostragem de 29 trabalhos, detectamos oito relacionados à Comunicação; seis na grande área das Ciências Sociais; um nas Ciências Políticas; um na Tecnologia da Informação; um na Engenharia Mecânica e ainda trabalhos de interface como os quatro identificados em uma subárea denominada de Estudos Interdisciplinares do Esporte; um na Educação e Matemática e um na interface da Comunicação com a Educação Física. Cada disciplina privilegia uma angulação sobre o fenômeno – visadas que serão convocadas nos próximos tópicos, nos quais, de maneira geral, apresentaremos alguns contextos de implementação da tecnologia no futebol.

Durante o trabalho, convocaremos esses interlocutores em processo, sendo possível identificar o que esses trabalhos trazem em termos de angulação do fenômeno. A priori, é plausível salientar que os estudos relacionados à comunicação valorizam dois aspectos que se destacam: um primeiro grupo enfoca o trabalho do “campo dos media” (RODRIGUES, 2000) no processo de reconhecimento do VAR. Está relacionado ao trabalho jornalístico que reflete sobre os efeitos da tecnologia no jogo e na transmissão esportiva. Já o segundo se aproxima um pouco mais de nossa perspectiva. São trabalhos que enfocam um processo mais ampliado de percepção do VAR, a partir de processos interativos envolvendo instituições, coletivos e demais atores sociais.

Por sua vez, os trabalhos das Ciências Sociais enfocam processos pertinentes às relações sociais implicadas pela tecnologia, tais como as interferências que provocam, as interdependências das arbitragens e as federações que organizam o futebol. Também buscam perceber aspectos relacionados à percepção do VAR como objeto, dotado de características importantes para pensarmos nas relações entre atores humanos e não humanos no futebol e na sociedade de um modo ampliado.

Já os trabalhos encontrados na área da Educação Física enfocam mais os processos de controle do jogo. Parecem estar interessados nos efeitos práticos do VAR na partida de futebol, nos resultados que a inovação tem oferecido na condição de instância auxiliar para arbitragem. São trabalhos de ordem quantitativa, mas que também buscam capturar as impressões dos atores esportivos sobre as mudanças nas regras e na dinâmica do esporte.

Outra característica geral que nos chama a atenção nos trabalhos lidos está relacionada à definição de seus *corpus*. Todos os trabalhos, em alguma medida, são atravessados por uma materialidade midiática. Não por acaso, no Brasil primordialmente, estudos sobre o futebol tomavam como referência a obra inaugural de um jornalista, “O negro no futebol brasileiro” (1947)¹¹, de Mário Rodrigues Filho, que conta com o prefácio de Gilberto Freyre e introduz a ideia de que o futebol no contexto da sociedade brasileira se diferenciaria dos outros esportes por ser uma “instituição” de seu povo – capaz de exaltar elementos simbólicos de sua formação social e cultural. De alguma forma, não podemos perder de vista uma das dimensões da atorição do esporte, via mídia, que emerge por meio de colunas especializadas e, posteriormente, através de outros produtos que derivam dessa modalidade de vínculo que o esporte estabelece com a sociedade.

De Mário Filho até hoje, o futebol se transformou na mesma medida em que se transformaram as discursividades midiáticas relacionadas a ele. Naturalmente, por registrar o cotidiano do esporte e suas relações com a vida da própria organização social, a materialidade jornalística é uma inesgotável fonte de pesquisa para historiadores, comunicadores, sociólogos e demais investigadores da bola¹². Neste sentido, muitos dos trabalhos que serão expostos no tópico a seguir parecem contar a história do VAR a partir das dissonâncias que se materializam nas vozes desses especialistas, que servem como fonte primária para muitas investigações relacionadas ao esporte.

Os trabalhos coletados e apresentados neste momento não dizem respeito a uma dispersão na busca por compreensão de nosso fenômeno pela angulação da comunicação. Eles servem como forro, base contextual para uma apresentação mais abrangente de ângulos para nosso objeto de estudo, ponto de embarque para imersão nas problemáticas oferecidas a partir da implementação do árbitro assistente de vídeo, com desembarque previsto para o capítulo 3, no

¹¹ Ainda que o livro adote uma visão romaneada e literária do futebol praticado no país, ele é responsável por abrir espaço para a reflexão do esporte nas ciências humanas.

¹² Observar as formas de representação e porque não de construção do fato esportivo (uma vez que perspectiva simbólica, a atividade jornalística destaca-se por seu trabalho que vai além da representação da realidade pelos profissionais de mídia) significa olhar para diversas funções que os jornalistas no cotidiano do futebol profissional, como descreve Toledo (2002). “O narrador está ali para manter, disciplinar, e, se possível, ampliar os níveis de tensão e emoção da partida em si, como se conclamasse a cada instante os torcedores para observarem a sucessão de jogadas” (TOLEDO, 2002, p. 201). Há também os repórteres de campo que trazem os detalhes das partidas, os comentários táticos, os de arbitragem e os chamados setoristas que acompanham o dia a dia dos clubes, dentre tantos outros. O jornalismo esportivo se apresenta, portanto, como um dos principais mediadores da relação entre o torcedor e o esporte profissional, conferindo emoção ao espetáculo, entretendo e informando. Contudo, é inegável que as relações estabelecidas no esporte e no mundo social de uma forma geral se transformaram profundamente nas últimas três décadas, acompanhando as metamorfoses das tecnologias midiáticas, que reduziram as fronteiras entre as instituições esportivas e seus adeptos, além de estabelecer novos espaços para circulação de uma falação esportiva.

qual trataremos especificamente de um VAR, objeto característico da sociedade em midiatização.

2.2 O VAR atrapalha o jogo?

Quando eu era criança, gostava de observar os intermináveis jogos de buraco realizados entre os meus familiares no interior do estado de Minas Gerais. Embora não entendesse o que se passava ali em termos de regras, me divertia com as provocações, com os gestos e principalmente com a desfaçatez com a qual minha avó materna escondia cartas do baralho embaixo do forro da mesa.

Ela também irritava os adversários com suas estratégias, prolongava suas jogadas, recolhendo todo “lixo” descartado pelos demais jogadores. Aquela senhora séria do dia-a-dia, de moral irretocável, vingava-se da rigidez do mundo que lhe fora apresentado na hora do jogo, permitindo-se brincar e tensionar as normas nestes espaços e momentos dedicados às “coisas menos sérias da vida”. Lembrei deste caso em um dia que Toledo

(2021) mencionou em aula¹³ a existência de um tio que também roubava em jogos de cartas – todos sabiam e ainda assim não os expulsavam da brincadeira, pelo contrário, viam até certa graciosidade no modo como a criatividade se sobressaía a reboque das regras ali estabelecidas.

Para o autor, ao tensionar as regras daquela forma, minha avó e o seu tio desesportificavam um pouco aquelas práticas. Tal afirmação elucida uma dualidade estabelecida entre as noções de jogo e esporte. Quando falamos em esporte, ainda que no contexto da conversação cotidiana, normalmente atribuímos sua prática a noções relacionadas à regularidade e compromisso. Aquele que namora ou mente por esporte, o faz com tamanha dedicação que a ele é dado a alcunha (ainda que irônica) de esportista.

Bem, a prática esportiva e sobretudo o desenvolvimento dos esportes modernos estão fortemente marcados por uma noção de seriedade e de competitividade que, para Huizinga (1999), mitigam gradualmente o “espírito do jogo”, que por sua vez está ligado a uma dimensão mais especulativa que normativa, menos formal, associada ao lúdico, aquilo que inebria e que é capaz de iludir.

¹³ I Seminário Online do Ludopédio | Pioneiros e Pioneiras dos estudos do Futebol.

No exame de qualificação desta tese, realizado em setembro de 2020, provocado por um dos membros da banca examinadora, comecei a pensar de forma mais profícua no que a definição consagrada de jogo do autor poderia trazer em termos de contribuição para pensarmos no VAR e nas relações que ele suscita com questões específicas das processualidades da mediação.

Peço de antemão licença aos colegas pesquisadores para tentar articular de forma breve alguns conceitos e noções amplamente discutidas pela sociologia do esporte, mas que ao meu ver merecem ser revisitadas neste momento da mediação e transformação da prática e do consumo do produto esportivo.

Começo pela definição de jogo de Huizinga (1999, p. 3), para quem o jogo é compreendido como anterior à própria cultura, sendo ele originário e subjacente a muitos de seus processos, como a linguagem, a poesia, as artes e até a organização do processo jurídico na relação construída entre defesa e acusação.

O autor destaca que são muitas as tentativas de atribuir uma função ao jogo que não seja ele próprio. Neste sentido, apresenta com o conceito de *Homo Ludens*. Uma ideia de que a ludicidade permeia nossa humanidade, nossos modos de viver, fazendo com que, assim como os cachorrinhos, fossemos capazes de convidar “uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe morderem, ou pelo menos com violência, a orelha do próximo” (HUIZINGA, 1999, p. 3).

Tendo a pensar que o ato de “roubar” da minha avó pode ser observado mais por aquilo que havia de lúdico nas práticas de lazer da família do que como uma quebra normativa de um jogo de buraco. Os gestos que são incapturáveis pelas normas traduzem o “espírito de jogo” que o autor explica da seguinte forma:

Mas reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o espírito, pois o jogo, seja qual for sua essência, não é material. Ultrapassa, mesmo no mundo animal, os limites da realidade física. Do ponto de vista da concepção determinista de um mundo regido pela ação de forças cegas, o jogo seria inteiramente supérfluo. Só se torna possível, pensável e compreensível quando a presença do espírito destrói o determinismo absoluto do cosmos. A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supralógica da situação humana. Se os animais são capazes de brincar, é porque são alguma coisa mais do que simples seres mecânicos. Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional (HUIZINGA, 1999, p. 3).

Gastaldo e Helal (2013, p. 118) apresentam uma leitura do futebol contemporâneo a partir do *Homem Ludens*, sobre o qual questionam se nele ainda haveria “brechas para a manifestação do espírito do jogo como fator criativo e civilizatório”. Embora Huizinga fale pouco sobre o futebol, os autores chamam a atenção para o lugar em que ele é localizado em sua obra.

Primeiro, discute a oposição entre “jogo e seriedade”, não para limitar a ideia de jogo a uma noção de riso em relação ao sério, mas para exemplificar que os aspectos lúdicos presentes no jogo não significam ausência de tensões. Os conflitos estão presentes em jogos individuais, no esforço da criança para montar um quebra-cabeças, ou nas estratégias para acertar o alvo em um jogo de dardos. Para Huizinga (1999), quanto mais competitivo, mais tenso ele é – o que acontece de forma exponencial nos jogos de azar e nas competições esportivas, por exemplo.

A provocação dos autores aparece como muito promissora para este trabalho. Se, para Huizinga (1999, p. 8), as Olimpíadas e os esportes organizados pelas universidades norte-americanas representavam, no começo do século, a atrofia do lúdico no jogo, podemos inferir que o autor certamente recusaria ou apontaria o caráter estéril do futebol espetáculo contemporâneo, cada vez mais atravessado pelas regras, pelos interesses econômicos e políticos e pelo controle. Iria além, uma vez que, citando Paul Valéry, afirmou que o lúdico do jogo estaria subsumido pelo apito do árbitro.

Uma vez, de passagem, Paul Valéry exprimiu uma ideia das mais importantes: ‘No que diz respeito às regras de um jogo, nenhum ceticismo é possível, pois o princípio no qual elas assentam é uma verdade apresentada como inabalável’. E não há dúvida de que a desobediência às regras implica a derrocada do mundo do jogo. O jogo acaba: O apito do árbitro quebra o feitiço e a vida ‘real’ recomeça (HUIZINGA, 1999, p. 8).

Se o apito mitiga o que há de lúdico no jogo, qual o tamanho da interferência provocada pelo VAR, dispositivo, que não só amplia a sua regulação, como vigia aquele a quem é designado o papel de vigiar?

Ora, Huizinga não viveu o suficiente para ver a esportificação do futebol no auge da sociedade do espetáculo, mas deixou como legado esta questão que pode ser transferida para o contexto atual: “em que medida a cultura atual continua se manifestando através de formas lúdicas? Até que ponto a vida dos homens que participam dessa cultura é dominada pelo espírito lúdico?” (HUIZINGA, 1999, p. 139).

O caminho para uma possível resposta parece ter sido encontrado por Gastaldo e Helal (2013) no âmbito do futebol contemporâneo que, articulando as noções de Dunning e Sheard, chegaram à conclusão de que, mesmo com a crescente “comercialização, ainda encontramos espaço para manifestações sagradas”.

“Em jogos entre rivais tradicionais, os torcedores cantam, reverenciam seus ídolos, símbolos e cores de seus times, choram e rezam nos estádios como se estivessem em um templo religioso” (HELAL; GASTALDO, 2013, p. 119). Para os autores, esse contrafluxo estaria relacionado àquilo que Durkheim (1978) chamou de capacidade da sociedade de “sacralizar” aspectos mundanos e ordinários da sociedade.

Compreendo, assim como os autores, que se por um lado há uma força desproporcional no processo de esportificação, que deteriora o lúdico com mecanismos de espetacularização e comercialização exacerbada do futebol, por outro há respostas de seus atores sociais que reforçam e reinventam tais aspectos no contexto esportivo.

Nos ocorre agora um evento muito emblemático deste processo envolvendo o VAR no contexto do futebol brasileiro em 2021. Na vigésima oitava rodada do Campeonato Brasileiro, em jogo entre o Santos e Grêmio, um torcedor do time mandante, Israel Melo, atirou sal grosso na cabine do VAR antes do início da partida (Figura 1). Curiosa manifestação do religioso voltada para o processo de arbitragem atravessada pela tecnologia.

Figura 1 – Torcedor do Santos joga sal grosso em cabine do VAR em jogo válido pelo Campeonato Brasileiro de 2021



Fonte: globo.com¹⁴

Nota-se que o gesto ou a “mandinga” do torcedor é direcionada justamente para este elemento que não deveria interferir na performance do seu time, que por sinal estava mal colocado na competição, mas que tem interferido de forma decisiva nos jogos, muitas vezes com

¹⁴ Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/torcedor-do-santos-joga-sal-grosso-na-cabine-do-var-antes-de-duelo-contra-o-gremio-veja-video.ghtml>. Acesso em 29 mar. 2022.

decisões acertadas, mas também em alguns momentos com deliberações e processualidades questionadas por outras lógicas e crenças da parte de torcedores e especialistas.

Voltaremos em outro momento a este tópico, buscando a partir de acontecimentos semelhantes compreender como este gesto entrou em um processo de circulação, tornando-se pauta de matérias jornalísticas, debates em mesas-redondas e no humor das redes sociais, uma vez que o VAR neste jogo acabou sendo decisivo ao validar um gol da vitória do Santos sobre o Grêmio no último momento do jogo. Gol legal que a priori havia sido anulado de forma equivocada por um árbitro assistente.

Nas redes sociais, os torcedores pediam que o troféu de Craque do Jogo¹⁵ fosse entregue para o torcedor santista. O gesto viralizou, incitou debates, mas sobretudo materializou um incômodo do torcedor com o VAR e com sua utilização. Na Figura 2, abaixo, é possível notar brevemente como o fato se desdobrou nas interações em redes sociais¹⁶.

Figura 2 – Print de um tweet de memes futebolísticos



Fonte:@mfutebolisticos¹⁷

¹⁵ Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/torcedor-do-santos-joga-sal-grosso-na-cabine-do-var-antes-de-duelo-contra-o-gremio-veja-video.ghtml>. Acesso em 29 mar. 2022.

¹⁶ Retomaremos os aspectos relacionados a esta materialidade mais adiante no momento em que apresentarmos o *corpus* específico de análise.

¹⁷ Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/torcedor-do-santos-joga-sal-grosso-na-cabine-do-var-antes-de-duelo-contra-o-gremio-veja-video.ghtml>. Acesso em 29 mar. 2022.

Como se vê, o usuário *memes futebolísticos* retuita uma postagem feita pela própria página do Santos FC em seu perfil na plataforma, que por sua vez compra a brincadeira de torcedores de que o VAR “benzido” teria sido crucial para recuperação do time, após anular no último minuto do jogo um gol do rival.

Os gestos do torcedor nas arquibancadas e dos torcedores nas redes moveram de certa forma a tecnologia para o campo do imponderável e do místico que pertence ao futebol, explicitando por um lado o desconforto que ele trouxe à dinâmica da partida, ao ponto de ser benzido para não atrapalhar o time de coração. Por outro lado, contudo, demonstra as formas pelas quais os atores esportivos se apropriam da tecnologia no campo discursivo e simbólico.

Como se vê, o jogo não é definido apenas pelas processualidades que se passam dentro do campo, mas também por aquelas que se relacionam com os tensionamentos e as emoções de quem o consome e de quem vivencia o futebol.

Se antes os torcedores consumiam o esporte e participavam dentro de campo, com bandeiras, mosaicos, foguetes e gritos de incentivo, também iremos perceber ao longo desta tese um certo torcer midiático, atravessado pela ação do torcedor não só no consumo de produtos advindos do esporte espetacularizado, mas a partir também de suas produções simbólicas, de sua ação.

Adiantamos aqui neste momento que muito desse desconforto relacionado ao VAR, percebido nas falas dos torcedores, jogadores e especialistas, é atribuído às paralizações dos jogos dedicadas à revisão dos lances. Em partidas realizadas nas competições brasileiras, tais interrupções têm sido apontadas como excessivas – como já fora demonstrado por alguns trabalhos, como em Da Silva (2019) e Loureiro (2020)¹⁸. Antes mesmo de sua implementação, a questão já era aventada nos debates entre os jornalistas especializados no esporte.

Brevemente destaco dois artigos opinativos publicados em jornais de grande circulação no país que atestam para a existência desse aspecto. Primeiro, Luís Curro, em artigo intitulado como “*Com o VAR, troca-se a dinâmica pelo aborrecimento*”¹⁹, publicado em abril de 2018, meses antes da implementação na Copa do Mundo daquele ano, ressalta a importância da tecnologia na mesma medida em que chama atenção para questões relacionadas às especificidades do jogo de futebol. “Há, contudo, uma grande desvantagem no VAR. Ele afeta a dinâmica do futebol, esporte que tem como um de seus maiores atrativos essa característica” (CURRO,

¹⁸ Voltaremos a esse assunto no momento de análise das materialidades, quando desdobraremos os acontecimentos relativos ao uso do VAR na principal competição do país.

¹⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/04/com-o-var-troca-se-a-dinamica-pelo-aborrecimento.shtml>. Acesso em 12 jan. 2022.

2020) se refere à característica dinâmica do futebol, único jogo a ser praticado predominantemente com os pés. O esporte se desenvolve a partir de uma dinâmica e de uma temporalidade distinta dos demais, sem pedido de tempo previsto para os treinadores e sem interrupções em seu cronômetro.

Já em maio de 2019, quando o VAR debutava no Brasileirão, esse aspecto também fora aventado por um especialista que lida diretamente com aspectos relacionados ao ritmo e à dinâmica de uma partida de futebol. O narrador da rádio Gaúcha e colunista do Jornal Zero Hora, Pedro Ernesto Dernadin, escreveu um artigo intitulado “*O árbitro de vídeo está deformando uma partida e contrariando tudo aquilo que o futebol nos dá de emoção*”²⁰. Aquilo que o narrador considera ser uma deformação do jogo está justamente ligado a essa dinâmica própria de suas tensões, que em seu modo de ver compreende inclusive injustiças e erros de arbitragem.

Há quem tenha se posicionado de forma contrária à implementação do VAR de um modo ainda mais radical. Recentemente, fundamentado pela noção de “fato social total” de Marcel Mauss (1974), Cornelsen et al (2020) organizaram um livro que demonstra como o futebol engendra aspectos abrangentes da sociedade brasileira, construindo e sustentando identidades, mesmo que de forma cambiante (CONELSEN et al, 2020).

A coletânea “Futebol: Fato Social” traz uma série de textos escritos por pesquisadores das ciências sociais, historiadores e estudiosos da linguagem. A presença do VAR neste tipo de publicação demonstra que a inovação tecnológica excede as bordas das discussões sobre tecnologia e esporte, adentrando no tecido social e no imaginário dos sujeitos que fazem o futebol. O texto ensaístico do historiador Tonet (2020), intitulado “Contra o VAR aos quarenta minutos antes do nada”, é indicio deste processo.

Tonet (2020) não se furta em deixar claras as suas objeções em relação à implementação do VAR no contexto do futebol brasileiro. Os argumentos são lúdicos, poéticos e políticos. O autor descreve a sociedade brasileira como “aberta ao acaso, à contingência, ao imponderável” (TONET, p. 69). O imprevisto no futebol é revelado a partir de imagens das memórias do autor, jogos que fazem parte da sua história e que poderiam ter seus resultados alterados caso o VAR fosse utilizado. O ensaio, além de ressaltar subjetividades transformadas pelo VAR, também apresenta um cenário particular do futebol brasileiro – paisagem constitutiva de nossa empiria e que será destacada no decorrer do texto.

²⁰ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/pedro-ernesto-denardin/noticia/2019/05/o-var-tira-a-dinamica-do-futebol-e-se-torna-chato-cjw6dro3s006i01lkgcvesfwu.html>. Acesso em 12 jan. 2022.

No site Ludopédio²¹, especializado em publicações acadêmicas sobre o futebol, é possível encontrar outros esforços que caminham nesta direção. Textos curtos sobre o VAR se multiplicam. Alguns com tom jornalístico, outros mais ensaísticos, literários e opinativos. Em “O VAR é burro”, do sociólogo Gabriel Said (2020), a necessidade da implementação do VAR é posta em xeque, assim como outrora fora colocada em questão a “verdade técnica associada à telerealidade” dos *replays* utilizados nas transmissões esportivas.

O título do texto faz alusão a um caso conhecido da crônica esportiva nacional. Certa vez, o escritor Nelson Rodrigues, incomodado com um *replay* que desmentia uma de suas análises a respeito de um lance de um jogo do Fluminense (seu time de coração), disse:

- O replay é burro.

Também com inconformidade, Said (2020) brada sobre uma justiça mitificada pelo discurso incutido pela tecnicidade presente no VAR:

Antes de tudo deveriam ser feitos questionamentos a partir de tal afirmação. Que justiça é essa? A custo de quê? Vale a pena? Poderíamos ir até mais adiante e perguntar se o futebol deve mesmo ser justo, ou se ele já não tem sua própria justiça sendo feita do seu próprio universo dentro de campo (SAID, 2020).

Nas falas do autor e do cronista destacam-se uma força e uma verdade implicada nos jogos que sobrepujam noções de justiça e de um mérito, constituindo uma ethicidade voltada para o lúdico, costurada a partir de acordos tácitos fundamentais para a manutenção de uma dinâmica singular do futebol.

De forma mais ampliada, o filósofo alemão Eugen Fink citado por Salomão (2016, p. 75) define o jogo a partir de sua capacidade de representação simbólica da vida. “Jogar é parafrasear, sob o julgo da ilusão, a auto realização do homem”. Ainda segundo o autor, “o jogo repete o ‘sério da vida’, sobre o teatro da irrealidade, mas retirando todos os seus fardos, ele eleva a vida feita de obrigações, no éter ligeiro, aéreo do não obrigatório”.

Na lente crítica dos autores que trouxemos até aqui, as noções de justiça, que justificam o uso do *replay* e do VAR, parecem devolver o fardo da seriedade ao jogo, sobretudo nas competições que engendram aspectos políticos e econômicos determinantes para o seu funcionamento, como veremos mais à frente.

²¹ O site www.ludopedio.com.br é fruto de um esforço importante de reunião e divulgação científica dos trabalhos relacionados ao futebol produzidos no país. O Ludopédio também promove eventos, discussões e hoje atua também no setor editorial, lançando livros diversos sobre o assunto.

Por outro lado, é na apropriação simbólica do VAR por outras matrizes²² do futebol (como no futebol praticado por lazer ou no futebol de várzea) que a tecnologia parece encontrar-se mais organicamente imbricada na lógica do jogo. O texto “As VÁRIas regras no futebol e o seu efeito na VÁRzea”, escrito por Conceição (2020), traz alguns indícios da apropriação do VAR na cotidianidade do futebol brasileiro, seja ele espetacularizado ou comunitário.

Embora o ensaio não se refira especificamente ao futebol de várzea (amador), o termo aparece aqui em referência à sua capacidade de bricolagem e de adaptação. O autor descreve como o VAR passou a fazer parte das brincadeiras entre ele e seu filho, quando jogam futebol e de forma lúdica simulam a utilização da tecnologia de vídeo em lances onde não há consenso. Os dois brincam de VAR, assim como os jogadores de futebol de Várzea, flagrados em um campeonato em Belo Horizonte utilizando a filmagem de um telefone celular para conferir se uma bola havia ou não ultrapassado a linha do gol após a batida de pênalti.

Este exercício retroativo de olhar para as definições mais essenciais de jogo não significa lançarmos um olhar ingênuo e idealista para interferência da técnica no futebol, tão pouco dispersivo em relação à problemática da comunicação. Trata-se de entender de forma mais abrangente este espaço em que o futebol se constitui, primeiro, como uma prática simbólica de expressão da vida e posteriormente se consolidando como um esporte, marcado por regras, técnicas, disputas engendradas por interesses políticos e econômicos atravessados agora por processualidades da midiaticização.

2.3 O VAR como uma questão da regra

Na realização da coleta de trabalhos relacionados à temática VAR, encontramos aqueles que se esforçam em compreender os efeitos da adoção da tecnologia no campo de jogo. Estão em sua maioria vinculados às Ciências do Esporte e procuram entender aspectos objetivos da utilização da tecnologia nas partidas de futebol nestes primeiros anos de seu uso.

Os autores perguntam se o árbitro de vídeo tem de fato corrigido os erros dos profissionais em campo e tentam dimensionar qual o seu impacto nos resultados e no controle disciplinar das partidas. Tais preocupações revelam a prática do jogo transformado em esporte compe-

²² Embora seja o mais pesquisado, o futebol do espetáculo não é o único que tem despertado atenção dos pesquisadores, como demonstra a própria temática da tese de Damo (2005). No mestrado, assim como o autor, trabalhei com o futebol amador, caracterizado como a matriz do futebol comunitário. Um futebol que se encontra em um ponto de interseção entre a institucionalização do futebol da matriz espetacular e do improvisado lúdico relacionado à noção de jogo presente no do futebol de bricolagem. Ainda há definições racionadas ao futebol escolar, praticados em disciplinas educativas, dentre tantos outros.

titivo engendrado por fatores políticos, culturais e econômicos da sociedade, de tal forma relevantes que o seu processo de esportificação se complexifica, acentuando uma demanda pelo controle do jogo a partir da aplicação cada vez mais proeminente de suas regras.

No desenho de um contexto que justifique a implementação do Árbitro Assistente de Vídeo, precisamos compreender como se constituíram estas instituições e como elas se relacionam no processo de regulação do jogo praticado globalmente, buscando entender como as regras se adequam à presença da tecnologia e como a tecnologia serve a este conjunto de regras. Trata-se, portanto, de nos perguntarmos (neste momento específico da pesquisa): como o futebol se transformou ao longo dos tempos ao ponto de ser transformado pelo VAR?

Admite-se, a partir dessa questão, que a implementação do Árbitro Assistente de Vídeo no futebol é uma inovação procedente de um contexto complexo de constituição e reformulação das regras do futebol, normas e modelos de competição que deram ao jogo um caráter universal de esporte globalizado. Descrevo a seguir algumas características que podem ser importantes para a compreensão de sua esportificação²³ – que vai se apresentar aqui e ao largo como inacabada e em constante atualização.

Antes de tudo, tomemos o objeto esporte como um campo autônomo²⁴, por si próprio capaz de produzir questões relevantes. Neste sentido, uma concepção Elisiana sobre os fenômenos esportivos rechaça uma definição do objeto ligada apenas ao lazer em contraponto ao trabalho, em uma sociologia que distingue objetos de investigação entre aqueles mais e menos “sérios”. Como se o segundo servisse ao primeiro em um desdobramento causal.

Dessa forma, para Elias e Dunning (1992), o lazer e os jogos regrados não serviam simplesmente ao trabalho. Ofereciam um contraponto de espaço de descanso e alívio e também tinham uma importância própria por oferecer às pessoas uma busca pela excitação e pelo prazer proporcionado pela prática dessas atividades, satisfazendo necessidades biológicas que seriam reprimidas durante o processo civilizador.

Nele, tais pulsões são contidas tanto por meios externos, bem delimitados em leis, etiquetas e regras de convívio social, como também a partir de uma dimensão psicológica e de autocontrole, movidos por subjetividades do sujeito que se vê como pertencente a este processo.

²³ O conceito de esportificação é tratado por Elias e Dunning (1992) como o reflexo da emergência de um ideário positivista do início do século XX. A regulação dos desportos modernos reforçavam valores como a ordem e a disciplina em detrimento da bricolagem presente na noção de jogo. O processo é bem retratado pela série “O Jogo Inglês”, que mostra de forma dramatizada a gênese do futebol na sociedade inglesa do final do século XIX. O série está disponível na plataforma de streaming Netflix.

²⁴ Teoria proposta por Pierre Bourdieu (1983) para representar um espaço simbólico, no qual a luta dos agentes determina, legitima e valida as suas representações.

Veremos mais à frente, com base nas normas Cambridge, como a FA (*The Football Association*)²⁵ foi responsável por estabelecer inicialmente os parâmetros do jogo de futebol, que logo se expandiria das universidades para as fábricas e passaria a ser disputado de forma semelhante por instituições de fora da Grã Bretanha.

Já a normatização de regras e a tentativa de unificar as práticas de disputas a partir de suas singularidades estão relacionadas a um processo mais profundo de transformação da sociedade europeia. Tanto a origem do futebol, como a origem do *rugby* estão relacionadas a um rompimento de ordem civilizatória com práticas agora tidas como inconvenientes. Em comum, os dois esportes se originam do ancestral “*Folk Football*”, um jogo que envolvia centenas de pessoas – habitantes de vilarejos – em disputas entre as regiões. Usando os pés, as mãos, facas e outros armamentos, os jogadores se enfrentavam em batalhas sangrentas para atingir um único objetivo: conduzir a bola até o território inimigo.

A guerra simbólica levada às últimas consequências resultava em mortes que desagradavam a monarquia britânica e também a burguesia industrial, uma vez que significavam menos mão de obra para as fábricas e menos homens para as forças armadas.

O esporte, como parte de um processo civilizador, ajudava a controlar a violência social e os impulsos afetivos e individuais. Elias e Dunning (1992) enunciam a importância do desporto para a construção de uma sociedade harmônica, afeita ao trabalho e à produção necessária para o desenvolvimento de um modelo de sociedade capitalista.

A emergência do desporto como uma forma de confronto físico de tipo relativamente não violento encontrava-se no essencial, relacionada com um raro desenvolvimento da sociedade considerada sob a perspectiva global: os ciclos de violência abrandaram e os conflitos de interesse e de confiança eram resolvidos de um modo que permitia aos dois principais contendores pelo poder governamental solucionarem as suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras concertadas que ambas as partes respeitavam (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 49).

O que vemos hoje em relação às orientações direcionadas pela FIFA sobre as interpretações das regras está relacionado justamente com uma acentuação no processo de repressão dos impulsos violentos em campo em virtude da valorização do *Fair Play*²⁶, principal mote utilizado pela entidade em suas ações de marketing.

²⁵ A *Football Association* é a associação de futebol mais antiga do mundo. Ela regula as regras de futebol na Inglaterra e foi responsável direta pela universalização do esporte, formulando as regras do jogo em 1863, que até hoje servem de referência para sua prática em escala global.

²⁶ Mais do que o significado obtido por sua tradução literal: jogo limpo - a expressão *fair play* tornou-se um slogan e uma campanha, *FIFA Fair Play*, no final da década de 1980. A campanha visa corroborar para que o cumprimento das regras prevaleça entre os atores esportivos, reforçando por outro lado o compromisso da empresa com a legitimidade do esporte que evolve cifras milionárias.

Nesse sentido, quando falamos do esporte nesta tese, nos referimos a este futebol fortemente esportivizado, posteriormente mercantilizado, facilmente identificável na conversação cotidiana ou por seus inúmeros produtos que penetram o tecido social em diferentes formatos.

Essa história é normalmente contada a partir da cronologia de suas instituições responsáveis pela elaboração e universalização de suas normas e códigos, que marcam também a apropriação do jogo lúdico pela episteme da ciência.

Evidentemente que tais regras não se estabeleceram da noite para o dia logo na primeira reunião da FA (*The Football Association*) em Londres no ano de 1863. Tampouco se instituíram de forma consensual. Aliás, os dissensos nos modos de regular o jogo ainda hoje produzem distorções na prática do futebol, que variam de acordo com escolhas e orientações de federações locais ou até mesmo que residem nos imaginários dos torcedores, árbitros e especialistas de cada localidade – ainda que haja por parte da FIFA um esforço em unificar essas diretrizes.

Quem nunca ouviu por exemplo expressões que se repetem como chavão na falação esportiva e que dizem algo parecido com: “pênalti à brasileira”, “juiz na Inglaterra não marca qualquer falta” – pistas que revelam formas particulares de como as regras globais do futebol são adotadas produzindo diversas leituras no interior da cultura esportiva de cada local²⁷.

Assim como grande parte das pesquisas sobre o esporte, nosso entendimento sobre futebol espetacularizado começa a ser desenhado a partir da constituição da FA e do protagonismo da Grã-Bretanha no processo de unificação das regras do futebol. Entretanto, a uniformização das regras e a tentativa de conciliação entre as diferentes práticas do jogo pelas instituições locais demoraram um pouco mais para se estabilizarem. As regras constituídas pela entidade britânica passaram a ser adotadas de forma mais abrangente em 1866, entretanto os desentendimentos em campo e fora dele exigiam configurações mais eficazes para discussão e regulação das normas.

Na sequência, em 1886, as associações de futebol da Inglaterra, Escócia, Irlanda e Países de Gales instituíram a International Football Association Board (IFAB), que até hoje é responsável pelas modificações e atualizações das regras do futebol pelo mundo (DESTRO apud LOUREIRO, 2020).

²⁷ A propósito, mais à frente, iremos apresentar algumas dessas diferenças, observando modos particulares de como os atores do futebol brasileiro têm lidado com as inovações provocadas e atravessadas não só pelo uso do VAR em campo, mas também a partir das discursividades que se constituem em torno dele.

Posteriormente e paralelamente, o futebol se desenvolvia no restante da Europa. Em 1904, surgiu a Federação Internacional de Futebol (FIFA)²⁸. Embora os britânicos não integrassem a organização internacional desde sua fundação, boa parte das confederações europeias que já se organizavam no começo do século XX aderiram ao projeto capitaneado pelo francês Robert Guérin, seu primeiro presidente.

De acordo com uma cronologia desenhada por (DESTRO apud LOUREIRO, 2020), a FIFA passou a integrar a IFAB em 1913, tendo direito a um voto. Neste momento, para a aprovação de cada regra, eram necessários quatro dos cinco possíveis.

Em 1958, esse cenário se inverte, tomando uma conformação semelhante ao que é adotado hoje pela instituição, na qual cada federação pertencente à FA passa a ter direito a um voto, enquanto a FIFA se apropria de outros quatro, tornando-se necessários três quartos dos votos para a aprovação de qualquer modificação relativa às normas do futebol praticado de forma profissional por entidades.

De certo modo, ao longo dos tempos, diversas culturas sopraram modificações em seus rituais transformando o modo de existência do jogo. As 17 regras do futebol se consolidaram de forma permanente, guardando em sua essência certa simplicidade quando comparadas a disputas mais “esportificadas”, como o Futebol Americano, que conta com mais de 200 normas em seus manuais.

O que de mais relevante e o que mais comumente se altera está associado às suas orientações de leitura e interpretações. As reuniões anuais da IFAB acontecem em fevereiro. A partir delas, a instituição modifica regras e orientações relacionadas à sua aplicação, demonstrando um processo inacabado de esportificação de um jogo cuja configuração se atualiza de acordo com demandas e experiências de sua prática.

Todos os anos a FIFA publica um novo livro de regras atualizado, traduzido pelas federações responsáveis pela organização do esporte em cada país. Logo em um tópico introdutório do “Regras do Futebol 2021/2022”²⁹, a instituição reafirma o seu compromisso com a atualização das regras:

²⁸ “Fizeram parte da fundação da FIFA as seguintes associações nacionais de futebol (exceto da Espanha que ainda não possuía uma associação nacional, mas enviou um representante do Madrid Football Club): França – Union des Sociétés Française de Sport Athlétiques (USFSA), Bélgica – Union Belge des Sociétés de Sports Athétiques (UBSSA), Dinamarca – Dansk Boldspil Union (DBU), Holanda – Nedeslandsche Voetbal Bond (NVB), Espanha – Madrid Football Club (atual Real Madrid Club de Fútbol), Suécia – Svenka Bollspells Förbundet (SBF), Suíça – Association Suisse de Football (ASF)” (DESTRO apud LOUREIRO, 2020, p. 29).

²⁹ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/aplicacao-regra-diretrizes-fifa/livro-de-regras-2021-2022-portugues>. Acesso em 16 abr. 2022.

A IFAB continuará cooperando com a comunidade do futebol mundial, para que as mudanças nas Regras tragam benefícios ao futebol em todos os níveis e em todos os cantos do mundo, de modo a que sempre haja respeito aos valores e à integridade do esporte, assim como às Regras e aos árbitros (LIVRO DE REGRAS, 2022, p. 12).

O compromisso assumido pela entidade com a atualização e mudança contrasta com a imagem de uma entidade conservadora, avessa a transformações radicais em suas estruturas políticas e estatutárias. Entretanto, a rigidez do seu formato não pode ser atribuída somente a este aspecto, mas também pelas relações entre as instituições, aspecto diretamente ligado à dificuldade de regulamentar um esporte de dimensão global, mediado e controlado por diversas organizações e atores sociais.

Neste sentido, buscamos algumas evidências de como este processo se dá muitas vezes de formas experimentais e graduais em contexto de legitimação atravessado por práticas e atividades da mediação.

No ano de 2019, a *International Board* realizou algumas alterações no conjunto de regras do jogo. Modificações que contemplam tanto orientações para ações interpretativas do árbitro, como mudanças nas normas que balizam a marcação de lances relacionados a infrações cometidas por mão na bola ou bola mão, por exemplo.

Também existem mudanças regulamentares – como aquelas que preveem alteração no local em que devem ser feitas as substituições dos jogadores e de onde devem ser realizadas as cobranças de tiro de meta.

Em 2020, devido à pandemia, a IFAB alterou o número de substituições permitidas nos jogos oficiais, de três para cinco jogadores. E em 2021 modificou a interpretação da intencionalidade ou não dos defensores durante a marcação de um impedimento. Novidades pequenas como estas são relativamente comuns no futebol. Tratam-se, portanto, de inovações que entram no debate esportivo e se incorporam ao jogo, algumas de forma mais orgânica e outras que encontram mais resistência entre os atores sociais.

Outras alterações visam dar mais legitimidade à aplicação da regra. São mudanças relacionadas ao controle das dinâmicas esportivas, que visam minimizar os erros de arbitragem, aqueles ligados à interpretação humana, inequivocamente imperfeita.

Estas normalmente se associam às promessas das inovações tecnológicas que se incorporam às performances de atletas, árbitros e demais atores esportivos. Neste sentido, a figura do árbitro de futebol (advinda do ano 1868, e que passou a atuar dentro de campo em 1881 e começou a ser auxiliado pelos bandeirinhas 1891) é constantemente submetida a novas orientações, a novas dinâmicas, mediadas ou não, que servem não só ao processo de controle do

jogo, mas também ao espetáculo que deve ser organizado de forma a dar visibilidade às deliberações e punições aplicadas.

A adoção dos cartões na copa de 1970 é um exemplo disso. Ao mesmo tempo que resolviam as confusões nas punições em jogos internacionais, em que muitos idiomas estão em campo, os dois sinalizadores também permitiam que o público compreendesse quais punições estavam sendo aplicadas, criando uma espécie de linguagem da bola, de compreensão universal. Outras novidades esbarraram em questões econômicas relacionadas ao custo de implementação das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs no futebol.

Na relação de custo benefício, por exemplo, a chamada Tecnologia da Linha de Gol (implementada na copa de 2014) ficou restrita às competições internacionais organizadas pela FIFA e logo se tornou obsoleta com o advento do VAR. O dispositivo tecnológico é utilizado pelos árbitros apenas em momentos de incerteza relativos à ultrapassagem ou não da bola na linha do gol. Um chip instalado na esfera emitia um sinal para o relógio do árbitro, que instantaneamente validava ou não a jogada, encerrando com uma polêmica antiga do futebol: a discussão do “entrou ou não entrou”, que marcou, por exemplo, a final da Copa do Mundo de 1966 entre Inglaterra e Alemanha. Voltaremos a esta tecnologia na próxima seção.

No mesmo livro em que explicita regras e orientações de conduta dos atores esportivos, a FIFA também admite a impossibilidade de se estabelecerem normas que contornem todas as nuances da agonística de uma partida de futebol. “As Regras do futebol são relativamente simples, comparadas às de outros esportes, porém dado que muitas situações são subjetivas e tendo em conta que os árbitros são humanos, sempre haverá decisões errôneas ou que darão lugar a controvérsia, a debates” (FIFA, 2022, p. 9).

A afirmativa nos remete à uma dinâmica própria do jogo e de aplicação de suas regras, uma aplicação que depende das relações produzidas pelos atores esportivos e agora por suas relações construídas com atores não-humanos.

A noção de interdependência de Elias (1993), central no texto de dissertação de Loureiro (2020), situada no campo da Educação Física, é utilizada na tentativa do autor de descrever as relações que o VAR constrói com o jogo. O trabalho pesquisa, procura tensionar o papel do VAR nos processos de interdependências que se dariam, sobretudo, entre a figura do árbitro brasileiro e a configuração estruturada por máquinas e novos profissionais. Loureiro (2020), a partir de um esforço qualitativo, escutou cinco árbitros da Federação Paranaense de Futebol, e dentre as muitas conclusões de seu trabalho, sugere que a configuração do VAR no Brasil segue os parâmetros internacionais, muito embora guarde em sua performance marcas culturais do jogo aqui praticado.

Ao longo deste estudo, apresentamos algumas das interdependências do árbitro brasileiro no controle do jogo, algumas comuns a todos os árbitros a nível mundial, determinadas pelos manuais de regras do jogo e os mecanismos de atualização, combinados a testes físicos e divulgações das alterações e revisões das regras, pelas circulares do IFAB, da FIFA e das confederações, federações e comissões de arbitragem por meios físicos, presenciais e digitais (LOUREIRO, 2020, p. 88).

Voltaremos ao texto de Loureiro (2020) no momento em que será necessário trazer nossa própria percepção das particularidades da implementação da configuração do VAR no Brasil, em nosso trabalho representadas pelas discursividades de atores sociais (não somente árbitros) que se encontram em um processo de circulação, marcado pelos dissensos na compreensão e aceitabilidade desta inovação pelo campo esportivo.

Ressaltamos, por enquanto, como as interdependências trabalhadas pelo autor são constitutivas neste processo de esportificação que cria configurações instáveis e mutáveis, de acordo com o entrelaçamento das relações dos indivíduos.

Em nossa perspectiva, iremos investigar como estas tensões são atravessadas por processualidades e tecnologias características do atual estágio de midiatização, quando a atividade midiática se apresenta como interdependência central nas relações entre os campos sociais, podendo ser verificada em processos que se desdobram não só dentro do campo de jogo de futebol, mas também fora dele, a partir das interações e relações de várias ordens provocadas pelo espetáculo esportivo.

Vimos neste tópico como o futebol é atravessado por regras que se modificam de acordo com demandas do campo esportivo e trouxemos pistas de como as inovações fazem parte deste processo de aperfeiçoamento do controle do jogo. A seguir, iremos apresentar o VAR como parte deste contexto amplo das inovações tecnológicas produzidas pelo campo, destacamos estudos que fazem referência a este aspecto, relacionando-o inicialmente à problemática da inovação, da técnica e da comunicação.

2.4 O VAR como uma questão da inovação e da comunicação

O esporte é um lugar pródigo para observarmos a interação e as interdependências produzidas pelas áreas das ciências, da tecnologia e da inovação (CT&I). Os Jogos Olímpicos de Verão de 2021, realizados em Tóquio, por exemplo, deixaram ainda mais expostas essas interfaces. O megaevento que seria realizado no ano anterior foi adiado em decorrência da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 e exigiu que a organização fizesse uma série de adaptações em seus protocolos.

A ciência e a tecnologia apareceram com a solução para o problema de saúde pública a partir dos seus mecanismos de testagem e na criação de protocolos de segurança. Além disso, nos noticiários³⁰ pré-jogos, a relação dos japoneses com as inovações tecnológicas eram exaltadas: realidade virtual, camas com fibra de papelão nas dependências da Vila Olímpica e medalhas confeccionadas com materiais reciclados de dispositivos eletrônicos descartados.

Do vestuário dos atletas aos *softwares* complexos de análise de performance, as mais diversas indústrias enxergam estes grandes acontecimentos esportivos como uma vitrine para testar e divulgar suas invenções.

No caso específico do futebol e do VAR, Melgaço (2021) e d'Andréa (2022) já procuraram demonstrar como a Copa do Mundo de 2018 foi apresentada como um grande laboratório para implementação da tecnologia de vídeo e como os processos comunicacionais foram centrais na mediação entre a oferta da ciência e da tecnologia e o reconhecimento e aceitação por parte do campo esportivo e da sociedade de forma geral.

VAR e Copa do Mundo aparecem ainda em 19 trabalhos catalogados no início deste capítulo, o que mostra a forma como o megaevento repercute midiaticamente, centralizando-se como ponto de observação de pesquisadores que procuram entender os efeitos da tecnologia no campo de jogo de futebol, sua eficácia e as discussões que ela suscita para além do esporte.

Tais trabalhos trazem avanços importantes para nossa compreensão a respeito de um funcionamento da inovação logo em seus primeiros anos de adoção. Também nos oferecem caminhos para um trabalho de investigação relacionado à coleta de documentos e perspectivas que nos ajudam a compreender questões relativas às patentes, equipamentos e interações que a priori serão brevemente apresentadas aqui e retomadas no momento de apresentação das especificidades do CBF VAR – já em um cenário descrito e tensionado por teorias analíticas fornecidos pelos estudos da midiatização.

Por ora, tomaremos nota de algumas questões levantadas por estes esforços, que em comum explicitam de forma intencional ou não as interações entre humanos e artefatos tecnológicos nos esportes e revelam a importância de uma teoria social como a proposta por Bruno Latour (1994; 2001), que busca romper com as assimetrias e dicotomias que vinham sendo construídas pelo campo científico na separação de um mundo natural e um mundo social.

O social aqui, tal qual proposto pelo autor, é compreendido nos processos de interação entre coletivos humanos e não-humanos, que se associam na formação de redes, ou ator-redes como sugere o autor (LATOUR, 2001). Apresentaremos o VAR a partir de seus elementos

³⁰ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/as-tecnologias-por-tras-da-olimpiada-2021/>. Acesso em 12 jul. 2022.

“híbridos” e “ciborgues” (HARAWAY, 2009)³¹, uma vez que em nosso cotidiano e mais especificamente no futebol os artefatos estão em campo não só produzindo agências – mas como atores decisivos que interferem no curso das dinâmicas do jogo e de sua agonística, ao lado dos jogadores, árbitros, treinadores e espectadores.

Neste sentido, propomos dois movimentos distintos para este tópico. Um primeiro relacionado à discussão do objeto técnico e das relações que ele estabelece com o jogo a partir de suas particularidades, que contribuíram para que o VAR fosse implementado tardiamente no futebol.

Um segundo movimento se voltaria para apresentação da inovação, dos laboratórios da FIFA e ao seu processo de adoção nas primeiras competições internacionais. Há um vocabulário próprio da Teoria Ator Rede (TAR) que parece oferecer recursos importantes para a compreensão das interdependências estabelecidas no jogo de futebol (relações entre os árbitros e demais atores esportivos com o objeto técnico).

2.4.1 A implementação tardia do VAR no futebol

“A história e os impactos da maior mudança na aplicação das regras do futebol”. Este é o subtítulo de um livro³² recém lançado pelo jornalista Talles Silva (2020) – a obra, a partir da opinião de especialistas, discute declaradamente ideias relacionadas a possíveis “vantagens e desvantagens” da implementação do árbitro assistente de vídeo para o jogo de futebol, indicando uma transformação radical em suas processualidades.

A escolha de observar o VAR por este viés da “polêmica” pode ser notada nas discussões de mesas-redondas, nos debates entre torcedores, jogadores, especialistas e até entre pesquisadores do assunto. Tal abordagem é ilustrativa de um cenário de polarizações, que embora constitua um corpo de materialidades expressivas para se pensar na relação da técnica com a cultura do jogo, expõe algumas fragilidades de uma concepção que dicotomiza a relação entre “homem e máquina” no contexto de discussão da implementação da tecnologia de vídeo e de suas atribuições.

³¹ Siqueira e Medeiros (2011) explicam a concepção da autora: “Destacamos aqui, como ‘produto’ representativo da tecnociência, a figura do ciborgue, que surge, como disse Haraway (2000), da transgressão das clássicas fronteiras entre animais e humanos, entre humanos e máquinas e entre o físico e o não-físico. Com estas transgressões, o ciborgue é uma mistura e produz misturas por muitos consideradas profanas. Expressando ironia, crítica e denúncia da separação entre natureza e cultura, o ciborgue reposiciona a relação entre seus elementos”.(SIQUEIRA e MEDEIROS,p.8 2011)

³² Cf. VAR: A história e os impactos da maior mudança na aplicação das regras do futebol (SILVA, 2020).

Se vamos apresentar o VAR e suas tecnicidades compreendidas a partir da complexificação desta relação, precisamos de antemão buscar fundamentos teóricos que explicitem e sedimentem nosso próprio entendimento sobre o papel dos objetos técnicos na sociedade e especialmente na cultura do futebol.

Vimos que uma das contribuições teóricas de Latour (1994) está na ideia de que Natureza e Sociedade precisam ser compreendidas em um mesmo plano simétrico. Também a partir de uma visão de alteridade entre os dois aspectos é possível pensar nos modos de existência dos artefatos que envolvem o VAR a partir de noções organizadas e introduzidas pela obra do filósofo francês Gilbert Simondon: “Do modo de existência dos objetos técnicos” (1989), em que autor propõe pensar sobre o processo de individuação, no processo de formação do indivíduo atravessado por sua prática relacional do ser humano com o mundo, com os meios, objetos com que ele se relaciona.

Um possível diálogo entre os dois autores foi recentemente proposto por Melo e Moraes (2016):

Para Latour (2007; 2012), o modo de existência é a chave para o que chama de pluralismo ontológico, compondo um sistema lógico alternativo para analisar a vida moderna e uma maneira de se contrapor a uma filosofia que propõe um modo de existência universal. Pensar nos modos de existência com Simondon é considerar o processo de individuação tanto dos seres vivos, como dos objetos técnicos, remetendo às maneiras de resolver continuamente suas tensões e incompatibilidades, de como interagem uns com os outros, de como se modulam nessa interação. No caso da tecnologia, o que se destaca em ambos é a proposta de estudá-la como alteridade, como diferença, como ser-enquanto-outro (MELO E MORAES, 2016).

A partir do exposto, buscaremos compreender como a técnica e o futebol constituíram a dinâmica de um jogo prestes a ser transformado pela acentuação dessa relação, que muitas vezes é percebida a partir das suas incompletudes. Neste sentido, a “ruína” ou a “salvação” do futebol são anunciadas semanalmente pela falação esportiva a cada nova intercorrência envolvendo o uso do VAR.

A tecnologia agora é parte do drama social que o jogo de futebol representa (DA MATTA, 1982), uma vez que é ator decisivo nos processos relacionados aos principais momentos do jogo. Ele se mistura a um debate afeito a polarizações, revelando algo de incômodo, um pouco do que a tecnologia traz de transformação para o esporte e para a sociedade.

É uma questão específica, que nos remete a um problema filosófico ampliado em que se relacionam de forma conflitiva as dimensões da técnica e da cultura. Simondon (1989) propõe pensarmos na potência da articulação destes dois conceitos, sem concebê-los como uma dicotomia que “mascara por detrás de um humanismo fácil uma realidade rica em esforços

humanos e em forças materiais e que constitui o mundo dos objetos técnicos, mediadores entre a natureza e o homem” (SIMONDON, 1989, p. 9).

Ao destrinchar suas operacionalidades, veremos logo adiante que o VAR é uma tecnologia estruturada para auxiliar os árbitros e não para destituí-los do seu papel central de mediadores das tensões e conflitos do jogo. Entretanto, o debate que se estabelece em seu entorno revela uma predisposição a dois tipos de percepções comuns que ampliam o raio de ação dos seus efeitos.

Como exercício, é possível imaginar este cenário polarizado a partir das visões extremas que Simondon (1989) nomeia de “tecnofílicas” e “tecnofóbicas”, posturas extremas que emergem de uma desorientação acarretada pela influência cada vez maior de máquinas e tecnologias no funcionamento das práticas e das organizações sociais.

Ainda em processo de estabilização, a configuração VAR e suas estratégias de inovação são reveladoras deste clima de revolta ou de celebração que dão o tom polemista ao debate público envolvendo a implementação da tecnologia de vídeo. Logo adiante, de forma indicativa, trago dois episódios que considero relevantes para elucidar como estas duas posturas têm se manifestado no cenário futebolístico.

Primeiro, destaca-se a própria ação de *marketing* realizada pelo agente inovador FIFA, utilizada para destacar e balizar a implementação da sua tecnologia. Giglio e Proni (2020) destacam a capa de agosto de 2018 da revista institucional “FIFA 1904” (Figura 3) como marca discursiva de uma mudança sem precedentes para o esporte: “As reportagens dessa edição exaltam a presença da tecnologia no futebol tomando-a como elemento essencial. Nesse escopo, o VAR é apresentado como uma melhoria importante e condição inevitável para o aprimoramento do *fair play* no futebol” (GIGLIO; PRONI, 2020, p. 762-763).

Figura 3 – Capa da revista da FIFA 1904 anunciando a implementação do VAR



Fonte: FIFA

Naturalmente, ao anunciar o VAR, a FIFA recorre a expressões e argumentos que aqui se aproximam de percepções tecnofílicas, apresentando o conjunto tecnológico como uma solução segura e inevitável, reveladora de um futuro do qual o esporte não pode mais se esquivar. Ainda neste capítulo, destacaremos qual é este “amanhã” prometido pela entidade máxima do futebol, a partir da análise de alguns de seus postulados de utilidade, que agora começam a ser revelados na medida em que visitamos um cenário preliminar à sua implementação.

O papel da FIFA é central no que diz respeito à oferta e construção de uma tecnologia eficaz, capaz de solucionar problemas históricos para o futebol. A figura de seu atual presidente, Gianne Infantino, também representa um status de mudança, não só do ponto de vista da organização do esporte no mundo, mas sobretudo relacionada a uma prometida mudança de comportamento na gerência dos recursos milionários da entidade, que alguns anos antes passava por uma crise severa de imagem, devido a investigações que revelavam escândalos de corrupção na FIFA e em muitas de suas confederações associadas³³.

³³ No ano de 2015, o Ministério Público Federal dos Estados Unidos revelou para o mundo inteiro um esquema de corrupção envolvendo importantes confederações de futebol em um esquema de compra de sede para competições

O VAR é apresentado ao mesmo tempo como um símbolo da justiça, do futuro e do progresso do esporte e de suas organizações. A FIFA precisa se reinventar para não se enfraquecer politicamente e a transformação na configuração jogo é importante neste processo de deixar para traz o futebol dos vícios, da corrupção. Os inovadores associam à máquina uma ideia de assepsia e idoneidade capaz de promover a limpeza de que o futebol tanto precisa. Discurso que pode ser notado logo na primeira coletiva dada por Infantino após a implementação do VAR na Copa do Mundo de 2018.

O futebol não está mudando. O VAR está limpando o futebol, tornando o esporte mais claro do que no passado. Estamos muito felizes de ter introduzido o VAR, e acho que hoje é difícil pensar numa Copa do Mundo sem ele. Certamente tem sido uma competição mais justa por causa do VAR, e isso era o que queríamos alcançar (INFANTINO, 2018)³⁴.

Voltaremos a falar da importância específica deste megaevento, que é tido pela entidade como o teste definitivo para introdução do VAR no futebol mundial. Entretanto, na discussão deste tópico, é possível destacar mais uma das falas de Infantino nesta mesma entrevista coletiva, na qual o dirigente sustenta seus argumentos por meio de uma investigação³⁵ quantitativa feita pela própria entidade, segundo a qual o índice de acerto da arbitragem nesta Copa teria sido 99,32%, graças ao auxílio do vídeo.

Não entraremos no mérito das metodologias utilizadas pela entidade para chegar a estes números (embora as sensações de estranhamento relacionadas a omissões no uso do VAR no próprio evento contraponham-se a esta versão de sucesso indiscutível de sua implementação).

O que merece ser destacado é a abordagem apologista e afirmativa da entidade que promete resolver para sempre problemas históricos e complexos do jogo de futebol, com a aplicação da regra de impedimento, marcada pela dificuldade em se estabelecer uma análise definitiva do lance que envolve o seu desenvolvimento espacial e temporal simultaneamente. “O gol em impedimento acabou no futebol. Você nunca mais verá um gol em impedimento. Porque, se você está ou não está impedido, é algo claro. As decisões estão mais claras, mais transparentes” (INFANTINO, 2018).

Nem tão claras assim...

organizadas pela FIFA. Sete dirigentes foram presos na operação denominada de *fifaagate*, dentre eles o ex-presidente da CBF, José Maria Marin. A história foi contada recentemente pela série “El presidente” e está disponível na plataforma digital da Amazon Prime Vídeo.

³⁴ Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/copa-2018/nunca-mais-vera-um-gol-em-impedimento-diz-infantino-ao-avaliar-uso-do-var-22881810.html>. Acesso em 12 jul. 2022.

³⁵ Disponível em: <https://www.fifa.com/tournaments/mens/worldcup/2018russia/news/refereeing-and-var-at-the-2018-fifa-world-cup-a-new-era-for-football>. Acesso em 12 jul. 2022.

No decorrer do texto, observa-se a partir de fatos empíricos como a regra do impedimento tem sido tensionada pelo uso do VAR, justamente porque a tecnologia não finda com as polêmicas derivadas do posicionamento dos jogadores em campo, embora tenham transformado as processualidades discutidas a respeito desses lances. A reboque de todas as estatísticas oficiais, esta tese é indicativa de um VAR que se reinventa e se atualiza, como sugere Melgaço (2020).

Discursos tecnofílicos se manifestam nas vozes de inovadores e adotantes, falas e gestos tecnofóbicos também se materializam de formas contundentes, como resultado do antigo mal-estar provocado pelas tecnologias na cultura.

Fosse o VAR reflexo do que anuncia a FIFA, estaríamos diante de um caso de sucesso sem precedentes para a história do esporte. Mais do que as confusões relacionadas à sua prática incipiente e ao seu uso ainda impreciso por parte dos operadores, nossas subjetividades e nossos sentimentos em relação à tecnologia derivam de considerações afetivas e pessoais, que se manifestam algumas vezes nos muitos espaços de coletividade evocadas pelo futebol em midiatisação, como veremos logo em frente.

Historicamente, a paixão clubística e a racionalidade dispostas pela esportificação nos colocam diante de alguns sentimentos contraditórios. Não por acaso, Nelson Rodrigues chamou o *replay* de burro, como fora comentado no tópico anterior. Para o torcedor, gostar ou não gostar do VAR é muitas vezes uma condição do efeito do que ele produz em termos de resultado para o seu time.

Em 2021, por exemplo, ao invadir a sua Arena após mais uma derrota³⁶ do Grêmio na campanha que rebaixou o time para a série B, torcedores não pouparam a cabine do VAR em campo (Figura 4), representativa de todo contexto de arbitragem – que ali não era tida como uma única responsável pelo fracasso do time, mas tornou-se alvo de uma frustração cumulativa e representativa de um campeonato nacional marcado por discussões sobre interferência excessiva da tecnologia.

³⁶ Jogo válido pela vigésima oitava rodada do campeonato Brasileiro de 2022.

Figura 4 – Torcida do Grêmio invade campo de jogo e destrói equipamento do VAR



Fonte: globoesprte.com

Por ora, esta imagem sugere algumas leituras, demonstrando como a FIFA/CBF e seus postulados parecem abatidos literalmente no solo do espetáculo esportivo e como as interações entre objetos humanos e não-humanos merecem investigações que percebam atores humanos e não humanos em um processo relacional de alteridade.

Brevemente, o que queremos mostrar aqui é que embora o futebol e a tecnologia por si só produzam polêmicas ilustradas por defesas e ataques apaixonados, característicos da falação esportiva, torna-se necessário encontrar novos caminhos para observação deste fenômeno. Busca-se com isso esquivarmos de perguntas reducionistas, como se o VAR é bom ou ruim, se funciona ou não funciona, se terá um futuro de pacificação e estabilização no esporte.

O caminho para compreensão da tecnicidade envolta pelo VAR parece estar na compreensão de sua ontologia, aspecto em que, para Simondon (1989), “o homem se torna o coordenador e o inventor permanente das máquinas que estão ao seu redor” (SIMONDON, 1989, p. 12).

O árbitro de vídeo e suas tecnologias (máquina) e o humano formam um conjunto, marcado pelas comunicações estabelecidas entre seres humanos, máquinas e suas relações. Dessa comunicação emerge uma nova humanidade em que “a tecnicidade deve ser considerada em sua relação com outros modos de ser do homem no mundo” (SIMONDON, 1989, p. 152).

O objeto técnico VAR proporciona, portanto, a compreensão de uma mediação, dotada de uma individualidade caracterizada pelas relações que estabelece em seu conjunto formado por outras máquinas, imagens, árbitros, especialistas em arbitragem, torcedores, jogadores e outros.

Corroborando com essa perspectiva, lembramos da relação entre homem e técnica estabelecida por Flusser (2008), em que o humano tem início na instauração do fenômeno técnico. Uma predisposição a ele estaria associada ao sentido de autopreservação da humanidade, como enfrentamento do que ele nomeia de entropia (tendência de desorganização e desagregação da natureza). A relação entre o VAR e os atores esportivos é de interdependência, porém também de tensão, seja manifesta ou latente.

Se é na relação com outro que se constituem máquina e homens, pensando com Flusser (2008), poderíamos voltar na história do jogo para refletirmos em como a técnica qualifica o futebol a partir da produção de tensões entre o homem e o objeto.

Neste sentido, o VAR é só um importante elemento de uma longa trajetória de construção do futebol, mediado por tecnologias de diferentes naturezas. Discorremos um pouco sobre este aspecto quando falamos da esportificação do jogo no tópico 2.3, ao comentar aspectos da tecnicidade relacionada ao seu processo de estabilização das regras, apresentando a implementação dos cartões amarelos e vermelhos, da relação da FIFA com a mudança nas orientações e com a extensa tradição envolvendo aparatos tecnológicos no contexto do futebol.

Olhar para o VAR é encarar o desafio de constituir minimamente algo relacionado a seu processo de individuação. Entretanto, a construção de uma “ontogênese” dos objetos técnicos esbarra, segundo Simondon (1989), na ilusória ideia de explicar uma tecnicidade por meio do seu uso prático, uma vez que nenhuma estrutura fixa corresponde a um uso definido e inflexível.

Em relação ao VAR, esse processo vai ficando mais nítido na medida em que seu uso e seus objetivos são colocados em circulação no acionamento de práticas e sentidos os mais distintos por meio da intervenção dos atores sociais.

Outras tecnologias implementadas no futebol não geraram tanto debate. Talvez isso se explique porque alguns objetos técnicos, segundo o autor, se encontram em uma forma mais primitiva, onde o seu funcionamento se revele de modo mais abstrato para os usuários, uma unidade material que é tida como acabada em si mesmo.

No futebol, um artefato técnico com essas características é a já referida tecnologia *Entrent Goal-Line Technology* ou Tecnologia da Linha de Gol, traduzida para o português. Foi adotada pela FIFA na Copa do Mundo de 2014. O artefato foi aprovado em 2012 pela IFAB. Nela, um chip implantado na bola, identifica quando a mesma ultrapassa ou não a linha do gol

a partir de um sistema eletromagnético, prometendo resolver um problema histórico do jogo: aquele relacionado à precisão na decisão do árbitro que envolve perceber se a bola ultrapassou inteiramente a linha do gol (Figura 5).

Figura 5 – Imagem gerada pela tecnologia *Entrtent Goal-Line*



Fonte: FIFA

Embora a inovação tenha sido aceita de forma geral pelo campo esportivo e seu uso tenha sido bem avaliado na Copa do Mundo de 2014, sua aplicação ficou restrita a algumas competições (com poucas intercorrências envolvendo problemas técnicos). O alto custo de sua implementação fez com que poucas federações a adotassem.

A unanimidade na aceitação da tecnologia do “gol não gol” pelos atores esportivos, contrasta com o enorme dissenso que cerca posteriormente a discussão sobre a implementação do Árbitro Assistente de Vídeo (VAR). Até então, as tecnologias agiam de forma pontual em jogadas específicas. A inserção do vídeo no campo envolve alterações mais profundas em sua dinâmica, presumindo a revisão de lances subjetivos, alterando padrões e aspectos relativos à temporalidade e espacialidade da partida de futebol. Trata-se de um objeto de sistema concreto, de usos, estruturas e funcionamentos heterogêneos, que incorporam ao seu funcionamento a ação humana.

Voltaremos a este tópico no momento de apresentar as operacionalidades do VAR, mas, antes, faz-se necessário identificar como este cenário de tensões entre a técnica e o jogo de

futebol constituiu um campo avesso à tecnologia de vídeo, contrastando com a fácil adesão desta tecnologia por outros esportes.

A construção de uma ontogênese deste artefato passa pela compreensão de uma transformação que se realiza para além da ação dos inovadores, pois também decorre de uma ambiência midiática e tecnológica, que conferiu ao processo um caráter de urgência.

A demora para a formulação e utilização de um dispositivo de vídeo no futebol revela a dificuldade de se estabelecerem consensos políticos no emaranhado de instituições e atores sociais responsáveis pelo funcionamento do esporte em escala global.

De certo modo, a racionalidade do funcionamento do jogo e sua disputa é permeada por outras tensões que se situam de modo latente nas camadas simbólicas e nas arquiteturas organizadas para buscar a vitória e a derrota. Outros esportes já fazem uso de dispositivos semelhantes ao VAR há mais de 40 anos.

Melgaço (2021) mostrou como alguns pesquisadores ingleses tentaram comparar o grau de intervenção do Árbitro Assistente de Vídeo com demais esportes, como o críquete e rúgbi. Aqui faremos nossa própria comparação com base na reportagem³⁷ do grupo *globoesporte.com*, apontando as processualidades do árbitro assistente de vídeo quando implementado em outros esportes, que serviram de parâmetro para a formulação dos manuais de uso do VAR.

A NFL (Liga de Futebol Americano) foi assumiu a dianteira na adoção do auxiliar de vídeo na arbitragem já em 1963 no contexto dos “esportes americanos”. Sua fase de testes foi concluída dez anos depois. Até hoje reformulações anuais são feitas acerca de seu uso. Trata-se, portanto, também, de uma inovação de natureza incompleta.

O acionamento do vídeo é feito a partir de um esquema complexo de normas que preveem a sua utilização em lances capitais, revisados a partir dos chamados desafios, que é quando os treinadores das equipes solicitam que um lance seja revisado, questionando a marcação dos juizes de campo. Deflagra-se um envolvimento estratégico explícito e previsto no funcionamento da tecnologia.

O sistema de desafios também é utilizado tanto no jogo de Tênis quanto nas partidas de Vôlei. Por se tratarem de esportes de menos contato entre os atletas e de regras menos interpretativas, seu uso é limitado à verificação de toques na bola ou revisão de bolas fora ou dentro de quadra. O desafio se incorpora às estratégias das equipes, que o utilizam não somente para revisão de lances, mas conferem ao jogo novos sentidos. Usam a prerrogativa de utilizá-lo a qualquer momento para interromper as partidas e cadenciar as disputas.

³⁷ Disponível em <https://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/pode-isso-arnaldo-saiba-como-tenis-volei-e-outros-esportes-se-adaptaram-ao-var.ghtml>. Acesso em 10 out. 2019.

Já no basquete, a utilização da tecnologia se dá de forma diferente. A principal liga do esporte no mundo, a National Basketball Association (NBA), permite utilização da tecnologia de vídeo em 18 situações de jogo distintas. Diferente dos outros esportes americanos, no basquete quem escolhe o momento de acionar é o árbitro de jogo, auxiliado por um árbitro de vídeo que se posiciona do lado de fora da quadra. A responsabilidade por seu acionamento é toda do corpo de arbitragem.

As experiências destes esportes contribuíram na constituição seminal dos postulados de utilidade do VAR. No decorrer do presente trabalho, tais postulados serão detalhados a partir da apresentação dos manuais de uso do árbitro assistente de vídeo. Protocolos formulados pela IFAB em contexto global e pela CBF em um contexto nacional.

Por ora, vale ressaltar que o futebol é um esporte conservador e ao mesmo tempo excepcional. É único por ser praticado exclusivamente com os pés e conservador por preservar em sua prática aspectos ligados a uma tradição que envolve divisão do tempo do jogo, uniformes, regramento e dimensões do campo.

O bordão utilizado pela FIFA para divulgação do VAR dizia: “Máxima eficácia, com mínima interferência”. A frase revela um VAR pensado para ter uma presença mais periférica nas dinâmicas do futebol. Busca-se interferir da menor maneira possível na configuração do jogo que pouco se modificou ao longo do século.

A tradição é um valor que faz frente à inovação. A resistência à tecnologia de vídeo é rompida mediante um cenário de urgências relacionadas à crise política da FIFA e também implicada por um contexto de emergência de tecnologias cada vez mais acessíveis e sofisticadas, que evidenciavam as defasagens da arbitragem em tempo real.

Em um recente artigo opinativo sobre a implementação do VAR para o site *Conjur*³⁸, o ex-árbitro de futebol brasileiro Sávio Espíndola Fagundes fez uma breve retrospectiva da aplicação da tecnologia VAR. O hoje comentarista de arbitragem lembrou que antes de adotar a tecnologia de vídeo, FIFA e demais federações buscaram soluções economicamente mais viáveis para a diminuição dos erros, que a cada dia se escancaravam devido aos ganhos de nitidez, alcance e velocidade de *replay* provenientes das inovações das tecnologias de transmissão esportiva.

Em 2010, a FIFA recomendou a presença de um quarto e um quinto árbitro no campo de jogo. Um juiz que ficaria atrás das balizas com o objetivo de assinalar possíveis irregularidades em lances capitais, ou seja, lances de gol.

³⁸ Disponível em <https://www.conjur.com.br/2018-jun-26/opiniao-var-copa-mundo-prerrogativas-arbitro#author>. Acesso em 10 nov. 19.

Segundo o ex-árbitro, a solução não foi suficiente para reduzir as polêmicas, uma vez que os erros não diminuíram de forma significativa. A limitação da interpretação humana saltava aos olhos e as discussões sobre a necessidade do VAR cresciam entre as instituições esportivas e atores sociais.

A necessidade da utilização de recursos técnicos emerge como proposição de uma instância elucidativa daquilo que escapava ao olhar do especialista (juiz). Estas injunções tecnificantes se dão em um contexto de transmissão televisiva em que a cultura da vigilância³⁹ já operava como discurso, a partir de inúmeros recursos utilizados pelos comentaristas na observância da aplicação das regras.

A adoção do VAR ocorreu em um cenário no qual graves erros de arbitragem foram identificados, assim como incidentes que passaram despercebidos. O caso mais famoso ocorreu na Copa do Mundo de 2014, quando o jogador Luis Suárez, do Uruguai, mordeu Giorgio Chiellini, da Itália, em partida válida pela fase de grupos da competição. O atleta uruguaio não foi punido no ato, mas, sim, após a partida, o que possibilitou a sua continuidade no jogo e, conseqüentemente, a possibilidade de influência no resultado da partida. Casos como esse impulsionaram a adoção do VAR, integrado em 2016 para testes e, em 2017, incluído oficialmente no regulamento *Laws of the Game* (“Regras do Jogo”) da International Football Association Board (Ifab) (FAGUNDES, 2018)⁴⁰.

A crescente presença de dispositivos móveis e de aplicativos com transmissão simultânea das partidas dentro dos estádios contribuiu para a formação de ambiente ainda mais acirrado entre atores esportivos e federações. Ora, se o torcedor dentro do estádio já tinha acesso aos *replays* instantâneos das jogadas, como exigir que o árbitro esteja alheio a tudo isso?

A discussão sobre a interferência externa nasce deste impasse. Dúvidas sobre a utilização clandestina do vídeo começam a pairar a respeito da atuação dos árbitros em diversos casos. O último e emblemático aconteceu em 2018, antes da implementação do VAR na Copa do Brasil. A anulação do gol do atacante da Ponte Preta, Hugo Cabral, feito no jogo contra a equipe da Aparecidense, virou tema de debate jurídico.

O clube paulista conseguiu provar que o gol do seu atacante foi anulado graças a interferências externas. Após o gol, o jogo ficou parado por 16 minutos, houve invasão de campo, e os atletas relataram que alguns desses invasores passaram a informação de que o gol estava impedido. O caso foi explicitado por matérias

³⁹ A vigilância do VAR no campo de jogo suscita paralelos com discussões sobre a problemática da vigilância na sociedade atual. Abordo conceitualmente o termo e suas implicações na sociedade em midiatização no decorrer de nossas análises.

⁴⁰ Disponível em: http://m.espn.uol.com.br/blogs/salviospinola/606379_tempo-de-jogo-e-dimensoes-sao-sempre-iguais-regra-18-explica-e-mostra-que-nem-sempre-e-assim. Acesso em 20 ago. 2019.

O Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) considerou a decisão do árbitro ilegal, anulou a partida e suspendeu o juiz Eleutério Felipe Marques Junior por seis meses dos gramados. O lance explicitava que ainda que a tecnologia de vídeo não estivesse institucionalizada no corpo de regras das competições, ela já estava implicada radicalmente na ambiência da partida.

O acesso facilitado do torcedor aos lances do jogo e a rigorosa e criteriosa avaliação dos comentaristas de arbitragem (amparadas por diversas tecnologias de imagem) configuram este cenário em que a regulamentação do VAR tornava-se cada vez mais urgente, aguçando o seu processo de inovação e fazendo a FIFA recorrer de fato aos “laboratórios científicos” para construir uma tecnologia que conseguisse reunir o conjunto de demandas e especificidades da relação do futebol com suas regras.

2.4.2 *Dos laboratórios à adoção da FIFA em suas competições*

O VAR e seus artefatos tecnológicos interferem diretamente nas ações em campo de jogo. Para compreender os seus modos de uso e os protocolos criados pela FIFA referentes à sua utilização, buscaremos no vocabulário da Teoria Ator-Rede (TAR) ou *Actor Network Theory* (fundamentados sobretudo pelos autores Michel Callon, Bruno Latour e Madelaine Akriacas) aspectos que nos ajudem a compreender duas dimensões relacionadas ao processo de inovação estabelecido em rede.

Uma primeira pertinente ao seu plano de ação diretamente implicado pelo trabalho de laboratório em que ele foi pensado. E um segundo voltado à rede que ele cria entre atores humanos e não-humanos, transformando as ações e interações no campo de futebol.

No vocabulário próprio da TAR⁴¹ – que, segundo Latour (1994;2001), tem como objetivo “descrever as trajetórias de instauração” –, destacaremos alguns conceitos chave, a começar pela ideia de *actante*, um agente e um ator humano ou não-humano capaz de influenciar e alterar as redes em que está inserido. Neste caso, são muitos os actantes presentes na configuração VAR, desde os *softwares* e câmeras aos documentos e agentes institucionais relacionados à FIFA, que programam seu uso, criam novas funções para os árbitros e novos protocolos de ação para os atores esportivos.

⁴¹ Lemos (2013) explicita que a TAR está inserida no domínio dos Estudos da Ciência e da Tecnologia, traduzido do inglês *Science, Technology and Society* (STS). Segundo o autor (2013), ela teve como influência a etnometodologia, o pós-estruturalismo, o projeto epistêmico de Michel Foucault e o conceito de rizoma proposto por Gilles Deleuze.

Este conjunto heterogêneo de actantes conectados forma uma *rede*. Em uma dimensão abrangente, compreendemos que esta rede se espraia criando relações e interações para fora do campo de jogo, para fora do campo esportivo – inscrevendo relações no campo político, econômico e midiático. Já *tradução* ou *translação* dizem respeito justamente às conexões criadas pelos actantes, sejam elas mobilizações, mediações, sobreposições ou interferências.

O VAR ainda é cercado pelas *controvérsias*, dissensos e discordâncias presentes nas conexões e associações dos seus actantes. Como veremos, o VAR é marcado por suas incompletudes e por isso é definido por Melgaço (2021) como um dispositivo em atualização. Talvez com o tempo a inovação se estabilize, de modo a criar a *caixa-preta*, que por sua vez significa a estabilização ou estagnação provisória do artefato na medida em que arrefecem as controvérsias ao seu redor.

A ideia de *inscrição* também nos parece ser importante para este momento do trabalho, uma vez compreendida como uma mediação dos *scripts* (LEMOS, 2013). Tais ações são sempre frutos de hibridismos e resultam em escritos relacionados a máquinas e mapas gráficos. A inscrição é a criação ficcional relacionada à criação do fato científico, produzido por exemplo em laboratórios.

Seguiremos neste momento os rastros destas inscrições para compreender a produção científica em torno do VAR, buscando essa fabricação científica presente nos manuais, documentos que regem os postulados de seu uso.

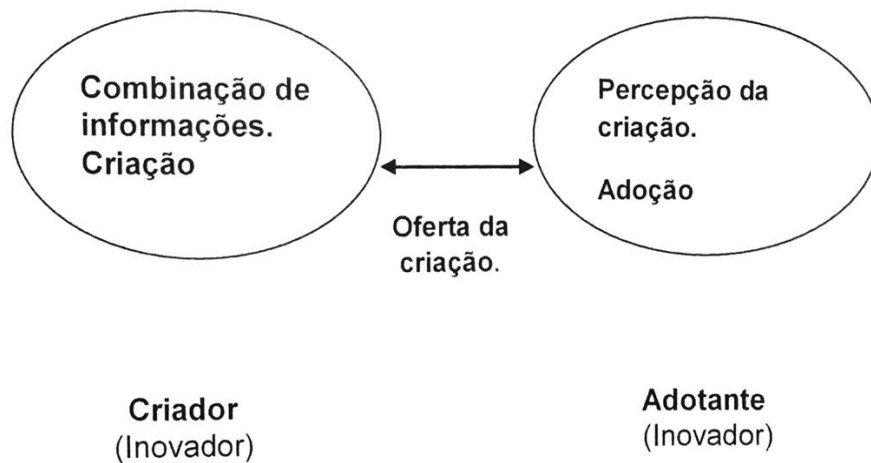
Assim como as demais inovações, esta surge das disputas internas e externas do campo científico. Na obra *Vida de laboratório* (1979), Latour e Woolgar (1997) apresentam a necessidade de estudos relativos a uma ciência em construção, diferente de uma perspectiva vigente que pouco valorizava o papel do contexto social no processo laboral das inovações. Os autores, a partir de uma observação etnográfica em laboratórios, perceberam que os cientistas ao mesmo tempo que produzem enunciados, precisariam garantir a partir de inúmeras estratégias a aceitação do seu produto. O trabalho científico é uma construção social, um jogo complexo de negociações entre diferentes atores sociais.

Os autores descartam visões unilaterais deste processo de inovação, que preconizam só aspectos relacionados aos laboratórios ou apenas aqueles relacionados ao seu uso. Interessa olhar para suas negociações que se dão tanto por processos internos (ligados à invenção, sobre a qual o autor chama de fato científico), quanto externos (ações de adoção e rejeição de determinados produtos). Neste sentido, concluem que internamente o que cientistas almejam é uma

credibilidade garantida pelo funcionamento técnico da inovação em determinado contexto social. Já externamente a invenção lida com a heterogeneidade de acionamentos dos mais diversos campos sociais.

Com a finalidade de ilustrar este processo de interação no processo de laboratório, trago as contribuições de Nunes Leite (2009, p. 77), que, a partir do acoplamento das perspectivas sobre inovação de Shumpter (1969) e Rogers (1988), localiza o conceito de inovação em dois espaços distintos: um primeiro voltado à criação e um segundo direcionado à adoção (Figura 6).

Figura 6 – Locais diferenciados do processo de inovação



Fonte: Nunes Leite, 2009, p. 77.

Nunes Leite (2009, p. 21) afirma que o primeiro espaço estaria voltado para criação, compreendido posteriormente por “laboratório”, e o segundo como o espaço da sociedade, que adota e faz usos do produto. Esses espaços não estariam isolados, uma vez que seria identificada uma convivência entre eles, conforme explica a autora:

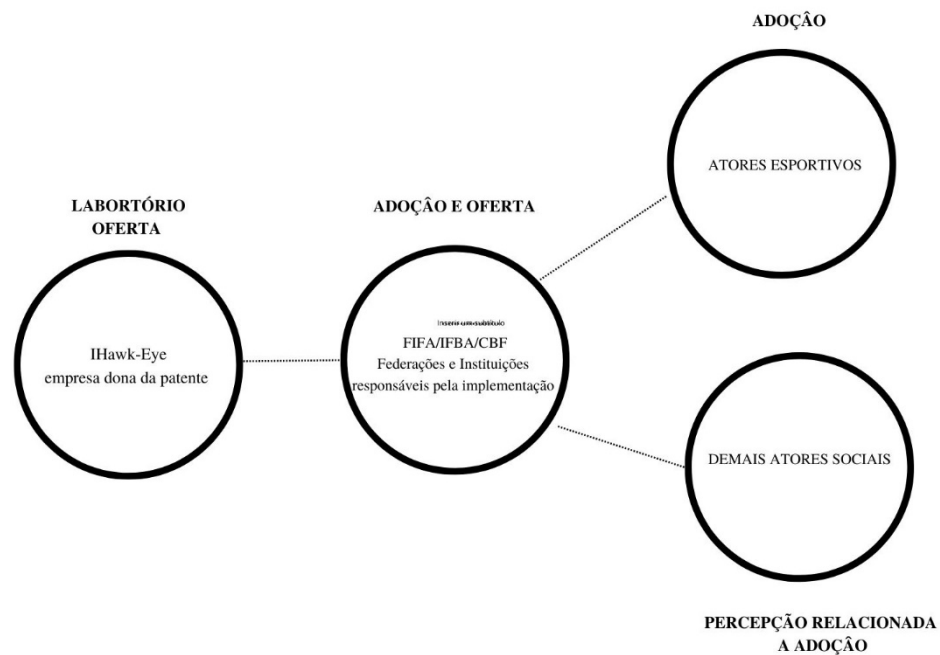
Ao pensarmos nessa reconfiguração, percebemos relações – convivências – ou “contaminações” – que trazem para o laboratório aspectos do mundo social. Isso fica mais evidente quando consideramos o processo de inovação tecnológica. Esta é o resultado de vinculações que, inicialmente, provocam um laboratório para a pesquisa e, depois, para a constituição de um invento, com a finalidade de que este circule na sociedade, e atenda às expectativas do mercado (NUNES LEITE, 2009, p. 22).

O lugar do contato e das contaminações descritas revela uma característica importante relativa à natureza das inovações, que não se dão apenas pelo espectro de sua deliberação científica ou tecnológica, mas das demandas, anseios e desejos da sociedade. Uma vez posto em

circulação, segundo lógicas e gramáticas distintas, o projeto de inovação passa por ajustes advindos das demandas que são externalizadas por outras gramáticas e lógicas, por parte dos consumidores.

No caso do VAR, redesenhamos, na Figura 7, estes locais diferenciados, apresentando dois locais distintos da adoção: o campo de jogo e sua agonística e a produção simbólica advinda dos acontecimentos deste campo.

Figura 7 – Locais diferenciados do processo de inovação do VAR



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das noções apresentadas por Nunes Leite (2009).

Tal perspectiva nos dá uma dimensão de como o VAR trabalha como uma concepção de adotantes ampliada, percebida pelos atores esportivos e pelos atores sociais que, como espectadores e torcedores, também experienciam o futebol espetacularizado, interferindo no seu processo de produção e também redefinindo os modos de seu uso.

Antes de ser pensado pela empresa *Hawk-Eye* como uma tecnologia e como um “sistema de processadores de vídeo para rastreamento de bola em jogos com bola”, o VAR já era especulado, nomeado, teorizado e legitimado de forma coletiva na falação esportiva, como vimos no tópico anterior, pois conjecturas e discussões acerca de um melhor modelo eram levantadas após cada erro grosseiro da arbitragem.

A Figura 7, apresentada anteriormente, distingue duas instâncias relacionadas à oferta. Uma primeira ligada aos processos do laboratório da empresa e uma segunda relacionada às

instituições do futebol que adotam as tecnologias, mas também atribuem modos de uso à oferta, de modo que estas respondem mais pela inovação do que a empresa desenvolvedora, como veremos ao longo do trabalho.

A autoria e os créditos pela inovação tecnológica entendida por VAR, ou seja, a construção do fato científico destacada por Latour (2001), está envolta por uma delicada negociação entre a empresa e as instituições que regulam o futebol. A demanda espontânea do campo esportivo por uma tecnologia de vídeo eficiente levou muitos inventores a pensarem em sistemas semelhantes ao VAR.

Com isso, a propriedade intelectual da tecnologia usada pela FIFA está cercada também por disputas no campo jurídico. Atualmente, existem dois casos principais de cientistas que acusam a entidade de plágio e brigam pela patente da invenção.

O primeiro, mais divulgado, é o do pesquisador Francisco Antônio López Romera. Ele registrou em 1999, no Registro Geral da Propriedade Intelectual (órgão que pertence ao Ministério da Cultura e da Educação da Espanha), um projeto denominado por “El Fútbol Del Siglo XXI”⁴². Em entrevista dada ao jornal espanhol AS⁴³, em 2017, o pesquisador afirmou que pediu auxílio de José Maria García Aranda, ex-árbitro de futebol, para mediar a sua proposta com a FIFA e nunca obteve resposta. Na entrevista ele afirma que:

Eu desenvolvi o sistema e a única coisa que García Aranda fez foi copiar toda a informação. Tenho cópias de um monte de e-mails que troquei com ele. Recordo-me que ele me disse que para apresentar o projeto inicial à FIFA, teria que retirar todos os logotipos da minha empresa. Quando lhe disse que tínhamos que fazer um contrato de confidencialidade, este deixou de existir. Toda a informação que enviei é exatamente igual ao VAR atual (LÓPEZ, 2017).

Do outro lado do oceano, um engenheiro boliviano fez recentemente uma alegação semelhante. Fernando Méndez Rivero pede na justiça 500 mil dólares de indenização à entidade, uma quantia bem menor do que a que o espanhol exige como ressarcimento: 350 milhões de euros. Um preço mais condizente com a magnitude desta inovação tecnológica, que começou a ser utilizada em campeonatos de futebol profissional de todo o mundo.

As disputas jurídicas envolvendo inovações tecnológicas no futebol são antigas. O brasileiro Heine Allemagne, criador do spray utilizado em jogos de futebol para demarcação do posicionamento de barreiras e cobranças de falta, está desde 2017 em uma briga judicial com a

⁴² “O futebol do século XXI”. Tradução nossa.

⁴³ Disponível em: https://as.com/futbol/2017/10/13/mas_futbol/1507854251_047957.html. Acesso em: 07 dez. 2020.

FIFA. Os casos ressaltam a dimensão coletiva que a técnica assume no futebol, povoando imaginários e práticas para além dos processos regulatórios das instituições que o gerenciam.

Os dois projetos descritos anteriormente são muito semelhantes ao da FIFA, tanto em suas funções e operações, como na motivação para que fossem criados: erros de arbitragem contra seus clubes. Ambos os inventores alegam que pensaram no projeto após verem os seus times de coração serem prejudicados em jogos decisivos. Isso reforça a hipótese de que o VAR é fruto de um problema coletivo do mundo esportivo. Da Bolívia à Espanha, o que se pretende como a principal oferta desta inovação tecnológica é a justiça no campo de jogo.

Abrir as caixas pretas da patente do VAR revela aspectos da política presentes neste artefato (WINNER, 2018). Para isso, seguimos algumas pistas deixadas por Melgaço (2021), que trouxe em sua dissertação alguns aspectos relacionados à patente do VAR. Segundo o autor, ela está registrada no sistema universal de propriedade intelectual com o nome *Processor Systems for Ball Tracking in Ball Games*, que pode ser trazido como “sistemas de processadores de vídeo para rastreamento de bola em jogos com bola”, pela empresa *Hawk-Eye* (MELGAÇO, 2021, p. 67).

Sobre a patente, o autor explana:

Essa patente foi publicada em 2001 e seus inventores são David Sherry e Paul Hawkins. A empresa Hawk-Eye Innovations, fundada por um grupo de engenheiros, detém a propriedade industrial da patente do VAR. Por sua vez, a Hawk-Eye foi adquirida pela Corporação Sony em 2011. A patente que informa o VAR é a mesma patente que do sistema “Hawk-Eye” do tênis, do críquete, entre outros. Qualquer outra tecnologia para rastreamento de bola também será informada por essa patente e, portanto, propriedade da Hawk-Eye. “Hawk-Eye” identifica a empresa de mídia e também é o nome do seu primeiro produto (o sistema para auxiliar arbitragem no tênis “Hawk-eye” – que garantiu sua popularização (...)).

Dessa forma, precisamos lidar com a ambiguidade de redação característica aos documentos de patente cujos proprietários são orientados pelo lucro imoral. Essa ambiguidade se manifesta em função do interesse estratégico/industrial na escrita de um texto específico suficiente para provar a eficiência e o ineditismo técnico da “nova invenção”, ao mesmo tempo em que precisa ser amplo ou vago na medida correta para garantir abrangência e controle do documento da patente sobre outras tecnologias. Isto é, o texto precisa ser técnico e específico o suficiente para ser aprovado universalmente como uma “nova invenção”, mas precisa também adotar uma postura abrangente na técnica de redação para garantir a posse (poder) sobre outras tecnologias, sejam inovações futuras sejam passadas (MELGAÇO, 2021, p. 67-68).

A descrição do autor referente ao processo de patente do VAR nos remete novamente aos processos de inscrição dos laboratórios, que precisam negociar e criar um fato científico em torno deste artefato de forma a garantir o reconhecimento pelo processo laboral. Ela também coloca em diálogo as tecnologias de transmissão e de controle de jogo, lógicas midiáticas que serão mais agudamente destrinchadas no próximo capítulo. Os documentos da patente revelam

aspectos relacionados à tecnologia implícita nos artefatos que constituem a configuração VAR. Entretanto, é a partir de documentos oficiais relacionados aos protocolos de uso e reportagens oficiais feitas pela própria FIFA que vamos apresentar as operacionalidades do VAR, no Quadro 2.

Quadro 2 – Circunstâncias em que o VAR pode ser utilizado

Circunstância	Descrição
GOLS	O gol é lance sobre o qual cabe intervenção do VAR quando se nota qualquer interferência em sua processualidade, seja para anula-lo ou validar um gol em que de forma equivocada tenha sido marcada alguma infração. Os gols são checados pelo Árbitro Assistente de Vídeo que pode ajudar a compreender se houve ou não falta durante a jogada O impedimento é analisado com auxílio do <i>software</i> especializado em traçar as linhas e o paralaxe. Nesse caso a decisão é tomada da cabine (VOR) e o árbitro de campo acata a decisão vinda da configuração.
Penalidades Máximas	O VAR pode chamar árbitro de campo ao deflagrar irregularidades na marcação ou não marcação de faltas dentro da grande área.
Cartões Vermelhos	O VAR pode ser acionado em casos de infração passíveis de expulsão direta que passem despercebidas pela arbitragem no campo de jogo. O Árbitro é chamado para conferir o lance no vídeo e toma sua decisão soberana.
Erros na identidade de jogadores	Neste caso o VAR é quem avisa o árbitro, caso haja algum erro na atribuição de cartões para os jogadores.

Fonte: FIFA, 2018.

As orientações que regulamentaram o uso do VAR no futebol foram publicadas no site oficial da IFAB. A entidade, após promover estudos e consultar treinadores, atletas, árbitros e ex-árbitros, além de especialistas na tecnologia de vídeo para esporte – optou por escolher implementar um sistema de uso semelhante ao empregado pela *NBA* (principal liga de basquete dos Estados Unidos). Sistemas de desafios foram preteridos, embora tenham sido cogitados durante o período de considerações.

O ex-árbitro Sálvio Espindola Fagundes (2018) explica que o modelo escolhido pela federação prevê que o árbitro principal de campo tenha a prerrogativa de iniciar a revisão das jogadas. Os árbitros assistentes de vídeo tem sua ação restrita aos processos de recomendação.

Desta forma, o árbitro de campo pode inclusive ignorar as recomendações, escolher não olhar as imagens ou discordar das ponderações dos assistentes.

Nomeia-se genericamente por VAR todo complexo sistema que é composto por um árbitro assistente, um técnico de imagem e toda tecnologia de vídeo envolvida na estrutura da revisão das jogadas. O assistente deve agir apenas em lances considerados capitais do jogo: lances em que há gols, pênaltis, advertências com cartões vermelhos e erro de identificação de um jogador infrator (quando um atleta é advertido no lugar do verdadeiro transgressor).

A Figura 8, abaixo, tem como objetivo ilustrar como os profissionais de arbitragem ficam distribuídos na cabine do VAR, a sala de operação de vídeo (VOR), sigla em inglês que significa *Video Operation Room*.

Figura 8 – Foto da interface do VAR no campo de jogo durante a Copa do Mundo de 2018



Fonte: FIFA (2018)

Nessa cabine, a orientação IFAB é que haja quatro profissionais durante a realização da Copa do Mundo. Um VAR responsável pelas revisões de lances passados, um AVAR 1 que checka as imagens em tempo real, o AVAR 2 que opera o *software* da linha de impedimento e dois operadores de *replay*, técnicos, funcionários da empresa responsável pela patente do VAR.

Fagundes (2018) explica que a revisão do VAR é contínua. Ou seja, se dá durante todo o tempo da partida. O AVAR 1 é quem checka as imagens em uma câmera geral. Quando nota algo errado, avisa o VAR para que o mesmo acione o árbitro de campo por meio de um sistema de rádio. O AVAR 2 é quem opera o software da linha de impedimento e decide se o lance é

ou não regular. As cabines do VAR possuem recursos tecnológicos que possibilitam a aceleração e diminuição dos frames, além de um software capaz de traçar linhas de impedimento visuais, que auxiliam na decisão do juiz de campo.

Ainda há o AVAR 3, que assiste o jogo por ângulos diferentes, buscando infrações fora do lance de jogo. A cabine do VAR recebe imagens de todas as câmeras presentes para a transmissão da partida, cerca de 18, no caso dos jogos do campeonato brasileiro. Normalmente estas imagens são cedidas pelas emissoras detentoras dos direitos de transmissão dos campeonatos, que por sua vez contratam produtoras especializadas neste tipo de cobertura.

O assistente de vídeo só pode ser acionado quando o jogo está parado. Se o juiz autorizar o seu reinício, a jogada anterior não poderá ser mais revista. Na cabine posicionada na lateral do campo, só o árbitro pode estar presente. O juiz analisa as imagens que são editadas pelo técnico responsável.

Este juiz, por sua vez, tem a prerrogativa de ir ou não até a cabine de vídeo. Se escolhe não ir, simplesmente dá sequência ao jogo parado, acolhendo ou não a observação do assistente de vídeo. Ao ir na cabine ele dá início a todo um protocolo visual, utilizado para informar os espectadores do estádio e da TV sobre a sequência de ações a serem tomadas.

É neste momento que o árbitro gesticula com as mãos indicando o formato de uma tela e se dirige à cabine para rever a jogada. Ao voltar da cabine, repete o gesto e sinaliza sua nova decisão. Em algumas ligas, como na Inglesa, essa sinalização se dá de forma mais clara. O telão do estádio demonstra qual jogada e por qual motivo ela está sendo revisada.

Todo o protocolo do VAR, conforme a descrição acima, está escrito nas normas da IFAB ou nas cartilhas das federações, que por sua vez promoveram cursos para capacitação e esclarecimento de todos os atores esportivos a partir das condições locais de cada federação.

No próximo capítulo, iremos comentar as particularidades do VAR nas competições nacionais, adaptadas para um cenário do espetáculo esportivo mais modesto economicamente, com menos profissionais e às vezes com menos infraestrutura para análise. Também faremos paralelos entre o trabalho destes profissionais com os técnicos que trabalham nas transmissões do futebol.

Por ora, vale ressaltar que em março do ano de 2016 a *International Football Association Board* (IFAB) aprovou a utilização do árbitro de vídeo. A adoção da tecnologia seria feita primeiro por meio de testes – estruturados pelas federações e competições que escolhessem utilizá-la. Ao contrário das ligas norte-americanas, a introdução do VAR no futebol seria feita de forma fragmentada. Cada país, representado por suas federações, implementaria a tecnologia de acordo com suas necessidades e possibilidades.

Após a reunião inaugural, o presidente da FIFA, Giané Infantino, divulga uma nota na qual celebra a decisão. O mandatário afirma que o assistente de vídeo irá ajudar a melhorar a integridade e a igualdade do jogo. Relacionando a implementação da tecnologia às mudanças na administração da entidade, ele transforma a inovação em um capital político, visando explorar a imagem de uma FIFA modernizada, diferente daquela marcada por escândalos de corrupção durante os mais de 30 anos de gestão de Joseph Blatter e João Havelange, seus antecessores.

Pouco a pouco, as federações adotaram ao seu modo a tecnologia de vídeo. A *Major League Soccer* (liga americana de futebol) é pioneira e incorpora o VAR às regras do jogo no ano de 2016. Em 2017, a liga australiana e a *bundesliga* (principal liga do futebol alemão) adotam o VAR em suas principais competições. Testes são feitos em torneios de menores relevância na Inglaterra, Espanha e Itália no mesmo ano.

A própria FIFA testa o VAR na Copa do Mundo de Clubes em 2016. Entretanto, é em 2018, durante a sua implementação na Copa do Mundo da Rússia, que a tecnologia de vídeo ganha contornos de institucionalização universais, criando um padrão de utilização que passa a ser seguido pelas demais federações nos anos posteriores.

A implementação do VAR no mundial veio acompanhada dos primeiros questionamentos relacionados à sua necessidade e efetividade. O VAR entrava na pauta de discussão dos noticiários esportivos, no debate entre os atletas, árbitros, ex-árbitros, comentaristas e torcedores.

Já no primeiro jogo da Seleção Brasileira, na competição contra a Suíça, o VAR foi fortemente criticado pela imprensa local, antecipando discussões que se intensificariam conforme a tecnologia adentrasse o cotidiano esportivo. Em duas ocasiões envolvendo ataques do time canarinho, o árbitro decidiu não dar ouvidos ao VAR, ainda que tenha sido alertado por seu assistente. No mais polêmico, o juiz não marcou pênalti para a seleção, mesmo com a indicação de contato na área pelo árbitro assistente de vídeo, conforme visto na Figura 9, abaixo.

Figura 9 – Frame de lance utilizado pelo VAR no jogo de estreia da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2018



Fonte: El Pais (2018).

As primeiras polêmicas indiciárias relacionadas à utilização do VAR no mundial foram rebatidas pela IFAB e pela FIFA, que divulgaram um relatório sobre a eficácia do uso da tecnologia de vídeo. O ex-árbitro Sálvio Espindola fez um resumo do relatório, que classifica a experiência como bem-sucedida:

- > 56,9% das revisões foram em lances de pênalti ou gol, média menor de 5 de revisões por jogo.
- > Checagem de cada lance durou, em média, 20 segundos, 68,8% dos jogos não tiveram revisão.
- > Média de um erro claro a cada três partidas.
- > Índice de acerto de 98,9% em lances revisados
- > Impacto decisivo no resultado do jogo em 8% dos jogos.
- > Média de revisão de 60 segundos por lance (39 via comunicação interna e 70 em casos de consulta no campo).
- > A média de tempo perdido é menor que 1% do tempo total de jogo. Um erro considerado claro não foi corrigido em 5% dos casos (1 a cada 20) (FAGUNDES, 2018).

Após a Copa do Mundo, ligas do mundo inteiro adotaram o VAR a partir dos moldes sugeridos pela FIFA durante o mundial. No Brasil, a tecnologia foi implementada primeiro no campeonato estadual de Pernambuco em 2017, nos jogos finais da Copa do Brasil em 2018 e nas principais competições estaduais e nacionais em 2019. Neste contexto nacional, concentram-se as ocorrências que constituem nosso caso em midiaticização, que serão apresentados no capítulo 4.

Agora, quatro anos depois, os árbitros serão auxiliados pela tecnologia em uma segunda Copa do Mundo, e seus protocolos seguem sendo debatidos por especialistas e torcedores do mundo inteiro.

Esta inovação, de modo mais acentuado do que outras relacionadas ao esporte, tem apresentado uma natureza que é fonte de incompletudes relacionadas à sua dimensão interpretativa. Neste sentido, é importante salientar que sua principal oferta está relacionada à resolução de uma longa construção da noção de injustiça no campo esportivo (provocada por erros relacionados à arbitragem), com a qual atores e instituições se relacionam em seu cotidiano, construindo um universo simbólico de memórias repletos de “e se?”, que também constituem a cultura do jogo de futebol (TONET, 2020). Desse modo, assinala-se o papel de outras gramáticas presentes no jogo que suscitam por sua vez outros postulados para sua leitura.

Ao consultar uma bibliografia recente relacionada à implementação do VAR no futebol de um modo geral, constata-se a predominância de uma narrativa oficial sobre este processo de inovação, marcado por eventos e deliberações de sua entidade maior – a FIFA.

Do ponto de vista deste trabalho, nos interessa compreender esta narrativa dentro de um universo ampliado de sentidos, ativados ora por parte das instituições e ora pelos indivíduos, torcedores e consumidores do espetáculo esportivo.

Este arranjo tecnológico inacabado nos coloca diante de um amplo debate sobre os processos de inovação no pensamento sociológico e comunicacional. Seguimos com Latour (2001) para pensar nas circunstâncias envolvidas no processo de construção da tecnologia, que extrapolam ações autossuficientes dos agentes inovadores, que por sua vez submetem as configurações do dispositivo às expectativas e práticas dos indivíduos deste rigoroso contexto esportivo.

Uma ação estratégica bem-sucedida lançada por parte dos inovadores seria capaz, segundo o autor, de convocar um contexto favorável à implementação daquilo que está sendo oferecido. Pensando no cenário do futebol espetacularizado (seus engendramentos econômicos, políticos e também toda a passionalidade que o rodeia), constata-se que, embora o futebol não crie um ambiente de consensos favoráveis às inovações, as próprias disputas e fissuras do jogo produziram ao longo dos anos expectativas e demandas relacionadas à presença de dispositivos tecnológicos como solução para os problemas identificados.

Nestes primeiros quatro anos de uso do VAR no futebol (2018-2022), observa-se justamente esta disjunção de expectativas entre os dois polos. Por um lado, este longo contexto de injustiças provocadas por erros de arbitragem em jogos e competições produziram um ambiente favorável para a adoção de um modelo inovador de arbitragem de vídeo. Por outro, o surgi-

mento de novas modalidades de “erros” de arbitragem marcados pelas processualidades tecnológicas geraram novas demandas, desconfortos e questionamentos relacionados à adoção do dispositivo.

Veremos que estas discussões características dos processos de inovação se materializam nos discursos midiáticos produzidos pelos sujeitos, coletivos e instituições – suscitando a partir das disputas do jogo de futebol questões mais profundas da sociedade em midiaticização. O conceito é dialético (COULDRY e HEEP, 2020) e central para compreendermos como se transformam as tecnologias, as mídias e a comunicação na mesma medida e intensidade que se transformam a cultura e a sociedade.

Neste sentido, iremos observar estas transformações direcionando o olhar para a circulação dessas materialidades (discursos midiáticos sobre o VAR no Brasil), que permitiram uma abordagem multilinear e processual sobre esta inovação em uma dimensão local.

No capítulo seguinte, os conceitos chave de midiaticização e circulação serão refletidos, sobretudo a partir da sua abordagem por autores latino-americanos. Busca-se assim perceber a inovação a partir do engajamento dos atores sociais e instituições que se engajam midiaticamente, disputando sentidos sobre o jogo de futebol e sobre o papel que o VAR tem desempenhado em seu contexto.

Miège (2016) nos oferece a chave para compreender a inovação como um problema da comunicação e sobretudo da midiaticização:

A midiaticização não está mais restrita à comunicação das empresas, organizações e instituições. Porém, as últimas, sem dúvida em razão da relativa novidade de suas ações comunicacionais, são muito facilmente postas nas redes digitais com a disseminação das TIC, particularmente depois da abertura da Internet ao público. E tudo leva a crer que os dispositivos mais recentes (blogs, plataformas colaborativas, que põem em sinergia os sites de informação e os celulares, etc.) serão completamente colocados a serviço das ações comunicativas e contribuirão para reforçar as relações públicas generalizadas (MIÈGE, 2016, p. 30).

Fugindo de noções determinísticas, localizamos o VAR neste contexto de intensas transformações atravessadas por inovações tecnológicas, mas que precisam, segundo o autor, ser compreendidas como “um construto social complexo e mesmo altamente conflituoso, em relação ao qual não podemos prever as formas que assumirá, em nada reduz a importância dessas determinações” (MIÈGE, 2016, p. 25).

Observando este cenário conflituoso, é possível tentar descrever o caminho desta inovação social, concretizada como VAR, mas resultando de lógicas sociais implicadas pelas ações

comunicativas de atores sociais, instituições e coletivos em mediação, como veremos a seguir no processo de constituição de um problema de pesquisa que busca inserir a inovação em uma problemática pertinente à circulação.

3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS: O VAR COMO UMA INOVAÇÃO NA SOCIEDADE EM MEDIATIZAÇÃO

3.1 Sobre as pesquisas em futebol e mediatização

Destacamos anteriormente a maneira como o VAR é percebido como um objeto de estudos que suscita uma interdisciplinaridade particular relacionada ao seu processo de inovação, à sua tecnicidade e também às suas implicações nas processualidades interdependentes, que influenciam nas dinâmicas e regras do jogo de futebol.

Olhar para as áreas vizinhas antes de circunscrever nosso objeto em uma visada teórico-analítica da Comunicação é parte de um movimento que descrevemos no item 2.1, onde Braga (2011a) sugere distinguirmos o ângulo da interação comunicacional de olhares que privilegiem objetivos de outras disciplinas. Neste sentido, traçamos um panorama geral relacionado à implementação da tecnologia de vídeo no futebol, buscando perceber como questões próprias da comunicação emergem destas visadas adjacentes e podem ser conduzidas e tensionadas de formas produtivas a partir de teorias próprias desenvolvidas pela disciplina.

Cabe destacar que anteriormente convocamos alguns conceitos e algumas leituras específicas de outras áreas, não com a intenção de passear por conceitos, mas com o propósito de fazer um sobrevoo panorâmico para percepção mais abrangente de aspectos relacionados ao fenômeno a ser analisado.

Curioso perceber que a encruzilhada da interdisciplinaridade, por sua vez, é convocada tanto pelos estudos da comunicação como pelas investigações sobre o futebol. Gastaldo (2020), ao discutir um panorama das metodologias empregadas na produção de estudos da Comunicação relacionados ao tema, sugere que esta interface tem um caráter indisciplinar, uma vez que “sem pular algumas cercas não se avança nesse campo” (GASTALDO, 2020, p. 407)⁴⁴. Aconselha, entretanto, uma interlocução zelosa, qualificada, que contribua tanto para o avanço de nosso entendimento sobre Comunicação como também para nosso entendimento sobre futebol.

O desenvolvimento do futebol espetacularizado, tal qual conhecemos, está conexo ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no final do século XIX e de outras tecnologias que apontam para importantes transformações da sociedade moderna. Inovações relacionadas à fotografia, ao cinema, ao rádio e posteriormente à televisão diminuem a distância

⁴⁴ Voltaremos a este aspecto no momento de discussão metodológica utilizada para análise do material empírico. Neste texto, o autor apresenta três caminhos teóricos e metodológicos que podem ser úteis para quem deseja estudar a comunicação e o esporte, como a perspectiva antropológica, a análise do discurso midiático e a análise histórica.

entre partes diferentes do mundo, “ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra” (GIDDENS, 1990, p. 6).

O cenário possibilita o desenvolvimento concomitante dos meios e da expansão da prática do futebol pelo mundo. No Brasil, Gastaldo (2020) nos lembra que a convergência entre os dois fenômenos foi o que possibilitou a expansão da compreensão do jogo e da prática do futebol, além do surgimento de inúmeros produtos derivados de sua prática profissional, criando assim um processo reflexivo em que as inovações tecnológicas provocam e também são provocadas pelas transformações nas dinâmicas do espetáculo esportivo.

Este processo reflexivo se explicita em momentos chave da história do esporte, como nos mostra o autor, que elenca alguns paralelos indicativos desta relação, como o fato da primeira Olimpíada da Era Moderna (1896) ter sido realizada no ano seguinte à primeira sessão pública de cinema (1895); outrossim, a Copa do Mundo de 1938 ensejou a primeira transmissão de rádio intercontinental, enquanto a Copa de 1998 foi também a ocasião da primeira transmissão internacional de televisão de alta definição; a transmissão em 4k da Copa do Mundo do Brasil em 2014, dentre outras transformações tecnológicas, que como o VAR são apresentados em megaeventos, cuja visibilidade e importância ecoam em escala global. (GASTALDO, 2020)

Mais do que fenômenos paralelos, esporte e mídia constituíram-se mutuamente. A característica “espetacular” (isto é, “para ser vista”) inerente às competições esportivas e seu poder de mobilização coletiva (pela metonímia que coloca nações ou bairros dentro de campos, pistas ou ringues) articulam perfeitamente com o surgimento de jornais impressos em rotativas, destinados a grande número de leitores, em pleno processo de expansão urbana na virada do século (GASTALDO, 2011, p. 41).

Fato é que as transformações tecnológicas ligadas à comunicação modificam as formas de interação e de organização das sociedades ao longo do tempo. Infraestruturas que mudam qualitativamente as relações e interações entre os sujeitos e as instituições. Uma história da mediação tem sido contada de formas diferentes pelos estudiosos da comunicação.

Para descrever sua história, Couldry e Heep (2020) falam em quatro principais ondas de transformação (mecanização, eletrificação, digitalização e sobre um presente momento marcado pela datificação), marcas temporais bem definidas associadas à grande influência dos usos tecnológicos na organização das sociedades. Do telegrafo às redes sociais os autores discutem as transformações qualitativas do ambiente midiático.

Antes deles, porém, Verón (2014) apresentou uma perspectiva ainda mais prolongada da mediação, observando as transformações na organização das sociedades relacionadas aos produtos e aos resultados da semiose humana.

A midiatização certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. Essa capacidade foi progressivamente ativada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas. Entretanto, algumas das consequências estiveram presentes em nossa história evolucionária desde o início e afetaram profundamente a organização das sociedades ocidentais muito antes da modernidade (VERÓN, 2014, p. 14).

Neste trabalho, tomamos como referência a perspectiva prolongada e antropológica de Verón (2014), não para tentar explicar as origens e rastros simbólicos do futebol, buscando elementos de sua constituição em sociedades antigas que há séculos já trançavam a bola com os pés, mas por compreendermos que tal perspectiva nos ajuda a ler as externalizações de fenômenos midiáticos como pré-condição para existência de sistemas sociais complexos (VERÓN, 2014).

Neste sentido, vamos procurar no VAR e em seu processo de implementação marcas deste tempo que podemos nomear de midiatização profunda, midiatização digital, dentre outros termos utilizados para localizar o atual estágio de midiatização da sociedade. Situar o VAR e o futebol moderno dentro do contexto de ondas de transformações tecnológicas bem definidas não significa compreendê-lo a partir de uma conexão de influência das tecnologias sobre as relações humanas, mas sim como processo e resultado da experiência semiológica que constrói, inclusive, os artefatos tecnológicos.

Entretanto, compreendendo a pluralidade de acionamentos do conceito de midiatização lavrados pelo mundo, torna-se necessário perguntarmo-nos o que de fato queremos dizer quando nos referimos a um processo de midiatização do futebol. É verdade que a articulação dos dois fenômenos faz referência aos produtos e às atividades profissionais que se estabelecem em torno dessa interface. Entretanto, neste trabalho, propomos uma ideia mais abrangente da midiatização do esporte, que circunscreve a atividade midiática nas práticas das instituições esportivas, dos atores sociais, que vivenciam o futebol não só nos processos de produção, mas também a partir da sua recepção ampliada, que age e confere novos sentidos ao jogo.

Os trabalhos produzidos até aqui, que escolhem este viés de observação do esporte na midiatização, parecem discutir, cada um à sua maneira, a integralidade desses aspectos elencados acima. Alguns se voltam especificamente para a produção e circulação simbólica derivada do espetáculo esportivo, outros ainda escolhem observar aspectos relacionados às práticas do jogo atravessado pelas lógicas midiáticas.

Como forma de entendimento deste cenário, comentaremos alguns trabalhos que tangenciam esta interseção, que a princípio demonstra o caráter abrangente e as diferentes perspectivas presentes nos estudos da comunicação e do esporte.

Dentro de um universo de dezenas de grupos de pesquisa especializados em esporte, destaco o trabalho de um, sobre o qual é possível encontrar algumas pistas de como o futebol vem sendo relacionado ao problema comunicacional: o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME), vinculado à UERJ e coordenado pelo pesquisador Ronaldo Helal.

Há quinze anos, o grupo investiga o tema a partir das suas representações midiáticas. A extensa obra de Helal e o importante volume de trabalhos produzidos pelo grupo mostram como os diferentes produtos midiáticos são importantes na construção das identidades e imaginários do futebol no país⁴⁵.

Olhar para o que se diz sobre o futebol na mídia é o caminho escolhido por muitos trabalhos que buscam refletir sobre este fenômeno social por meio das materialidades extraídas, principalmente, dos meios de comunicação tradicionais – construindo relações com a transmissão e massificação do fenômeno esportivo.

Já no começo da década passada, Gastaldo (2005) deslocou esse olhar da produção do espetáculo esportivo para a observação de uma recepção ampliada no futebol, revelando aspectos importantes dessa ambiência transformada pela midiatização – conceito que foi introduzido pelo autor no debate da comunicação e do esporte. “Considerando a dimensão essencialmente social do contexto da recepção do futebol midiatizado, acreditamos ser importante investigar a sociabilidade envolvida na sua recepção coletiva” (GASTALDO, 2005).

Neste sentido, em seu trabalho de viés etnográfico, o autor buscou observá-la em jogos assistidos em bares de Porto Alegre - RS, em que a recepção da transmissão esportiva era atravessada por ruídos e aspectos técnicos dos dispositivos locais e também pelos aspectos interacionais ligados ao comportamento dos torcedores.

Ao longo dos anos, pode-se observar no PPGCC da Unisinos, mais precisamente na Linha de Pesquisa 4 (Linha de Pesquisa em Midiatização e Sentido), o aparecimento de alguns estudos que trabalham a interface da midiatização com o esporte, a partir da proposição de pesquisadores da linha. Para este exercício, escolhemos comentar dois trabalhos recentes produzidos pela linha, que são reveladores de uma mudança na forma de olhar para o produto simbólico advindo do espetáculo esportivo.

⁴⁵ Também precisamos destacar o trabalho realizado pelo Grupo de Trabalho (GT) Esporte e Comunicação na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), promovido anualmente.

Da Silva (2017) trabalhou com a perspectiva do “futebol midiaticizado”, investigando especificamente a relação complexificada entre jornalistas especializados (setoristas) e os clubes de futebol. O autor comparou os conteúdos midiáticos relacionados ao Esporte Clube Internacional produzidos pelo Zero Hora com as produções institucionais do time. O trabalho destacou tensões provenientes da dissolução dos papéis entre jornalista e fonte. Uma vez que o Clube se autopromoveu da condição de personagem para enunciador, contando ao seu modo, para o seu torcedor, os principais acontecimentos relacionados ao Internacional.

O fenômeno das TVs institucionais que se popularizaram em clubes de futebol pelo mundo inteiro é de fato uma importante marca deste futebol atravessado pela midiaticização, como nos mostra Da Silva (2017). Por outro lado, é importante salientar que não só as instituições, mas atores anônimos passaram a produzir conteúdos relacionados aos seus clubes, em um fenômeno descrito por Fausto Neto (2010) como a circulação dos sentidos engajados por vários campos sociais pelas bordas, aparte dos saberes especializados estabelecidos pelo campo dos *media*.

Os clubes enunciadores, por sua vez, passam a exercer um papel que extrapola o campo esportivo, se posicionando politicamente e socialmente diante de questões mais abrangentes da sociedade, como os problemas estruturais de racismo e homofobia. Foi o que a dissertação de mestrado de Nathalia Da Silva (2022) buscou entender, investigando as ações estratégicas via midiaticização, promovidas pelo Esporte Clube Bahia e na interação que estabelece com seus coletivos de torcedores no ambiente digital.

Em meu trabalho de dissertação, procurei demonstrar como discursividades de um jornalismo tradicional passam a ser atravessadas por marcas de um jornalismo amador, que emerge na época em função das lacunas relacionadas à cobertura do circuito competitivo de futebol de várzea da cidade de Belo Horizonte - MG.

Para observar as transformações do esporte amador, escolhi investigar de perto parte do cotidiano esportivo do Inconfidência Esporte Clube (IEC) - time de futebol amador que se encontra enraizado nas práticas sociais e cotidianas de um tradicional bairro tradicional da cidade, o Concórdia, localizado na região nordeste de Belo Horizonte.

O estudo buscou perceber iniciativas amadoras de cobertura do circuito competitivo de futebol amador da cidade. Engajamentos possibilitados pelo acesso aos dispositivos móveis e outras tecnologias digitais que possibilitam novas leituras do fenômeno a partir dos próprios atores sociais que o vivenciam.

Estas leituras convivem com os discursos de instituições midiáticas da região, importantes no processo de organização de dois dos torneios mais relevantes da categoria no estado:

Por um lado, instituições ligadas ao campo dos *media* são responsáveis pela cobertura e organização de dois dos torneios mais relevantes da categoria: A Copa Itatiaia⁴⁶ e o Torneio Corujão. Por outro, o circuito também passou a reverberar, especialmente na última década, em novos espaços de interação virtual por meio dos dispositivos móveis, redes sociais, blogs e sites independentes que fazem sua própria cobertura e leitura do futebol amador (SILVA, 2017, p. 3).

Sobre esta ambiência de interpenetrações discursivas, torna-se necessário repensar nos métodos e teorias utilizadas para a investigação de fenômenos compreendidos em um momento denominado neste trabalho como “sociedade dos meios” (BRAGA, 2015).

Este é o momento da história da midiatização que marca a ascendência da influência do campo dos *media* sobre os mais diversos campos sociais (BRAGA, 2015). Os processos midiáticos conferem autonomia suficiente para o estabelecimento de um campo autônomo que modifica as figurações de atores sociais e instituições.

Os vínculos entre esporte e meios estariam subsumidos às “lógicas das mídias” (BRAGA, 2015). Processos discursivos e econômicos que influenciam e controlam certas instâncias do esporte espetacularizado centralizam as discursividades e as produções simbólicas derivadas do esporte. Entretanto, as transformações da midiatização provocam mudanças qualitativas nos processos interacionais, descentralizando parte da influência dos meios de comunicação tradicionais sobre o esporte.

Tais mudanças e reconfigurações do processo comunicativo despertaram, nos últimos 30 anos, o interesse de pesquisadores diversos para a temática da midiatização. O pesquisador inglês Nick Couldry e o alemão Andreas Hepp (2020, p. 54) recentemente apresentaram a midiatização como “um conceito que nos auxilia a analisar criticamente a inter-relação entre as transformações nas mídias na sociedade, por um lado, e as transformações na cultura e na sociedade por outro” (COLDRY E HEPP, 2020, p. 54).

Na midiatização, as mídias não são percebidas como algo externo à sociedade, são inerentes a ela. Se integram aos seus processos interacionais e não apenas incidem efeitos na realidade social:

Não se trata de um conceito sobre efeito das mídias, mas sim de um conceito dialético - de mão dupla - para compreender como as transformações da cultura e da sociedade se entrelaçam às transformações mídias e na comunicação. Não podemos teorizar as

⁴⁶ “Em Minas Gerais a Rádio Itatiaia, fundada em 1952, é a referência na cobertura esportiva do estado. Não só em termos dos números de sua audiência, dominados amplamente pela emissora, Quando a emissora completou 10 anos, mais precisamente na transição da temporada de 1961 para 1962, decidiu criar uma competição com os clubes amadores para celebrar o seu aniversário. A competição tinha inicialmente 12 times da várzea da capital e foi vencida pelo tradicional Pompéia” (SILVA, 2017, p. 62).

mídias e as comunicações como influências ‘externas’ sobre a cultura e a sociedade pela simples razão de constituírem integrante delas (COLDRY E HEPP, 2020, p. 54).

A definição conceitual oferecida pelos autores europeus permite o tracejo de paralelos e distinções com as investidas latino-americanas, referências para este trabalho, sobretudo aquelas implicadas pelos esforços empreendidos por docentes e discentes da linha de pesquisa 4 do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.

Este trabalho não tem como objetivo fazer um detalhamento epistemológico de diferenciações e aproximações entre as correntes de estudo, embora em algum momento desta trajetória seja importante traçar um panorama breve sobre o entendimento que autores europeus como Livingstone (2008); Hepp (2014; 2020); Couldry (2015; 2020); Hajvard (2014) fazem do conceito.

Tal apresentação, por sua vez, será apresentada neste contexto como auxiliar para comparação e justificativa da predominância do arcabouço teórico escolhido. A priori, cabe enfatizar que tal escolha está relacionada sobretudo à importância dos estudos latino-americanos, que, influenciados por Eliseo Verón, elegeram a circulação como um dos eixos centrais da mídiatização já no final do século XX.

Ainda que nossa perspectiva teórica relacionada às noções de esporte e de mídiatização partam de referenciais preferencialmente nacionais e latino-americanos, torna-se relevante destacar que há um movimento global de percepção das relações entre esporte e mídia. Importantes contribuições como da autora Kirsten Frandsen (2014) capturam este movimento:

Em relação aos grandes esportes existentes, as mídias digitais aceleraram e multiplicaram a quantidade de comunicação sobre eventos e em particular sobre esportes celebridades, e assim criaram um vórtice de incontrolável e imprevisível conteúdo em torno de grandes eventos esportivos televisionados (Whannel 2002). E novos tipos de interação social entre estrelas do esporte, torcedores e profissionais da mídia representam novos desafios para indivíduos e organizações preocupados com a gestão de comunicação, bem como para jornalistas esportivos (Sanderson 2011; Steensen 2012; Frandsen 2012 (FRANSEN, 2014, p.541)⁴⁷

Em comum com nossa abordagem destacamos, sobretudo, que estamos diante de um processo de retroalimentação que se modifica e se acentua com a proeminência dos dispositivos digitais entre os atores esportivos e midiáticos.

⁴⁷ Traduzido do original: “In relation to existing major sports, digital media have speeded up and multiplied the amount of communication about events and in particular about sportscelebrities, and thus have created a vortex of uncontrollable and unpredictablecontent around big televised sports events (Whannel 2002). And new types of social interaction between sports stars, the fans, and media professionals pose new challenges for individuals and organizations concerned with the management of communication, as well as for sports journalists (Sanderson 2011; Steensen 2012;Frandsen 2012)” (FRANSEN, 2014, p.541).

Entretanto, esta relação não é nova. Se por um lado as mídias ao longo dos anos formataram o futebol e demais esportes como espetáculo, por outro é o próprio esporte que ao longo da história contribuiu para formulação de uma série de procedimentos do jornalismo e das coberturas de eventos “ao vivo”. Agora, este novo estágio da midiática oferece novas reconfigurações não só do esporte, mas também do fazer esportivo e jornalístico profissional.

Para Ferreira (2016), há uma distância na compreensão sobre o problema comunicacional, que na perspectiva dos nórdicos estaria dando pouca atenção ao lugar da circulação nos processos comunicacionais.

A nossa inferência é de que alguns desses autores não tomam a questão comunicacional-midiática como central, conforme as linhagens de pesquisa em comunicação (a relação da produção com o problema da recepção, dos usos, do consumo). O foco são as relações entre processos midiáticos e processos sociossimbólicos sem a mediação de questões e problemas inaugurados pela comunicação midiática (cuja lógica remete à tríade produção, recepção e circulação). Miège (2006) e Peraya (1999) são os mais próximos dessas reflexões desenvolvidas nas correntes sul-americanas, cujos polos estão em grupos de pesquisa na Universidade Nacional de Rosário, na Universidade de Buenos Aires e no grupo a que pertencemos (FERREIRA, 2016, p. 200).

Todo este preâmbulo é importante para localizarmos o momento histórico que envolve a implementação deste dispositivo, período de complexificação das interações e relações sociais, que possibilitam inúmeras abordagens relacionadas ao VAR em pesquisas acadêmicas.

Acreditamos que estes caminhos implicam diferentes dimensões trabalhadas pelos estudos da midiática que iremos apresentar a seguir. Conceitos analíticos que serão tensionando a partir de categorias próprias de observação dos caminhos percorridos pela inovação estudada.

3.2 O futebol ao sol e à sombra do campo dos media

A disposição dos tópicos e a organização dos trabalhos apresentados até aqui podem sugerir uma espécie de cronologia do desenvolvimento e profissionalização do esporte, na qual localizamos a adoção da tecnologia de vídeo dentro de um processo de midiática de longo prazo.

No entanto, isto não significa que estejamos reconhecendo um processo evolutivo, no qual novas lógicas, configurações e disposições do jogo de futebol espetacularizado se atualizam de maneira que os novos produtos substituam os anteriores. Tais lógicas, como veremos em Braga (2015), a seguir, se imiscuem, se acoplam e muitas vezes disputam primazias de sentidos a partir da instalação de novos circuitos e de uma ambiência midiática transformada.

Portanto, neste movimento de afunilamento das questões em direção à problemática da midiáticação, torna-se necessário apresentar aspectos relacionados a um período precedente a este que vivemos. Aquele que marca o processo de mercadorização e espetacularização do esporte a partir de uma relação de retroalimentação entre o fenômeno midiático e esportivo.

No tópico 2.1, foi abordado de que modo a questão da comunicação gravitou como referência para outras áreas de conhecimento no último século. Também explicitamos como o futebol se estabeleceu dentro do campo esportivo neste período a partir de uma organização própria, com uma estrutura social autônoma constituída por agentes que compartilham de um *habitus* específico⁴⁸.

Brevemente, buscamos refletir aqui sobre a teoria dos campos sociais, proposta por Bourdieu (1983) para compreender o funcionamento das disputas entre os agentes internos nestes espaços simbólicos, para em seguida acionarmos algumas leituras que fazem uso do conceito no processo de delimitação e explicitação do campo dos *media*, um campo autônomo marcado pelo exercício profissional do jornalismo e de reflexões acadêmicas relacionadas à disciplina.

Para Bourdieu, campos são “espaços estruturados de posições (...) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes” (BOURDIEU, 1983, p. 89).

A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específica (BOURDIEU, 1983, p. 90).

Interessante pensar nessas disputas internas e externas a partir de um entendimento de jogo esboçado pelo autor, que se diferencia de perspectivas mais objetivistas dos estruturalistas⁴⁹ e que, em certa medida, segundo o próprio autor, descrevem o mundo social a partir da

⁴⁸ “O conceito de hábitos na visão de Bourdieu (1983, p.89) dá ênfase às experiências passadas dos indivíduos que funcionam como matriz de percepções, produto de trajetórias anteriores. Embora em sua obra também se possa relacionar o “*habitus*” ao significado de adaptação, no qual ele funciona como um processo de ajustamento do sujeito no mundo”.

⁴⁹ Também na concepção de Eliseo Verón (2013), Levi-Strauss, pertencente à tradição estruturalista, está preso no paradigma saussuriano da mediação central da linguística entre ciências humanas e ciências naturais. Para Verón, este paradigma perde força diante da complexidade social porque se borra a fronteira entre frase e discurso (signo/significado em Saussure, som/sentido em Levi-Strauss). O autor será utilizado de forma recorrente nesta tese a partir de noções apresentadas no tópico seguinte.

linguagem das regras. Se Lévi- Strauss, citado por Bourdieu (1983), utiliza a noção de regras para explicar o casamento, o autor francês prefere descrevê-lo a partir das estratégias – conceito explicado por meio do uso da noção de *sentido de jogo*, observado por exemplo nos esportistas⁵⁰.

É preciso inscrever na teoria o princípio real das estratégias, ou seja, o senso prático. Ou se preferirmos, o que esportistas chamam de sentido de jogo, como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo; que se adquire pela experiência de jogo e que funciona (BOURDIEU, 1983, p. 79).

As estratégias podem ser compreendidas como processos reguladores de uma norma prática de determinado campo social e os *sentidos de jogo* são cambiantes. Elas tensionam as regras e seus funcionamentos internos.

Aforisticamente, é possível pensar como o VAR se insere dentro do jogo de disputas neste espaço social, moldado a partir das estratégias de atores que possuem o domínio *habitus* esportivo: que pressupõe uma aprendizagem específica de uma retórica de conhecimento voltada para as processualidades do alto grau de diferenciação de um grupo de indivíduos em relação a outros.

Ao observar as práticas (*habitus*) internas de um grupo, Bourdieu diferencia os Campos. Neste sentido, cada um possui uma dinâmica interna específica e, em seu interior, os indivíduos que o compõem compartilham as mesmas regras, transformadas e tensionadas por esses mesmos agentes ou por outros que trazem distintos capitais simbólicos durante os processos de estabilização.

Embora a definição de campo esportivo de Bourdieu (1983) não faça referência a todo sistema que envolve esporte espetacularizado e sim ao *habitus* compartilhado pelos esportistas em suas atividades cotidianas, podemos pensar na maneira como o campo dos *media* transformou a atividade dos esportistas em narrativas midiáticas, que por sua vez provocaram efeitos colaterais na própria atividade esportiva.

⁵⁰ As estratégias podem ser compreendidas como processos reguladores de uma regra prática. Elas tensionam as regras e os campos sociais. No futebol estes tensionamentos se dão sobre o espaço social de um campo esportivo sólido, descrito por Bourdieu (1983) no texto “Como ser esportivo” (1983). Nele, o autor discorre sobre as relações presentes no esporte, que constrói simbologias e estratégias próprias que fizeram com que o autor o percebesse como um campo relativamente autônomo dentro da sua teoria dos campos. “A correspondência, que é uma verdadeira homologia, é estabelecida entre o espaço das práticas esportivas, ou, mais precisamente, o espaço das modalidades diferentes finamente analisadas da prática de jogo esportivos diferentes, e o espaço de posições sociais. Está na relação entre estes dois espaços que as propriedades pertinentes de cada prática esportiva estão definidas” (BOURDIEU, 1983, p. 154).

O final do século XIX e o começo do século XX marcam processos de inovação e desestabilização de alguns processos internos desses campos, que refletem em um período histórico da midiaticização nomeado por Couldry e Heep (2020, p. 67) como um processo de eletrificação.

Trata-se de uma mudança qualitativa do ambiente da comunicação que exigiu um empreendimento e um esforço econômico tanto do setor privado como público no processo de construção de uma infraestrutura capaz de lidar com a interligação dessas novas mídias que se difundiam por cabos, redes elétricas e rede de radiodifusão. O telégrafo eletrônico, por exemplo, diminui as distâncias terrestres e oceânicas, o rádio e finalmente a televisão individualizaram as relações dos sujeitos com as tecnologias, agora mais presentes nos lares e nos ambientes privados.

Fato é que a eletrificação também dinamiza os processos técnicos de períodos precedentes como o da mecanização, aumenta e acelera a produção dos jornais impressos, fazendo com que um ambiente midiático envolva as relações sociais cotidianas. O futebol como fenômeno é fomentado por uma incipiente imprensa esportiva, que não só cria discursividades sobre o jogo, mas que é também responsável por difundir a sua prática a partir da divulgação e explicação de suas regras.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e os modos como eles passam a interferir nas relações sociais nos remetem à noção do campo dos *media*. Rodrigues (2000) destaca como ele se consumou como um campo autônomo na segunda metade do século XX.

A consumação da autonomização do campo dos *media* só virá, no entanto, a ocorrer com o advento da modernidade tardia, no termo da fragmentação dos campos sociais que surgiram com a primeira modernidade. É só na segunda metade do século XX que se coloca a questão da compatibilização da legitimidade de cada um dos campos sociais com a dos restantes campos (RODRIGUES, 2000, p. 24).

Se no começo do século XX os esportes e o futebol ocupavam pequenas páginas nos finais dos jornais impressos do Brasil, a virada do século já apresentava um cenário de práticas constituídas por um vasto campo profissional marcado pela diversidade de especialistas envolvidos com a trama do jogo: narradores de televisão, comentaristas, especialistas, comentadores de arbitragem, setoristas que cobrem o dia-a-dia dos clubes. Um campo profissional vasto, sustentado pela publicidade que muitas vezes via o jornalismo esportivo como o carro chefe das audiências.

Vimos no tópico 2.2 como o esporte profissional e o campo midiático estreitaram suas relações políticas e econômicas – a publicidade e o marketing esportivo dão novos contornos

ao espetáculo, representado exponencialmente pelos megaeventos internacionais, organizados pela FIFA e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Recordemos que futebol e meios de comunicação de massa são fenômenos datados de um mesmo período. Desenvolveram-se de forma concomitante durante o século XX, constituindo-se como fenômenos importantes para se pensar as relações sociais deste período.

Os processos econômicos que engendram o futebol se transformaram na esteira do desenvolvimento do modelo capitalista, que primeiro se estabeleceu com base no desenvolvimento da produção industrial e na acumulação de capital no começo do século XX. Já o capitalismo financeiro atual é a fase caracterizada pelo desenvolvimento de práticas relacionadas à especulação financeira.

Neste sentido, o futebol não é apenas produto midiático, mas também é capital. Jogadores são mercadorias. Cada vez mais clubes se transformam em empresas com ações e participação no mercado financeiro.

Os efeitos relacionados a esta fase do capitalismo reverberam tanto nos processos midiáticos como nos processos esportivos. A datificação oferece uma infraestrutura que condensa este capital, transformando-o em números que se integram ao cotidiano das instituições e dos atores sociais.

Esporte e o campo dos *media* são atravessados por vultuosos investimentos e o desenvolvimento do *marketing* esportivo é crucial para entendermos este engendramento. Em uma linha do tempo construída por Neto e Cavalcante (2020), alguns personagens destacam-se como precursores deste processo.

A raiz das relações comerciais dos atletas profissionais com as marcas esportivas é contada em diversos livros e documentários a partir da relação conflituosa e de inimizade declarada dos irmãos Adolf Dassler e Rudolf Dassler, que herdaram uma sapataria do Pai e constituem duas das maiores empresas de material esportivo do mundo: Adidas e Puma, respectivamente.

Não nos interessa entrar em detalhes, nem em uma comparação de valores comerciais praticados no início dos anos 1960 até os dias atuais, mas destacamos neste momento que a história da espetacularização midiática do esporte está relacionada à sobreposição dos interesses econômicos em relação aos valores antes constitutivos do campo esportivo, como as regras olímpicas do amadorismo – vigentes até a constituição da Carta Olímpica de 1978 – que na verdade, segundo Neto e Cavalcante (2020), já vinham sendo desrespeitadas há mais tempo,

com registros de contratos e aproximações das empresas com atletas datados dos anos 1950 e 1960⁵¹.

No futebol, a figura de João Havelange é crucial para o entendimento desta relação íntima das empresas de mídia com o esporte profissional. A vitória do dirigente brasileiro sobre o inglês Stanley Rous (crítico da comercialização exacerbada do futebol) para a presidência da FIFA em 1978 não representava apenas a ascensão e prestígio do futebol brasileiro diante do mundo, mas marca a vitória de um modelo de esporte espetacularizado e globalizado, aberto a patrocinadores, fornecedores de material esportivo e empresas especializadas em *marketing* que asseguram os lucros e a comercialização de tudo aquilo que possa ser relacionado às competições organizadas por estas instituições.

Para se ter uma ideia, só com direitos de televisão, Neto e Calvacante (2020) estimam que a Copa do Mundo de 2014 tenha gerado uma receita U\$S 2,4 bilhões para a entidade máxima do futebol, enquanto as Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016 geraram outros 2,35 bilhões para o COI.

A Fundação de Estudos e Pesquisas Econômicas (FIPE), que apoia o Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) aponta dados ainda mais impressionantes. Segundo o instituto, só o a Copa do Mundo de 2014 propiciou a injeção de R\$ 30 bilhões na economia brasileira.

Os números dizem respeito a um processo de mercadorização do espetáculo esportivo, que vai além dos processos comerciais envolvendo os contratos de televisão e os contratos com os atletas: da economia informal presente nas barraquinhas que vendem feijão tropeiro na entrada dos estádios à camisa oficial do clube comprada em suas respectivas lojas.

A televisão e a transmissão ao vivo destes eventos tornam-se, portanto, peça chave na construção deste produto esportivo. Por um lado, COI e FIFA se asseguram de que as imagens serão produzidas em um alto padrão de qualidade, que se sofisticam ano após ano. Também garantem a exclusividade na aparição das marcas dos patrocinadores e permitem que apenas os detentores dos direitos de transmissão utilizem a identidade visual do torneio. As imagens, por sua vez, são geradas por uma única produtora contratada pela instituição e são distribuídas uniformemente de um modo que telespectadores do mundo inteiro assistam instantaneamente aos mesmos ângulos e tomadas das disputas.

⁵¹ Segundo Neto e Cavalcante (2020, p. 234), Dassler convenceu o técnico Alemão Seep Herberg de que os atletas de sua seleção teriam mais chances de vitória na final Copa do Mundo de 1954 com as chuteiras projetadas pela marca esportiva em ascensão. Ninguém imaginava que anos depois este tipo de acordo renderia cifras importantes e contratos individuais milionários para os atletas.

O desenho que fizemos do esporte espetacularizado até aqui demonstra o protagonismo da televisão no processo de desenvolvimento do futebol. Ao longo dos anos, a TV constituiu uma linguagem própria para a transmissão esportiva: *replays*, tira-teimas, comentaristas ao vivo, narradores, inserções de marketing e gráficos informativos com tempo de jogo, escalações e substituições.

Por outro lado, o estádio e o espetáculo “original” também se moldam para acomodar as lógicas televisivas, como bem descreve Galeano (2012, p. 35): “Hoje em dia, o estádio é um gigantesco estúdio de televisão. Joga-se para a televisão, que oferece a partida em casa. E a televisão manda”.

Este aspecto é crucial no entendimento do VAR como parte de uma infraestrutura televisiva que, se por um lado herda lógicas da transmissão como *replays* e tira-teimas, por um outro cria novos momentos de tempo morto para o espetáculo televisionado, que precisa se adequar à sua atorização, como veremos ao longo do trabalho.

Esta nova relação foi analisada por Barros (2019) em sua dissertação de mestrado, que examinou a transmissão de 64 jogos da Copa do Mundo de 2018, buscando compreender como a televisão lidaria com os momentos relacionados à atividade VAR. O autor identificou alguns padrões, mas também ruídos neste processo, que podem em primeiro momento, ter gerado confusão no entendimento do telespectador em relação àquilo que acontecia no campo, envolvendo ações dos árbitros e assistentes.

A complexificação da relação do futebol com a sua imagem se aprofunda a cada inovação tecnológica. As câmeras de vídeo dispostas em pontos estratégicos e o uso cada vez mais flagrante de recursos gráficos e digitais, buscam mostrar os detalhes o estado bruto do jogo de futebol, possibilitando uma edição que lembra a montagem de produções audiovisuais cada vez mais sofisticadas.

Fora dos gramados, as emissoras brigam pelos direitos de transmissão. Investimentos vultuosos das empresas de mídia operam como alicerce do futebol produto, que sustentam parte relevante das receitas dos clubes⁵². A televisão modifica a dinâmica do futebol, interfere em seus horários e calendários e confere ao esporte uma nova roupagem. A relação do futebol com sua imagem parece ser a tônica do espetáculo esportivo e também do espetáculo como marca de uma “práxis social global”.

⁵² A Rede Globo de Televisão é a emissora que, no Brasil, detém os direitos de transmissão tanto nos canais abertos, quanto fechados, do Campeonato Brasileiro, desde a Copa União de 1987. Ela também é detentora dos direitos da Copa do Mundo desde 1982. Os contratos de televisão e os seus valores astronômicos são fundamentais para a compreensão de como as instituições midiáticas interferem em toda a dinâmica do futebol.

Para Debord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1992, p. 14). Neste sentido, o papel dos *media* no futebol não se limita a fazer uma mediação entre o espetáculo e os consumidores. Segundo Rodrigues (2000), é capaz de irromper novas experiências, fazendo emergir em campos sociais instituídos novos domínios de experiência. Esta é uma particularidade do futebol de espetáculo, transformado pela mediação dos meios de comunicação.

As camadas espetaculares do esporte chamaram a atenção de Eco (1987), que, em seu texto “A falação esportiva”, analisa criticamente o caráter midiático que o jogo tomou a partir do desdobramento das competições de futebol em vários produtos. O futebol é para ser visto. Nos estádios, com espectadores, assume um caráter espetacular que, segundo o autor, estaria neste momento sendo elevado ao quadrado.

Em seguida, a narrativa esportiva entraria em um segundo estágio, seria elevada ao cubo. Mediada pelas empresas de comunicação tradicionais, elo de contato entre o espetáculo e a comunidade. O jogo agora está subsumido às influências da televisão e do rádio. Quando transmitido, se transforma em narrativas que superam as dimensões do espaço e do tempo do espetáculo original. Trata-se do jogo transmitido ao vivo, do jogo em si acrescido discursivamente pelos recursos tecnológicos, como o *replay*, o zoom e os tira-teimas, além é claro, da narração e dos comentários que modificam a experiência da recepção do espetáculo original.

Já o esporte elevado à enésima potência é descrito por Eco (1984, p. 223) como ação autorreferente assumida pela mídia. Os relatos, as discussões e os comentários feitos, por exemplo, sobre uma partida de futebol superam os tensionamentos e as discussões sobre a partida em si. A essência esportiva perde relevância em detrimento do discurso que se produz sobre ele. Aqui, ganham destaque os programas esportivos, as mesas redondas, os álbuns de figurinhas e toda a gama de produtos que emergem de uma competição esportiva.

A classificação de Eco toca a borda de uma discussão profunda. Futebol e os *media* cresceram de forma concomitante em uma relação de imbricamento intenso, nem sempre convergente, envolvendo relações econômicas, políticas e sociais que extrapolam a discussão esportiva.

A simbiose entre os dois campos é imperativa para compreendermos como o esporte se desenvolveu de forma orgânica às tecnologias audiovisuais e ao modelo organizativo dos meios de comunicação. O papel emergente dos meios na difusão massiva dos produtos esportivos, bem ilustrados por Eco (1984), fez com que os estudos sobre a comunicação voltassem suas atenções para os aspectos relacionados à influência vertical das mídias sobre os processos sociais.

Para Braga (2015), as lógicas das mídias podem ser observadas a partir das processualidades e materialidades que envolvem os padrões discursivos dos meios:

Podemos considerar que uma boa parte das lógicas da mídia hoje conhecida é derivada de tais processos – padrões e empresas; formação de um corpo profissional complexo, com múltiplas especialidades; desenvolvimento de um perfil de público receptor assumido como massivo; e determinadas relações de mútua incidência entre o que os meios produzem e o grande público (BRAGA, 2015, p. 21).

Rodrigues (2000, p. 27) nos lembra que o campo dos *media* se autonomiza de tal forma em sua relação com o espetáculo esportivo, que obriga os clubes, atletas e torcedores a se adaptarem às lógicas midiáticas, demandando a criação de cargos profissionais responsáveis pela gestão de imagem dos atletas, serviços de relações públicas das instituições e uma diversidade de funções que surgem do processo de mercadorização do esporte midiaticizado.

As relações dos meios com o esporte são explicadas a partir, sobretudo, de suas implicações tecnológicas e econômicas. Os meios de comunicação de massa formatam os conjuntos de tensionamentos do jogo em uma narrativa vendável – ou seja, em um produto que possa ser assistido e explorado comercialmente através da publicidade. Ações verticais de instituições agem sobre as lógicas do jogo envoltas por um contexto próprio da sociedade dos meios, que se perpetua na infraestrutura e arquitetura do VAR, como veremos.

3.2.1 O VAR, a televisão e sua infraestrutura de vigilância

As prerrogativas relacionadas ao controle do jogo, presentes nos protocolos do VAR, merecem ser pensadas a partir de arquiteturas que permeiam as relações de poder no futebol. A própria disposição arquitetônica dos estádios nos remete às “sociedades disciplinares” (FOUCAULT, 2002; 2009). Os equipamentos construídos nos séculos XIX e XX para a prática do esporte incorporam táticas de vigilância, uma organização estratégica do espaço em que a ordem estabelece “cada indivíduo no seu lugar; e, em cada lugar, um indivíduo” (FOUCAULT, 2002, p. 123).

O estádio de futebol, assim como as fábricas, as prisões e as escolas, desponta como uma rede de coerção e de controle social, percebidos em detalhes de suas disposições arquitetônicas: como nos antigos fossos que separavam os torcedores nas arquibancadas do gramado ou no posicionamento dos policiais que fazem a segurança do campo com seus cassetetes, montados em cima de cavalos – posição privilegiada para vigiar e punir.

Já o desenvolvimento da arquitetura do estádio de futebol no século XXI e as agora novas “arenas multiuso”, todo este percurso de transformação de uma chamada “modernização” do futebol, são reveladores de um processo que acentua as condições de infraestrutura do espetáculo esportivo sob as quais se insere o VAR.

As chamadas arenas incorporam os novos contornos de uma vigilância mais sutil da sociedade contemporânea, percebida por Deleuze (1999) como “sociedade de controle”, um passo à frente da sociedade disciplinar, que não a substitui, mas que redimensiona e confere novos contornos aos alicerces da anterior.

Um controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinito e “livremente”, sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas. Esse é o nosso futuro. Suponhamos que a informação seja isso, o sistema controlado das palavras de ordem que têm curso numa dada sociedade (DELEUZE, 1999, p. 12).

Se a sociedade disciplinar se faz valer pela ideia de ver e ser visto, a de controle é caracterizada pela invisibilidade, pela vigilância nômade que acompanha o indivíduo onde quer que ele esteja, se expande junto com as redes de informação, o sujeito é quem incorpora a disciplina.

Nas novas arenas, o fosso dá lugar aos assentos cada vez mais próximos dos gramados. Câmeras auxiliam no processo de vigilância. Este novo modelo de estádio constitui uma nova paisagem bastante observada por pesquisadores referência, como Gilmar Mascarenhas, que dentre as suas muitas contribuições para os estudos do futebol, procurou analisá-lo tanto a partir de sua constituição física na relação com o desenvolvimento dos espaços urbanos e de suas paisagens, como também a partir das relações constituídas dentro dos estádios nas apropriações que os indivíduos fazem dos seus “equipamentos” (MASCARENHAS apud FERREIRA, 2020).

No Brasil, a transformação dos estádios em arenas, construídas na virada do século, estão implicadas pela adequação da arquitetura e dos equipamentos aos protocolos e exigência de megaeventos⁵³ realizados no país nas últimas duas décadas: os jogos pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro; Copa do Mundo de 2014; Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016; e Copas Américas de 2019 e 2021, entendidos pelos processos de governança até aquela época

⁵³ Há também uma dimensão política e econômica advinda desses processos de escolha das sedes destes megaeventos tanto por parte da FIFA como pelo COI. Recentemente Bettine (2020) investigou este processo de cooptação estratégica dos BRICS pela FIFA, para às realizações das Copas do Mundo da África do Sul em 2010; Brasil 2014 e Rússia 2018.

como oportunidade de apresentação para o mundo de um novo modelo de desenvolvimento urbano.

A construtiva encontra abrigo no novo formato extravagante e monumental dos megaeventos esportivos, mas também diálogo plenamente com novas estratégias de gestão das cidades no sentido da valorização e da projeção competitiva de sua imagem global – o *citymarketing*-, bem como parece estar associada à hipotética “máquina urbana do crescimento” de que nos falam Logan e Molotch (1990) (MASCARENHAS, 2013, p. 144).

Veja, na Figura 10, o comparativo do equipamento utilizado pelo Palmeiras, após sua reforma.

Figura 10 – Comparação entre o antigo Estádio Parque Antártica e o remodelado Allianz Parque



Fonte: Site oficial do Palmeiras (2022).

A arena utilizada pelo Palmeiras é tida como uma das mais modernas do país. Embora não tenha sido restaurada para a Copa do Mundo de 2014, ela aparece no contexto dos clubes e Estados que escolheram se inserir neste processo que procura rentabilizar da melhor forma possível estes espaços.

O estádio é administrado pela WTorre Empreendimentos Imobiliários S.A. (WTorre), que reformou o estádio e hoje o explora a partir de um consórcio com o clube. Curioso é que caso haja um conflito de datas entre os jogos do time e os *shows* ou eventos promovidos pela administradora, prevalecem os eventos da administradora.

Ainda assim, o negócio parece ser rentável para o clube, uma vez que as novas arenas permitem a rentabilização a partir da venda de produtos, do consumo de bebidas e alimentos, além de eventos que antecedem às partidas em processo desenvolvido pelo marketing esportivo a partir do que chama de *match day*⁵⁴.

O aparente conforto revelado pela arquitetura e pelos discursos dessas novas arenas revela um processo de higienização e elitização, que transforma as práticas do torcer. Os altos valores dos ingressos e os programas de sócio dos clubes diferenciam o torcedor comum do torcedor consumidor. Tais lugares percebidos em uma dimensão global segundo Bale, citado por Ferreira (2020), tem se transformado em *comodity*. “Assistimos, no estágio atual, à tentativa de transformação desses locais, de espaços de festa e espaços disciplinares” (FERREIRA, 2020, p. 513).

A metáfora do VAR com o panóptico⁵⁵ se propõe quase que de modo instantânea e se insere em um contexto mais abrangente de dispositivos de controle nestes locais: das câmeras de segurança espalhadas por todo estádio às regras que obrigam que torcedores acusem uns aos outros em caso de desvios de comportamento. O torcedor é um consumidor permanentemente vigiado, colocado sob suspeita.

O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetido a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (FOUCAULT, 2002, p. 35).

⁵⁴ “Assim, o *Match Day* corresponde ao dia de jogo e todas as atividades que giram em torno da partida. Dessa forma, o evento inicia-se horas antes do jogo, ainda longe do estádio, quando o torcedor liga o rádio, vê a TV ou acessa a internet para acompanhar as notícias que antecedem à partida.” (SOUZA, 2013)

⁵⁵ Modelo arquitetônico carcerário pensado pelo filósofo e jurista Jeremy Bentham (1773), utilizado por Foucault (2009), para discutir as relações de poder em seu tempo. “Tal arquitetura permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido” (FOUCAULT, 2009, p. 17).

Já a presença do dispositivo em campo advém da urgência em controlar a dimensão das regras do jogo de futebol, vigia para além dos jogadores o trabalho dos árbitros a quem antes era designado o papel de vigiar. Sodré (2003, p. 20) explica que “nesse jogo (mortal) da imagem com o real, o olho fica sempre em primeiro plano, por ser o meio que registra e instaura a ilusão”.

É se valendo deste valor do real da imagem que, por muito tempo, as emissoras detentoras do direito de imagem dos eventos esportivos analisavam não só as disputas em campo, como também a interpretação das regras pelos árbitros.

Surgem as figuras dos especialistas, comentaristas de arbitragem que a partir das imagens fazem uma revisão das decisões dos profissionais. Durante a descrição e análises de nossos empíricos será possível desenhar melhor este complexo arranjo de câmeras, *softwares* e comunicadores utilizados pelos árbitros em campo de jogo, que agora no dispositivo VAR ganham protagonismo.

Como já descrevemos, a patente do VAR prevê que as imagens utilizadas para as revisões sejam originadas pela infraestrutura da emissora detentora dos direitos de transmissão, ou seja, são imagens produzidas, feitas por cinegrafistas, possuem enquadramento, nitidez, contraste e foco. A câmera de vídeo utilizada para transmissão esportiva guarda ainda características históricas da semiose midiática descrita por Verón (2013), percebida inicialmente pelo advento da fotografia.

A fotografia tornou possível uma situação que a Internet parece banalizar: atores individuais são receptores dos discursos que o dispositivo possibilita, mas também são, sem grandes obstáculos técnicos, produtores. A fotografia fez alterações espaço-temporais de escala, por assim dizer, disponíveis a todos. Essa é uma diferença de capital, em termos de condições de produção, com relação às consequências da imprensa (VERÓN, 2013, p. 224)⁵⁶.

A capacidade de registro da máquina fotográfica é observada por Verón (2013) em diálogo com Roland Barthes, para quem a fotografia não constata o objeto, mas o tempo, pois “capta, congela, um pequeno fragmento da realidade” (VERÓN, 2013, p. 245). Tal qualidade da fotografia aparece como aposta dos postulados de utilidade do VAR, que permite a revisão

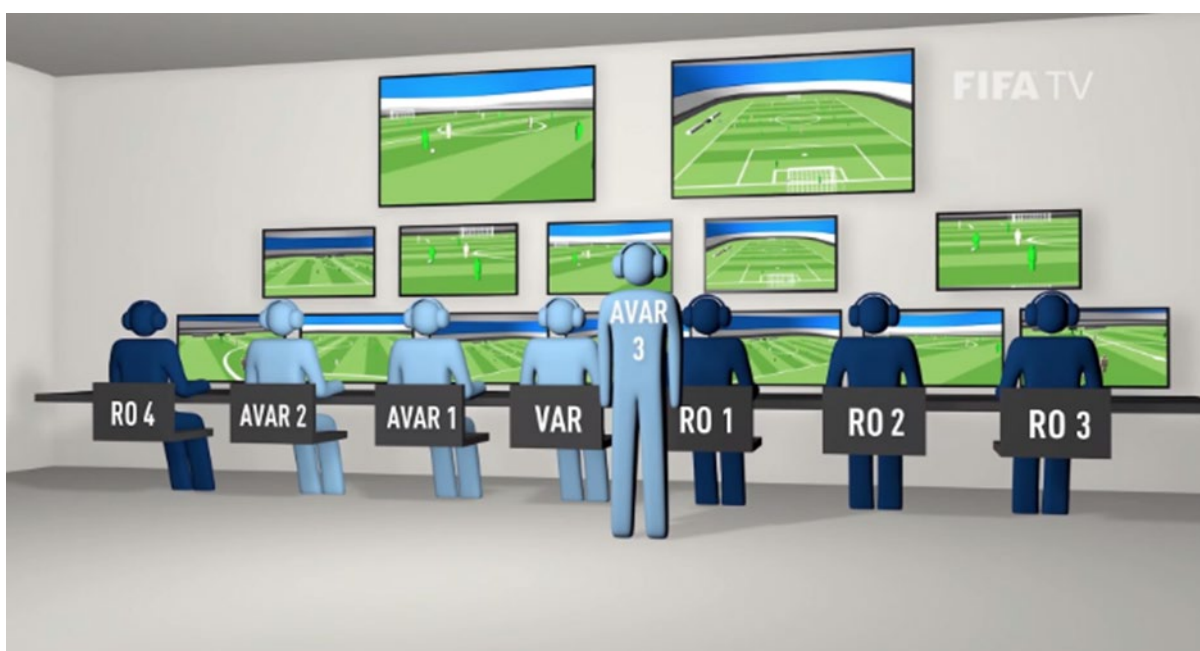
⁵⁶ Tradução nossa do original: “Con la fotografía, y por primera vez en la historia de la mediatización, *el discurso producido por el dispositivo es portador inequívoco de las marcas del momento de su producción, y esas marcas forman parte inseparable del sentido final del discurso*. Al mismo tiempo, y también por primera vez en la historia, la fabricación industrial pone rápidamente el dispositivo al alcance de los actores individuales. La fotografía hizo posible una situación que Internet parece haber banalizado: los actores individuales son receptores de los discursos que el dispositivo hace posibles, pero son también, sin mayores obstáculos técnicos, productores. *La fotografía puso las alteraciones de escala espacio-temporales, por decirlo así, al alcance de todos*. Esta es una diferencia capital, en el plano de las condiciones de producción, con respecto a las consecuencias de la imprenta” (VERÓN, 2013, p. 247).

das decisões a partir de uma releitura da imagem, que captura um lance em movimento, imagem conotada do sentido de realidade ou de verdade do meio que a produz e enuncia.

Tais operações relacionadas à produção e manuseio dessas imagens advêm das lógicas midiáticas presentes na transmissão esportiva citadas anteriormente.

Vejamos, agora de modo mais detalhado, com auxílio da Figura 11, como a infraestrutura televisiva é incorporada aos protocolos de ação do dispositivo:

Figura 11 – Instruções da FIFA sobre a disposição dos auxiliares na cabine do VAR



Fonte: FIFA TV (2022).

A cabine onde os VARs e AVARs operam a tecnologia da empresa *Haw Eye* é chamada de VOR. Como já mencionamos anteriormente, existem três categorias de árbitros em partidas que contam com a presença do Árbitro Assistente de Vídeo, uma primeira ligada à dimensão da presencialidade no campo de jogo contemplando o árbitro principal, árbitros assistentes (bandeirinhas) e o quarto árbitro. Na cabine do VAR, ficam um único VAR (único árbitro assistente que tem o poder decisório de acionar o árbitro principal em campo) e os AVARs, são estes os operadores de *replay*, os assistentes VAR. Ainda existem os observadores RO, normalmente utilizados em competições FIFA para observar o trabalho do VAR e dos AVARs, fazem parte do processo de treinamento e aperfeiçoamento do dispositivo⁵⁷.

⁵⁷ Iremos detalhar melhor o funcionamento destes processos na configuração do CBF VAR.

Nota-se na figura acima uma semelhança com uma chamada sala de “controle mestre” das transmissões televisivas, onde os diretores escolhem as melhores imagens, ângulos e enquadramentos durante as transmissões ao vivo.

A relação entre o VAR e a transmissão esportiva pode ser abordada a partir das interpenetrações de suas lógicas. O trabalho de dissertação de Telles (2013) remonta de forma detalhada à forma como a televisão constituiu ao longo do tempo estratégias para o preenchimento daquilo que chama de tempos mortos da transmissão esportiva, decorrentes dos dois fluxos informativos distintos que se estabelecem nela: a do evento e a do próprio meio. O autor analisa onze finais de Copas do Mundo (1970-2010) em busca de desenhar a forma televisiva do esporte a partir de suas molduras, processos técnicos e estéticos que constituem as transmissões.

Hoje já há quem busque compreender o efeito do VAR nestes espaços vazios. A dissertação de Barros (2019) investiga as transformações da transmissão esportiva, provocadas pela implementação do VAR durante 14 jogos da Copa do Mundo de 2018. Voltaremos nessas dimensões durante a análise de nossos empíricos, mas por ora vale ressaltar a relação de retroalimentação entre os dispositivos e as lógicas televisivas, ao ponto de federações barrarem o uso de certos estádios em determinadas competições em função dos mesmos não apresentarem condições necessárias para instalação da infraestrutura.

Entretanto, o valor da *telerealidade* incorporada pelo VAR não se relaciona apenas com a infraestrutura e a capacidade cada vez mais apurada das televisões reprisarem os lances sob diversos ângulos. Para além da imagem produzida por cinegrafistas, habituados à linguagem do espetáculo, há uma característica do dispositivo que ultrapassa a qualidade da imagem produzida da relação do olhar entre o homem e a máquina fotográfica. Um caráter ícone-indicial, semelhante aos das câmeras automáticas (de vigilância) sobre as quais Carlón (2014) faz importantes ponderações:

Câmeras de controle de tráfego, esse dispositivo enunciativo e representativo também apresenta um extraordinário poder denotador do real, graças ao seu caráter icônico-indicial (que faltava à pintura como registro incorporado) e que, da mesma forma, esse discurso é emitido pela Televisão ao vivo (que acentua ainda mais o poder denotador do caractere automático), podemos apenas assumir que o discurso representativo das câmeras de trânsito é, em grande parte, baseado em máquina (CARLÓN, 2008, p.135-136)⁵⁸.

⁵⁸ Tradução o livre do original : “De las cámaras de control de tránsito este dispositivo enunciativo y representativo presenta, además, un extraordinario poder denotativo de lo real¹⁵ gracias a su carácter icónico-indicial (del que carecía como registro incorporado la pintura) y que, asimismo, ese discurso se emite por televisión en directo (lo cual acentua aún mas el poder denotativo del carácter automático), no nos queda más que asumir que el discurso representativo de las cámaras de tránsito es, en gran medida, maquinístico” (CARLÓN, 2008, p.135-136).

Diferente das imagens automáticas das câmeras de segurança, o que parece haver de mais *maquínico* nas imagens são os engendramentos do *software*, marcações e medições que vão além da capacidade humana. A automatização do processo de mediação *paralaxe* a partir das imagens televisivas é o maior exemplo disso. Um programa capaz de enxergar aquilo que nem o homem enxerga, capaz de delimitar as linhas para se determinar um impedimento de poucos centímetros entre os jogadores.

Para encerrar este tópico, gostaria de articular um último aspecto desta vigilância com uma ambiência que será apresentada no tópico a seguir. Na sociedade de controle, o panóptico vai sendo substituído por mecanismos controle mais sutis, capazes de dirigir de forma mais abrangente os comportamentos sociais.

O tópico seguinte traz uma discussão relativa ao processo de midiatização, ampliado em uma ambiência modificada pela emergência de novos dispositivos tecnológicos, que por sua vez também produzem novos contornos para os processos de vigilância. Neste sentido, podemos pensar no VAR em nossas análises em um contexto de vigilância transformada pela midiatização.

A presença dos dispositivos nos estádios também aparece na obra de Mascarenhas. Segundo Oliveira (2019), o autor percebeu a propagação das *selfies* nestes estádios como efeito da transformação desses espaços via midiatização.

Vale destacar: Gilmar Mascarenhas captou perfeitamente o espírito de nosso tempo! Quando fez suas críticas a este modelo de turistificação da forma urbana, ainda não existiam as redes virtuais de compartilhamento hedonista de simulacros de felicidade idealizada: a rede Orkut estava em seu início, sem versão em língua portuguesa; o Facebook ainda era uma aventura de Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes restrita aos estudantes da Universidade de Harvard; e o Instagram, a rede virtual que proporcionou a coroação definitiva da fotografia narcísica e dos simulacros de felicidades, sequer havia sido inventado. A via turística corresponde senão à cenarização perfeita do espaço geográfico em tempo de selfies em profusão e propaganda da felicidade constante em meio à barbárie da cidade contemporânea. É como se o cyberspace encontrasse uma materialidade ainda mais virtual que sua própria nuvem de dados, registros e curtidas (OLIVEIRA, 2019, p. 281).

O VAR, assim como o panóptico, não funcionaria apenas em função de uma arquitetura que permite a vigilância dos indivíduos, mas institui ao seu modo uma armadilha da visibilidade, uma vez que exerce nos atletas, assim como o panóptico exercia nos presidiários, uma consciência permanente de um estado de vigilância.

Para o nosso trabalho, é necessário pensar na vigilância em uma realidade transformada pelas processualidades da midiatização, sob a ótica de novos modelos e processos da contem-

poraneidade. Uma vigilância que, segundo Fernanda Bruno (2004, p. 9), estaria ligada à emergência de dispositivos como circuitos internos de segurança, chips, blogs e bancos de dados. “Estes novos dispositivos dão continuidade a uma tendência inaugurada na modernidade: a incidência do foco de visibilidade sobre o indivíduo comum, aspecto decisivo na produção de subjetividades e identidades” (BRUNO, 2004, p. 110).

Bruno (2004) aponta para uma complexificação de um modelo de controle que agora não só estaria relacionado à ideia de punição do estado sobre o indivíduo, mas que também estaria implicado em um processo de subjetivação do próprio sujeito, que constrói relações particulares com os dispositivos:

Uma primeira questão a ser colocada diz respeito aos mecanismos e valores sociais que podem legitimar tal vigilância, desfazendo a sua face conspiratória, monstruosa e ameaçadora em proveito de uma face mais amigável e até desejada pelos indivíduos. Uma possível resposta reside naquilo que nossa sociedade define como sendo o perigo que os dispositivos de vigilância podem evitar (BRUNO, 2004, p. 121).

Neste mesmo sentido, Bauman (2014) reconhece o panóptico pensado por Foucault (2009) como um meio moderno fundamental para refletir a manutenção do controle na sociedade. Entretanto, ele nos convida a pensar sobre aspectos da vigilância no mundo de hoje e apresenta a ideia de um pós-panóptico ou de um panóptico líquido⁵⁹.

O espaço físico limitado não é mais empecilho para a vigilância. O inspetor antes situado no centro do panóptico agora adentra limites espaciais inimagináveis, afinal de contas estamos sendo monitorados por meio dos nossos telefones celulares, computadores e tabletes a partir de dados que ora compartilhamos em nossas redes sociais, ora nos é subtraído por drones invisíveis. Mas por que então estaríamos nos submetendo a estes regimes de vigilância?

Para Bauman (2014), a passagem se explica pelo nosso desejo de pertencimento a este processo. Embora o indivíduo tema a vigilância, ao se pôr à disposição dela, passa a não se sentir tão sozinho.

Creio que o aspecto mais notável da edição contemporânea da vigilância é que ela conseguiu, de alguma maneira, forçar e persuadir opositores a trabalhar em uníssono e fazê-los funcionar de comum acordo, a serviço de uma mesma realidade. Por um lado, o velho estratagema pan-óptico (“Você nunca vai saber quando é observado em carne e osso, portanto, nunca imagine que não está sendo espionado”) é implementado aos poucos, mas de modo consistente e aparentemente inevitável, em escala quase universal. Por outro, com o velho pesadelo panóptico (“Nunca estou sozinho”) agora transformado na esperança de “Nunca mais vou ficar sozinho” (abandonado, ignorado

⁵⁹ A obra em questão é uma entrevista, uma conversa entre dois amigos. Davyd Lyon entrevista Zigmunt Bauman, que por sua vez fala sobre uma vigilância no contexto de uma modernidade líquida, que carrega consigo uma ideia de fluidez e velocidade nas relações sociais contemporâneas, ideia consagrada em sua obra.

e desprezado, banido e excluído), o medo da exposição foi abafado pela alegria de ser notado (BAUMAN, 2014, p. 21).

Do ponto de vista do futebol em midiatização, notam-se com frequência episódios relacionados aos eventos de fronteira (BRAGA, 2015), em que a esfera da vida privada e da vida pública se embaralham em circuitos difusos.

Jogadores, ídolos dos clubes, fazem uma exposição da vida privada nas redes sociais. Conforme suas performances em campo, os torcedores sentem-se autorizados a comentar a vida privada dos atletas, exigindo profissionalismo, por exemplo.

Compreender o VAR nessa perspectiva de panóptico transformado, significa reconhecê-lo como um dispositivo de vigilância que emerge não somente no contexto institucional de disciplina, mas a partir do que Bauman (2014) chama de subjetivação de uma vigilância ininterrupta.

Hoje, os aparelhos são constituintes dos indivíduos. Para Bauman (2014), assim como os caramujos, nós carregamos nossa casa nas costas, constituindo panópticos pessoais. Para ilustrar tal situação, o autor evoca a noção do trabalho na sociedade líquida. Apesar da falsa ideia de liberdade de modelos de trabalho baseados em *home office*, estamos sempre alerta, com o telefone na mão, prontos para qualquer emergência.

Aos empregados e a todas as outras variedades de subordinados foi atribuída a responsabilidade plena e incondicional de mantê-los em bom estado e garantir seu funcionamento ininterrupto (deixar seu celular ou iPhone em casa para dar um passeio, suspendendo a condição de permanentemente à disposição de um superior, é um caso de falha grave) (BAUMAN, 2014, p. 44).

No próximo tópico, iremos discutir aquilo que Fausto Neto (2018) identifica como um intenso processo de transformação tecnológica relacionado à capacidade de acesso aos novos meios de comunicação e às novas práticas que constituíram uma nova ambiência, “cujo funcionamento das práticas sociais se dá segundo atividade interacional dinamizada por complexos *feedbacks* de natureza não-linear (FAUSTO NETO, 2018, p. 1).

Segundo o autor, a sociedade em vias de midiatização é marcada pela ação intensiva de tecnologias no interior das processualidades e das práticas sociais diversas, como a esportiva. A cultura midiática assume um papel de centralidade, porém expandida, através da qual se estabelecem novos padrões discursivos que, por sua vez, geram zonas de afetações entre sujeitos e instituições que modificam a dinâmica social. Os processos comunicacionais se dão agora em um cenário de amplas descontinuidades entre produção e recepção, desestabilizando processos consagrados na relação entre os *media* e o futebol.

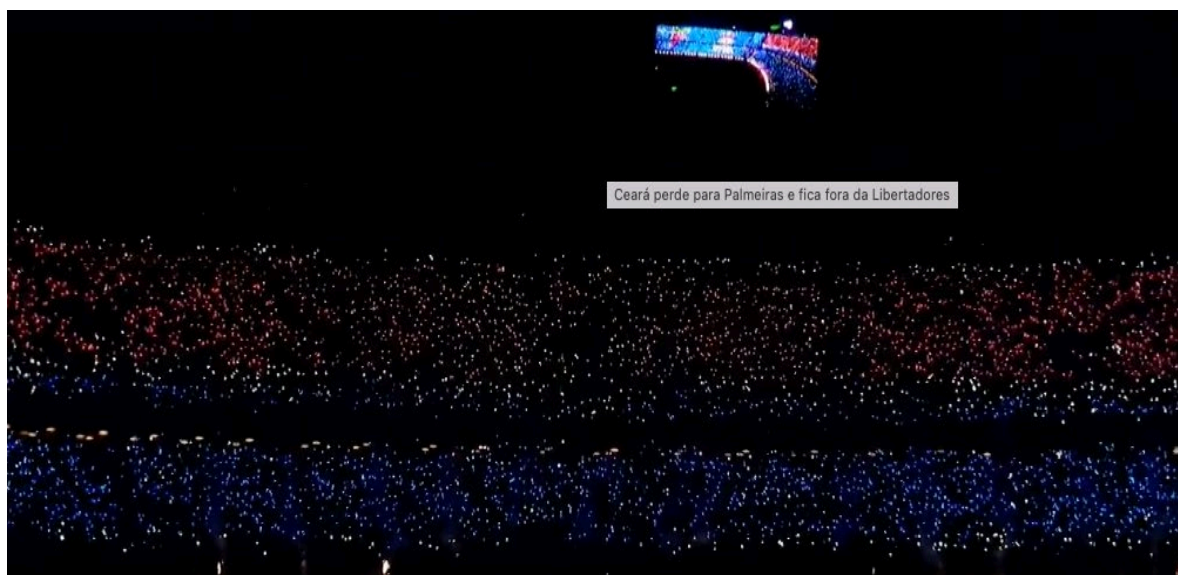
3.3 De um futebol nos meios ao futebol em midiatização

Notemos, na Figura 12, abaixo, o efeito provocado pelas cerca de 52 mil luzes de *led* utilizadas pela torcida do Fortaleza no estádio, agora Arena⁶⁰ Castelão no último jogo da equipe, válido pelo Campeonato Brasileiro de 2021.

As luzes fazem um desenho em três dimensões aludindo às cores do time, criam uma alternativa aos já consagrados mosaicos de papel e parecem oferecer uma alternativa aos antigos sinalizadores, agora vetados por regras cada vez mais rígidas derivadas de uma assepsia por sua vez exponencialmente flagrante nestes espaços dedicados à prática do esporte.

A ausência cada vez mais flagrante de artefatos como bandeiras em mastros de bambus, balões e serpentinas contrasta com a iluminação artificial não proveniente de simples lanternas, mas de ferramentas (talvez as mais rudimentares dentre aquelas oferecidas no contexto dos inúmeros recursos dos *smartphones*), que neste caso se revelam imprescindíveis para operações dos indivíduos em suas práticas cotidianas, seja no exercício de suas profissões ou nos momentos de lazer como em um teatro ou em um estádio de futebol.

Figura 12 – Festa da torcida do Fortaleza com as luzes de aparelhos celulares



Fonte: globoesporte.com (2021)⁶¹.

Os torcedores se organizaram previamente nas redes, assim como se arranjam presencialmente e virtualmente nos processos de elaboração dos já famosos mosaicos da torcida do

⁶⁰ O processo de “arenização” e “eleitização” dos estádios de futebol serão abordados no tópico a seguir em contexto de discussão e de elucidação do VAR compreendido como um dispositivo interacional, mas também como um dispositivo disciplinar no contexto do futebol em midiatização.

⁶¹ Imagem retirada de matéria disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10117980/>. Acesso em 20 jul. 2021.

Leão⁶². Tutorais logo se espalham entre torcedores nos grupos de *whatsapp* e também nas redes sociais. Eles explicam e organizam o funcionamento do aplicativo que transforma as cores das lanternas dos celulares e os momentos em que devem ser utilizados.

Institucionalmente, o clube também se envolve com a festa. Desliga as luzes da arena ao final do jogo para ampliar o efeito de cada pequenino ponto de luz que somados um a um revelam a potência da organização coletiva que se dá entre indivíduos e instituições e seus artefatos em um processo de interpenetrações e de descentralização do poder sobre a produção estética, midiática e discursiva relacionada ao futebol.

Pensar no esporte em midiatização é pensa-lo sob uma atmosfera radicalmente transformada como esta que trouxemos agora para introduzir o que Gomes (2017) chama de *nova ambiência* e a manifestação de um *novo jeito de ser no mundo*.

Práticas inevitavelmente atreladas ao desenvolvimento da tecnologia digital, que estaria colocando a humanidade em um novo patamar social. O autor compreende a transformação do mundo e de sua ambiência como uma decorrência das transformações qualitativas oferecidas pelas inovações digitais, que proporcionam mudanças significativas nas interações sociais.

Este aspecto da ambiência parece estar representado na cena que trouxemos anteriormente, não somente pelos efeitos das luzes dos torcedores no estádio, mas a partir da potencialidade de ações presentes nas configurações e nos usos desses recursos por parte dos usuários.

A imagem que trouxemos elucidada a reflexão de Verón (2013, p. 281), que destaca que a mutação das condições de acesso relacionada à capacidade de produção de discursividades midiáticas dos atores individuais motivou transformações inéditas nas condições de circulação.

Ora, se os usuários torcedores são capazes de se organizar para transformar o cenário estético do jogo. Do ponto de vista da comunicação sua emancipação também pode ser percebida no processo de circulação das informações sobre o esporte.

Para o autor, a circulação destes sentidos, produzidos por novas relações, está marcada pela ampliação de sua complexidade. Os processos comunicacionais se dão agora em um cenário de amplas discontinuidades entre produção e recepção. Tanto a prática esportiva como a produção e a recepção de seus enunciados, vinculados ao seu consumo, são transformados na sociedade em midiatização. Todo o cenário apresentado anteriormente no tópico 3.2 passa por processos de desestabilização relacionados aos seus contratos de leitura⁶³.

⁶² Mascote e apelido dado pelos torcedores do Fortaleza.

⁶³ Verón (2004) e Fausto Neto (2007) vêm trabalhando há algum tempo com a noção de contrato de leitura. O primeiro define este contrato como “uma espécie de espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor, paisagens onde o leitor pode escolher um caminho mais ou menos de liberdade, onde zonas nas quais ele possa se perder, ou seja, perfeitamente balizado. Ao longo da estrada o leitor encontra personagens diversos que

Um novo jeito de ser no mundo implica um novo jogar, um novo torcer, novas práticas relacionadas ao jogo de futebol cuja experiência simbólica é medida quase que inteiramente por processos midiáticos – aquilo que Livingstone (2009) define como a mediação de tudo.

Jogadores e torcedores criam novos laços e se aproximam por meio de redes sociais. São dispositivos que, no contexto do torcer, autonomizam e visibilizam as ações dos sujeitos individuais, alteram o modo como os adeptos vivenciam e se relacionam com o jogo.

Aos poucos, os meios tecnológicos que mediavam a relação dos espectadores com o espetáculo esportivo vão sendo substituídos. A mudança é flagrante. Os rádios de pilha desaparecem das arquibancadas, na mesma medida em que proliferam a presença dos dispositivos móveis nos estádios. Estes, não só permitem que os torcedores acompanhem a partida pelo rádio e por aplicativos, mas também oferecem condições enunciativas para os torcedores, que registram suas experiências por meio de fotografias, relatos e vídeos.

A premissa é de que não se perde nada do espetáculo esportivo. Os clubes, por sua vez, monitoram o desempenho de seus atletas através de *softwares* especializados em condicionamento físico, guardam para si imagens dos treinos, criam um banco de dados com estatísticas de seus jogadores.

O modo do clube enunciar aos seus torcedores também se transforma. As instituições criam seus próprios canais que independem dos tradicionais meios esportivos de comunicação e procuram exercer uma Comunicação direta com seus torcedores.

Das opiniões gabaritadas dos especialistas nas transmissões esportivas aos *memes* humorísticos das redes sociais, o futebol se diversifica como processo simbólico. Os processos midiáticos se estabelecem no interior da cultura. As processualidades midiáticas estabelecem uma nova ethicidade. De forma tentativa, atores sociais produzem novas formas de interação, que desestabilizavam práticas do futebol espetacularizado compreendido na “sociedade dos meios”.

Na virada do século, Sodré (2002) descrevia este cenário a partir da emergência de um novo *bios*, uma nova forma de vida, um *bios* midiático sobre o qual atuam “uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de tecnointeração” (SODRÉ, 2002, p. 21).

lhes propõem atividades várias, através das quais se vêm possíveis traços de relações, segundo as imagens que estes lhes passam. Um discurso é um espaço habitado de atores, de objetos e ler é colocar em movimento este universo, aceitando ou recusando, indo mais além à direita ou à esquerda, investindo mais esforços” (VERÓN, 2004, p. 216). Voltaremos a este conceito no processo descritivo de nosso caso em midiatização em observância às novas estratégias de produção de sentidos dos tradicionais meios de comunicação relacionados ao futebol brasileiro.

Tal ethicidade se aprofundou ainda mais depois do período em que essa assertiva de Sodré (2002) soava como um prenúncio de um processo cada vez mais acelerado de incorpora o de inova es tecnológicas que transformam rela es sociais.

Naturalmente, há compreensões relacionadas   midiatiza o, cujo enfoque valoriza as processualidades relacionadas às configura es tecnológicas das inova es segundo uma percep o das a es das institui es.

Uma compreensão institucionalista pode ser percebida na defini o Harjvard (2014, p. 3), quando o mesmo explicita uma abordagem do processo de midiatiza o a partir da compreensão de que a média passou a agir como uma institui o onipresente nos processos sociais.

Desta perspectiva, a teoria da midiatiza o   um enquadramento conceitual para apoiar o desenvolvimento de teorias de médio alcance. Os resultados da midiatiza o podem variar consideravelmente, dependendo do contexto histórico e geográfico do campo em questão, e a perspectiva institucional serve como quadro analítico flexível para considerar o nível apropriado de generaliza o dos resultados em cada caso específico (HARJVARD, 2014, p. 24).

Tais processualidades privilegiadas por este tipo de enquadramento estariam segundo Braga (2015) observando processos já estabelecidos. “Ora, no cambiante processo das mudanças derivadas da midiatiza o, o que aparece como estabelecido são as lógicas das mídias. O resto se mostra como instabilidade e incerteza: escapa ao olhar do perquiridor” (BRAGA, 2015, p. 18).

Em concordância com Braga (2015), acreditamos que a perspectiva de futebol midiatizado que apenas vislumbra aspectos relacionados às discursividades produzidas e recepcionadas pelos meios de comunica o não captam as defasagens desse processo, as organiza es de coletivos que irrompem por meio do acionamento de novas discursividades no campo esportivo, alterando não são formas de consumir futebol, mas as processualidades relacionadas às suas práticas, fundamentais para compreendermos o contexto em que o VAR se insere.

Pensar a emergência do nosso objeto neste contexto não implicaria, portanto, pensá-lo somente a partir da lógica dos meios e na sua transmidialidade convergente, mas sim, e têm-bem nas articula es complexas que envolvem produ o, circula o e recep o: lugar onde se dão as divergências.

Se antes as aten es estavam voltadas para as a es de agendamento que o campo dos *media* exercia sobre o campo do esporte, hoje   preciso estar atento   enorme variedade de lógicas que atravessam segundo vários tipos de estratégias em disputa as processualidades midiatizadas relacionadas ao esporte.

A partir da noção de Braga (2015) sobre as lógicas da midiatização, é possível dizer que elas embaralham não só as relações econômicas entre instituições midiáticas e esportivas, como também transformam as práticas sociais e simbólicas que envolvem o jogo. As fronteiras entre recepção e produção ficam cada vez mais diluídas. Torcedores, antes notados como consumidores ou receptores das narrativas esportivas, passam a construí-las por meio de engajamentos de todas as ordens. Ora estimulados pelas instituições, ora movidos por uma espontaneidade característica deste contexto.

Passam a ocorrer eventos de fronteira – entre campos sociais diversos e o campo dos media: entre campos não diretamente midiáticos; entre campos e a sociedade ao largo. O acionamento, aí, de processos interacionais com o uso de tecnologias midiáticas não se encontra regulado pelas práticas estabelecidas, gerando indefinições de todas as ordens (BRAGA, 2015, p. 25).

Mais uma evidência deste processo está na forma como a cada dia surgem novos canais amadores no *Youtube*. Torcedores anônimos, ex-atletas e até jornalistas esportivos recebem milhões de visualizações em suas páginas, que estão vinculadas ou desvinculadas aos tradicionais meios de comunicação⁶⁴. Do outro lado, a cada dia velhos e novos meios lançam estratégias de interação com as redes, tentando se apropriar de discursos e táticas características delas, basta ver os esforços do grupo Globo na produção do game *cartola*⁶⁵, marcado por lógicas de uma produção transmidiática.

Os resultados esportivos do Campeonato Brasileiro, transmitidos pela emissora, se transformam em dados de um *game* que envolve os torcedores durante toda a competição. Tais lógicas frequentemente têm sido pensadas a partir do entendimento de Jenkins (2009) sobre uma produção convergente:

A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a

⁶⁴ A caracterização deste cenário pode ser percebida tanto pela profusão de *podcasts* (formatos simples de entrevistas que migraram deixaram de se apresentar apenas relacionados ao futebol no *Youtube* como na circulação de sentidos produzidos por amadores nas redes sociais, como demonstra a matéria do El País: “A febre dos podcasts sobre futebol preenche lacunas e atrai pesos pesado Nomes consagrados e jovens oferecem ampla gama de programas, alternativa às mesas redondas tradicionais”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/deportes/1567791870_828276.html. Acesso em 18 jul. 2021.

⁶⁵ O jogo foi lançado pela emissora no Campeonato Brasileiro de 2005 e funciona como um simulador em que usuários cadastrados escalam seus times por meio do site, ou dos aplicativos disponíveis para diversos aparelhos mobile. O jogo não termina quando juiz apita. Ao final de cada rodada, assim como nos tradicionais debates de mesa redonda, a resenha esportiva transpõe a temporalidade e o espaço do jogo em si, gerando diversos engajamentos e repercussões em espaços de conversação informal: twitter, facebook, instagram, dentre outros. As ações dos cartoleiros não ficam restritas ao espaço da simulação virtual. O debate que se faz do jogo fantasy é incorporado pelas tradicionais resenhas sobre os jogos do campeonato Brasileiro. A narrativa do que se passa no jogo real e no fantasy se misturam e se confundem, fazendo com que atletas, jornalistas esportivos e torcedores interajam produzindo sentidos diferentes dos habituais.

partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2009, p. 28).

Entretanto, no contexto deste trabalho, apresento a noção do autor norte-americano (2008) para fazer um contraponto. Olhar para esta nova ambiência requer questionar a ideia de convergência das lógicas desatadas por Jenkins (2009) – oferecendo uma visada mais abrangente das processualidades comunicacionais. Neste sentido, para Fausto Neto (2016), a definição de Jenkins não valoriza o trabalho sóciosemiótico, não leva em conta as interpenetrações tecno-discursivas realizadas entre os produtores institucionais de discursos e os atores sociais em situação de recepção.

O ponto de vista do autor americano enfatiza apenas a importância do ponto de vista da produção:

É um olhar sobre o cenário comunicacional que não complexifica sua dinâmica ao não observar elementos que operam como mediadores na constituição de seu funcionamento. Ratifica-se apenas que, além de afetar a dinâmica mais ampla do ambiente, a convergência opera sobre as lógicas das instituições midiáticas, bem como sobre os modos através dos quais os consumidores se expõem às possibilidades de contatos com universos produtores de mensagens (FAUSTO NETO, 2016, p. 60-61).

A midiatização apresenta perspectivas que valorizam as divergências. Destaca a complexidade das relações sobre as quais é possível observar manifestações discursivas em torno de disputas de sentido. Tais divergências se dão no lugar da circulação⁶⁶, agora não mais compreendido como uma “zona automática” de transmissão entre produção e recepção.

No estágio atual da midiatização, a pesquisa aponta que é neste cenário de interpenetração – muito mais de divergência do que convergência – e de tensões entre acoplamentos e dissipações que a história se desenvolve agora em um intrínseco processo de convergência e divergência entre meios novos e velhos, com novos cruzamentos entre o simbólico, o indicial e o icônico e a nova digitalização gerando uma malha cada vez mais complexa e diversa (FAUSTO NETO, 2017, p. 16).

Percebe-se que a questão da convergência não se daria apenas por uma engenharia sistêmica de natureza tecno-midiática, mas também por operações que Verón (2001) denomina de processos mentais. Enquanto tecnologia, o VAR pode provocar aquilo que o autor chama de “rupturas de escala”, capazes de desestabilizar estruturas e constituir novas maneiras de interpretar o mundo. Neste sentido, a leitura deste artefato técnico jamais pode se dar a partir da percepção de discursos institucionais que revelam um processo de inovação estabilizado. Nossa

⁶⁶ É justamente neste espaço que desenvolvemos o nosso problema de nossa pesquisa, que será apresentado no tópico final deste capítulo.

leitura irá privilegiar o lugar das discontinuidades que emergem dessa ambiência onde muitos falam para muitos.

Para notar essas defasagens, precisamos ir dos campos aos circuitos, como nos propõe Braga (2012). A provocação do título dessa seção não nos autoriza a dizer que existem dois futebolis diferentes, cujas lógicas e meios se alteram de maneira linear. Tratamos aqui de demonstrar que o VAR emerge de um contexto longínquo, marcado por relações estratégicas de processos de midiaticização envolvendo discursividades midiáticas e esportivas.

Se no século XX o futebol e o *mass media* aprofundaram seus processos de agendamento a partir de bordas e práticas profissionais bem definidas, o século XXI apresenta um cenário que complexifica essas relações em diversos circuitos que se interpenetram, um cenário desafiador e interessante para observarmos como são oferecidos e percebidos os processos de inovação relacionados ao futebol.

3.4 A circulação como eixo para o desenvolvimento do problema de pesquisa

O conceito de midiaticização, acionado para descrever o atual cenário comunicativo da sociedade, nos oferece um eixo teórico e também é referência fundamental para observarmos transformações que vêm ocorrendo nas gramáticas de produção e recepção do espetáculo esportivo. Nos referimos a noção de circulação e suas processualidades em termos discursivos.

No âmbito deste trabalho, trata-se de um conceito que compreende fundamentalmente a circulação midiática, portanto discursiva. Como já mencionado no começo deste tópico, nossa interlocução se dá de forma mais densa com as concepções oferecidas por estudos latino-americanos, capitaneados sobretudo pela vasta obra de Eliseo Verón e também com muitos de seus interlocutores, sobre os quais precisamos ressaltar os esforços envolvidos nos debates do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO) e os trabalhos desenvolvidos pela linha de pesquisa em Midiaticização e Processos Sociais, LP-4, no PPGCC da Unisinos.

Segundo Fausto Neto (2018, p. 1), a descrição do funcionamento de um objeto no contexto dos fenômenos midiáticos na contemporaneidade exige o resgate de algumas noções relativas à midiaticização.

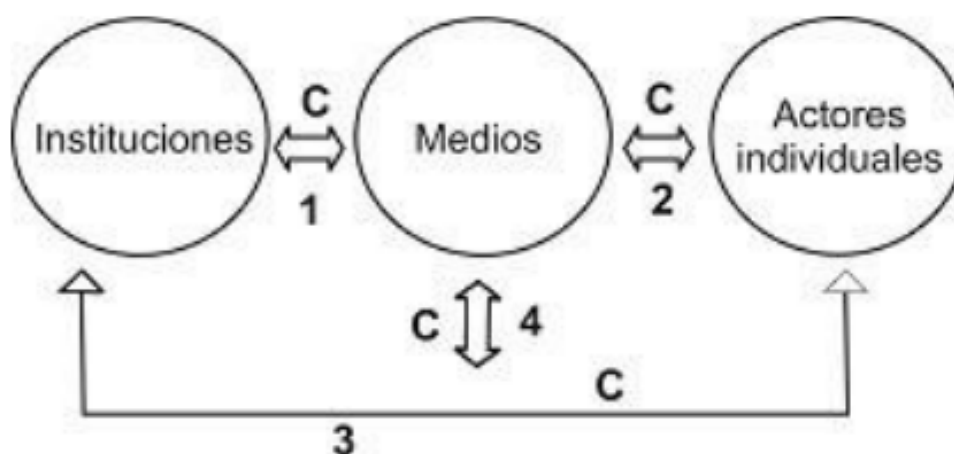
Neste sentido, assim como o autor, recorro primeiramente a Verón (1997) para introduzir este aspecto seminal relativo às processualidades ascendentes de uma sociedade em midiaticização.

A observação do primeiro esquema para análise de midiaticização, na Figura 13, abaixo, revela indícios das transformações que atravessam esta nova ambiência da midiaticização, sobre

as quais passam a operar novas lógicas, diferentes daquelas percebidas na sociedade dos meios.

A dinâmica, agora marcada por processos não-lineares, se distancia dos antigos modelos de causa e efeito explicitados nos estudos que analisavam a interação dos demais campos sociais, marcados por uma forte ação dos meios de comunicação de massa, baseada em uma relação causal de produção e recepção.

Figura 13 – Esquema para análise da mediação



Fonte: VERÓN (1997, p. 15).

Ainda refletindo sobre o esquema, Fausto Neto (2018, p. 12) destaca que “sua dinâmica não contempla processos lineares de causa e efeito nas relações dos seus componentes. E que, no lugar destes, destacam-se circuitos de *feedbacks* não-lineares”.

No fluxograma, podemos notar que os meios em posição central ainda produzem uma relação de afetação com os atores individuais e instituições, mas agora atravessadas por lógicas e discursividades que se colocam como *feedbacks* nos processos comunicacionais, produzindo uma multifacetação de ações neste cenário a ser observado.

A circulação é, portanto, esse espaço intermediário de defasagens evidenciado pela mediação para além das linearidades pressupostas na ida-e-volta de uma conversa, na oferta cultural e nas interações baseadas na cultura escrita. A noção central é de que a comunicação nas interações mediadas está ligada sobretudo às ‘transformações havidas no âmbito da circulação’, um ‘terceiro polo’ posicionado junto à produção e à recepção (FAUSTO NETO, 2010, p. 3).

Esta talvez seja a figura mais reproduzida em teses e dissertações relacionadas ao processo de mediação: trata-se, portanto, de um ponto de partida para compreendermos tais

transformações, embora seja importante destacar que não se trata de um modelo estável, abrangente, aplicável a todos os objetos e processos de atualizações deste cenário comunicativo, uma vez que tais relações se complexificam neste momento de aceleração histórica das condições de produção de sentidos.

Torna-se necessário refletir sobre uma visão atualizada oferecida pela obra de Verón (2013) para compreender este cenário heterogêneo relacionado aos processos de interação e inovação do VAR.

Em diálogo com a teoria sistêmica Luhmann, o autor faz considerações sobre a circulação e a complexificação dos processos de produção e reconhecimento de sentidos. Verón (2013) considera a existência de sistemas sociais e sistemas sócio-individuais como autoreferenciais e autopoieticos, que se constituem um ao entorno do outro em um processo de interpenetração: “sistemas sociais e sistemas psíquicos foram produzidos reciprocamente no curso de uma coevolução” (VERÓN, 2013, p. 298)⁶⁷.

A ideia de *interpenetrações* está diretamente associada à proeminência do valor dado às diferenças estabelecidas entre os sistemas e ambientes envoltos uns sobre os outros, “nem ontologicamente, nem analiticamente, o sistema é mais importante que o ambiente; pois ambos são aquilo que são apenas em referência ao respectivamente outro” (LUHMANN, 2016, p. 204).

No contexto da circulação, Fausto Neto (2018) explica que tal conceito é elucidativo dos processos que se dariam por exemplo no contato entre sistemas relacionados com os meios de comunicação com os autores sociais. Ambos sistemas veem suas complexidades coexistirem e se envolverem de modo recíproco.

Baseada na teoria sistêmica, a noção de interpenetração pode oferecer importantes recursos para a compreensão do jogo de afetações mutuas estabelecidas entre os sistemas midiáticos e esportivos, implicadas por uma inovação que provoca engajamentos advindos dos dois sistemas.

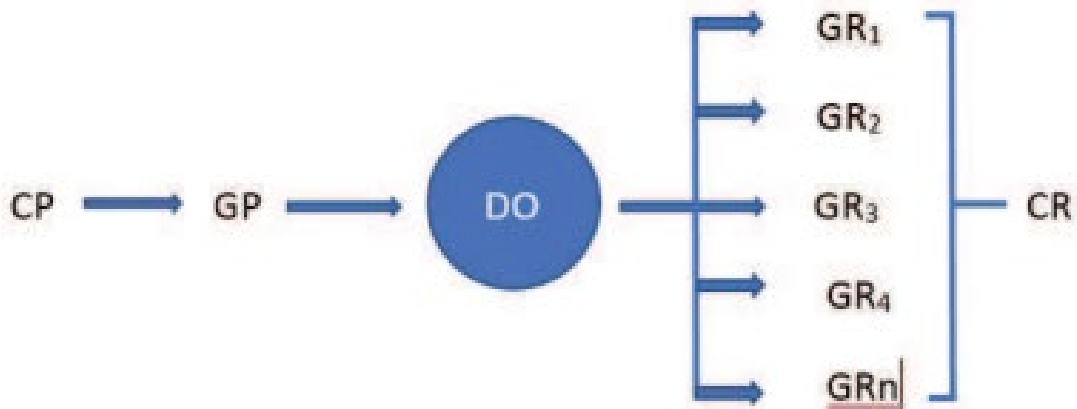
Segundo Verón (2013), na circulação, o fenômeno midiático deve ser observado como um momento na cadeia/sequência da semiose humana, que pode por sua vez privilegiar diversas perspectivas na construção de uma análise. Em geral, a observação desta cadeia nos obriga a lidar com as noções de ruptura e defasagem entre o polo da produção e a esfera do reconhecimento, constituída pelo que o autor chama de coletivos de atores individuais.

Verón (2013) salienta que a defasagem não é o objetivo principal do engajamento midiático, mas é consequência, expressa a não linearidade do processo de circulação.

⁶⁷ Tradução nossa do original: “Los sistemas sociales y los sistemas psíquicos se han producido recíprocamente en el curso de una coevolución” (VERÓN, 2013, p. 298).

Neste sentido, Verón (2013) elabora um outro esquema (Figura 14), em que ilustra os lugares onde se dão essas defasagens em processos não lineares. “O esquema de defasagem de produção / reconhecimento pressupõe que lógicas qualitativamente diferentes estejam operando nos dois polos de circulação” (VERÓN, 2013, p. 294).

Figura 14 – Representação das defasagens e reconhecimentos



Fonte: Verón (2013, p. 293).

O esquema demonstra os múltiplos circuitos que operam como gramáticas de produção e reconhecimento, resultantes dos engajamentos dos atores sociais e instituições midiaticizadas. É possível pensar no VAR como discurso objeto (DO), uma inovação que também se materializa enquanto oferta discursiva elaborada a partir de uma *gramática de produção (GP)*, constituída pelas discursividades de instituições e por gramáticas de atores sociais envolvidos com as estratégias de implementação da tecnologia.

Em midiaticização, tais discursos seguem o caminho de fluxos sem mapas, sem roteiros pré-definidos. Indefinição que resulta do encontro (articulação) da gramática de produção com *gramáticas de reconhecimento (GR)*. Na recepção, os atores sociais coelaboram o discurso ofertado. São gramáticas compreendidas no contexto deste trabalho como parte da atorização social do VAR, de sua adoção envolvendo a recepção e das apropriações por parte dos atores sociais que se materializam em discursos e aspectos relacionados à sua adoção.

Na constituição e análise de nosso caso de pesquisa, será necessário retornar à conceptualização de defasagem, reconhecimento e apropriação. Em relação a estas apropriações é importante salientar, por ora, a noção de Fausto Neto (2018) que, em diálogo com Eliseo Verón (2013), afirma que:

De um lado, as estratégias das ofertas, condensadas em torno das lógicas de gramáticas das instâncias que lhes produzem. Por outro lado, heterogeneidades de formas de apropriação que se expressam segundo lógicas de diversas gramáticas que estão situadas no mundo dos atores (FAUSTO NETO, 2012, p. 23).

A percepção das apropriações relacionadas ao discurso ofertado pelos inovadores resulta do esforço em perceber como o VAR é compreendido por essa gramática singular que resulta desses processos de articulação (FAUSTO NETO, 2018). Se antes o campo dos *media* produziam discursos especializados que avaliam a eficácia da inovação, no campo da recepção o VAR é apropriado de maneira diversificada. Surgem, por exemplo, *memes*, metáforas que inserem a tecnologia de vídeo em instâncias diversas da vida cotidiana não relacionadas ao futebol propriamente dito.

“Chamar o VAR” virou expressão popular para a convocação de revisões em situações cotidianas. Marcas de como os mais diversos atores sociais passaram a produzir discursividades não só sobre os sentidos do jogo ofertados pela produção, mas também segundo suas próprias construções e subjetividades.

Neste sentido, os sujeitos em recepção são também sujeitos enunciativos, produzem sentidos sobre as ofertas. Agora, “o verdadeiro objeto a ser examinado não é a mensagem em si (...), mas a relação produção/reconhecimento, circunstâncias na qual a mensagem não é senão o ponto de passagem” (VERÓN apud FAUSTO NETO, 2018, p. 24).

Este ponto de passagem não é só lugar por onde os discursos seguem seus fluxos, como nos lembra Fausto Neto (2018).

A circulação é passagem, mas também lugar em onde os discursos são produzidos.

Dentre as consequências dos complexos feedbacks produzidos pela mídiatização crescente, aponta-se a transformação da estrutura (tecnodiscursiva) da circulação complexificando as condições de produção (e da própria circulação), dos discursos e dos sentidos. Da perspectiva desta proposta, a circulação é concebida como “região” na qual os sentidos não apenas transitam, mas também são tecidos (FAUSTO NETO, 2018, p. 30).

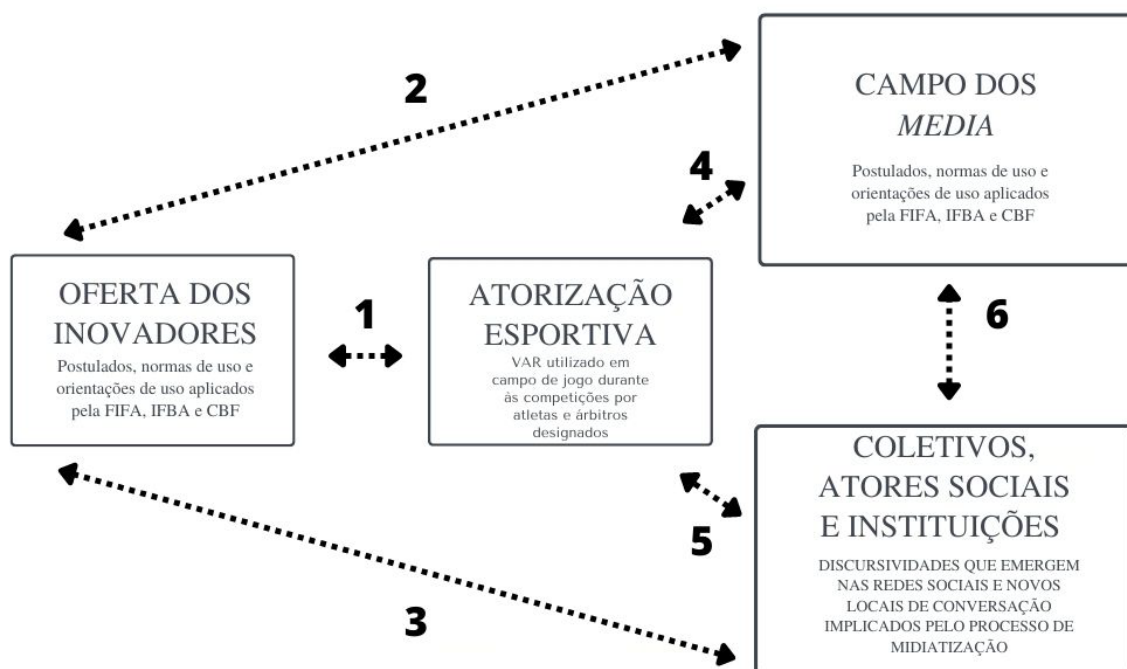
Nossa aposta é que, a partir da observação deste território, seja possível constituir uma história comunicativa relacionada à implementação do CBF VAR, que valorize a perspectiva

dos enunciados dos inovadores em articulação com as respostas dos atores sociais e demais instituições em mediação.

No esquema da Figura 15, abaixo, procuramos desenhar este espaço a partir de nossa leitura do esquema de Verón (2013), adaptamos a representação das defasagens e reconhecimentos as particularidades que envolvem o nosso objeto. O esquema materializa o lugar sobre o qual construímos nossa pergunta problema.

De forma alguma este esquema propõe determinar hierarquia dos fluxos, ou reduzir a complexidade que envolve a circulação do VAR enquanto um fato esportivo que se desdobra em diversos enunciados que se interrelacionam de forma de descontínua. Tomamos a esquematização somente como um procedimento que irão nos auxiliar nos processos metodológicos para coletas de materialidades a serem apresentadas no capítulo seguinte.

Figura 15 – Processualidades relativas às ações comunicacionais de oferta e reconhecimento presentes no processo de inovação do CBF VAR



Fonte: Elaborado pelo autor a partir das gramáticas de oferta e reconhecimento dispostas por Verón (2022).

Para o processo explicativo do esquema, é necessário elucidar primeiro que as setas de duplo sentido representam os feedbacks, fluxos de oferta e resposta dos diferentes sistemas e gramáticas dispostas neste jogo de afetação. Tratam-se das “zonas de contato” compreendidas por Fausto Neto (2018, p. 22) “enquanto uma espécie de um território de negociação”. A numeração, que sobrepõe as setas, por sua vez não revelam qualquer tentativa de conferir ao processo alguma linearidade entre os processos, se apresentam somente a título de organização de nossas observações.

Justifico a elaboração deste esquema como uma tentativa de visualizar as naturezas distintas de informação e discursividades relacionadas ao jogo de futebol inscrito em um cenário comunicativo transformado pelos processos da midiaticização.

Feitas essas primeiras considerações, percebe-se da esquerda para a direita que o primeiro quadrante apresentado pelo esquema diz respeito ao que chamo aqui de postulados de utilidade, relacionados à oferta dos inovadores. Descrevemos como se dão as formulações das regras e das inovações no futebol no tópico 2.3, onde apresento um campo duro, constituído por materialidades advindas de manuais, protocolos, descrições de patente, reportagens de divulgação que enunciam aquilo que os inovadores ensinam que seja produzido enquanto sentido a partir da implementação do VAR.

Os sentidos produzidos pelo campo dos *media* estão representados pela *seta 2*. Pode-se dizer que a própria falação esportiva construiu ao longo dos anos discursos críticos às federações e à arbitragem de futebol, resultando na urgência para implementação do dispositivo. Ao mesmo tempo que também funcionam como mediadores na explicação de seu funcionamento do VAR para o torcedor.

Neste espaço, também emanam as primeiras discussões sobre como funcionaria uma tecnologia de vídeo no futebol, uma racionalidade coletiva que aparece implicada nos seus protocolos e que começou a ser constituída pelas discussões nos *media*, antes mesmo da sua formulação concreta.

É na aplicação e funcionamento desses enunciados e regras que as disjunções entre a oferta e seu uso aparecem representadas pela *seta 1*, uma vez que tal inovação encontra-se ainda desestabilizada.

O quadrante denominado de atorização esportiva revela as disputas em jogo durante as partidas. Via estratégias, *actantes* fazem usos distintos da inovação em relação àqueles previstos nos manuais, gerando tensionamentos entre os sujeitos e as instituições. Da atorização esportiva, poderíamos dizer que também fazem parte os jornalistas e demais atores. Por motivos

de organização das discursividades resolvemos dispor nos quadrantes seguintes. Como se a atorização esportiva dissesse respeito somente aos processos agonísticos do jogo.

Jogadores e árbitros adaptam suas estratégias aos novos processos implicados pela inovação. É neste período que os acontecimentos de natureza disruptiva se dão (disruptiva em relação àquilo estabelecido enquanto normalidade de tempo e espaço do jogo de futebol pré-VAR). O auxílio do árbitro de vídeo, como uma intervenção colateral, cria novas complexidades na disputa esportiva. Ao invés de resolver problemas de interpretação antigos, faz irromper novas processualidades e novos problemas de natureza tecnológica.

O VAR, pensado e estruturado em normas, passa a ser atravessado pelos modos de uso inesperados, que reconfiguram sua prática, gerando tensionamentos e desconfortos de todas as ordens no mundo esportivo. Neste sentido, a *seta 1* também situa as pressões advindas do campo do jogo em direção à reformulação e atualização das normas e modos de uso do VAR.

As defasagens da oferta, percebidas primeiro em campo, são interpretadas pelas discursividades relacionadas aos produtos advindos da espetacularização do futebol, representada pela *seta 4*. O campo dos *media*, via discursividades e estratégias específicas, produzem sentidos relacionados ao dispositivo. Comentaristas em programas esportivos, ex-árbitros e especialistas adequam seus procedimentos tecno-discursivos à presença de um novo ator.

Já o quadrante em que descrevo como coletivos⁶⁸, sujeitos e instituições diz respeito ao espaço complexificado pela internet onde se deflagram os *feedbacks* de todas as ordens que surgem após a atorização esportiva. Nestes espaços emergem discursividades de instituições, sujeitos e coletivos de torcedores que também se relacionam com as processualidades e atualizações das normas representadas pela *seta 3*. O contra fluxo das ofertas também representadas pela *seta 3* demonstra como as instituições ofertam essas normas neste espaço de disputa.

Sem necessariamente passar pela mediação do campo dos *media*, este último quadrante se apropria ao seu modo de inúmeras maneiras dos sentidos produzidos pela atorização esportiva representada pela *seta 5*.

Os atores esportivos por sua vez também enunciam para estes espaços, por meio de suas assessorias de imprensa, agentes de imagem ou de forma personalizadas em suas contas em redes sociais – produzindo contatos diretos representados pelo contra fluxo da *seta 5* entre torcedores e personalidades célebres antes separados por um muro, cuja mediação dos universos ficava restrita ao campo dos *media*.

⁶⁸ Ainda se faz necessário explicar a noção de coletivos, que aqui podem ser relacionadas às ações de torcedores nas redes. São as audiências, que segundo Carlón (2004) são transformados em enunciadores, com trajetórias e especificidades próprias. Voltaremos a esta noção no próximo capítulo durante a constituição do caso.

Já a *seta seis* é ilustrativa das discursividades que se *acoplam*. Por um lado, surgem nas redes discursividades que são exploradas pelo âmbito dos *media*, por outro os atores sociais se apropriam das discursividades e das imagens advindas destes meios, conferindo a elas outros valores⁶⁹.

É neste contexto de alta complexificação da circulação de sentidos e discursividades que inscrevo nossa pergunta problema, que retomamos neste momento de conclusão de capítulo. **Sob esta instância da circulação (pertencente à gramática veroniana) nos perguntamos como se dariam as condições e ações comunicacionais de oferta e reconhecimento do CBF VAR inscrito em um processo de inovação do espetáculo esportivo?**

A partir deste problema geral, iremos formular ao longo do texto, sobretudo no capítulo metodológico, problemas que se desdobram a partir da observação do processo de inovação do CBF VAR em midiatização. Questões relacionadas a tecnologia, imagens, organizações de coletivos em redes e sobretudo relacionadas a forma como o fato esportivo constituído de forma coletiva é atravessado pela adoção do VAR. Reconfigurando alguns aspectos que nos ajudam a compreender melhor a relação entre esporte e mídia.

Posto este cenário complexificado por onde se constrói uma percepção coletiva acerca da implementação do VAR no Brasil, precisamos nos perguntar o que observar de maneira concreta. Ferreira (2020) destaca algumas possibilidades oferecidas enquanto caminho “metodológico, relativo ao processo de coleta, organização e análise dos dados relativos ao caso construído”.

O autor destaca que, além da constituição de casos, as plataformas também permitem análises das métricas datificadas, que possibilitam quantificar temáticas, assuntos e tendências discutidas em plataformas.

Entretanto, neste trabalho faremos um estudo de caso midiatizado, onde se busca observar como o dispositivo CBF VAR vem sendo percebido na instância da circulação a partir da observação de contextos bem delimitados e de materialidades discursivas selecionadas a partir de critérios a serem explicados no próximo capítulo.

⁶⁹ Tomando como referência as discussões propostas pela pesquisadora Ana Paula da Rosa (2016) sobre a imagem no contexto da circulação, compreendemos essas apropriações também a partir das imagens como um dos resultados dos engajamentos dos atores sociais, que atribuem valores às imagens a partir de um processo de sua recontextualização. As elaborações sobre um determinado produto se dão de forma espalhada. A pesquisadora explica que elas emergem tanto de instituições tradicionais, como em instâncias amadoras, que se manifestam sobretudo por meio de redes sociais (ROSA, 2016, p. 4).

4 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E CONSTITUIÇÃO DO CASO MIDIATIZADO

Se esforça Dinho, escorrega e se recupera, leva na saúde, bate o terceiro e.... Gooooooooool do Atlético! Dinho, aos dez minutos para o fim da partida, aos 35 minutos do segundo tempo. Uma fantástica jogada de Dinho, o homem coração. Dinho, o homem força. Dinho todo entrega e toda generosa luta. Dinho, o incompreendido, o incompleto, mas bom jogador carrega o Galo para sua primeira vitória no Mineirão neste campeonato (...) (WILLY GONZER, 1995)⁷⁰.

Peço novamente licença aos colegas leitores para introduzir o presente capítulo com um episódio pessoal que considero ser revelador do lugar ou dos lugares que inevitavelmente atravessam o processo de escolha dos empíricos e da delimitação do caso a ser trabalhado daqui para frente.

Já dizia Galeano (1997, p. 12) que “para os navegantes com desejo de vento, a memória é um porto de partida”. No estádio Mineirão, com seu inseparável rádio portátil no ouvido, meu pai escutava a narração do gol do nosso time de coração em cima do maior rival. Eu tinha apenas quatro anos e vivenciava meu primeiro clássico nas arquibancadas divididas.

Trata-se de uma lembrança mediada pela narração de Willy Gonzer, transcrita no excerto que abre este tópico. Tudo que elaborei e presenciei sobre minha primeira vez em um estádio de futebol está mediado por este instante narrado, pelas imagens de arquivo que agora acesso com facilidade na internet sempre que quero tocar de alguma forma aquela lembrança que me traz uma sensação de espanto e de descoberta para um mundo simbólico que me constituiu enquanto sujeito.

Não me esqueço das festas das duas torcidas, das bandeiras, sinalizadores e do barulho de metade do estádio que se contrastava com o silêncio da outra nos momentos de maior tensão. O mundo de possibilidades sensoriais e simbólicas que se revelavam para mim, enquanto meu pai (supersticioso) seguia com a cabeça baixa, de olhos fechados, escutando o que narrava Willy Gonzer e o que diziam os outros comentaristas da rádio Itatiaia sobre o jogo que se passava diante de nós, a tão poucos metros.

Aquele rádio gravador preto da *Philips* nos acompanhou em inúmeras outras “jornadas esportivas”⁷¹. Nele descontamos algumas frustrações derivadas dos amargos anos 1990 e 2000

⁷⁰ Transcrição da narração de Willy Gonzer para o primeiro gol do Atlético-MG contra o Cruzeiro no estádio Mineirão. Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=z2VHVmA7AGg&t=17s>. Acesso em 10 ago. 2020.

⁷¹ Modo pelo qual a Rádio Itatiaia denomina até hoje todo o período de transmissão do jogo de futebol, contemplando os momentos pré-jogo, jogo e pós-jogo.

– que tornaram a vida de todo atleticano um pouco mais difícil naquele período. O objeto tecnológico, mais do que mediador entre a agonística e a recepção do jogo, era parte constitutiva de nossa experiência com o esporte. Uma relação essencialmente midiaticizada, atravessada por um conjunto de materialidades e discursividades que transformavam o jogo em significações na mesma medida em que se transformam até hoje.

Evidências de metamorfoses importantes na forma de consumir e vivenciar o espetáculo esportivo começavam a se manifestar nos meados dos anos 2000 e o já citado rádio presenciou este período histórico, marcado por um hibridismo na convivência de novos e antigos objetos mediadores do espetáculo esportivo⁷².

Nos estádios, os *ipods* (hoje já obsoletos) e *aparelhos de mp3* começavam a substituir os antigos rádios de pilha, enquanto *smartphones* apareciam pouco a pouco nas arquibancadas, registrando em poucos *pixels* a festa das torcidas.

Em 2006, em um ensolarado sábado de rodada válida pela segunda divisão nacional, um espirituoso torcedor pediu para que meu pai abaixasse o rádio que também era gravador, posicionado na altura de seus ouvidos. Objeto que estaria o impedindo de assistir ao jogo:

- Ei tio, abaixa o *ipod* aí!

Disse o jovem com certa sagacidade, tirando sarro da obsolescência do artefato.

A recusa por parte do meu pai gerou um desconforto momentâneo entre os envolvidos (resolvido minutos depois com abraços, após o gol do atacante Marinho, artilheiro daquele campeonato). Já a fala do torcedor reverbera neste momento como uma provocação relacionada a três aspectos muito importantes para compreensão das materialidades e sentidos que serão analisados por este trabalho:

a) Um primeiro está relacionada à própria afinidade que o futebol estabelece com os objetos técnicos que o constituem, não apenas na dinâmica e nas processualidades esportivas, mas também fora das quatro linhas, nas arquibancadas, nos lares, mediando afetos relacionados à memória e à técnica em desenvolvimento;

b) Já o segundo revela a diversidade da materialidade discursiva e simbólica que se desdobra a partir de uma agonística inicial. A captação tecnocomunicacional do jogo via mídia. A partida que se transforma em narração de rádio e TV ganha tom de debates entre especialistas em canais e programas de esporte tradicionais e agora se complexificam a partir dos sentidos que emergem das plataformas e de redes sociais, marcadas por novas possibilidades plataformizadas que transformam o modo de consumir e de experimentar o futebol;

⁷² Transição de sociedade dos meios para uma sociedade em mediatização, destacada no tópico 3.3.

c) O terceiro diz respeito ao lugar de observador que assumo neste momento, precedido por um olhar anterior de um jornalista que trabalhou com esporte e sobretudo pelo olhar do torcedor que me trouxe até aqui: ao despertar em mim e em tanta gente o interesse pelo futebol que pode ser vivido e refletido de tantas maneiras.

Partimos da proposição (c) para anotar que desde muito cedo o futebol ocupou um lugar importante em meu universo simbólico. Introduzido na minha infância, espalhou-se em minha vida cotidiana por meio de diversas práticas sociais: torcer, consumir, “falar sobre” e até trabalhar com o esporte no exercício diário do jornalismo. Agora, tomando-o como periscópio de observação em minha pesquisa acadêmica, deparei-me com um novo lugar de nosso encontro, um lugar em que assumo o papel de observador distinto daquele que habituei a exercer nas minhas vivências como torcedor e repórter.

Este novo lugar pressupõe um rigor científico, que embora esteja marcado por protocolos e procedimentos bem definidos, não me parece ser impeditivo para o acionamento de questões implicadas pela subjetividade daquilo que adquiri em minha vivência com o esporte e com a comunicação. Motivado pela leitura da obra de Lévi-Strauss, *Olhar escutar ler* (1993)⁷³, tenho pensado neste fazer científico dotado de sensibilidade, por meio do qual o autor escreve, em primeira pessoa, sobre a sociedade francesa, direcionando seu olhar para importantes obras artísticas do século XVIII.

Aquilo que o emociona é subsídio para o seu fazer científico. Ao autor não interessa analisar detalhadamente as três obras que descreve nos primeiros capítulos: Olhar (Pussin), Escutar (Rameau) e Ler (Diderot), mas sim examinar as particularidades de cada uma por meio de uma metodologia não explicitada, mas que faz uso recorrente dessas três faculdades de entendimento para construção de sua narrativa, capacidades que estão intrinsecamente ligadas à sua subjetividade, vivência e memória.

No meu caso específico, escutar, olhar e ler o futebol também significou visar as relações subjetivas que construí com ele. Desta forma, foi tomando as particularidades da minha relação com o fenômeno que despontaram as principais questões norteadoras de meu fazer científico, mais que isso, minha vivência (assistir, debater e me emocionar com jogos) se misturaram de forma inevitável a este exercício. Assistir aos jogos com um bloco de notas na mão, refletindo sobre os processos, buscando fazer as primeiras inferências sobre uso do VAR, trans-

⁷³ Cf. Claude Lévi-Strauss. *Olhar escutar ler*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Companhia das Letras, 1977.

formou minha rotina de acompanhar o esporte, agora com blocos de anotações, criando estratégias para observar quais acontecimentos e quais desdobramentos me ajudariam em um processo de delimitação do objeto.

É verdade que poderíamos ter optado por apresentar nossa construção metodológica no início do trabalho, uma vez que dimensões de sua execução já estão implicadas no que trouxemos em termos de materialidade para apresentação do problema de pesquisa. Entretanto, escolhemos delineá-la neste momento, na medida em que ela se constrói de acordo com as exigências implicadas por um problema marcado pelas disputas em circulação apresentadas no capítulo anterior, no qual esse cenário se mostra como um “lugar de produção e de trânsito de discursos, onde sentidos são ao mesmo tempo engendrados e disputados, ele é fonte de complexidade ao explicitar atravessamentos de lógicas diversas, sejam aquelas que apontam para regulações, mas também de potencialização de sentidos” (FAUSTO NETO, 2018, p. 31).

O processo de observação e investigação dos circuitos exige um movimento de reconhecimento do observador como parte da cadeia semiótica (VERÓN, 2013, p. 291). Esta paisagem nos remete à necessidade de localizar, identificar estes entrançamentos de olhares e de subjetividades que constituem a observação do fenômeno em mediação.

A partir de uma “epistemologia dos observadores”, Verón (2013) descreve ao menos três níveis distintos sobre os quais o pesquisador pode observar as lógicas interacionais em articulações e descontinuidades.

O primeiro grau está relacionado com aquilo que os atores sociais observam. No caso específico deste trabalho, pode-se vincular este nível à observação que os jogadores, torcedores e árbitros lançam sobre a realidade da implementação do VAR no campo em um primeiro estágio relacionado à adoção da tecnologia. Este nível captura a importância dada ao processo de observação dos sujeitos que são observados, que em mediação nos oferecem discursividades distintas daquelas capturadas por suas representações.

O segundo é marcado pela atividade de observação dos atores midiáticos. Aquelas que observam os atores sociais em suas observações. Em nosso caso, os observadores do campo midiático são responsáveis por formular, narrar os acontecimentos relacionados ao processo de defasagens relacionado à implementação do VAR em discursividades jornalísticas, mas também a partir de novas discursividades que emergem dos próprios observadores do primeiro grau, tais níveis de observação se articulam e se interpenetram.

Atletas, árbitros e instituições esportivas produzem discursividades sobre suas observâncias em um espaço de circulação ampliada, “os atores em sua atividade de observação de primeiro grau estão fazendo a mesma coisa que os observadores de segundo grau pretendem

fazer com eles: estão atribuindo reciprocamente certas propriedades, capacidades, intenções etc., como condições de suas relações sociais” (VERÓN, 2013a)⁷⁴.

O terceiro lugar de observação desponta como o lugar da anotação acadêmica. No qual me incluo, na tentativa de analisar os atores midiáticos em suas observações sobre os atores sociais, que por sua vez também observam. Os níveis se entrelaçam e complexificam as instâncias de interpretação do fenômeno.

Busca-se aqui estabelecer um caso capaz de capturar estes níveis de articulação que operam e constituem uma percepção ampliada da implementação da inovação, que como vimos se dá em defasagens, ainda que os produtores busquem estabelecer “fasagens” (VERÓN, 2013a) no processo de legitimação da tecnologia.

Começamos este trabalho de observação e constituição de nosso caso buscando heurísticas capazes de olhar para a complexificação da produção de sentidos advindos destes três lugares que descrevemos. Neste sentido, classificamos o VAR como um dispositivo interacional, como já exposto anteriormente no começo deste texto.

No contexto da circulação, Ferreira (2013) traz uma diferente contribuição acerca dos dispositivos, são chaves para analisarmos. A análise da circulação abstrata passa necessariamente por um processo de escolha dos dispositivos a serem observados segundo Ferreira:

A circulação (...) é abstrata. Ela se concretiza na análise dos dispositivos midiáticos em que ocorre. O dispositivo não é meio nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio. Nesse duplo movimento, observa-se um deslocamento/reescalamento, instalando novas lógicas de classificações em contextos interacionais em que está inserido (FERREIRA, 2013, p. 147).

Entretanto, aqui iremos focar no conceito de dispositivo, originalmente proposto por Foucault, que será debatido a partir da leitura de alguns de seus interlocutores e comentadores, especialmente fundamentado na leitura que Braga (2006; 2019; 2020) traz à luz do debate da comunicação e mais especificamente no cenário da midiatização.

Após refletirmos sobre o aspecto deposicional de nosso objeto, faz-se necessário justificar nossa escolha pela utilização de uma metodologia que permita a constituição de um Caso complexificado pela midiatização.

⁷⁴ Tradução nossa do original: “los actores en su actividad de observación de primer grado, están haciendo lo mismo que los observadores de segundo grado pretenden hacer con ellos: se están atribuyendo reciprocamente determinadas propiedades, capacidades, intenciones, etc., como condiciones de sus relaciones sociales”.(VERÓN, 2013a)

Podemos dizer que o presente estudo procura estabelecer um caso em que seja possível investigar duas dimensões distintas da midiaticização no esporte: o dispositivo VAR percebido em seu processo de adoção e a circulação de sentidos ativada pelo seu uso.

Este esforço para constituição do caso começa pela reflexão dos arranjos suscitados pelo VAR, percebido aqui como um dispositivo interacional, uma heurística que nos permite compreendê-lo enquanto sentidos em circulação.

4.1 O dispositivo interacional como uma heurística para observação dos arranjos do CBF VAR

Interessante notar as muitas formas pelas quais o VAR tem sido adjetivado no contexto deste trabalho. Em nossos esforços para definição do objeto na seção 3, ele é descrito ora como um sistema auxiliar de arbitragem, como uma configuração (LOUREIRO, 2020) ou até a partir de uma simplificada noção de “tecnologia de vídeo”.

As indefinições também se fazem presentes nas cartilhas institucionais, nas reportagens e nas diversas apropriações que assume durante a conversação informal que se estabelece sobre o jogo. Tal indefinição, em certa medida, poderia estar justificada pela complexidade desta inovação técnica e dos múltiplos arrolamentos que ela guarda em seu funcionamento, uma inovação aberta, marcada pela interação entre os atores humanos e não-humanos.

Trata-se de um artefato tecnológico cujo funcionamento é não-linear, revelador das contingências presentes nas ações humanas que guardam uma “sensibilidade” que, segundo Simonon (1989), caracteriza objetos de alta tecnicidade.

É por esta sensibilidade das máquinas à informação que um conjunto técnico pode se realizar, bem mais que por um aumento do automatismo. Uma máquina puramente automática, completamente fechada sobre si mesma em um funcionamento pré-determinado, não poderia dar senão resultados sumários. A máquina que é dotada de uma alta tecnicidade é uma máquina aberta, e o conjunto das máquinas abertas supõe o homem como organizador permanente, como intérprete vivo das máquinas, umas em relação às outras. (SIMONDON, 1989, p. 11-12).

Explicamos este aspecto no capítulo anterior e, nas seções seguintes, ainda iremos nos aprofundar nessas operacionalidades que caracterizam a tecnicidade do VAR e suas peculiaridades de usos no contexto de implementação da tecnologia de vídeo no Brasil.

Entretanto, mais do que essas relações que se estabelecem no campo de futebol na interação entre homens e máquinas, propomos aqui reconhecer o VAR em uma dimensão mais abrangente de dispositivo.

Não seríamos os primeiros a pensá-lo a partir da noção foucaultiana, diga-se de passagem. Melgaço (2021) trabalhou em sua dissertação com ao menos três dimensões disposicionais como demonstrado na seção 2.1. Minha hipótese, a priori, sugere a utilização de apenas uma: a inovação e seus múltiplos desdobramentos e arranjos percebidos em um contexto específico do futebol nacional.

Nosso desenho do VAR como um dispositivo é atravessado particularmente pela leitura e comentários de autores que se dedicam a ler e refletir sobre este conceito a partir das suas relações interacionais, próprias ao problema comunicacional, especialmente identificado na compreensão que Braga (2018; 2020) faz dos dispositivos foucaultianos.

O autor interpreta o conceito desenvolvido por Foucault a partir de uma entrevista concedida por ele à revista *Ornicar*⁷⁵, observando que a noção de dispositivo desenvolvida pelo autor não busca sistematizar uma teoria de classificação da realidade, mas sim uma heurística para observação de lógicas e articulações de arranjos sociais e os “modos de dispor as coisas” (BRAGA, 2018).

Em “Interagindo com Foucault”, o autor encontra ao menos oito aspectos que considera importantes para a constituição do conceito. A partir da interlocução entre os dois autores, busca-se fazer algumas considerações que irão implicar diretamente no processo descritivo de um problema relacionado ao VAR, tomando-o agora como um dispositivo interacional. Não se trata de uma antecipação de nosso processo analítico, sua configuração disposicional sugere indícios para o processo de constituição do caso.

O *primeiro* aspecto elencado pelo autor diz respeito justamente à definição consagrada de Foucault do conceito de dispositivo, caracterizado pela heterogeneidade de seus componentes.

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Tal heterogeneidade de ações e discursos caracteriza um aspecto interacional dos dispositivos que também se revela na leitura feita por Deleuze sobre o conceito:

Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas desubjetivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que

⁷⁵ Entrevista publicada no ano de 1977, parte da coletânea “Microfísica do poder, que por sua vez foi traduzida e publicada no Brasil dois anos depois.

se entrecruzam e se misturam, acabando por dar umas nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento. Decorrem daí duas consequências importantes no que concerne a uma filosofia dos dispositivos (DELEUZE, 1996, p. 3).

Capturar aspectos relativos à circulação é algo que está justamente conectado à tentativa de apanhar o que se revelam nessas linhas, nessas brechas, fissuras sobre as quais o autor faz referência. Busca-se justamente entender como enunciação e recepção se interpenetram a partir de estratégias que transformam os agenciamentos do esporte espetacularizado.

Um *segundo* aspecto é descrito por Braga (2020, p. 16) como “a substância do dispositivo: o sistema de relações entre os componentes”. Já o *terceiro* nos interessa em especial, pois desvela a ideia de arranjo semelhante aos processos suscitados pela noção de “jogo – o resultado de uma estratégia tentativa para organizar os elementos que constituem então o sistema. A disposição dos elementos, experimental e tentativa, passa por verdadeiras trapalhadas até conseguir articular o sistema de relações”.

Um processo tentativo está associado às defasagens, disrupções estabelecidas entre gramáticas de produção e de reconhecimento, que por sua vez possibilitam atualizações e novas configurações disposicionais. O dispositivo revela as tensões constituídas pelos diversos campos sociais (BOURDIEU, 1983), que desenvolvem estratégias nas disputas que circunscrevem o processo de inovação.

O *quarto* aspecto levantado por Braga (2020) pode ser relacionado a uma anterioridade e historicidade da esportificação do futebol, relatada aqui no capítulo 2, quando tratamos de suas interdependências, mais que isso, quando descrevemos como o rigor na aplicação das regras no campo de jogo se relaciona com o valor político e econômico que engendra o espetáculo esportivo.

A urgência que o dispositivo procura responder não está implicada apenas pelas injustiças advindas dos erros de arbitragem, mas também decorre dos vínculos estabelecidos entre o futebol e o capital, em um processo de atualização de um produto que procura agregar valores que o torne ainda mais lucrativo.

O atributo seguinte (o *quinto*) se refere ao funcionamento desse dispositivo, sobre o qual nos debruçaremos adiante, durante a descrição de seus manuais e também da interpretação de seus usos a partir das discursividades que emergem no campo de jogo.

Já a *sexta* característica diz respeito ao processo de funcionamento do dispositivo. Olhemos para a dimensão da adoção dada em um “perpétuo preenchimento estratégico” (FOUCALT apud BRAGA, 2020, p. 299), suscitadas pelos engajamentos das instituições e atores sociais em mediatização.

A *sétima* qualidade do VAR, compreendido como um dispositivo, relaciona-se àquilo que Melgaço (2020) chamou de atualizações disposicionais, modos pelos quais os dispositivos se atualizam na medida em que se dá o jogo de estratégias tentativas. Um *oitavo* e último aspecto, pode ser relacionado à consolidação daquilo que Latour (2001) descreve como *caixa-preta* das inovações, processos estabilizados em torno de uma verdade, não se pode dizer quem concebeu as estratégias (FOUCAULT apud BRAGA, 2020).

Não estamos sob qualquer hipótese tratando o VAR a partir de processos estabilizados, mas das atualizações recorrentes que ele produz sobre os demais dispositivos inscritos no espetáculo esportivo. Estes são reveladores não de uma estrutura dada, mas de uma estrutura construída, que deve ser observada para compreendermos como agimos diante dos novos sentidos e das relações implicadas pelos dispositivos, como nos sugere Deleuze:

Pertencemos a dispositivos e neles agimos. À novidade de um dispositivo em relação aos que o precedem chamamos actualidade do dispositivo. O novo é o actual. O actual não é o que somos, mas aquilo em que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do actual (DELEUZE, 1996, 2013).

Feitas tais considerações, podemos dizer que os dispositivos interacionais, segundo Braga (2011, p. 11), não estariam estritamente relacionados aos seus modos de uso, são espaços que ultrapassam as noções relacionadas às regras institucionais ou tecnologias acionadas, já que são compostos “também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais.

O autor sugere que no estudo dos dispositivos interacionais é necessário tomar ao menos três cuidados principais relacionados a procedimentos metodológicos:

No estudo de dispositivos interacionais, considerando as hipóteses acima, devemos cuidar minimamente das seguintes preocupações:

- não “desconhecer” aspectos – mas evitar atribuir-lhes de antemão um peso exclusivo ou generalizadamente determinante na caracterização do processo comunicacional;
- perceber a presença de diferentes conjuntos de elementos relevantes em diferentes dispositivos, assumindo entretanto que os elementos mais relevantes em um dispositivo podem ser irrelevantes em outro;
- considerar que, em diferentes dispositivos, as linhas de força que organizam relações entre os elementos serão também diferenciadas. Ou seja: que diferentes lógicas podem se manifestar, mesmo entre dispositivos que organizam elencos semelhantes de componentes (BRAGA, 2011, p. 7).

Atentos a essas provocações, buscaremos métodos capazes de descrever e localizar as defasagens entre as gramáticas de produção (GP) e as gramáticas de reconhecimento (GR) durante o processo de circulação – espaço marcado por desajustes e reajustes de suas configurações, aspectos característicos de um dispositivo aberto:

Quando as condições contextuais e os processos interacionais (via dispositivos estabelecidos) se tornam mutuamente desajustados – pelo enrijecimento codificado do dispositivo e/ou por condições contextuais em mutação – os dispositivos se tornam ineficazes, propiciando ora o surgimento de outros dispositivos tentativos concorrentes; ora inovações do próprio dispositivo, com ajustes maiores, através de novas propostas tentativas, a contrapelo das respostas-padrão, ‘reabrindo’ o dispositivo, que assim se transforma (BRAGA, 2011, p. 5).

O dispositivo no contexto da sociedade em midiatização captura fragmentos da circulação, que se dá de forma abstrata. Possibilita a captura de aspectos relacionados à descontextualização e recontextualização dos produtos midiáticos no espaço e no tempo, que refletem sobre a inovação ao mesmo tempo que constroem suas atualizações e novos arranjos.

O VAR é, portanto, agora compreendido por este trabalho como dispositivo privilegiado da observação da sociedade da midiatização. Adiante, torna-se necessário definir quais caminhos, o quê e como observar seus arranjos: trata-se da definição e da discussão mais aprofundada sobre nosso método e sobre a constituição do caso a ser observado.

4.2 Do caso ao caso midiatizado

Analisando trabalhos recentes produzidos pela LP 4 do PPGCC Unisinos e também no Laboratório de Circulação, Imagem e Midiatização (Lacim/Unisinos), é possível notar uma recorrência de investigações que adotam o Estudo de Caso como método para observação de objetos inscritos em um cenário de complexificação da circulação de sentidos na midiatização.

Em estudos mais recentes, como os realizados de forma percursora por Weschenfelder (2020), seguidos pelas pesquisas de Rosa, (2021), Bertoni (2021) e Damásio (2022), é perceptível a emergência da noção de Caso Midiatizado, que revela uma preocupação dos autores relacionada à contextualização e adequação de definições consagradas, relacionadas ao método e à sua aplicação nas Ciências Sociais e Humanas (YIN, 2005; BECKER, 1999) e também na Comunicação (FORD 2002; BRAGA 2008) aos objetivos e desafios implicados na observação de casos inscritos no cenário comunicacional contemporâneo.

A escolha pelo estudo de caso é explicada nestes trabalhos sobretudo pelo apelo qualitativo dos dados analisados e também pela complexidade que envolve a inscrição e manifestação dos acontecimentos, segundo temporalidades e processualidades agora desestabilizadas por uma nova configuração interativa entre comunidades, instituições e sujeitos.

Becker (1999) chama a atenção para a origem do método em um contexto de estudos médicos, revelando a propensão da estratégia em fornecer um conhecimento sólido a partir do estudo denso de um caso singular – que também pode ser revelador para formulações a respeito de estruturas sociais mais abrangentes:

O estudo de caso geralmente tem um propósito duplo. Por um lado, tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo: quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividade e interação recorrentes e estáveis? Como elas se relacionam umas sem as outras e como o grupo está relacionado com o resto do mundo? Ao mesmo tempo, o estudo de caso também tenta desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estrutura sociais (BECKER, 1999, p. 118).

Isto não significa, entretanto, que seja possível generalizar tais estruturas a partir de seus fragmentos. Neste sentido, Yin (2005, p.55) salienta a particularidade de que cada caso, que não pode ser tomado como amostra da realidade. A observação de sua singularidade é o que nos permite descrever e explorar os fenômenos contemporâneos a partir de ações tanto exploratórias como descritivas (YIN, 2005).

Braga (2008) ressalta a forte presença deste método em pesquisas relacionadas à disciplina da Comunicação. É na exploração dos indícios, do paradigma indiciário, que os estudos buscam perceber a complexidade implicada nos fenômenos. Ao menos quatro finalidades poderiam ser abstraídas da observação destes acontecimentos singulares. Finalidades, que estão articuladas entre si (BRAGA, 2008, p. 77).

Primeiro, é importante destacar que, para Braga (2008), uma pluralidade de fenômenos pode ser percebida de forma intuitiva, e ainda assim, produzir um conhecimento rigoroso e diversificado para a área. Uma *segunda* característica diz respeito à capacidade de articulação e tensionamento entre o caso escolhido e os demais casos já estudados, cujo conhecimento está estabelecido, possibilitando parâmetros para análises e discussões.

Neste sentido, nos dedicamos à construção de um estado da arte, apresentado no segundo capítulo deste trabalho, visando situar esta pesquisa dentro de um universo de muitas angulações. A *terceira* ressalta a lógica própria da processualidade indiciária dos casos da área, que pode gerar proposições e abstrações a partir de realidades concretas. Para o autor, o estudo de caso destaca-se, ainda, por ter uma maior probabilidade de sucesso no que o autor chama de

“desentranhamento” de questões comunicacionais diretamente relacionadas ao fenômeno social (BRAGA, 2008).

Entretanto, precisamos reconhecer que as novas configurações interacionais da midiática exigem repensarmos também a definição do caso midiático (FORD, 2002), marcado anteriormente, por exemplo, pela delimitação de uma estratégia publicitária específica ou relacionada à cobertura jornalística de um determinado episódio que se desenvolve de acordo com a observação de seus desdobramentos em uma cobertura de determinados meios de comunicação.

Para Ford (2002), o acontecimento organiza o eixo do espaço e do tempo em um processo de localização na desordem. Em midiática, tais ocorrências se revelam em espaços e temporalidades ainda mais descontínuas, produzindo áreas de sombra e zonas mais difíceis de serem capturadas.

Ferreira (2013) sintetiza estes desafios de observação de casos neste cenário de complexificação exponencial da circulação. Estes estariam relacionados tanto com uma dificuldade em delimitar aquilo a ser observado e analisado como também implica uma organização do material coletado.

Atualizando nossa formulação: na análise das interações comunicacionais em rede é impossível antecipar a especificidade dos circuitos, dos ambientes de interação, dos novos paradigmas de interação que emergem, das narrativas reconstruídas, dos pontos de bifurcação, a sucessão de bifurcações, as defasagens decorrentes, os trajetos e vias dominantes, as subordinadas que as alimentam etc. (FERREIRA, 2016, p. 206).

Para enfrentamento do caso nesta paisagem, Ferreira (2016, p. 207) recorre a Peirce (1958) na construção de uma operação analógica, advinda de argumentos abduativos (materiais indiciários preliminares); dedutivos (inferências relacionadas ao desenho dos circuitos e das interações observadas) e indutivos (marcados pelas inferências teóricas e percepções do que as defasagens observadas nos circuitos podem nos revelar em termos de avanços teóricos na comunicação).

Movimentos semelhantes se apresentam na constituição e na formulação de nossas inferências, que também partem inicialmente de aspectos observados nos esforços metodológicos realizados pelos colegas.

Como mencionamos, em uma discussão metodológica pertinente à construção do objeto empírico de sua tese, a pesquisadora Aline Weschenfelder (2019) encarou de forma pioneira uma discussão relativa às diferenças entre o caso midiático e o caso midiaticizado.

Segundo a autora, o primeiro estaria associado à ação e trabalho dos meios, enquanto os casos midiaticizados buscam captar as processualidades e múltiplas operações tecno-discursivas

empreendidas por variados meios e diferentes atores sociais no contexto da sociedade em midiática (WESCHENFELDER, 2019, p. 84). Ou seja, os esforços e atenção para organização do caso se ampliam na mesma medida que aumenta a complexidade dos arranjos interacionais e dos espaços e ações comunicacionais em jogo.

Casos midiaticizados emergem de fluxos interacionais – através de atividades tecno-discursivas – que reelaboram estatutos, sobretudo a partir da incursão de atores (como coletivos, amadores etc.) nos processos midiáticos entre diferentes campos sociais, traçando novos contextos e processos produtivos que se organizam da e na ambiência da midiaticização (WESCHENFELDER, 2020, p. 84-85).

Portanto, os casos midiaticizados se diferenciaram dos demais primeiro pela dificuldade de organização de um *corpus* na midiaticização. No contexto de observação das heterogeneidades presentes nas discursividades que emergem dos arranjos do dispositivo interacional, torna-se necessário assumirmos de antemão a impossibilidade de penetrar e acessar todas estas camadas, o que novamente não nos destitui da necessidade de organização das materialidades a serem trabalhadas.

O que queremos dizer é que o Caso Midiaticizado permite-nos ir além da repercussão jornalística esportiva. Possibilita a observação sobre as demais observações que complexificam o processo de adoção do VAR. O Caso suscita por sua vez a utilização de métodos auxiliares, que destacaremos a seguir, não sem antes apresentar os indícios coletados ao longo deste percurso. Estes marcaram uma aproximação com os empíricos em um processo de afinamento que resulta na constituição do caso CBF VAR, delimitado em determinado espaço e tempo de observação.

4.3 Considerações sobre os primeiros indícios coletados

Há quase quatro anos, o modo como tenho assistido aos jogos de futebol se transformou. Não mais somente estive atento às disputas em campo de jogo, procurei com um caderno em punho capturar alguns indícios, tomar nota de alguns acontecimentos e de algumas discussões que se espriam do campo de futebol para as mesas-redondas, ganhando contornos infinitos nas redes sociais. Neste período, muita coisa se modificou, tanto a percepção dos atores sociais envolvidos no uso e apropriação da inovação do VAR como na transformação das suas orientações de uso e de suas normas para aplicação.

Acho pertinente trazer algumas das discussões que surgiram de debates em sala de aula e que renderam artigos e textos indiciários que foram úteis para a delimitação de nosso caso de

pesquisa. Farei considerações sobre quatro trabalhos apresentados em disciplinas ou eventos correlatos à área, observações abduativas, oriundas de um contato inicial do pesquisador com o objeto que vai ganhando contornos nítidos com o passar do tempo.

O *primeiro* trabalho foi apresentado em um contexto de sala de aula. Feito para a disciplina de Processos Midiáticos ministrada pelo Prof. Dr. Antônio Fausto Neto, ainda em 2018. O artigo situa sua análise no processo de implementação do VAR na Copa do Mundo da Rússia, realizada naquele ano, periscópio de muitas investigações como demonstrado no capítulo 2. Da competição, selecionei um lance para tecer minhas considerações. O lance envolveu o jogador brasileiro Neymar, descrito da seguinte maneira:

Faltavam cinco minutos para o final da partida. As seleções de Brasil e Costa Rica empatavam por zero a zero. Pressionado pelo placar e pela tabela o time brasileiro ataca o adversário em busca do gol que lhe daria a primeira posição em seu grupo e a tranquilidade para sequência de jogos da Copa do Mundo de 2018. O atacante Neymar recebe a bola, prepara o arremate certo, mas cai ao ser tocado pelo zagueiro costarriquenho. Imediatamente o juiz assinala o pênalti: alívio que dura pouco tempo para torcida brasileira.

O juiz coloca o dedo indicador no ponto eletrônico instalado no seu ouvido, balbucia algumas palavras no seu microfone e corre para a lateral do campo para assistir o replay da jogada em mais de oito ângulos distintos. Em alguns segundos ele corre novamente para área, gesticula com as mãos simbolizando um monitor de vídeo e volta atrás em sua decisão (VASCONCELOS COSTA E SILVA, 2018).

A adoção do VAR na Copa, sua eficácia e seus desdobramentos geraram uma série de debates envolvendo aspectos relacionados a transformações radicais nas práticas e nos tensionamentos esportivos. O caso em questão trouxe à tona, por exemplo, o debate sobre a performance e a vigilância. A jogada do atacante é recorrentemente usada como estratégia de jogo pelo atleta. Mais leve e rápido que os adversários, ele acaba se envolvendo com certa recorrência em lances típicos de simulação, tendo por finalidade ludibriar a arbitragem e obter vantagem esportiva.

Ora, Neymar assim como os demais atletas em campo conhecem as regras. Aliás, regras normalmente são feitas em consequência do seu descumprimento. Falamos aqui em estratégia (BOURDIEU, 1983). Em campo, os jogadores adequam suas estratégias esportivas constituindo novas gramáticas e novos acordos tácitos a partir das normas estabelecidas.

O árbitro é um mediador entre as performances dos jogadores e as regras e por sua vez também dispõe de suas próprias estratégias: deixa de aplicar alguns cartões em alguns contextos para não perder controle do jogo, conversa de forma a prevenir os atletas antes de adverti-los, estabelece formas de contato com seus auxiliares.

O controle do jogo se dá também a partir dessas sutilezas e subjetividades, por isso é normal escutarmos que um árbitro está deixando um jogo correr, quando não marca qualquer falta, mostrando a flexibilidade da norma mediante as contingências das estratégias.

A simulação de faltas incorporou-se à prática de muitos atacantes, conformada como estratégia, mas punida no campo das regras, quando observadas pelo juiz. No lance descrito acima, a interpretação do árbitro é que decide se há ou não a penalidade. No jogo em questão, na última rodada da fase de grupos contra a Costa Rica, o juiz de campo interpretou o lance como pênalti, o árbitro de vídeo não.

O árbitro de campo foi convidado para assistir ao vídeo e mudou sua decisão.

O vídeo em si não é conclusivo em relação à intensidade da jogada. O lance reprisado exaustivamente pelas emissoras de televisão e analisado sem consenso pelos comentaristas do jogo revela o toque do jogador costarriquenho em Neymar, mas o toque é do jogo, é da regra, sua intensidade é que define a falta, deste modo qualquer imagem seria inconclusiva em relação à intensidade de qualquer contato físico.

O VAR é assistente e auxilia o juiz a interpretar o lance, mas também cria novas leituras de jogo, trazendo ainda mais elementos para sua tomada de decisão agora carregada pela subjetividade e iconicidade da imagem vista durante a revisão.

Por sua vez, os jogadores também incorporam o VAR em suas estratégias, durante a competição em muitos lances é possível notar os jogadores clamando pelo árbitro assistente, gesticulando o monitor de vídeo no ar, colocando em xeque a autoridade e a capacidade interpretativa do juiz.

Após o jogo contra a Costa Rica, a manchete da coluna esportiva escrita por Luiz Felipe Castro no site da revista Placar⁷⁶ chama a atenção para a forma como o VAR pode modificar as estratégias dos jogadores.

O artigo, intitulado *VAR da lição que Neymar precisava ter tido há muito tempo*, simboliza a imagem que o atleta carregava durante a copa do mundo e que foi potencializada depois de seu desempenho na Copa do Mundo de 2018. O texto deixa claro que a estratégia de cair em campo e cavar faltas, que já lhe rendera muitos gols de bola parada e muita antipatia dos adversários, agora teria sua eficácia posta à prova diante da implementação da inovação.

⁷⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/var-da-a-neymar-a-licao-que-ele-tanto-precisava>. Acesso em 20 jul. 2018.

Neymar, simulando ou não, é um jogador famoso, sua imagem tem uma reverberação midiática mundial. Como figura pública, discussões ao seu respeito circulam nas redes sociais, muitas delas estimuladas por sua própria autopoiesis.

Na medida que faz uso recorrente das redes sociais, embaralha as fronteiras do público e do privado, sua imagem de jogador de futebol e de jovem morador de Paris. O caso com o VAR no jogo contra a Costa Rica potencializou sua imagem de jogador simulador. Espalhou-se pelas redes uma série de críticas feitas por comentaristas de futebol, ex-jogadores e treinadores.

A circulação ampliada dessas narrativas, via leituras feitas em outras instâncias, gerou uma série de engajamentos de todos os tipos, inclusive humorísticos, como este *meme* representado pela Figura 16 abaixo, que mostra o jogador rolando infinitamente para além das dimensões do campo de jogo após uma simulação.

Figura 16 – Meme de Neymar rolando em campo durante a Copa do Mundo de 2018



Fonte: globoesporte.com (2018).

Tomando como referências as discussões propostas pela pesquisadora Ana Paula da Rosa (2016) sobre a imagem no contexto da circulação, observei o *meme* do jogador Neymar, emergente do campo humorístico, como um dos resultados dos engajamentos dos atores sociais, que atribuem valores às imagens a partir de um processo de recontextualização da imagem.

As elaborações sobre um determinado produto se dão de forma espalhada. A pesquisadora explica que elas emergem tanto de instituições tradicionais, como de instâncias amadoras, que se manifestam sobretudo por meio de redes sociais (ROSA, 2016, p. 4).

Tratam-se de dois níveis de apropriação e leitura do jogo, neste caso a mídia esportiva tradicional e a leitura dos amadores que circulam nas redes sociais. Neste caso, por exemplo, a imagem do jogador caído, simulando uma falta, entra em circulação através da transmissão do jogo pelas emissoras detentoras dos direitos de imagem. Atores sociais usam as imagens originais ressignificando seus sentidos, conferindo a elas outras características e as inserindo em contextos inumeráveis.

O *segundo* acontecimento que procurei investigar se dá no contexto da implementação do VAR na América do Sul. Selecionei o lance do jogo entre Grêmio e River Plate pela semifinal da Copa Libertadores de 2018, uma vez que a proximidade com o local do evento possibilitou que eu observasse a repercussão do caso para além do espaço midiático, implicada no cotidiano das discussões dos torcedores gremistas na cidade de Porto Alegre - RS.

Em um trabalho escrito para a disciplina de Estudos Empíricos, ministrada pela professora Ana Paula da Rosa em 2019, descrevi o lance da seguinte maneira:

Olhares atentos e preocupados nas arquibancadas e cadeiras da Arena do Grêmio. É noite de semifinal da Copa Libertadores da América² de 2018 – a atmosfera é inconfundível. O empate por 1 a 1 favorece o time da casa, que enfrenta a forte equipe do River Plate e está a dois minutos de confirmar sua classificação para a final do torneio. Do outro lado o time de Nuñez 3 pressiona em busca do gol de desempate. De longe o atacante Borré arrisca um chute da entrada da área, a bola resvala no zagueiro Bressan e vai à linha de fundo.

O lance é aparentemente normal e não há reclamação dos atletas do River, que já se preparam para a cobrança do escanteio. Eis que o juiz de campo, o uruguaio Leodan González coloca o dedo indicador no ouvido, parece ajeitar o seu ponto eletrônico para ouvir melhor a recomendação que vem do árbitro assistente de vídeo comandado por seu compatriota Andrés Cunha. Após dez minutos de paralisação e de muita apreensão nas arquibancadas o pênalti é marcado, na interpretação de Leodan a bola teria resvalado no braço do zagueiro gremista, pênalti!

Os jogadores e torcedores do Grêmio parecem atônitos, Bressan tenta agredir o juiz após receber o cartão vermelho. O atacante do River, Gonzalo Martínez converte a penalidade com perfeição, deslocando Marcelo Grohe para o lado direito e colocando a bola no canto esquerdo de sua meta, o Grêmio está eliminado da competição (VASCONCELOS COSTA E SILVA, 2018).

A jogada controversa repercutiu via leituras diversas, durante meses nos noticiários esportivos. O Grêmio acionou o arbitral da CONMEBOL para anular a partida alegando o mau uso da tecnologia. O Grêmio alegou que o VAR foi utilizado de forma equivocada, uma vez que o lance do pênalti era interpretativo, na visão dos tricolores.

Soma-se a este contexto mais uma interferência de ordem tecnológica. O treinador do River Plate, Gallardo, se comunicou com seus atletas e comissão técnica via rádio durante o jogo, ainda que estivesse suspenso. Ambas as alegações foram desconsideradas pela entidade.

O jogo que já tinha uma importância esportiva, por se tratar de uma semifinal de uma competição internacional, também era atravessado pelo protagonismo assumido pelo VAR, que estreava na competição e já chamava a atenção pelas discussões que suscitava acerca de sua adoção.

Utilizo o acontecimento para destacar a alteração da espacialidade implicada pela ação midiática em campo. Espacialidade e temporalidade de sua agonística são transformados.

O jogo que era decidido dentro das quatro linhas também passa pelo crivo de decisões que acontecem fora dos estádios, nas instâncias normativas do futebol e nas cabines do VAR, que primeiro ficavam dentro do estádio e que agora estão localizadas em espaços cada vez mais distantes, como veremos.

A mudança na temporalidade dos acontecimentos em um jogo de futebol interfere profundamente no sentido *catártico* do espetáculo. Como dimensionar, por exemplo, a frustração de um torcedor que precisa se recompor de uma comemoração extasiante após a anulação de um gol do seu time? Isto é: após uma longa deliberação entre o juiz e o assistente de vídeo? O jogo certamente terá seu tempo acrescido no final pelo árbitro (ou não), mas e o tempo das reações? Questões que certamente passaram pela cabeça dos atores envolvidos na partida entre Grêmio e River Plate em novembro de 2018.

Meses depois do jogo, o narrador do *Sportv*, Gustavo Villani, que narrou o jogo em questão, manifestou o seu descontentamento com as mudanças relacionadas às implicações do VAR sobre as emoções e comoções dos tensionamentos esportivos.

Em entrevista para o canal do *Youtube* do comentarista Alexandre Oliveira, o narrador contou que ainda não tinha se adaptado ao tempo do VAR. Segundo o narrador, gritar o gol duas vezes era “brochante”, subsumia a magia do momento do gol para quem faz e comemora e também para o narrador que precisa esperar a revisão para narrar o mesmo lance pela segunda vez. Aqui estão em discussão as transformações, disjunções e disrupções que a introdução da tecnologia - e seus efeitos - produz nas condições de observação por parte do campo esportivo.

O ex-árbitro e hoje comentarista de arbitragem da Globo Sálvio Espindola Fagundes (2018) explica que a anulabilidade de uma partida de futebol pela má utilização do VAR pode

ser considerada como um erro de direito da arbitragem, podendo ser utilizada na construção de um argumento jurídico para o pedido de invalidação da partida⁷⁷.

A não observância dos critérios de utilização deste, naturalmente, consistirá em violação das Regras do Jogo e, conseqüentemente, em erro de direito. Consiste em erro de direito a aplicação errônea das Regras do Jogo pelo árbitro da partida. A existência do erro de direito, dependendo de sua gravidade e influência no resultado final da partida, pode ensejar a anulação desta (FAGUNDES, 2018).

Após a implementação do VAR, muitos clubes passaram a questionar a correção do seu uso e manejo pelas arbitragens. Flagrava-se um VAR mais intervencionista do que o anunciado pela FIFA, que ensinava um dispositivo discreto acionado para corrigir apenas lances decisivos em que o erro da arbitragem em campo seja flagrante.

Embora nenhum jogo tenha sido anulado – até o momento de escrita deste trabalho –, houve a anulação (posterior ao jogo) de uma decisão específica, a retirada do cartão vermelho do zagueiro Dedé em jogo do Cruzeiro contra o Boca Júnior, válido pelas oitavas de final da Copa Libertadores da América de 2018.

A descrição destacada abaixo é resultado de um artigo submetido para o III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais⁷⁸ – o acontecimento expôs e arrefeceu publicamente a autoridade do árbitro paraguaio Eber Aquino, que viu sua decisão ser anulada pela Câmara de Apelação e Tribunal de Disciplina da CONMEMBOL.

O histórico estádio do Boca Juniors está lotado e pulsa. É noite de libertadores e como de costume os xeneizes² fazem da la bomboneira³ uma panela de pressão. A proximidade da fanática torcida com o campo, sua arquitetura e acústica conferem à arena uma das atmosferas mais adversas do futebol mundial. Um clima hostil que não só intimida os jogadores do time adversário, mas que também pressiona os árbitros, interferindo em suas decisões.

Para além da importância desportiva de uma decisão de quartas de final, este jogo também carregava o peso de ser a partida de estreia do árbitro assistente de vídeo (VAR) em jogos do futebol sul-americano. Um marco técnico e performativo em que as decisões dos juizes de campo seriam auxiliadas e ratificadas por imagens de vídeo, as mesmas geradas pelas emissoras que transmitem em tempo real os jogos do torneio. No gramado as equipes de Cruzeiro-MG e Boca fazem um jogo parelho. O time mandante abre o placar, mas o visitante pressiona em busca do gol de empate. Aos 31 minutos do segundo tempo, em uma bola alçada na área, Dedé, zagueiro da equipe brasileira se choca com o goleiro adversário. O lance, visivelmente acidental é interrompido pelo juiz, que por meio de seu ponto eletrônico foi aconselhado pelos árbitros

⁷⁷ “Sobre a anulabilidade da partida por eventos envolvendo o VAR, as Regras do Jogo aduzem que não será passível de anulação as partidas nas quais ocorrer: a) mal funcionamento da tecnologia do VAR; b) decisão errada envolvendo o VAR; c) decisão do árbitro em não rever uma jogada; e d) revisão de uma jogada não passível de revisão, tal como escanteio e lateral” (FAGUNDES, 2018).

⁷⁸ Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/826>. Acesso em 20 ago. 2020.

externos a rever a jogada em um monitor instalado à beirada do campo (VASCONCELOS COSTA E SILVA, 2018, p. 1).

Quando o jogador Dedé da equipe cruzeirense se chocou com o goleiro do Boca, jogadores, jornalistas e torcedores ficaram se perguntando perplexos: o que o VAR viu e que todos não perceberam?

“Inacreditável, não acredito que ele vai ser expulso.... Não, isto não está certo. Depois de consultar o VAR? Que erro grosseiro, que coisa estúpida. É para isso que pediram para colocar o VAR?” (TOTI PASMAN, LA RED, 2018)⁷⁹.

Esta frase, dita em um tom incrédulo, bem que poderia ser atribuída a um narrador brasileiro, mas é a tradução da narração de um jornalista argentino: Toti Pasman, da rádio *La Red*, conhecida por manifestar apoio incondicional aos clubes de Buenos Aires durante a sua transmissão.

O fato também repercutiu mundialmente e trouxe à tona toda a complexidade da utilização deste dispositivo técnico.

O episódio trouxe novamente ao centro dos debates esportivos a tecnologia e seus processos de adoção. Sua eficácia e seus desdobramentos geraram uma série de questionamentos relacionados ao aspecto interpretativo dos árbitros, presentes evidentemente em qualquer decisão que envolva escolhas. O VAR é assistente e auxilia o juiz a interpretar o lance, mas também cria desconfortos, uma vez que agora ele passou ser cobrado com o rigor de quem espera da interpretação humana a eficácia de um computador.

Este aspecto relacionado à tecnicidade e compreensões tecnicistas relacionadas ao VAR destaca-se de alguma forma no quarto indício, na quarta materialidade que trabalhei no percurso e descrevi assim em artigo submetido ao Intercom 2021⁸⁰, intitulado *Do paralaxe às redes: Considerações sobre a implementação do VAR na sociedade em midiatização*:

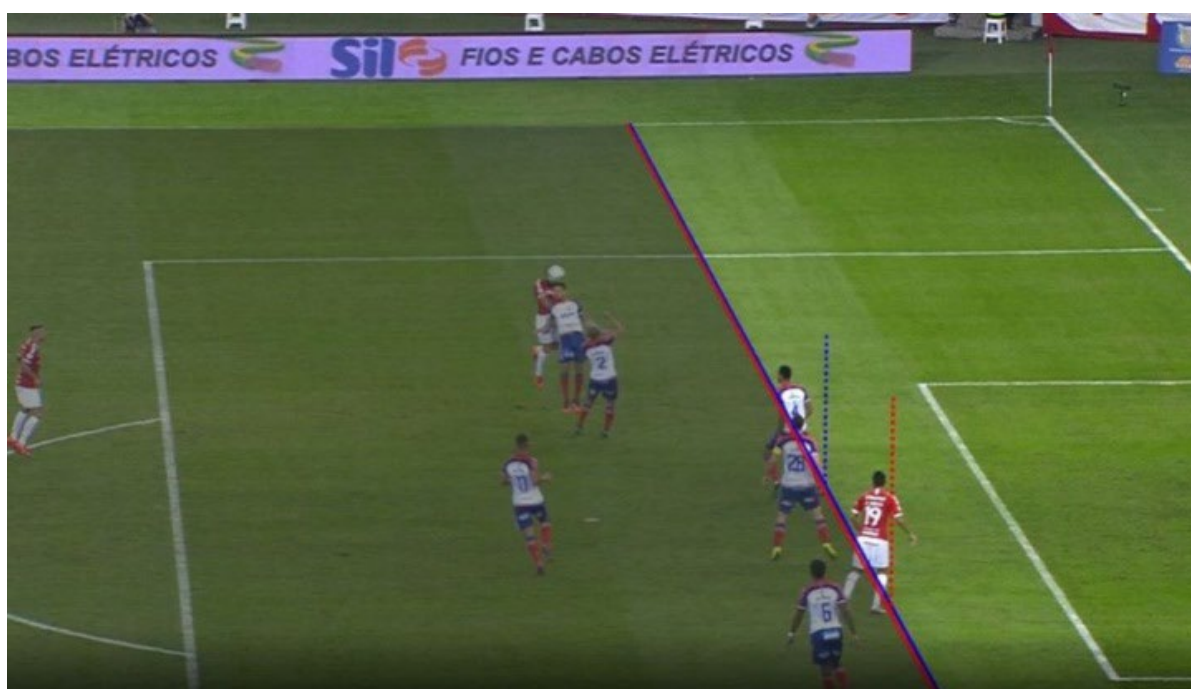
O Internacional acabara de vencer o Bahia por três a um em seu estádio pela décima rodada do campeonato brasileiro de 2019. No vestiário tricolor, jogadores e dirigentes concedem entrevistas em tom de revolta. A crítica é direcionada ao árbitro do jogo, que teria, supostamente, validado um gol ilegal da equipe colorada após uma consulta ao árbitro assistente de vídeo (VAR). A reclamação da equipe baiana poderia ser só mais um caso de polêmica envolvendo a arbitragem brasileira e sua dificuldade de lidar com a complexidade da ferramenta recém instaurada na prática esportiva, mas este acontecimento trouxe à tona um aspecto cada vez mais debatido no campo midiático, a natureza de uma imagem implicada pela softerização das decisões do árbitro, e as disrupções que essa imagem provoca na prática do jogo. Em entrevista coletiva o presidente do Bahia Guilherme Bellintan ressaltou:

⁷⁹ Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=EH7xORoE1XU>. Acesso em 15 dez. 2018.

⁸⁰ Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1888-1.pdf>. Acesso em 15 dez. 2018.

Um dia depois a realização da partida a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) divulgou a imagem utilizada pelos juízes para validar o gol. A olho nu, Rodrigo Lindoso, autor do gol parece estar claramente impedido, entretanto as imagens utilizadas pelos árbitros são resultado de uma combinação tecnológica superior ao tradicional “tira teima” utilizado pelas emissoras detentoras dos direitos de transmissão dos jogos de futebol no Brasil. Trata-se de um software que auxilia um dos assistentes de vídeo a traçar as linhas, desenhar os pontos de referência e mostrar, por exemplo, que o pé do zagueiro do Bahia está na frente do Lindoso a partir de um difícil cálculo de perspectiva (paralaxe). Um detalhe captado apenas com auxílio maquínico, que almeja se distanciar a falibilidade da interpretação humana de decisões importantes do jogo, mas que na prática tem complexificado a decisão da arbitragem, agora atravessada pelo uso tecnológico (VASCONCELOS COSTA E SLVA, 2018, p. 2).

Figura 17 – Imagem utilizada pela arbitragem do jogo para validar o gol de Lindoso



Fonte: Divulgação CBF (2021).

Para o ex-árbitro e comentarista de arbitragem Arnaldo César Coelho (2019), esta tecnologia não é exata e pode gerar uma falsa sensação de justiça. O argumento de Coelho (2018) está fundado no fato de que o árbitro assistente de vídeo ainda é responsável por paralisar a imagem no momento certo, selecionando um frame específico para análise. Em um lance ajustado, um frame a mais ou um frame a menos muda a interpretação de impedimento do juiz. Seria impossível determinar com exatidão o momento em que a bola sai do pé do último passador.

Arnaldo é um dos principais críticos da atual normatização do VAR. Em entrevista para o programa “Grande Círculo”, do canal fechado Sportv, questionou o excesso de interferências da tecnologia na dinâmica do jogo.

Eu não SOU contra, propriamente dito. Eu sou a favor da tecnologia para dirimir dúvidas, como se a bola entrou ou não entrou (...) Acontece que a Fifa criou um VAR cheio de penduricalhos. Teoria é fácil, na prática é difícil. O VAR é o "Chacrinha moderno". O Chacrinha falava "Eu vim pra confundir, eu não vim pra explicar". Então o VAR, pra mim, é o Chacrinha (COELHO, 2018)⁸¹.

A crítica de Coelho (2018) encontra respaldo em lances que sucederam o anterior. O mais recente deles aconteceu no jogo entre Chapecoense e Cruzeiro pelo Campeonato Brasileiro de 2018. Em um jogo tenso, de disputa direta contra o rebaixamento, a Chapecoense marcou um gol no último minuto da partida. O lance ajustado indicava a participação de pelo menos três atletas da Chapecoense que poderiam estar em posição de impedimento. O juiz, após quatro minutos de análise, validou o gol e encerrou a partida. Comentaristas de arbitragem, após reverem a imagem por vários ângulos, concluíram que o gol foi irregular, ainda que o juiz tenha feito uso de todas as ferramentas disponíveis.

A demora nas decisões do VAR em jogos no Brasil também tem chamado a atenção dos atores esportivos. No lance que mencionei anteriormente os jogadores ficaram reunidos no meio do gramado. Alguns rezavam ajoelhados, outros discutiam, todos ao seu modo esperaram por longos minutos a decisão final do árbitro. A cena inusitada demonstra que os modos de uso da técnica, além de afetar na temporalidade da torcida, também são capazes de criar novos tensionamentos, estranhos à organicidade de uma partida de futebol.

A priori, as materialidades trabalhadas como pequenos casos pelos artigos referidos acima poderiam ser tratadas como um Estudo de Caso mais aprofundado. Também seria possível trabalhar com uma perspectiva de Casos Múltiplos. Entretanto, nossa escolha se deu pela delimitação de um novo Caso, dentro do qual escolheríamos novas ocorrências e acontecimentos esportivos interligados por operações análogas de inscrição do VAR no cenário do Futebol Brasileiro pela CBF.

Para Ford (2002), o acontecimento é o gatilho inicial para o desenvolvimento do caso que passa a reverberar de diferentes maneiras nos meios de comunicação em um processo de cobertura expandido. O caso sempre segue adiante na *sociedade dos meios* e encontra em um cenário de midiatização fluxos em descontinuidades tanto temporais como espaciais que radicalizam os desdobramentos midiáticos e as delimitações do caso.

Neste sentido, o caso que vamos apresentar de forma ainda mais aprofundada neste tópico exigiu um novo procedimento metodológico de reunião e clivagem de acontecimentos (agora mais especificamente ligados à implementação do VAR no cenário nacional). Antes de

⁸¹ Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/programas/grande-circulo/noticia/no-grande-circulo-arnaldo-cezar-coelho-critica-o-var-chacrinha-moderno.ghtml>. Acesso em 20 jul. 2019.

apresentá-los porém, vale ressaltar três aspectos remanescentes dos meus primeiros observáveis, reveladores de desafios impostos por um cenário que vai requerer a adoção de novas ferramentas de organização e observação.

a) A primeira se relaciona ao caráter disruptivo relacionado ao uso do VAR. Não uma disrupção transformadora da totalidade do jogo, mas que interfere radicalmente em sua temporalidade e espacialidade. Ao nosso ver, a implementação do VAR merece destaque no contexto das demais novidades implementadas ao longo da história do futebol, devido ao seu apelo tecnológico (marca dos processos de automação e vigilâncias da sociedade contemporânea) e pelas relações que reorganizam aspectos processuais do jogo de futebol;

b) A segunda diz respeito ao modo como o acontecimento se desdobra em ao menos três fases, três níveis distintos de interação, que por sua vez também se interpenetram. Os acontecimentos relacionados à utilização do VAR primeiro suscitam novas interações e performances no campo de jogo; depois repercutem nas transmissões ao vivo e se desdobram na falação esportiva dos meios de comunicação tradicionais e por fim são apropriados pelos atores sociais e instituições em novos espaços de interação, tais como as redes sociais. Destacamos ainda, dois aspectos relacionados a estas fases, arranjos distintos em que a inovação é percebida. Nos meios de comunicação que se dedicam às transmissões esportivas, o comentarista de arbitragem ganha um novo *status* nos programas, agora comentando não só a atuação dos árbitros, mas assumindo um novo posto de autoridade. Surge uma espécie de “VAR do VAR”, uma vigilância sobre a vigilância. De uma outra maneira, o *Twitter*, compreendido aqui em um contexto de plataformas digitais, se destaca pelo protagonismo que alcança no debate esportivo e por sua capacidade de organizar os debates dos atores sociais a partir de suas ferramentas. Não iremos às materialidades advindas de outras redes, mas é preciso assumir o protagonismo desta nos processos de agenciamento das discussões efervescentes relacionadas ao futebol no país e no mundo;

c) Por fim, destaco a potência da percepção regional do uso do VAR. Sua implementação no Brasil guarda particularidades referentes à nossa maneira de lidar com o futebol, de construir identidades a partir das práticas aqui relacionadas, tanto ao modo de jogar e de interagir com o VAR no campo de jogo, como no modo de lidar e perceber os processos de inovação a partir das interações midiaticizadas.

Tais aspectos levantados a partir da exploração desses indícios fez com que recorrêssemos aos Dispositivos Analíticos empreendidos inicialmente por Carlón (2017; 2020) e posteriormente por Weschenfelder (2019; 2021) como uma chave de organização do material coletado ao longo desse tempo. São acontecimentos diferentes destes apresentados até agora, que, ao

serem articulados e sistematizados, se apresentam como espaços de observação para manifestações do nosso caso midiaticizado.

4.4 Os dispositivos analíticos como método auxiliar para o enfrentamento do Caso Midiaticizado

Recentemente, Damásio (2022) sintetizou algumas dimensões presentes na obra de Verón (2004), nas quais o autor ressalta que a investigação da circulação implica a percepção de engajamentos discursivos diversos. *Marcas*, singularidades empreendidas pelas instituições e atores sociais. *Gramáticas*, suscitadas pelo contexto dos meios, dos lugares de observação de cada contexto em que os sentidos são ativados. *Lógicas*, processos mais ampliados, frutos da experiências advinda dos processos interativos. *Operações* derivadas do modo de fazer atores em midiaticização.

As dimensões são representativas das complexificações das ações comunicacionais em jogo neste espaço da circulação. A observação destes cenários tem sido experimentada a partir de metodologias distintas, mas há uma que faz-se necessário destacar neste momento.

Muitas são as formas pelas quais os autores têm procurado enfrentar os casos na complexidade atribuída pela midiaticização. Damásio (2022) trabalha com a perspectiva de casos múltiplos em sua investigação na busca por iconicidade do espiritismo nestes novos espaços de interação. Para tratar do caso da implementação da inovação do Uber em Porto Alegre - RS, Bertoni (2021) se utiliza de organização por fases em que se dariam os processos relacionais da empresa com seus usuários, assim como faz Rosa (2021) em sua observação sobre a Vaza Jato em uma cobertura expandida da Operação Lava Jato no Brasil.

Para nosso trabalho, desde o processo de qualificação em 2019, temos chamado a atenção para a forma como Weschenfelder (2019) utiliza as considerações de Carlón (2017, p. 28) sobre os DA (dispositivos analíticos capazes de capturar aspectos da circulação na sociedade em midiaticização) para formulação de uma metodologia de enfrentamento do Caso Midiaticizado.

Neste sentido, apresento as formulações do autor em interlocução com Weschenfelder (2019). Apresenta-se deste modo um esforço ilustrativo que valoriza a ascendência de materialidades advindas dos novos enunciadores emergentes na sociedade em midiaticização e também captura a transversalidade pelas quais estes fluxos se manifestam (CARLÓN, 2017).

As ações destes novos enunciadores reconfiguram as práticas sociais e também as processualidades dos meios massivos. Neste sentido, já fora demonstrado que o VAR, enquanto

uma inovação no campo esportivo, se espraiou para o contexto social não só através da discursividade produzida pelo espetáculo esportivo (meios de comunicação tradicionais), mas também se dão pela apropriação de novos enunciadores deste espetáculo, gerando uma materialidade complexa, que será analisada a partir de uma visão que privilegie as zonas de contato entre estes diferentes atores.

Carlón (2020) explicita a potencialidade dos dispositivos analíticos para capturar tanto as processualidades da circulação a partir da observação de fluxos descendentes como ascendentes:

Entendemos que a análise da circulação do caso que apresentamos é uma contribuição para dar conta da situação contemporânea versus anteriores e que, também, permite estabelecer novos diálogos com desenvolvimentos teóricos recentes que novos processos de comunicação. Dizemos isso porque embora seja chamado por outro forma, a circulação como objeto de estudo é uma questão que explodiu nos últimos anos, desde que a web 2.0 se consolidou e, sobretudo, desde o surgimento das redes mídias sociais, que foram conceituadas como mídias “democráticas” que permitem comunicação horizontal (um exemplo do que estamos apontando é a conhecido e debatido modelo de “autocomunicação” de massa proposto por Manuel Castells (2012). Outro exemplo é o campo de estudo das narrativas transmidiáticas desenvolvido por autores como Henry Jenkins (2003, 2008), que se concentram nas respostas que os fãs, produtores de conteúdo conceituados, concedem franquias. Estudos que favorecem casos de circulação descendente seguidos de respostas ascendentes (de “baixo para cima”) (CARLÓN, 2020, p. 22)⁸².

A partir das noções de Carlón (2017), a pesquisadora Weschenfelder (2019, p. 89) sistematiza as características do caso midiático descrito pelo autor, instrumentalizando os conceitos para localizar as diversas discursividades e sentidos a partir das quais nosso caso se manifesta.

Em convergência com a leitura e com a sistematização dos autores, construí um quadro, que procura demonstrar os sentidos desses fluxos e as especificidades midiáticas de cada discursividade.

⁸² Tradução nossa. Original: “Entendemos que el análisis de la circulación del caso que hemos presentado es un aporte para dar cuenta de la situación contemporánea versus anteriores y que, también, nos permite establecer nuevos diálogos con desarrollos teóricos recientes que dan cuenta de nuevos procesos comunicacionales. Decimos esto porque aunque se la denomine de otra forma, la circulación como objeto de estudio es un tema que ha estallado en los últimos años, desde que se consolidó la web2.0 y, por sobre todo, desde la emergencia de las redes sociales mediáticas, que fueron conceptualizadas medios “democráticos” que permiten una comunicación horizontal (un ejemplo de lo que estamos señalando es el conocido y debatido modelo de la “auto-comunicación” de masas propuesto por Manuel Castells, 2012). Otro ejemplo es el campo de estudio de narrativas transmediáticas desarrollado por autores como Henry Jenkins (2003, 2008), que focalizan las respuestas que los fans, conceptualizados productores de contenidos, otorgan a las franquias. Estudios que privilegian casos de circulación descendente seguidos de respuestas ascendentes (desde “abajo hacia arriba”)” (CARLÓN, 2020, p. 22).

Tomando as considerações de Carlón (2017;2020), Weschenfelder (2019, p. 88) sintetiza e caracteriza um Caso Midiatizado a partir de dinâmicas ascendentes, descendentes e horizontais. Esta tipologia estabelece uma nova ordem de processualidades interpenetrantes ascendentes/descendentes; descendentes/ascendentes; descendentes/horizontais e ascendentes/horizontais.

Partimos destas categorias para explicar os fluxos observados para a constituição do caso midiático. No Quadro 3, abaixo, vamos elucidar o que compreendemos por cada um desses fluxos e em que espaços elas se materializam.

Quadro 3 – Tipologias dos fluxos gerados pelos acontecimentos relacionados ao uso do CBF VAR a partir de seus dispositivos analíticos (DA)

Fluxos das processualidades e dinâmicas	Especificidades das materialidades emergentes
<p>Ascendentes: Fluxos advindos das apropriações diretas dos atores sociais relacionadas ao acontecimento esportivo, muitas vezes contribuindo com novas questões e debates para a falação esportiva.</p>	<p>As discursividades se revelam neste processo sobretudo a partir dos usos das plataformas digitais, tais como <i>Twitter</i>; <i>Facebook</i>, <i>Tiktok</i>, <i>Instagram</i> e <i>Youtube</i>. Surgem novos canais, <i>podcasts</i>, <i>hashtags</i> capazes de fazer uma leitura própria sobre a adoção do VAR. Importante notar que instituições esportivas a partir de suas páginas nas redes conseguem fazer emergir sentidos a partir desses espaços. É o caso da CBF, que encontrou no próprio site um canal para divulgação de deliberações tomadas a respeito dos esclarecimentos relacionados à implementação da tecnologia de vídeo no país.</p>
<p>Descendentes: Os meios de comunicação de massa produzem sentidos e discursividades sobre o jogo e sobre o uso do VAR dirigidos aos atores sociais.</p>	<p>Tratam-se de discursividades mais conhecidas. Aquelas ligadas à cobertura jornalística, relacionadas à transmissão esportiva. São os jogos e os muitos produtos descritos por Eco (1988) e que até hoje, ainda que modificados, constituem uma forte organização profissional.</p>
<p>Horizontal: Tais discursividades às vezes circulam de forma “intra-sistêmica” tanto nos meios massivos quanto nas redes sociais e plataformas (WESCHENFELDER, 2019).</p>	<p>Dessas materialidades, podemos extrair tanto as discursividades especificamente relativas aos meios de massa como transmissões e debates de mesas-redondas relacionadas aos acontecimentos esportivos, como relativas ao processo de midiáticação (<i>memes</i> e interações que permanecem e só fazem sentido dentro das lógicas estabelecidas em cada rede social).</p>
<p>Ascendente/Descendente: Muitas vezes, os sentidos que se originam nas redes e ascendem aos meios, retornam às redes apropriados novamente pelos atores sociais, refletindo o processo de <i>feedbacks</i> complexos</p>	<p>Aqui destaca-se a importância de observar como o acontecimento segue um fluxo adiante em uma falação esportiva que permite que a enunciação amadora produza interpenetrações relacionadas às discursividades dos meios de comunicação de</p>

(WESCHENFELDER, 2019).	massa, produzindo um processo, muitas vezes, de disputas pelas primazias de sentidos sobre o fato esportivo.
Descendente/Ascendente: Tem origem nos meios massivos, descendem às redes e ascendem novamente aos meios (WESCHENFELDER, 2019).	Carlón (2017) destaca aqui materialidades convergentes, que em nosso caso podem ser notadas como estratégias dos meios massivos. Neste trabalho já destacamos algumas dessas estratégias de interação promovidas pela Rede Globo, tanto a partir do <i>fantasy game</i> Cartola F.C, que destacamos no capítulo 3, como também na eleição do Craque do Jogo: realizado em cada rodada que convida o público a participar da eleição melhor jogador em campo.
Descendente/Horizontal: Sentidos que saem dos meios e descendem às redes.	Os sentidos produzidos pelos meios provocam debates nas redes, que se apropriam das discursividades advindas da falação esportiva tradicional ao seu modo.
Ascendente/Horizontal: Sentidos que saem das redes e ascendem aos meios.	Agora são as discursividades das redes que ascendem os meios, destacando o papel do enunciador anônimo, mas também das instituições cada vez mais midiaticizadas. Como nos alerta Carlón (2020), é difícil encontrar hoje uma instituição que não tenha uma página nas redes sociais e estratégias próprias para lidar com seu público- alvo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Importante salientar que dizer que um fluxo é ascendente ou descendente em hipótese alguma diz respeito a produção de hierarquia de importância ou de efeito. Aqueles que ascendem rompem às lógicas dos meios tradicionais, dizem respeito ao processo de midiaticização das instituições, indivíduos e coletivos. Os descendentes dizem respeito as materialidades advindas dos meios tradicionais, consagradas no futebol pelo jornalismo esportivo tradicional: rádio, televisão etc.

Voltaremos a estes fluxos de análises de nosso Caso para explicar as escolhas e nosso método de clivagem e observação. Estes são reveladores das zonas de contato, que segundo Fausto Neto (2010) guardam particularidades relacionadas por onde se manifestam as defasagens na oferta e na percepção dos usos do VAR pelos atores esportivos. A materialidade coletada e apresentada até aqui revelou a necessidade de um olhar que privilegie o lugar da circulação na sociedade em midiaticização.

Portanto, levar o trabalho do observador adiante no afã de descrever as marcas de complexidades, implica que se leve em conta que as tarefas de investigação e de ações

comunicativas estão também cada vez mais atravessadas por dinâmicas de interpenetrações (FAUSTO NETO, 2016, p.75).

Daqui para frente, trabalharemos diretamente com as materialidades utilizadas para constituição de nosso caso midiático, recortado para o contexto de implementação em um cenário nacional, observado a partir de três ocorrências que, com nossas delimitações, capturam os momentos de crise relacionados à implementação do CBF VAR nestes seus primeiros quatro anos de uso.

A seguir, farei uma breve apresentação do Caso e das ocorrências escolhidas para observá-lo, elencando critérios, processos de observação e de organização das materialidades observadas por este trabalho.

4.5 Da exploração à constituição do Caso

4.5.1 Urgências e contextos de implementação do CBF VAR

Em julho de 2018, o VAR ainda nem havia sido implementado no futebol brasileiro, mas seu uso na Copa do Mundo da Rússia já reverberava de alguma forma no jogo praticado por aqui. Em uma partida válida pelo campeonato nacional da Série B envolvendo Paysandu e Coritiba, o jogador Pedro Carmona sinalizou com as mãos, clamando pela presença do árbitro de vídeo, após constatar a violência da falta do atleta Yan Sasse em Junior Timbó. Só três anos depois o dispositivo passou a ser utilizado pela CBF em jogos válidos pela segunda divisão nacional, mas a iconicidade presente no gesto do atleta do Papão⁸³ àquela altura já revelava a qual urgência ele deveria responder.

⁸³ Apelido utilizado pelos torcedores para se referirem ao Paysandu.

Figura 18 – Print de imagem retirada da transmissão do jogo entre Paysandu x Coritiba, válido pela série B em 2020



Fonte: Première (2018).

Os erros de arbitragem sempre fizeram parte da dinâmica do jogo, é verdade, mas vimos nas seções 2 e 3 como o desenvolvimento das tecnologias de transmissão e o acesso facilitado às imagens criaram um cenário de vigilância sobre o exercício da arbitragem, marcado pela presença de fluxos descendentes de avaliação dos meios e de seus especialistas e ascendentes relacionados à proliferação de aparelhos celulares e de muitos olhos eletrônicos que em campo já criavam ambiência amplificada e complexificada relacionada ao debate sobre suas performances.

Se no Brasil, como sugere Da Matta (1982, p. 52), em algum dia, entendíamos “que o futebol brasileiro se distingue do europeu por sua improvisação e pela individualidade dos jogadores, que têm, caracteristicamente, um alto controle da bola”, podemos também, a partir da delimitação do caso CBF VAR, buscar compreender algumas particularidades da relação dos atores sociais envolvidos com esta inovação nos contextos e conjunturas relacionados à arbitragem nacional.

São muitas as camadas de leitura possíveis implicadas na tentativa de sondar as características próprias que a arbitragem assume no imaginário e na cultura local. Do folclore relacionado às histórias como a de Cidinho Bola Nossa⁸⁴ ao certo “orgulho” na forma como nos referimos à capacidade individual dos nossos atletas em ludibriar a arbitragem: como no passo para frente da linha que demarca a área dado pelo capitão Nilton Santos na Copa do Mundo de 1962, realizada no Chile. O juiz caiu na dele trocando a marcação da penalidade por uma falta no local do passo.

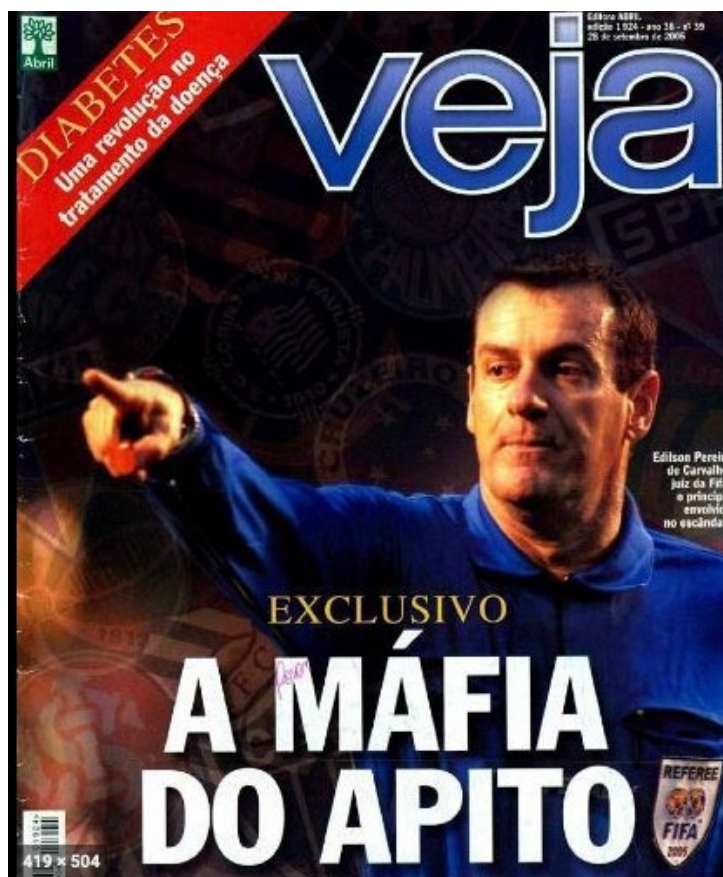
Histórias que envolvem noções e expressões, tais como “juiz ladrão” ou “juiz caseiro”, que se proliferaram nas vozes das instituições, dos jornalistas, historiadores e torcedores que até hoje reivindicam injustiças relacionadas a erros “deliberados” ou não da arbitragem contra os seus times.

O erro de interpretação faz parte do jogo. Entretanto, o futebol espetacularizado atravessado por interesses econômicos e políticos também é marcado por interferências e escândalos relacionados à compra de árbitros e favorecimentos já deflagrados e comprovados pela justiça.

Um caso nem tão recente, mas emblemático, envolvendo a particularidade da arbitragem no Brasil foi o da *máfia do Apito* (Figura 19), operação da Polícia Federal realizada em 2005 após a publicação da matéria do jornalista André Rizek na revista *Veja*. O caso se desdobrou enquanto operação policial e como cobertura midiática, e revelou durante o período a fragilidade da instituição, escancarando uma das crises mais graves vividas pela CBF.

⁸⁴ Árbitro auxiliar que ao ser perguntado por um jogador do Atlético - MG para qual equipe era o lateral durante um jogo contra o rival na década de 1940, teria respondido no impulso que a bola era “nossa”, assumindo ali sua passionalidade, contrastante com papel imparcial esperado para o exercício daquela função.

Figura 19 – Capa da revista Veja, de 23 de setembro de 2005



Fonte: Veja (2005).

No dia 23 de setembro de 2005, o árbitro Edilson Pereira de Carvalho, árbitro FIFA⁸⁵ naquela época, retratado na capa acima, confessou e apontou a existência de um esquema que influenciava em resultados dos jogos do campeonato para favorecer apostadores. Após a reportagem, Edilson foi preso, assim como Nagib Fayd apontado pela Polícia Federal como o mentor do crime.

Os 11 jogos apitados pelos árbitros foram cancelados (independente de seus resultados). Ao serem remarcados, provocaram uma enorme distorção esportiva. O Corinthians recuperou pontos que havia perdido em campo e conseguiu ultrapassar o Internacional em dos campeonatos brasileiros mais controversos da história.

Uma rotina de crises seguidas na CBF, relacionadas a escândalos de corrupção, também fizeram com que a entidade sempre fosse vista com desconfiança. É no mesmo ensejo de intenções da FIFA que o CBF VAR aparece como uma inovação importante no processo de transformação da imagem da instituição perante seus atores.

⁸⁵ Árbitro que está apto a apitar competições organizadas pela entidade maior do futebol.

O último presidente da entidade afastado do cargo foi Rogério Caboclo, acusado de assédio moral e sexual por uma funcionária da instituição. Os três últimos já haviam sido afastados do cargo ao serem incriminados pela operação *FIFAgate*⁸⁶, são eles Ricardo Teixeira, José Maria Marin e Marco Polo Del Nero – todos acusados de corrupção e banidos do futebol.

Internamente, a CBF possui uma comissão de arbitragem, presidida pelo ex-árbitro Wilson Senem até a presente data de escrita deste texto. Seus antecessores, Alício Pena Junior e Leonardo Gaciba, foram demitidos dos seus cargos após algumas crises envolvendo o uso do VAR que acentuou a insatisfação geral dos atores esportivos com a arbitragem brasileira.

É neste cenário de crises que o CBF VAR é debatido e percebido enquanto inovação pelo espaço da circulação. Defasagens, fissuras que podem ser observadas nas discursividades dos atores sociais envolvidos nas ocorrências a partir da delimitação daquilo que definimos anteriormente como dispositivos analíticos (CARLÓN, 2017). A identificação das crises institucionais nos ajudaram a perceber quais ocorrências poderiam ser mais reveladoras do processo de inovação, fortemente atravessado pelas interações midiáticas que se dão em zonas de contato cada vez mais diversificadas (FAUSTO NETO, 2010).

Feitas tais considerações contextuais, podemos enfim traçar uma linha do tempo relacionada ao processo de implementação do VAR no Brasil, marcada por este cenário de constantes disputas esportivas, políticas e econômicas.

Partimos adiante para o esforço de análise, elencando alguns momentos chave, cruciais em nosso processo de observação e de escolha das ocorrências que irão constituir o caso a ser analisado – passando obviamente por um breve histórico dos seus processos de implementação no Brasil nestes últimos quatro anos.

4.5.2 Breve histórico da implementação do VAR Brasil

Assim como o processo de adoção do VAR em jogos organizados pela FIFA, a implementação do dispositivo em competições nacionais se deu de forma gradual, a partir da divulgação de protocolos para esclarecer os modos de seu uso e testes acompanhados pela imprensa⁸⁷ em que a CBF buscava elucidar aspectos relacionados ao modelo utilizado em jogos no país.

⁸⁶ Operação policial explicada com mais detalhes no capítulo 3.

⁸⁷ Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-estreia-no-brasil-nesta-quarta-veja-como-o-arbitro-de-video-pode-ser-usado.ghtml>. Acesso em 12 mar. 2021.

Mais de 20 partidas de treino foram realizadas buscando capacitar e dar expertise para e capacitação de 113 técnicos, entre supervisores e operadores de vídeo em atividades realizadas, inclusive na Suíça, onde a FIFA oferecia parte do processo de preparação em sua sede. A oferta da inovação, em razão da estratégia de seus *actantes* inovadores, desde cedo preconizou ações comunicacionais ativadas em diversos meios: seja em seu site a partir da divulgação de relatórios e avaliações institucionais do seu uso a modelos explicativos de seu funcionamento disseminados na imprensa e também nas redes sociais a partir de suas contas oficiais.

A Copa do Brasil de 2018 oportunizou grande teste para o VAR brasileiro. A partir da fase de quartas de final seria utilizada em todos os 14 jogos decisivos. Sérgio Correia, presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, em entrevista à rádio Gaúcha explicou como seria utilizada à infraestrutura dos detentores dos direitos de televisão:

Vamos utilizar 14, 15 ou 16 câmeras. São duas empresas, Globo e Fox. É bom esclarecer que com sete câmeras, já teremos 95% de todos os lances. Uma situação especial, uma mão escondida. Nós vamos recorrer a todas todas as imagens disponíveis. Temos solução para todos os lances (SÉRGIO CORREIA EM ENTREVISTA PARA GAUCHAZH⁸⁸, 2018).

A relação entre o valor de verdade implicado na imagem televisiva e sua relação com o VAR já foi brevemente indicado na seção 3.3 deste trabalho e atravessa as percepções relacionadas às interpretações realizadas pelo VAR. Interessante notar ainda que a estratégia de inovação assume suas particularidades ilustradas por um *logo* e um *layout* próprios (Figura 20).

⁸⁸ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/07/cbf-explica-uso-do-arbitro-de-video-na-copa-do-brasil-cjk8sjav002hz01p6vmsjxf9d.html>. Acesso em 18 ago. 2018.

Figura 20 – Imagem do logo do CBF VAR projetado em telão no estádio do Maracanã



Fonte: (CBF, 2018)

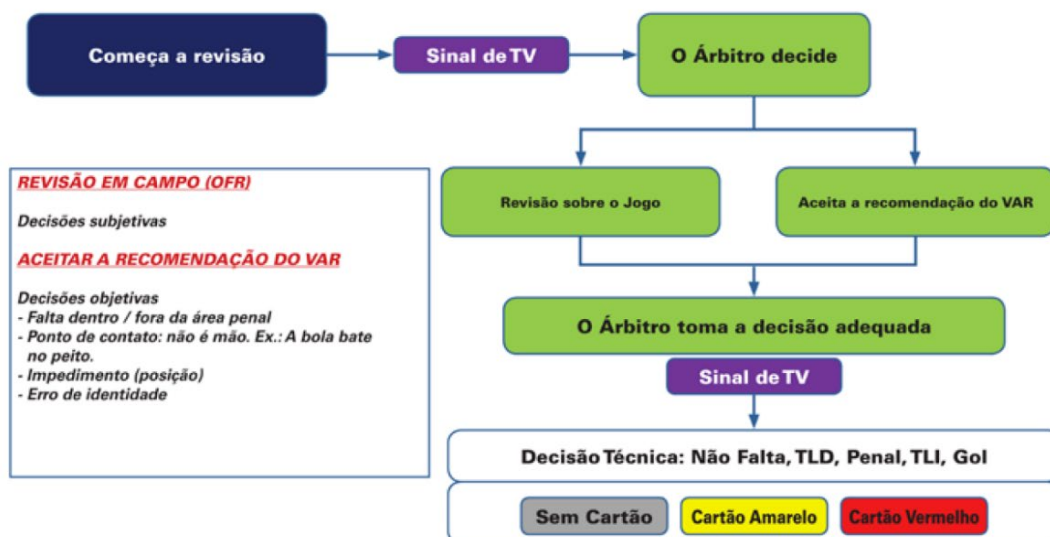
A parte gráfica do CBF VAR aparece agora em diferentes artefatos e dimensões associadas ao espetáculo esportivo: no “telão” dos estádios durante as revisões em curso, nas transmissões esportivas ao vivo, nas imagens analisadas que circulam e também em toda a infraestrutura que o envolve. A marca está registrada nos uniformes dos AVARs e até na cabine situada à beira do gramado. A estratégia visual é só parte de algumas das ações comunicacionais realizadas pela entidade nesse processo de implementação que vai se desvelando neste texto a partir da análise do Caso.

Também precisamos destacar que, à sua maneira, alguns campeonatos estaduais já haviam testado a tecnologia, antes mesmo que ela fosse avaliada em competições nacionais, buscando adaptá-la à capacidade econômica de cada região⁸⁹. Mas a emergência de um VAR nacional tem uma importância não só aludida à relevância das competições, como também ao poder centralizador da Comissão de Arbitragem da CBF sobre as demais federações estaduais.

No Brasil, a CBF sistematizou uma cartilha e um manual de uso próprio, baseado evidentemente nas diretrizes traçadas pela IFAB, apresentadas logo no começo deste trabalho.

⁸⁹ Até 2019, 39 jogos já haviam utilizado o VAR em campeonatos estaduais, estruturados pelas federações locais sob a observância a anuência da CBF.

Figura 21 – Fluxograma explicativo de funcionamento de 2018, disponibilizado pelo Manual do Árbitro de Vídeo da CBF



Fonte: CBF (2018).

O primeiro fluxograma disponibilizado pela CBF revela esta autonomia das federações locais na orientação dos procedimentos adotados pelos árbitros. Tal autonomia produz diferenças em seus modos de uso nas ligas que assumem procedimentos diferentes. Nos primeiros anos de aplicação do VAR na premiere league – principal liga de futebol na Inglaterra, por exemplo, a entidade adotou um protocolo diferente do circundado pela FIFA em suas competições, chamando a atenção do campo esportivo pela velocidade com que as revisões eram realizadas⁹⁰.

O segundo fluxograma, já inserido no manual de uso do VAR de 2019, revela com mais detalhes os protocolos e indicam como devem se dar os processos interpretativos:

⁹⁰ Visando acelerar as decisões em campo ela restringiu a ida do árbitro principal ao monitor de vídeo à lances interpretativos. O que significou mais autonomia para os assistentes das cabines, que em lances como pênaltis claros, tomam a decisão de forma independente, ainda que o árbitro de campo tenha a prerrogativa de não acatar.

Figura 22 – Fluxograma explicativo de funcionamento de 2019, disponibilizado pelo Manual do Árbitro de Vídeo da CBF



Fonte: CBF (2019).

Ao final do primeiro teste, a CBF inaugura um espaço dedicado à avaliação do uso e da eficácia do VAR. Veremos como estas ações vão se tornando cada vez mais sofisticadas em seus processos elucidativos – são respostas à recepção da inovação e das muitas disputas que se estabelecem sobre ela. Naquela ocasião, como resultado, a CBF divulgou um infográfico simples, com poucas reflexões pertinentes à sua eficiência, ressaltando os dados e as características das ocorrências mais checadas.

Figura 23 – Gráfico fornecido pela CBF relacionado ao uso do VAR na Copa do Brasil de 2018



Fonte: CBF (2018).

Entretanto, o que se via nos campos e na falação esportiva ampliada era um cenário marcado por debates a respeito do uso do VAR em dois lances específicos: a demora de quase 20 minutos para que o árbitro tomasse uma decisão relacionada a um possível pênalti no jogo entre Cruzeiro e Chapecoense pelas oitavas de final; e, na final, após o gol anulado de Pedrinho do Corinthians contra o mesmo Cruzeiro, após o VAR flagrar uma falta distante do lance que originou o gol. Os lances repercutiram de maneira radial, gerando indícios dos cenários que encontraríamos para a observação das ações comunicacionais envolvendo o VAR nestes primeiros quatro anos de uso.

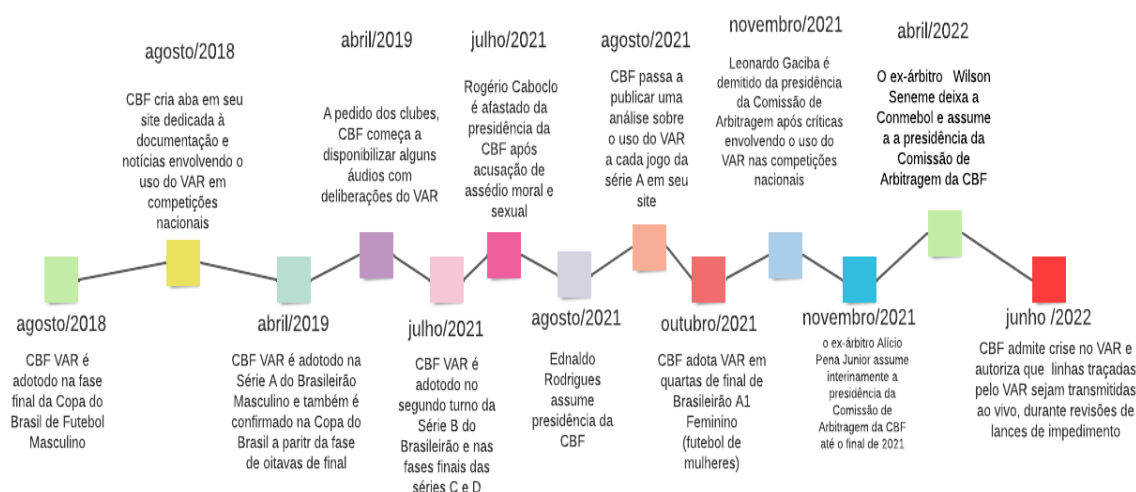
Nos anos seguintes, conforme veremos, a incorporação definitiva do CBF VAR nas competições nacionais permitiu que fizéssemos uma análise mais aprofundada e de mais tempo relacionada aos processos de atualização do dispositivo (MELGAÇO, 2021).

Por isso, não escolhemos um só lance, não escolhemos uma só competição, uma vez que a observação de ocorrências em momentos diferentes permite notarmos de maneira mais profunda como se transformam as percepções e estratégias de inovação a partir da observação dos fluxos de sentido e das interações tentativas perceptíveis nas operações tecno-discursivas em mediação.

Em 2019, o VAR seria adotado pela CBF no Campeonato Brasileiro, após uma votação envolvendo os 20 clubes da série A. A ferramenta seria utilizada de forma regular nas 38 rodadas, os gastos seriam divididos entre os clubes e a CBF, dando assim início a um processo gradual de implementação nas competições nacionais.

A seguir, na Figura 24, elaboramos uma linha do tempo em que elencamos acontecimentos importantes relacionados a esta adoção e transformação em processos importantes relacionados à oferta do CBF VAR. São crises, momentos de transformações importantes, pontos-chaves nos quais pretendemos destacar posteriormente às três ocorrências, acontecimentos esportivos, que elegemos para constituir nosso *corpus* de observação do caso midiaticizado.

Figura 24 – Linha do tempo relacionada às ofertas do CBF VAR



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados fornecidos pela CBF (2022).

Há dois movimentos que merecem ser destacados na elaboração desta linha do tempo, utilizada aqui apenas para situar algumas atualizações do dispositivo que partem de uma organização interna e institucional da CBF. Primeiro destaco a deflagração de crises institucionais, que se não geradas pelas disputas e percepções sobre o uso do VAR, são agravadas pelos desajustes identificados a partir de suas práticas.

Ao analisarmos o Caso e os acontecimentos que o constituem estes momentos serão melhor desenhados. Entretanto, as interações ativadas pela CBF já trazem indícios da complexificação do cenário de inovação, implicando em processo de midiaticização da instituição e do conjunto de suas ações, que precisam responder certas urgências que emergem de outros campos.

Outro aspecto diz respeito às regularidades que pretendemos analisar – já que o trabalho procura delimitar um Estudo de Caso, ainda que resguardadas as especificidades de Caso Midiatizado. Talvez fosse mais prático analisar uma ocorrência ou um caso relacionado ao uso do VAR, identificado neste período do tempo e trabalhado de forma aprofundada em suas especificidades. Mas o fluxo adiante gerado pelos discursos institucionais e amadores geram urgências esportivas e comunicacionais que ao nosso ver só podem ser melhor analisadas a partir de uma análise mais alongada de seus desdobramentos, explicitando a disponibilidade de nossos esforços em identificar rupturas e disputas esportivas simbólicas que se materializam nos dispositivos analíticos e se desdobram em outros acontecimentos inesgotáveis.

No próximo tópico, iremos apresentar as ocorrências que constituem o Caso CBF VAR em Mídiação, buscando explicar alguns critérios utilizados em nosso processo de clivagem. Trata-se da nossa tentativa de identificar os dispositivos analíticos, modos de lidar e administrar os cenários de interpenetração e as zonas de contato por onde se dão as interações midiáticas ativadas por arquivos, documentos, discursos institucionalizados e de amadores, que podem ser significativos para observarmos os processos de inovação, de uma nova infraestrutura, em uma ambiência transformada pela radicalização dos processos de mídiação.

4.5.3 O Caso CBF VAR e as três ocorrências destacadas para sua análise

Barthes (2017, p. 120) sintetiza que em um trabalho semiológico o *corpus* se define como “uma coleção finita de materiais, determinados de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar”. Esta definição nos ajuda a enfrentar dois desafios imperativos relacionados ao processo de decupagem e de escolha do material observado. Um primeiro relacionado ao exame e exploração do conjunto heterogêneo de materialidades midiáticas coletadas ao longo destes quatro anos em que procuramos reunir evidências sobre uma problemática envolvendo questões relacionadas à implementação do VAR na sociedade em mídiação. E um segundo implicado pela capacidade de delimitação e da transformação desses indícios em um *corpus* passível de ser observado.

Interessante notar como o quadriênio disposto entre a realização de Copas do Mundo nos fornece um espaço de tempo profícuo para a observação das transformações do futebol espetacularizado. Este também é o tempo de duração do processo de doutoramento: assim, tanto a constituição de um *corpus* como a nossa observação sobre ele se deram de um modo concomitante. Logo, o dispositivo para o qual direcionamos nosso olhar na Copa do Mundo de 2018 não é o mesmo sobre o qual faremos nossas considerações finais e tampouco sobre o qual irão

incidir novas pesquisas a partir de seu uso na Copa do Mundo de 2022.

Os primeiros anos de trabalho marcam a nossa busca pelos indícios, como sugere Braga (2008). Neste processo, não como uma metodologia definitiva, mas como movimento identificável de aproximação com os objetos, buscou-se traçar um caminho que é denominado em um quadro abaixo de “*flânerie* do torcedor pesquisador”, no qual o contato com os empíricos se dava ora de forma intuitiva, nas práticas de torcedor e jornalista que já faziam parte do meu cotidiano, e também de maneira exploratória, quando a partir desses indícios passei a investigar alguns casos em artigos apresentados na seção 4.3.

A ideia de *flânerie*, trabalhada por Benjamin (2009), não é central em nossa construção metodológica, mas auxiliar para o entendimento deste primeiro movimento. Montañó (2015) explica que o termo não indica um percurso definitivo, mas se relaciona com a produção de estranhezas, de aproximação e inserção em um espaço a ser observado. Trata-se do nosso movimento de explorar as discussões a partir de processos de inserção e sobretudo de observação de um fenômeno novo que se apresentava.

O quadro abaixo demonstra, portanto, quais acontecimentos esportivos foram observados neste trabalho nos primeiros movimentos de aproximação e emergência dos indícios que nos ajudaram no processo de delimitação do caso.

Quadro 4 – Flânerie do torcedor pesquisador: materialidades observadas para constituição do caso

Acontecimento esportivo	Materialidades observadas	Indícios
A adoção do VAR na Copa do Mundo de 2018	Trabalhos acadêmicos referentes à temática, documentação fornecida pela IFAB e estratégias de adoção dos inovadores, transmissão esportiva, repercussão e disputas simbólicas travadas em mesas-redondas e nas redes sociais, além da tentativa de percepção de sua recepção em um espaço coletivo a partir de uma conversação cotidiana com torcedores em espaços de consumo coletivo do espetáculo esportivo.	Percebeu-se não só que a transformação das processualidades do jogo de futebol, mas a forma ampliada pela qual a inovação era percebida na sociedade em midiatização. O <i>Twitter</i> compreendido como uma rede social apresentou-se como uma ferramenta importante para capturar as principais discussões e lugar profícuo para a observação das zonas de contato e das interpenetrações entre instituições e atores sociais que discutiam ainda preliminarmente o tema.
A adoção do VAR na Copa CONMEMBOL	Materialidades relacionadas à adoção do VAR em um espectro sul-americano. Materialidades internacionais destacando modos	A adoção do VAR em um cenário local evidenciou a irrupção dos fatos esportivos para os diversos meios e discursos a partir de uma relação mais

<p>Libertadores de 2018 e 2019</p>	<p>locais de percepção da adoção da tecnologia pela confederação local. Debates travados em redes sociais e mesas-redondas.</p>	<p>cotidiana com o esporte e, portanto, mais intensificada nas interações e no desdobramento dos fatos pela falação esportiva. A observação sobre um cenário esportivo sul-americano também revelou particularidades da relação do campo esportivo com os processos midiáticos, e também os desafios de ordem econômica e de infraestrutura para sua implementação no continente.</p>
<p>A criação e adoção do CBF VAR na Copa do Brasil 2018</p>	<p>Trabalhos acadêmicos referentes à temática, documentação fornecida IFAB e agora pela CBF, e demais ações estratégicas advindas dos inovadores. Transmissão das partidas, repercussão e disputas simbólicas travadas em mesas-redondas e nas redes sociais, além da tentativa de percepção de sua recepção em um espaço coletivo a partir de uma conversa cotidiana com torcedores em espaços de consumo coletivo do espetáculo esportivo.</p>	<p>Os indícios agora já indicavam para um recorte possível em um cenário local de implementação do VAR. Que implicavam não só em estratégias discursivas elaboradas por parte da entidade, mas também por respostas e <i>feedbacks</i>, tanto dos meios para absorver o VAR enquanto temática e infraestrutura em seus produtos. Nota-se também a recorrência e regularidade com que o VAR passou a ser debatido nas redes sociais e também na falação esportiva tradicional.</p>
<p>Campeonatos Brasileiros – Séries A, B, C e D 2019, 2020 e 2021 e Copas do Brasil de 2019, 2020, 2021 e 2022.</p>	<p>Documentação fornecida gora pela CBF e demais ações estratégicas advindas dos inovadores. Espaços mais sistematizados de organização da materialidade envolvendo o VAR por parte da entidade. Transmissão das partidas pela principal detentora dos seus direitos econômicos, Rede Globo de Televisão, SporTV e Canais <i>premiere</i>. Repercussão e disputas simbólicas travadas em mesas-redondas e nas redes sociais, além da tentativa de percepção de sua recepção em um espaço coletivo a partir de uma conversa cotidiana com torcedores em espaços de consumo coletivo do espetáculo esportivo.</p>	<p>Trata-se de uma vasta materialidade. Mas escolhemos partir deste grande volume de competições para capturar regularidades envolvendo casos que irrompem do campo do jogo à circulação. Quatro características chamam a atenção sobre o perfil dos lances que ascendem de forma mais intensa para as redes: Lances inconclusivos, mesmo com auxílio da arbitragem; Lances envolvendo erros de interpretação ou de manuseio do dispositivo por parte da arbitragem; Lances cujo apelo tecnológico, sobretudo relacionado à linha de impedimento, suscitam um debate sobre a confiabilidade da tecnologia; Lances que suscitam discussões relacionadas à dinâmica e ao tempo do jogo sob interferência dos processos de checagem.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base em matérias jornalísticas coletadas entre 2018-2022.

Quando o acontecimento esportivo se desdobra em discursos midiáticos, ele toma caminhos labirínticos na midiatização. A própria história do esporte tem como característica o seu

processo de continuidade, um jogo sempre sucede o outro e as marcas do que já passou permanecem nas histórias, nos discursos e nos imaginários dos atores sociais. A tarefa de determinar onde se começa e termina um Caso relacionado ao esporte no cenário de midiaticização precisa enfrentar esta incompletude dupla. Neste sentido, a partir das primeiras inferências expostas no tópico 4.3 e nos três últimos quadrantes do Quadro 4 disposto acima, selecionamos três ocorrências constitutivas de nosso *corpus* de análise.

Tais ocorrências foram selecionadas a partir da disposição de dois critérios:

O *primeiro* busca garantir que nossa investigação consiga capturar momentos distintos do processo de inovação do VAR no Brasil. Tais momentos foram divididos da seguinte forma:

- a) Fase de testes do dispositivo CBF VAR (2018 – 2019);
- b) Momentos de crises e de desestabilizações do dispositivo CBF VAR (2019 – 2021);
- c) Momentos de respostas às urgências e atualizações do dispositivo CBF AVR (2020 – 2022).

Tais momentos se dão de forma descontinuada, é verdade, mas o esforço tentativo de organização do trabalho nos permite observar ocorrências significativas destas três fases importantes de compreensão dos diferentes momentos que envolvem o processo de inovação.

Já um *segundo* critério utilizado em nosso processo de decupagem se relaciona à natureza disruptiva de cada acontecimento. Ora, tratam-se das circunstâncias que fazem com que os lances relacionados às disputas em jogo se desdobrem em discursividades midiáticas diversas, suscitando discussões sobre o processo de inovação do VAR e não somente dos habituais desdobramentos midiáticos observados em uma falação esportiva.

Destacamos cinco características distintas presentes nestes acontecimentos, são elas:

- a) Relacionadas às incompreensões dos modos de uso do VAR por parte dos atores sociais e esportivos;
- b) Relacionadas aos erros nos modos de uso do VAR por parte dos atores esportivos;
- c) Relacionadas às transformações nas temporalidades do jogo de futebol implicadas pela adoção do VAR no jogo de futebol;
- d) Relacionadas às características tecnológicas do dispositivo;
- e) Relacionadas às urgências que o VAR não responde, como a resolução e checagem de alguns lances que passam imperativamente por critérios de deliberação interpretativos.

Neste sentido, elegemos três ocorrências que parecem responder a estes critérios e permitem a observação de nosso caso em midiaticização em uma temporalidade prolongada. São elas:

I - Ocorrência envolvendo o gol anulado do jogador Pedrinho em jogo válido pela final da Copa do Brasil de 2018 entre Corinthians X Cruzeiro, em 17/10/2018;

II- Ocorrência envolvendo o pênalti marcado em favor do time Flamengo em jogo contra o Bahia no dia 11/11/2021 pelo Brasileirão. O árbitro de campo manteve sua decisão mesmo após indicação de revisão sugerida pelo VAR.

III - Ocorrência envolvendo erro de VAR no manuseio do *software* no tracejo da linha de impedimento, que invalidou o gol de Edu no jogo entre Cruzeiro X Ituano, em 05/07/2022, válido pelo Campeonato Brasileiro da série B de 2022.

Estas são as ocorrências sobre as quais se desdobram as materialidades que iremos observar em nosso Caso Midiatizado. Tais materialidades serão apresentadas de modo mais aprofundado durante a análise do Caso no próximo capítulo, mas já demonstramos por aqui como os dispositivos analíticos são cruciais para compreendermos os fluxos desses discursos e os lugares em que são ativados. Neste sentido, buscamos fundamentar aqui uma metodologia que permita tanto a observação do VAR como um dispositivo interacional, como também a circulação de sentidos ativada pelos usos deste dispositivo, dimensões que serão apresentadas a seguir.

5 O CASO DO CBF VAR MUDIATIZADO (2018-2022)

Articulando noções teóricas e metodológicas apresentadas nos capítulos anteriores, buscamos apresentar de forma abrangente o circuito complexificado em que tem se dado a inovação VAR, primeiro em sua experiência internacional de forma mais abrangente, em seguida a partir da apresentação de suas especificidades locais.

O esforço metodológico decorre da heterogeneidade de materialidades dispostas pelos agentes envolvidos neste processo. Buscando tornar esta tarefa exequível, elegemos três ocorrências, sinalizadas no capítulo anterior, a serem observadas de forma cronológica e que organizam nosso caso, reconhecendo suas processualidades e as naturezas específicas de cada acontecimento.

É na observação dos circuitos enquanto zonas de contato das interações em mediação que objetivamos observar a comunicação como atividade reflexiva do processo de inovação, construindo assim uma história sobre o CBF VAR, sem correremos os riscos de *externalismos* ou *internalismos*, como nos sugere Latour (2001), em discussão abordada no segundo capítulo. Embora esta não seja uma tese lastreada prioritariamente no pensamento deste autor, acreditamos que este esforço nos aproxima da observação daquilo Latour nomeia como cadeia de *translação*: movimento de junção de diversos interesses que, em um jogo actancial, resultam, neste caso específico, no surgimento e na atualização desta inovação.

Procura-se assim, desvelar não só aspectos relacionados à organização dos arranjos dispostos pela instituição, mas identificar quais discussões emergem de sua prática a partir da ativação de fluxos que decorrem de discursividades identificadas neste trabalho pelos dispositivos analíticos (CARLÓN, 2017; 2020).

A apreciação deste Caso Mediação, constituído pela análise de três ocorrências analisadas a seguir, torna possível produzir conhecimento tanto sobre o processo relacionado à implementação da inovação no esporte, como também sobre o papel central da mídia e da mediação neste cenário: tomando a circulação como uma dimensão privilegiada para a observação dos fenômenos descritos até aqui.

Traçamos deste modo os caminhos de investigação para nossa pergunta problema, que merece ser retomada neste momento. **Sob esta instância da circulação (pertencente à gramática veroniana) nos perguntamos como se dariam as condições e ações comunicacionais de oferta e reconhecimento do CBF VAR inscrito em um processo de inovação do espetáculo esportivo?** Neste sentido, a esta altura, objetivamos investigar os caminhos da inovação a partir das disputas tecno-discursivas de seus atores sociais e instituições em circulação.

5.1 Ocorrência I: Um VAR à brasileira e o gol anulado de Pedrinho

O Brasil estava em meio ao processo eleitoral de 2018, marcado por uma paisagem de intensificadas disputas midiáticas nas plataformas digitais, redes sociais e pela propagação das chamadas Fake News⁹¹. No futebol, há menos de três meses, a seleção nacional havia sido eliminada pela Bélgica na fase de quartas de finais da competição, vencida pela França em uma decisão inédita contra a equipe Croata. O evento, como já exposto, marca a ascensão do VAR ao palco mais importante do espetáculo esportivo. Até então, a FIFA comemora o sucesso de sua inovação e os seus primeiros resultados⁹².

O arranjo tecnológico testado em competições distantes do contexto cotidiano do futebol brasileiro é substituído por um VAR debatido e vivido intensamente pelos torcedores e especialistas durante o mês de realização do megaevento. Pressionada, em uma segunda-feira, dia 30 de julho, a CBF anuncia a implementação do dispositivo em competições nacionais, escalando posteriormente as primeiras equipes de arbitragem com profissionais específicos (VARs e AVARs) preparados para as disputas do restante da Copa do Brasil daquele ano.

A final da competição foi realizada no dia 17 de outubro. O evento se apresentava como ápice do primeiro grande teste do VAR no futebol brasileiro. Corinthians e Cruzeiro disputaram título em dois jogos, o primeiro, vencido pela equipe mineira pelo placar de 1 x 0 no Mineirão. Para ser campeão, o clube poderia perder por até um gol de diferença no jogo de volta, já uma derrota pelo mesmo número de gols levaria a decisão para disputa de pênaltis.

A segunda partida começa com Cruzeiro abrindo o placar, ampliando a sua vantagem, mas aos cinco minutos do segundo tempo o meio-campista alvinegro Ralf é derrubado dentro da área, o árbitro Wagner do Nascimento Magalhães não marca o pênalti. Wilton Pereira Sampaio, árbitro de vídeo, recomenda a revisão. Sampaio vai ao monitor e reconsidera, assinala a penalidade máxima que é convertida pelo atacante Jadson, devolvendo ao Corinthians a esperança de título.

Estamos agora no segundo tempo. Restam 10 minutos para o final da competição e o treinador alvinegro Jair Ventura coloca o jogador Pedrinho em campo. Menos de dois minutos após sua entrada o atleta acerta um chute improvável de fora da área, um bonito gol que transforma o ambiente do estádio.

⁹¹ A grosso modo definimos as Fake News como engajamentos sociais que objetivam a desinformação. Problema que se impõe como um dos principais desafios relacionados à grande quantidade de informações produzidas em um cenário de midiatização. Informações que muitas vezes não são checadas e independem do exercício profissional de jornalistas.

⁹² Árbitro de vídeo mudou a decisão de 14 jogadas na Copa do Mundo. Dado comemorado pela FIFA.

Em meio à celebração, o VAR interfere novamente na partida e pede que Wagner do Nascimento não reinicie o jogo. O processo de revisão dura cerca de oito minutos marcando um cenário que vai da catarse⁹³ à apreensão. As transmissões televisivas e radiofônicas capturam o desconforto dos torcedores e o novo ambiente criado pelos processos de interdependência relacionados às deliberações da arbitragem em campo, agora atravessados pelas ações envolvendo o VAR.

Figura 25 – Frame e zoom de lance de falta de Jadson em Dedé capturado da transmissão realizada pela TV Globo



Fonte: TV Globo (2018).

O árbitro Wilton Pereira Sampaio é chamado à cabine e avalia que no outro extremo da área houve uma falta de Jadson em Dedé. A infração é marcada e o gol é anulado. A intensidade do lance e a sua interferência direta no gol do Corinthians geram um debate imediato, que é capturado nas falas dos especialistas durante as transmissões e também pelas *hashtag* no *Twitter*, que para Couldry e Hepp (2020, p.125) são um indexador flexível, “uma nova figuração de ação que surge com base na gramática simples de uma prática textual repetitiva em uma plataforma distribuída” (voltaremos nessa particularidade do *Twitter* ao desdobrarmos este evento).

O Cruzeiro vira a partida na sequência com um gol de Arrascaeta no último minuto da partida e conquista o título pela sexta vez em sua história. O uso do VAR não apaga o feito

⁹³ Para Hollanda (2009, p. 137), a definição de catarse se explica pela própria definição do torcedor no Brasil. “Após a consignação dos vocábulos relativos ao torcedor e à identificação de seu fundamento na catarse, inclusive com a criação original do termo “torcedor” no caso brasileiro, uma palavra tão intraduzível quanto a famosa “saúde”.

celeste, mas suas reverberações midiáticas se arrolam ao debate relacionado à inovação e revelam as primeiras impressões sobre o seu uso no contexto do futebol brasileiro.

Esta ocorrência é o nosso cartão de entrada para a descrição do Caso Midiatizado, caracterizado por uma ambiência particular onde identificamos os fluxos e as zonas de contato – regiões de negociação entre a oferta e o reconhecimento (FATUSTO NETO, 2018) em que as discursividades advindas das instituições midiáticas, dos clubes, federações, árbitros, atletas e torcedores se encontram, se interpenetram e revelam uma percepção do CBF VAR a partir de suas defasagens.

Durante o processo, iremos especificar quais materialidades foram mapeadas, descritas segundo a ativação de seus fluxos, explicados nos quadros 3 e 4 do capítulo anterior – método que possibilitou a visualização deste cenário.

Começamos, entretanto, descrevendo nossa ocorrência a partir de sua anterioridade, do valor conferido pela CBF à competição e ao seu desfecho. Tratam-se de ações comunicacionais institucionais, estratégias que ascendem dos “laboratórios da instituição” aos meios tradicionais e às redes como forma de legitimação da inovação perante o público. São materialidades que derivam do processo de *inscrição* definido por Latour (2001), movimentos que resultam em máquinas, gráficos, manuais e protocolos, produzidas aqui pelas instituições.

5.1.1 Ações comunicacionais de legitimação da inovação CBF VAR

Um dos indícios apresentados no capítulo 4, que envolve a estreia do Brasil na Copa do Mundo de 2018, deixou claro que o VAR ainda era uma inovação em um processo de estabilização. Afinal, a própria CBF já havia questionado a transparência da FIFA, exigindo os áudios do gol marcado pela Suíça⁹⁴, lance em que os brasileiros reclamam até hoje de uma falta do atacante adversário no zagueiro Miranda. Agora, de “usuária” do dispositivo a instituição brasileira assume o papel de inovadora, alteram-se seu *status* no processo da inovação e também suas estratégias de comunicação para implementação de um VAR local.

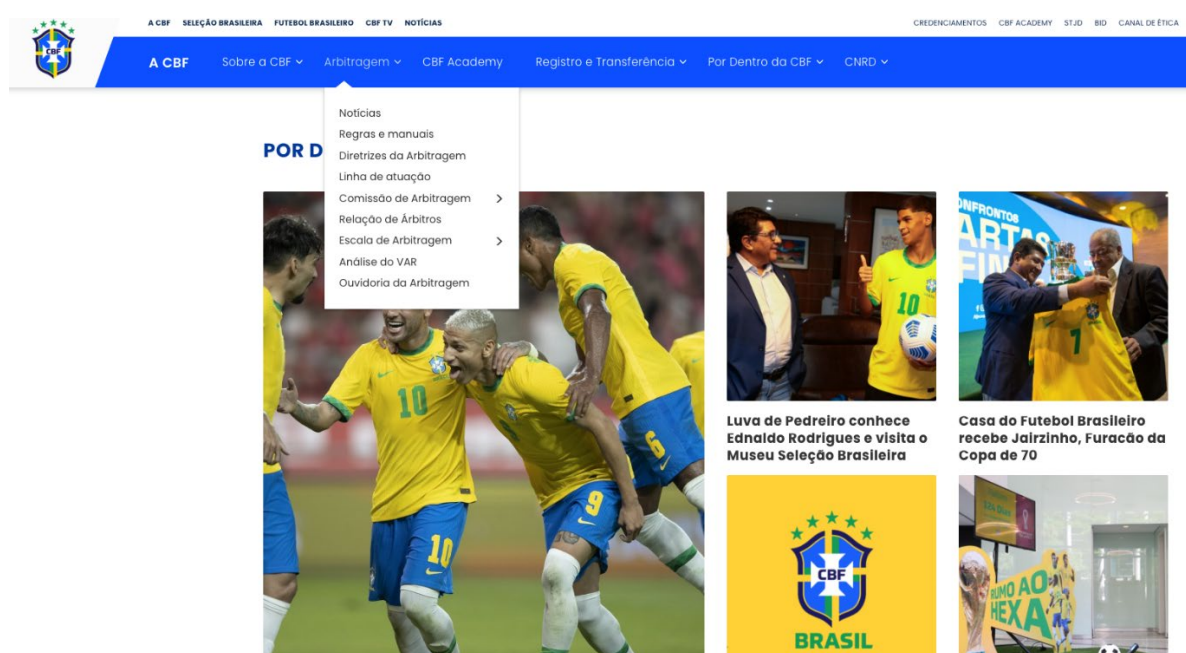
Assim como a FIFA, a CBF adota a patente da empresa *Hawk-Eye* no processo de implementação do VAR. Também vem da FIFA e da IFAB as regras e orientações de uso da tecnologia de vídeo. A CBF promove treinamentos, orientações que buscam elucidar as regras, faz adaptações relativas às instalações tecnológicas e responde obviamente pelo processo de inovação no país.

⁹⁴ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/fifa-responde-cbf-defende-arbitro-de-video-e-se-recusa-a-entregar-audios.ghtml>. Acessado em 26 jul. 2020.

É, portanto, percebida por este trabalho como um *actante* complexo que ao mesmo tempo que responde às ofertas advindas de outras instituições promove-se como ofertante das melhorias que o futebol brasileiro tanto anseia.

O site da CBF, assim como o site da FIFA, cria uma aba específica com informações relacionadas ao CBF VAR (Figura 26) com o propósito de divulgar e estabelecer parâmetros de transparência relativos à implementação da inovação. Um processo de *indução* destacado por Latour (2001) na medida em que alguns mediadores induzem outros em seus fazeres.

Figura 26 – Print de interface do site oficial da CBF com disposições específicas relacionadas ao VAR



Fonte: CBF (2022).

Nota-se, na Figura 26 acima, na aba *arbitragem*, o destaque dado às seções “análise do VAR”; “Regras e Manuais” e “Notícias” – espaços em que é possível extrair as principais materialidades ascendentes relacionadas à instituição. Tratam-se de documentos oficiais, comunicados e notícias institucionais que buscam pautar os meios massivos na mesma medida que são divulgados amplamente nas redes sociais da entidade.

Uma busca simples no conjunto dessas materialidades foi o suficiente para um desenho de como a entidade agiu no processo de legitimação da inovação no país, a partir de uma estratégia interna de divulgação dos treinamentos dos árbitros de vídeo, que culminaram no comunicado em que a entidade convoca toda a imprensa para anunciar a chegada do VAR em julho de 2018 ao futebol brasileiro.

Tais processos relacionados às discursividades institucionais vão se atualizando na mesma medida em que o dispositivo e seus arranjos se atualizam, uma vez que eles “são processos, modos de ação” (BRAGA, 2017, p. 38). Destacamos um conjunto observável de matérias relacionadas pré-implementação do CBF VAR. No dia 30 de julho de 2018, a CBF publica um artigo e um vídeo de seu canal institucional no *Youtube* CBF TV com o seguinte título: Comissão de Arbitragem promoveu dois cursos intensivos de capacitação⁹⁵. A matéria destaca como a entidade vem se capacitando para a adoção tecnologia desde o ano de 2016, quando o VAR foi aprovado de forma definitiva pela IFAB.

Foram implementadas mais de 400 horas de treinamento para mais de 80 árbitros e assistentes, que passaram por aulas teóricas, simulações ao vivo, treinos com reprises de jogos e testes off-line em seis estádios diferentes. Além disso, testes foram realizados em cerca de 50 jogos amistosos (CBF, 2022).

Em nosso percurso pelo site, notamos dez notícias que buscavam elucidar o processo de capacitação e preparação da arbitragem brasileira para o uso do VAR, conforme Quadro 5 abaixo, que permite traçarmos um perfil relacionado à estratégia de inovação da entidade.

Quadro 5 – Notícias extraídas do site oficial da CBF sobre capacitação de VARs e AVARs⁹⁶

Título da notícia	Data de publicação
Arbitragem trabalha habilidades específicas para atuação do VAR	05/07/2018
VAR no Brasil: Marcos Marinho analisa preparação da arbitragem	10/07/2018
VAR no Brasil: árbitros contam com suporte psicológico e estatístico	22/08/2018
VAR no Brasil: Dirk Schlemmer destaca investimentos feitos pela CBF	04/07/2018
Curso de VAR no Brasil: experiência transferida para cabine de vídeo	03/07/2018
Árbitros reforçam protocolo do VAR antes da prática em campo	02/07/2018
Árbitros compartilham experiência do uso do VAR na final catarinense	30/06/2018
David Elleray acompanha Curso de Árbitro de Vídeo (VAR) no Brasil	29/06/2018
Metodologia de excelência é destaque no curso de árbitro de vídeo	28/06/2018

⁹⁵ Disponível em: cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/comissao-de-arbitragem-promoveu-dois-cursos-intensivos-de-capacitacao. Acesso em 26 jul. 2022.

⁹⁶ Novamente é importante salientar que a classificação destas materialidades como ascendentes não indica qualquer grau de hierarquia ou efeito de seus sentidos. Só diz respeito a uma produção de sentidos de sujeitos que instituições que ascendem aos meios tradicionais, os quais comumente operavam anteriormente como mediadores profissionais do espetáculo esportivo.

CBF promove 2º Curso de Capacitação para uso do VAR	27/06/2018
---	------------

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados fornecidos pela CBF (2022).

As matérias institucionais buscam explicitar os métodos e habilidades específicas necessárias para o treinamento da arbitragem, voltando-se mais para a explicação dos processos relacionados à preparação dos profissionais envolvidos do que do funcionamento da máquina em si, e promovendo a imagem da instituição.

Além disso, deixam de lado aspectos políticos e econômicos que envolvem os acordos da instituição com os clubes. No site, não encontramos nenhuma menção, por exemplo, ao fato dos times terem vetado o uso do VAR no Campeonato Brasileiro de 2018 por motivo econômico, uma vez que a entidade queria dividir com os 20 representantes da série A o custo de cerca de 20 milhões de reais para a utilização da tecnologia nos 380 jogos.

A ação estratégica da CBF nos remete à percepção da manifestação de uma discursividade científica que parte da entidade. Embora ela não seja uma instituição propriamente designada à produção do conhecimento e das inovações, neste contexto assume o papel de actante que busca legitimar o artefato tecnológico perante o campo esportivo.

Verón (1997) estabeleceu paralelos entre os campos científico e midiático na medida em que ambos precisam lidar com a informação em formatos discursivos. Embora, no processo de circulação, o laboratório científico não controle o resultado das relações que se estabelecem em torno do que se oferece, é pertinente mapear os esforços preliminares da entidade em apresentar uma tecnologia à afeição de seus interesses.

No dia 27 de julho de 2018, a CBF anuncia em seu site em primeira mão que o VAR vai estreiar em competições nacionais, como já mencionamos. A própria entidade arcaria com os custos. A partir deste momento, o processo de legitimação do VAR passa a reverberar de forma mais explícita nos meios de comunicação tradicionais e também nas redes sociais que passam a compreendê-lo como uma realidade a ser debatida na falação esportiva.

Os fluxos comunicais ascendentes relacionados a implementação do dispositivo passam a conviver com os movimentos descendentes dos meios que buscam refletir e apresentar a tecnologia de vídeo ao torcedor.

Uma matéria televisiva emblemática mostra como neste processo a imprensa esportiva também se apresenta como actante mediador, que faz a ponte entre os processos de laboratório com os demais atores sociais.

Nas reportagens e no debate provocado pelo anúncio, surgem informações que ao mesmo tempo que explicam como se dará utilização do VAR, fazem os primeiros questionamentos relacionados ao seu uso. Escolhemos uma matéria que consideramos representativa deste processo de interpenetração entre a instituição e a Rede Globo de Televisão, uma das detentoras dos direitos de televisão da Copa do Brasil.

Na semana da estreia do VAR na competição, durante a programação do Esporte Espectacular (programa voltado ao esporte exibido aos domingos), a emissora exibe uma reportagem⁹⁷ com cerca de seis minutos sobre o CBF VAR, demonstrando como se deram os processos de treinamento, buscando referências de sua utilização na Copa do Mundo.

O repórter que assina a matéria é o experiente Marcus Uchoa, que entrevista dirigentes, o presidente da Comissão de Arbitragem Sérgio Correia e os especialistas em arbitragem da emissora: Sandro Meira Ricce e Arnaldo Cezar Coelho.

Ao final da reportagem, o texto narrado em *off* pelo repórter, que chama a atenção para uma “*ação moralizadora do VAR em campo, que coloca o futebol na direção fair-play*” (UCHOA, 2022), mote da FIFA e justificativa da CBF que fundamentam os seus postulados de oferta.

Há um acordo tácito entre o discurso adotado pela matéria jornalística e a oferta da CBF, explicitado pela fala do jornalista que segue: “*a regra é clara, como uma imagem do Big Brother*” (UCHOA, 2022). O dispositivo de vigilância sobre o qual já nos referenciamos ao longo dos capítulos 2 e 3 fica ainda mais evidente no comentário de Arnaldo César Coelho, ex-árbitro comentarista mais longevo de arbitragem do país, que com sua autoridade é convocado para encerrar a reportagem dizendo: “*se você estiver com uma namorada, filmado por uma câmera, você vai pensar duas vezes antes de fazer qualquer coisa*” (COELHO, 2022).

A fala do ex-árbitro é a naturalização na forma como os sujeitos introjetam valores da sociedade de controle (DELEUZE, 1992). A busca pela fama em programas televisivos como “*big brother*” revelam não só a transformação do controle em produto, mas também evidenciam um desejo duplo que se manifesta tanto na figura de quem permite ser vigiado, como de quem vigia e consome a vigilância.

O VAR, no entendimento dos especialistas e jornalistas, responde não só ao anseio imediato de um jogo que necessita de melhorias na eficácia das decisões da arbitragem, mas se revela como objeto de desejo relacionado aos processos de controle percebidos na sociedade de uma maneira ampliada.

⁹⁷ Disponível em <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-estreia-no-brasil-nesta-quarta-veja-como-o-arbitro-de-video-pode-ser-usado.ghtml>. Acesso em 28 jul. 2021.

O maquinismo também desperta interesse e desejo. Neste contexto, a reportagem televisiva explica os funcionamentos das engrenagens do VAR de forma didática. Exibe com autorização da CBF os bastidores dos treinamentos dos árbitros. Apresenta a inovação como fruto dos processos tecnológicos mais modernos à disposição do esporte.

Figura 27 – Print de frame que mostra o manuseio de equipamentos específicos do VAR durante a capacitação dos árbitros, exibido pelo Esporte Espetacular



Fonte: globoesporte.com⁹⁸.

A imagem que enfoca o maquinário do VAR revela os bastidores da inovação. A lógica das mídias (BRAGA, 2014) opera no sentido descendente de mostrar ao público algo exclusivo, inédito. Entretanto, a CBF em seu processo estratégico conhece as transformações da conjuntura comunicacional e sabe que não só o VAR, mas o futebol de um modo geral está sendo vivenciado e debatido em novos espaços proporcionados pela expansão da tecnologia digital em midiatização.

É neste sentido, que buscamos evidenciar mais um conteúdo, agora de uma natureza diferente.

Durante o jogo final entre Corinthians e Cruzeiro, tomado aqui como referência para as análises dessa seção, chama a atenção o vídeo produzido pelo canal Desimpedidos⁹⁹, que no

⁹⁸ Disponível em <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-estrea-no-brasil-nesta-quarta-veja-como-o-arbitro-de-video-pode-ser-usado.ghtml>. Acesso em 28 jul. 2021.

⁹⁹ O canal desimpedidos tem mais de 9 milhões de inscritos na plataforma do *Youtube*. Um dos maiores do país. Seu conteúdo é diversificado. Entrevistas, desafios e também cobertura de jogos importantes.

Youtube conta com quase dez milhões de assinaturas. O vídeo em questão foi divulgado dias após o jogo, no dia 21 de outubro, e até o presente momento dessa tese conta com cerca 2 milhões de visualizações. O título do vídeo é: “*Tudo o que você não viu na final da Copa do Brasil!*”. Fred, interlocutor principal do canal, é um *influencer*¹⁰⁰, com a câmera portátil na mão e de modo descontraído procura mostrar em 30 minutos os bastidores da decisão.

A celebridade tem acesso à praticamente todos os espaços da Arena. Dos vestiários aos as cadeiras onde estão localizadas as duas torcidas. Ele entrevista jornalistas, jogadores e convidados. No minuto 9 do vídeo a cabine do VAR é exibida, vazia mas preparada para o jogo, detalhes técnicos dos muitos monitores e da mesa de operação são revelados. Outras marcas da tecnologia são apresentadas ao público, como o mapa das câmeras dispostas em campo, ao qual recorrem o Assistente de VAR (AVAR) e operadores de replay para agilizar o processo de checagem.

Figura 28 – Print de frame que mostra o mapa com a disposição das câmeras de transmissão da final



Fonte Desempedidos (2018)¹⁰¹.

O vídeo segue exibindo a disputa dos jogos a partir dos bastidores, além da festa e da provocação entre as duas torcidas. Há entrevistas com jogadores campeões e com celebridades,

¹⁰⁰ Influenciadores são uma nova instância das celebridades, que ganham notoriedade a partir das suas práticas nas redes sociais, influenciando comportamentos e consumo, sobretudo.

¹⁰¹ Disponível em <https://www.Youtube.com/watch?v=tS139BIE5tg&t=569s>. Acesso em 26 jul. 2022.

convidadas pela própria CBF e por seus patrocinadores, além é claro de enfocarem os momentos de tensão provocados pela própria disputa esportiva.

Trouxemos estes três perfis de materialidade neste momento de apresentação da ocorrência no sentido de destacar às estratégias e ações comunicacionais da CBF no processo de legitimação do VAR no país. Neste sentido, ressaltamos discursividades *ascendentes*, que partem do próprio site da CBF e abastecem os meios de comunicação e *descendentes* relacionadas ao trabalho dos meios no processo de explicação do funcionamento do VAR em programas tradicionais da falação esportiva. Também destacamos materialidades *ascendentes horizontais*, que emergem de canais dispostos em plataformas como o *Youtube* e que procuram dialogar com um público alvo diferenciado que por sua vez se manifesta em suas redes.

Das matérias produzidas pela instituição aos acessos que a entidade oferece para a cobertura dos bastidores do VAR por empresas de comunicação consagradas e novas, fica evidente o processo de midiaticização da CBF e seus esforços empreendidos no jogo e nas disputas pela primazia de sentidos relacionadas à inovação.

Entretanto, é a partir do evento disruptivo relacionado ao seu uso no campo da final que podemos observar melhor os processos relacionados aos *feedbacks* dos atores sociais envolvidos no processo de inovação que, em midiaticização, revelam os aspectos canhestros da comunicação e das estratégias de comunicação, que nem sempre são bem sucedidas (BRAGA, 2017).

A seguir, voltaremos ao lance em si, seu efeito na transmissão esportiva e os processos ascendentes e descendentes que criam um cenário ampliado de percepção da primeira experiência de grande visibilidade do CBF VAR no futebol brasileiro.

5.1.2 O VAR protagonista no espetáculo

Conferimos uma importância particular aos meios tradicionais e ao campo dos *media* (RODRIGUES, 2000), no capítulo 3, por entender que, mesmo em um cenário complexificado da midiaticização, estes ainda exercem um papel decisivo na maneira como o futebol espetacularizado é formatado. Ainda que seja possível perceber movimentos cada vez mais escalonáveis de transmissão esportiva em plataformas de *streaming*¹⁰², o espetáculo transmitido ao vivo em TV aberta segue sendo responsável por grandes índices de audiência¹⁰³. As lógicas das mídias, como nos sugere Braga (2015, p. 8) podem ser percebidas em padrões mais estabelecidos do

¹⁰² No Brasil, empresas de *streaming* já fazem transmissão das principais competições disputadas pelos clubes brasileiros. A plataformização do futebol brasileiro será debatida de forma mais cuidadosa em nossas conclusões.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/globo-registra-maior-audiencia-do-ano-com-flamengo-x-atletico-mg-pela-copa-do-brasil.html>. Acesso em 26 jul. 2021.

que as lógicas implicadas em fenômenos da midiaticização. Isto se revela no tratamento dado ao futebol na transmissão esportiva e na maneira como a trama se constrói.

Embora não seja incomum que as emissoras apresentem novidades de ordem gráfica e tecnológica em suas transmissões, percebe-se ao longo dos tempos a consolidação de certas regularidades nas operações estabelecidas na construção narrativa do jogo.

Vejamos. Normalmente em partidas exibidas em TV aberta pela Rede Globo podemos observar estes padrões a partir da função de cada profissional designado pelas emissoras: um narrador descreve os lances e traz algumas informações alhures, dois repórteres de campo buscam adicionar a narrativa uma perspectiva aproximada do jogo e das performances dos atores esportivos, comentaristas táticos e ex-jogadores buscam elucidar o que se passa em campo em termos teóricos e, por fim, a figura do comentarista de arbitragem, historicamente ocupada por ex-árbitros, avaliam as decisões tomadas pelos juízes em campo.

Criou-se, portanto, um conjunto de saberes específicos atribuídos ao campo dos *media*, que ao seu modo construíram por muito tempo e ainda constroem os fatos esportivos no cotidiano da falação esportiva, assumindo de forma autônoma a mediação entre os campos sociais (esportivo, econômico, político) envolvidos com o espetáculo esportivo. “A natureza do campo dos *media* está, por conseguinte, intimamente associada ao desempenho das funções de regulação indispensáveis à gestão das relações entre os diferentes campos sociais” (RODRIGUES, 2000, p. 25).

Entendemos que as materialidades advindas da imprensa esportiva são discursos que emergem de um fluxo descendente. Não por estabelecerem uma ordem hierárquica em relação aos demais, mas por serem construídas por este campo social, que se apresenta como o principal mediador entre os torcedores e a agonística do jogo.

“O gol anulado de Pedrinho” está inserido neste contexto de transmissão. Na época, três canais detinham os direitos de televisão da competição: na TV fechada, *Fox Sports* e *Sportv*; na TV aberta, a Globo. Para este exercício, vamos nos concentrar em alguns aspectos capturados pela transmissão da TV Globo, devido ao seu longínquo histórico relacionado ao processo de espetacularização do futebol brasileiro. Buscamos observar como a transmissão esportiva observou o processo de adoção do VAR durante este acontecimento, adaptando seus procedimentos tecno-discursivos à sua presença em campo.

Como citamos no começo deste tópico, o VAR intervém de forma decisiva em dois lances da partida. A primeira em um pênalti que favorece o Corinthians, cometido pelo jogador Thiago Neves em Ralf. O lance é reprisado algumas vezes e a checagem demora cerca de dois minutos.

Wagner do Nascimento, árbitro FIFA, aceita a recomendação da cabine (VOR) e assina a penalidade. Durante a revisão, o então comentarista de arbitragem da TV Globo, Leonardo Gaciba¹⁰⁴, é acionado pelo narrador Luiz Roberto e diverge tanto da decisão do VAR em recomendar a revisão como da decisão tomada pelo juiz em campo:

– *É uma jogada interpretativa. Pelas imagens que nós temos à disposição, eu não tomaria a mesma decisão que o árbitro tomou. Eu não marcaria a penalidade* (GACIBA EM TRANSMISSÃO DA REDE GLOBO, 2018)¹⁰⁵.

A jogada por si só seria motivo de inúmeros debates relacionados à pertinência da participação do VAR em lances inevitavelmente interpretativos, mas a dinâmica do jogo ainda reservava novas ações advindas do VAR, dentre elas o gol de Pedrinho, fundamental na construção do nosso entendimento das transformações transversais que o dispositivo interacional provocaria não só na dinâmica do jogo como nas lógicas e gramáticas que nele se baseiam.

O frisson toma conta das cadeiras da Arena Corinthians após o chute de fora da área do atacante Pedrinho, anulado minutos depois após intervenção do árbitro de vídeo. Para o entendimento deste lance é preciso certa sensibilidade para compreender o lugar do torcedor, entregue ao jogo e às suas disputas. Naquele momento, o “apito do árbitro quebra o feitiço e a vida real recomeça”, diria Huizinga (1999, p. 8).

O anticlímax provocado pelo VAR parece ser maior do que o já habitual contraste de sentimentos provocado por um gol anulado em uma partida sem a presença do dispositivo. A sensação de interrupção deriva da temporalidade do VAR que é acrescentada ao contexto dramático da partida. Buscamos capturar alguns indícios dessa transformação durante a exibição do jogo narrado por Luiz Roberto, que descreve o lance da seguinte forma: “*Gooooool do time do povo! Sabe de quem? De um menino iluminado. Pedrinho é o nome da emoção, e um golaço! Um Gol que vale o ingresso na arena Corinthians*” (LUIZ ROBERTO, 2018).

A euforia na voz de Luiz Roberto é subitamente interrompida por um tom ponderado, comedido, a imagem da transmissão deriva de um plano que mostra a comemoração da torcida para um outro que exhibe o árbitro com o dedo no ouvido, escutando às orientações e correndo em direção ao monitor de vídeo instalado na beira do campo.

O narrador segue com a descrição do lance, agora descrevendo também as ações relacionadas à interação dos árbitros com VAR:

¹⁰⁴ Sujeito importante no contexto deste trabalho. O ex-árbitro Gaciba, de comentarista se tornou posteriormente presidente da Comissão de Arbitragem da CBF e foi demitido após uma série de desgastes relacionados, principalmente, ao funcionamento do VAR no futebol nacional.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-rouba-a-cena-na-final-entre-corinthians-e-cruzeiro-gaciba-analisa-lances.ghml>. Acesso em 26 jul. 2022.

- Mas senhoras e senhores teremos consulta ao árbitro de vídeo. Agora o árbitro de vídeo vai verificar se em campo a bola entrou ou não, se houve falta, toque na mão, impedimento ou alguma infração que possa invalidar o gol. Estamos revendo o lance (...) O Dedé reclama de uma mão no rosto. Vamos ver o que vai fazer o árbitro, pelo jeito ele vai anular o gol. Corre na direção do meio de campo, faz o gesto do VAR. Não valeu, não valeu o gol de Pedrinho (...). Jadson e Dedé (...) Central do apito, Leonardo Gaciba!(LUIZ ROBERTO, 2018)

Toda a transcrição da narração de Luiz Roberto é intercalada pela sequência de imagens que apresentamos nas montagens abaixo. A exposição do gol procura capturar primeiro a emoção do lance, substituída pela apreensão implicada pela percepção do profissional de que a jogada seria revisada.

Brevemente, Luiz Roberto, de forma didática, explica em quais situações o VAR poderia interferir na partida. A televisão, ao contrário dos protocolos de hoje, ainda não tinha acesso simultâneo às imagens e às operações de checagem.

Neste sentido, há um intervalo entre o que é especulado e o que é deliberado de fato pelo VAR. O anticlímax do gol anulado para torcida do Corinthians é um novo clímax para a torcida do Cruzeiro, que vibra como se o time houvesse marcado um gol com a decisão do juiz. Surgem novas tensões, novas dinâmicas derivadas das ações entre actantes humanos e não-humanos, novos modos de interpretar e também de se televisionar uma partida de futebol.

Figura 29 – Da euforia à revisão televisionada



Fonte: Montagem do autor, com base em globoesporte.com¹⁰⁶.

A Figura 29 é parte da sequência de operações já estabelecidas e conhecidas nas gramáticas televisivas. O encadeamento de imagens que capturam com detalhes a comemoração de jogadores e torcedores é interrompida de forma abrupta por um novo contexto de figuras, representados pela Figura 30. Ainda que a emissora não tivesse acesso instantâneo ao frame exato que está em revisão, todo o processo laboral do VAR e dos AVARs é transmitido de forma distanciada. Uma nova qualidade de imagem é introduzida a partir de uma interface personalizada da CBF e da Copa do Brasil. Na sequência, a transmissão se dá de forma elucidativa e dispõe de suas ferramentas para explicar a jogada e todo o processo de interdependências dispostos na tomada de decisão que influi no resultado final do jogo e do produto televisivo.

Figura 30 – Táticas de elucidação da infração na transmissão televisiva



Fonte: globoesporte.com¹⁰⁷.

Nota-se, na Figura 30, acima, uma primeira imagem relacionada ao gol de Pedrinho. Em uma sequência lógica, ela é intercalada pelo lance da origem do gol (esta procedência é uma

¹⁰⁶ Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-rouba-a-cena-na-final-entre-corinthians-e-cruzeiro-gaciba-analisa-lances.ghtml>. Acesso em 20 jun. 2019.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-rouba-a-cena-na-final-entre-corinthians-e-cruzeiro-gaciba-analisa-lances.ghtml>. Acesso em 20 jun. 2019.

dimensão subjetiva, mas para o VAR a origem da jogada pode ser considerada a partir de qualquer momento em que o jogo é reiniciado após uma paralisação). A emissora exibe em continuidade o lance de origem, utilizando um recurso gráfico que destaca a partir de um operação de ampliação do contraste o momento específico em que checagem é realizada. O efeito de lente e de angulação da Globo não faz parte das processualidades VAR, mas ainda iremos perceber neste trabalho, como, pouco a pouco, as imagens do processo laboral do árbitro de vídeo e da transmissão televisiva estabelecem um processo de simbiose, fazendo parte de uma estratégia de atualização da CBF para garantir mais transparência ao processo de checagem.

Luiz Roberto, após a exibição do “tira-teima”, só anuncia o nome do comentarista de arbitragem, Leonardo Gaciba, que opina sobre o lance:

(...) e é uma das funções do árbitro de vídeo. No protocolo ele tem essa prerrogativa. Estamos vendo o toque no peito que existe no início da jogada, conforme a gente vê na imagem esse tapa no peito do Jadson do Dedé. Não foi no rosto, o foi no peito. O VAR deve anular o gol por que foi na origem do lance e é quando o Corinthians quem toma bola (GACIBA EM TRANSMISSÃO DA REDE GLOBO, 2018).

A autoridade de ex-árbitro confere ao comentarista o predicado de especialista. Com a implementação do VAR, a presença de ex-árbitros nos programas esportivos e o tempo dedicado a estas discussões aumentaram de modo sensível.

Uma das estratégias da Rede Globo e de seus canais esportivos foi a criação da *Central do Apito*, inovação que se deu justamente no contexto de implementação do árbitro de vídeo na Copa do Mundo.

Antes de abordamos as zonas de contato e o modo como essas informações especializadas são debatidas em novos espaços e mídias no contexto da midiatização, gostaria de apresentar algumas questões relacionadas a este novo dispositivo desenvolvido pela emissora, que serão úteis para a sequência na análise do Caso.

5.1.2.1 O VAR DO VAR: a *Central do Apito* e as novas estratégias dos media

Observando esta ocorrência e os indícios apresentados anteriormente, podemos notar marcas sutis nas performances dos jogadores relacionadas à presença do VAR em campo. São gestos que se incorporam ao jogo diante da presença daquilo que o ex-árbitro e comentarista Arnaldo César Coelho caracterizou como um “*big brother* do futebol”. Em nosso caso, o Grande Irmão se manifesta enquanto dispositivo de controle, mas também precisa lidar com novas estratégias dos atletas, que incorporam sua presença no bojo de seus repertórios.

Vejamos, assim que sai o gol de Pedrinho, os jogadores do Cruzeiro imediatamente cercam a arbitragem, fazem o gestual e o já universal retângulo que remete ao VAR. Dedé, por sua vez, ao ser tocado no peito por Jadson cai de forma acintosa, com a mão no rosto, valorizando estas imagens, atuando, insinuando aquilo que deve ser visto e notado pelas câmeras de controle.

Ainda neste capítulo iremos mostrar como a dubiedade implicada entre o que é regra e orientação por parte das federações provoca mutações de comportamento e cria novos conflitos tanto na atividade de juízes como no trabalho dos atletas.

Por ora, destacamos que existem estratégias para lidar com a regra, ainda existem subjetividades interpretativas e dinâmicas que o VAR não captura. Por ser uma tecnologia aberta, seu uso não é automatizado, portanto quem o opera também está sujeito aos erros e a uma modalidade expandida de vigilância que descende dos meios, mas também ascende da ambiência digital.

As performances dos VARs e AVARs também são submetidas às análises dos especialistas de arbitragem, que aos poucos e em meio a um processo de implementação da tecnologia respondem às urgências advindas de seu uso.

Tratam-se das inovações encadeadas por outras inovações, traduções, como nos sugere Latour (2001). Neste sentido, já durante a Copa do Mundo de 2018, a Globo apresentou a Central do Apito. Na imprensa esportiva, de maneira nacional, conseguimos elencar ao menos 13 comentaristas que têm papel relevante nas transmissões televisivas, todos eles ex-árbitros de futebol, que de alguma maneira estão envolvidos em polêmicas passadas – ossos do ofício.

Quadro 6 – Relação de comentaristas de arbitragem com destaque no campo dos *media* (2018-2022)

Ex-árbitro comentarista	Canais
Arnaldo Cezar Coelho (atuando até o ano de 2021)	Comentarista do Grupo Globo
Carlos Eugênio Simon (atuando até a escrita desta presente tese)	Comentarista dos Canais Disney (<i>Fox Sports</i> e ESPN)
Leonardo Gaciba (atuando até o ano de 2020, quando assume a Comissão de Arbitragem da CBF)	Comentarista do Grupo Globo

Nadine Basttos (atuando até a escrita desta presente tese)	Comentarista dos Canais Disney voltado ao esporte (<i>Fox Sports</i> e ESPN) e do SBT
Paulo Cesar de Oliveira (atuando até a escrita desta presente tese)	Comentarista do Grupo Globo
Renato Marsiglia até (atuando até a escrita desta presente tese)	Comentarista da TV Record
Sálvio Spínola Fagundes Filho (atuando até a escrita desta presente tese)	Foi comentarista dos Canais Disney voltado ao esporte (<i>Fox Sports</i> e ESPN) e do SBT e atualmente é contratado da Globo
Sandro Meira Ricci (atuando até a escrita desta presente tese)	Comentarista do Grupo Globo
Márcio Resende de Freitas	Comentarista do Grupo Globo até 2020, atualmente comentarista da Rádio Itatiaia
Fernanda Colombo (atuando até a escrita desta presente tese)	Comentarista do Grupo Globo
Renata Ruel (atuando até a escrita desta presente tese)	Comentarista dos Canais Disney (<i>Fox Sports</i> e ESPN)
Janette Mara Arcanjo (atuando até a escrita desta presente tese)	Comentarista do Grupo Globo

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de informações disponibilizadas pelas empresas midiáticas.

Estes serão personagens, protagonistas das discursividades descendentes que se validam a partir dos pressupostos dos saberes adquiridos pelos especialistas em campo e de maneira teórica a partir dos treinamentos e instruções aos quais foram submetidos. As emissoras, por sua vez, que antes detinham o monopólio dos *replays* e dos tira-teimas também precisam adequar as suas estruturas aos novos formatos.

As ocorrências comentadas neste trabalho, deram-se todas em um contexto de cobertura e transmissão da TV Globo, que gradativamente tem retirado os comentaristas de arbitragem das cabines de transmissão e os deslocado para um espaço denominado de Central do Apito. Dos 13 árbitros citados no Quadro 6, ao menos oito exerceram ou exercem atividades na emissora, que montou uma equipe própria.

Em dias de jogos, a Central do Apito atua como uma espécie de plantão. Um árbitro ou mais de um é designado apenas para comentar lances pontuais relacionados às performances pertinentes aos lances polêmicos relacionados à aplicação da regra e agora também para analisar o processo laboral dos VARs e AVARs.

Entretanto, como a polêmica de arbitragem segue sempre um fluxo adiante, a Globo estendeu o seu uso. A Central do Apito é convocada na programação esportiva diária da emissora, em programas tradicionais como o *Seleção Sportv*, apresentado por André Rizek, ela virou um quadro independente (Figura 31).

Figura 31 – O veredito da Central do Apito



Fonte: Print de programa realizado no dia 23 de maio pelo Sportv.

Nele, três árbitros fazem um pente fino nos lances polêmicos da rodada. Em um totem com uma luz *neon* podem decidir se o juiz acertou apertando um botão que sinaliza a cor verde para casos em que concordam com a decisão do árbitro, amarelo para casos em que há dúvidas ou para lances inconclusivos, e vermelho em caso de erros de protocolos e interpretação da regra por parte dos profissionais.

Com a presença da tecnologia, os erros não acabaram, alguns se complexificam, novas instâncias interpretativas se colocam em debate e o Grupo Globo age no sentido de deter a primazia de sentidos relacionados ao trabalho de arbitragem, aqui ponderado na visão de três especialistas, buscando dar às polêmicas um veredito compartilhado.

Veremos ainda neste trabalho que a própria atividade realizada pela Central do Apito provoca a emergência de certos *feedbacks* advindos tanto de outros jornalistas esportivos que questionam sua pertinência e autoridade dos especialistas, como por parte de torcedores e atletas que se sentem prejudicados por análises contrárias às suas interpretações em campo.

Sigamos com nossa ocorrência, no caso específico do gol anulado de Pedrinho, a Central do Apito, assim como o VAR, ainda estava em processo de experimentação na grade da emissora. Leonardo Gaciba foi o principal árbitro designado a comentar o jogo tanto na transmissão ao vivo, como nos programas esportivos de empresa no dia seguinte. No Globo Esporte Nacional, ele manteve sua posição sobre o gol anulado de Pedrinho, embora admita que o VAR tenha roubado a cena:

– “Uma das funções é analisar a origem do lance, e Jadson leva a mão ao peito de Dedé. Nesse caso, ele acertou” (GACIBA EM TRANSMISSÃO DA REDE GLOBO, 2018).

No canal *Fox Sports*, outro detentor dos direitos de transmissão do jogo, o comentário do ex-árbitro Carlos Eugênio Simon seguiu a linha do que foi interpretado por Gaciba. Entretanto, em seu comentário geral sobre a atuação de Wagner do Nascimento no jogo, o comentarista coloca em xeque toda a preparação realizada pela CBF e a credibilidade do VAR emergente:

O problema passa pela comissão de arbitragem. Não tem mais o que fazer. Tem que ter orientação. Wagner do Nascimento Magalhães é um bom árbitro. Teve uma boa atuação na partida entre Cruzeiro x Palmeiras, no Mineirão. Mas, ontem não esteve bem. Foram nove cartões amarelos e 36 faltas. Principalmente no segundo tempo, demonstrou muito nervosismo. Tem que entrar em campo de peito aberto e apitar e se for necessário, usar o VAR. Sou favorável da tecnologia, mas tem que ter treinamento e orientação (SIMON, 2018)¹⁰⁸.

No capítulo anterior, procuramos demonstrar o permanente estado de crise da arbitragem nacional, que passa pelos questionamentos relacionados à Comissão de Arbitragem e também pela falta da profissionalização dos juízes brasileiros.

Este cenário é importante para compreendermos os processos conexos ao contexto de urgências, que o VAR enquanto tecnologia teria que resolver. Um desafio grande, imposto sobretudo pelo desenvolvimento de protocolos que envolvem o processo relacional entre o humano e não-humano no campo de jogo.

O humano não pode ser pensado sem a técnica, sem os objetos, como indica Simondon (1989) e a partir das discursividades que emergem da atuação que envolve a relação entre os profissionais e a tecnologia, podemos buscar compreender o que estes objetos revelam sobre o jogo e sobre o contexto social em que ele está inserido.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/e-o-var-ex-%C3%A1rbitros-175744335.html>. Acesso em 19 jun. 2019.

A necessidade de uma Central do Apito, composta por mais de um especialista, revela a complexidade do trabalho interpretativo da arbitragem. Não é incomum encontrar divergências em relação às opiniões. Entretanto, neste jogo específico, a polêmica relacionada ao lance do gol de Pedrinho emerge a partir de engajamentos midiáticos outros, que não os das vozes “especializadas”, que aqui concordam com a postura do VAR no lance específico.

É neste sentido que o acontecimento se revela como potente para observarmos o modo como os demais atores sociais reagem à inovação e ao lance em si, implicando novos desafios e novas leituras sobre o processo de inovação, mas também revelando um cenário de disputas pelas primazias de sentido do jogo.

Isto significa que a percepção relacionada à implementação do CBF VAR a partir da midiáticação implica na observância não só dos empreendimentos da mídia tradicional, mas também e sobretudo para aquilo que a circulação oferece em termos de feedbacks, que desestabilizam as leituras do jogo, como nos sugere Fausto Neto (2016).

Uma característica central da midiáticação em processo é o fato de que a organização social se estrutura segundo lógicas e operações dos meios, engendrando novas relações entre instituições e os atores sociais mediante complexos feedbacks que ultrapassam aqueles que se caracterizam por binaridades de envios e de reenvios, segundo intercambialidades mais restritas. No contexto atual da midiáticação, os fenômenos midiáticos tratam de complexificar o funcionamento da organização social, em termos de lógicas de mídia, algo que se manifesta de modo complexo sobre as condições de circulação discursiva (FAUSTO NETO, 2016, p. 69).

Até o presente momento, tratamos o acontecimento a partir das perspectivas e das discursividades advindas da adoção por parte de materialidades ascendentes que revelam a inscrição da CBF no processo de midiáticação e também a partir das discursividades descendentes que mostram como o jornalismo especializado procura se adaptar em termos de estratégias a inovação introduzida ao espetáculo esportivo.

A partir de agora, tomando a circulação como cenário de “descontinuidades e contrastes nas relações entre produtor e receptor” (FAUSTO NETO, 2013, p. 46-47). Tal abordagem mostra que o veredito da Central do Apito não é o suficiente para colocar um ponto final sobre o fato que se desdobra em “um fluxo comunicacional contínuo e adiante” como nos sugere Braga (2017, p. 47):

Percebemos, então, um fluxo comunicacional contínuo e adiante que dinamiza passagens de resultados entre dispositivos interacionais de ação frequente. Após a apropriação dos sentidos de uma mensagem originada em qualquer ponto da sociedade, seus captadores/apropriadores podem sempre pôr em circulação no espaço social sua resposta.

A circulação não é mais invisível e intangível ou insondável. A midiaticização produz novas condições em que podemos capturar aspectos de sua manifestação a partir da observação do “trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos (...) gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento e dos seus efeitos” (FAUSTO NETO, 2010, p. 3).

Neste sentido, procuramos observar a seguir a partir de um esforço exploratório como a ocorrência é percebida por essa dimensão, a partir de análise e clivagem de materialidades ascendentes advindas de espaços diferentes, tomando o *Twitter* como uma plataforma privilegiada para observação do fenômeno esportivo, como nos indica Melgaço (2021).

5.1.3 Do lance às defasagens de sentido: a percepção da inovação na circulação

Pedrinho acerta um chute improvável e a torcida corintiana vai ao êxtase nas arquibancadas, nos bares e no ambiente digital. A forma como ele é anulado em campo repercute nos meios e em recepção ampliada do espetáculo esportivo. No espaço digital, o *Twitter* nos oferece um termômetro das multidões, como sugere Melgaço citando Dijck (2021, p. 96). Rastros que podem ser analisados e quantificados a partir do uso de ferramentas cada vez mais sofisticadas, vide o trabalho que o autor nos oferece.

Dada a quantidade de eventos analisados e o tempo em que transcorrem nossas ocorrências em um estudo de Caso Midiaticizado, não nos atentaremos às métricas, à quantidade de vezes que o assunto ou o termo se repete nas plataformas digitais no dia e após os jogos. Nosso estudo exploratório se dá a partir da navegação padrão de um usuário comum, com acesso ao processo de busca avançada oferecida pela própria plataforma.

A análise toma como referência anotações pessoais e uma investigação de cunho exploratório e qualitativo que busca capturar nos rastros deixados nas redes, evidências relacionadas à percepção da inovação no contexto do futebol nacional.

Uma das características do *Twitter* está relacionada à sua capacidade de capturar o assunto do momento, mensurável a partir da análise das *hashtags* (palavras-chave ou termos associados a um tópico de discussão) e também nos chamados *trending topics* (assuntos mais comentados do momento indexados pela ferramenta).

O usuário comum acostumou-se a ver o futebol como um dos assuntos mais debatidos e comentados nestes espaços. Neste sentido, se os meios tradicionais criam sua própria narrativa sobre o fato esportivo, os demais atores sociais agora também constroem suas próprias discursividades, ora divergentes, ora transversais e também interativas com as instituições.

Em nossa busca avançada no *Twitter* no dia do jogo, feita a partir da disposição de palavras chave como: gol; anulado; Pedrinho; VAR, coletamos algumas materialidades que merecem ser destacadas neste momento, como a resposta da usuária @ddezaafreire à uma informação ativada pela página oficial do Corinthians na plataforma.

Figura 32 – Usuária @dezaafreire questiona escalação do time em perfil oficial do clube



Fonte: @dezaafreire¹⁰⁹.

Antes mesmo da bola rolar é possível notar a partir do tuíte acima como a midiatização e a gramática da plataforma possibilita a emergência de discursividades em fluxos diretos e ascendentes.

Aqui podemos ver tanto o movimento das instituições, cada vez mais midiatizadas, que de forma direta estabelecem suas estratégias de comunicação e alcançam torcedores e demais atores sociais, como também um sistema de respostas, *feedbacks* imediatos por parte do usuário comum. A torcedora retuíta a publicação em que seu time oferece a escalação dos atletas. Ela

¹⁰⁹ Visto em <https://twitter.com/dezaafreire/status/1052710767034859521>. Acesso em 13 jun. 2022.

questiona a ausência de Pedrinho no time titular, que logo se tornaria protagonista de nossa ocorrência.

Do pré-jogo ao pós-jogo, a plataforma constrói sua própria linha do tempo relativa ao evento, onde se estabelecem interpenetrações entre os diferentes sistemas sociais (LUHMANN, 2011). Surgem também novos enunciadores, como a página @MeuTimão, verificada pelo *Twitter*, mas desvinculada de qualquer instituição do campo dos *media*. São novos influenciadores que ganham protagonismo e visibilidade, assumindo papéis relevantes nas processualidades comunicacionais cotidianas.

Figura 33 – Usuário @meutimao divulga festa da torcida durante a chegada do time na Arena



Fonte: @meutimão¹¹⁰.

O usuário @meutimão compartilha um vídeo amador da festa realizada pela torcida Corintiana antes do jogo. A materialidade é um indício do hibridismo de formatos, qualidades de imagens que passam a conviver neste cenário em processualidades de acoplamentos, apropriações e reproduções de imagens advindas dos mais diversos atores sociais.

O campo dos *media*, por sua vez, precisa se adaptar a este cenário. Estabelece seus próprios espaços onde organiza os conteúdos exibidos em suas grades de transmissão. Incorpora

¹¹⁰ Disponível em: https://twitter.com/MeuTimao?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em 20 out. 2018.

novas dinâmicas com cortes específicos e mais estratégias que busca visibilidade ao seu produto. Incorpora, portanto, lógicas próprias de cada plataforma que agora faz de suas ações e operações.

Vejamos na materialidade a seguir como a emissora também se faz presente na construção social da partida no *Twitter*. De forma estratégica, ela reproduz o conteúdo em que em que o ex-atleta do Corinthians sugere que Pedrinho deveria começar como titular, dessa maneira se dispõe ao jogo e ao debate capturado pelo algoritmo da rede.

Figura 34 – Usuário @sportv compartilha comentário de ex-jogador feito em programa da emissora



Fonte: @sportv¹¹¹.

Para além dos processos lineares estabelecidos em operações já estabilizadas por parte das emissoras, elas agora precisam lidar com as descontinuidades, defasagens da midiaticização que pressupõem idas-e-voltas como em uma conversa. Lembrando que a circulação dos sentidos se apresenta como um terceiro polo que se dispõe entre os processos de produção e recepção (FAUSTO NETO, 2010, p. 3). É neste espaço que as divergências e as impressões sobre o uso do VAR naquela noite se manifestam de formas mais palpáveis. Aqui se encontram com a leitura dos observadores em segundo grau (VERÓN, 2004), que não mais só observam

¹¹¹ Disponível em: https://twitter.com/MeuTimao?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwtgr%5Eauthor. Acesso em 20 out. 2018.

as atividades dos observadores mas também estabelecem interações instantâneas com os demais atores sociais via mídiatização.

No transcorrer da própria partida, o usuário @geglobo, vinculado à página de esportes da emissora, compartilha o momento em que a Central do Apito emite sua opinião sobre o lance. Ao contrário do que acontece na TV, os usuários são chamados para a interlocução com a opinião disposta por Gacibica.

Figura 35 – Usuário @geglobo compartilha comentário de Gaciba sobre o gol anulado por VR e usuários respondem



Fonte: @geglobo¹¹².

Trata-se de um fluxo *descendente/ascendente* (CARLÓN, 2017). A emissora dispõe imagens retiradas de sua transmissão, que ascendem na plataforma seguindo o fluxo adiante de comentários e compartilhamentos dos usuários. Acima, nota-se que um deles ridiculariza a análise com a expressão “piada”.

O segundo pergunta “quem é Gaciba?”, como forma de deslegitimar o seu lugar e sua opinião especializada. Zonas de contato como essa podem seguir diversos novos fluxos.

¹¹² Disponível em: <https://twitter.com/geglobo/status/1052748774458707968>. Acesso em 23 jul. 2022.

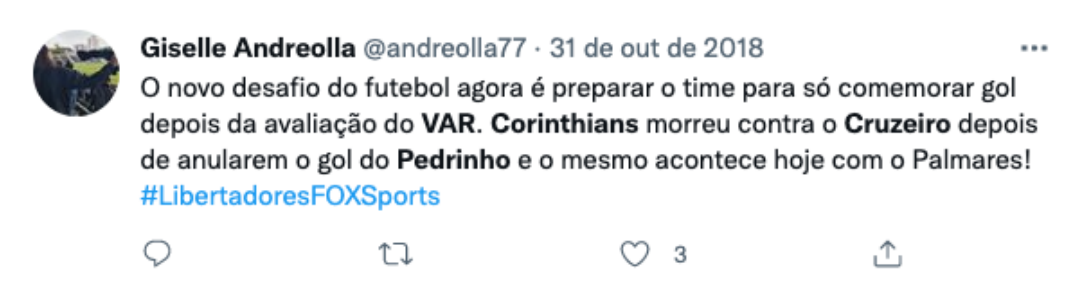
As imagens capturadas pelos meios são recontextualizadas em outras redes e plataformas a partir de clivagens dos usuários. Podem também ascender novamente ao campo dos *media*, que a cada dia promovem mais este tipo de interação, como forma de permitir a participação e conferir certo grau de interatividade aos seus produtos. Tratam-se de ações tentativas, ações comunicacionais que, como vemos, se aventuram neste contexto marcado pelas defasagens

O discurso institucionalizado da Central do Apito encontra-se com novas gramáticas interpretativas. Opiniões que partem de pressupostos, vivências e lugares distintos que conduzem a discussão para outras formas de ler o jogo, não só pela lente do entendimento técnico da regra, mas a partir de dimensões próprias da experiência com o futebol, pertinentes à subjetividade de cada usuário. Questões clubistas, relativas ao humor e entendimento cotidiano diversificado sobre a agonística do jogo emergem e reconfiguram uma percepção geral sobre o uso do VAR.

No lance específico, é notável e esperado que grande parte dos questionamentos partisse da torcida do Corinthians, mas nos interessa perceber como o VAR enquanto oferta passa a ser tensionado por outras lógicas, que não só aquelas de ordem técnica e tática debatidas nos *media*.

Vejamos como a usuária @andreolla retoma o lance, já no contexto de outro jogo em uma discursividade ascendente.

Figura 36 – Usuário @andreolla77 comenta possível interferência de VAR em estado anímico do time



Fonte: @andreolla¹¹³.

A partir do acionamento da *hashtag* #libertadoresfoxsports, a usuária busca interlocução direta com a transmissão realizada pela emissora que detém os direitos de transmissão da competição. Ela não questiona aspectos relacionados ao acerto na utilização dos protocolos

¹¹³ Disponível em: <https://twitter.com/andreolla77/status/1057811382576525312>. Acesso em 22 jul. 2022.

durante o seu uso e sim nos provoca a pensar sobre os efeitos colaterais que o árbitro de vídeo provoca na dinâmica da partida.

Da euforia de um gol marcado e comemorado pela equipe à decepção por sua invalidação que interfere diretamente no estado anímico da equipe. A percepção da usuária vai de encontro ao relato do atleta, que ao final da partida descreve como a frustração interferiu no restante do jogo:

Uma sensação frustrante. Era um gol tão importante que estava levando a decisão para os pênaltis. No final, a gente acabou tendo que ir para o tudo ou nada, porque tínhamos que fazer mais um gol e acabamos tomando. O gol acabou atrapalhando, mas ainda não vi o lance. Se foi correta a anulação, acontece, faz parte e segue o jogo (PEDRINHO EM ENTREVISTA PARA GAZETA DO POVO, 2018)¹¹⁴.

Na leitura de Pedrinho, o gol salvador acabou atrapalhando. A percepção oferecida por esta entrevista é reveladora do ponto de vista que advém do campo de jogo, de onde se originam as interações humanas e não-humanas relacionadas ao uso do VAR, que depois emergem aos discursos enquanto fato esportivo.

Trata-se de uma percepção inicial, provocada pela introdução recente do dispositivo. Gradualmente, os atores moldam suas estratégias de acordo com as novas configurações disposicionais de formas tentativas, sobre as quais ainda iremos discorrer ao longo deste trabalho.

O fato marcou o atleta. No dia seguinte, seu empresário anunciou que ele iria sair do Brasil para atuar em outra equipe, atribuindo à arbitragem parte do descontentamento do jogador com o futebol nacional. Se isso transcorreu como uma estratégia comercial do empresário, ou não, não podemos afirmar. Entretanto, a comunicação se apresenta como o espaço simbólico onde se jogam muitos jogos além do jogo de futebol.

As reflexões sobre o uso do VAR neste jogo vão além das percepções subjetivas que ele implica na dinâmica da partida. Uma questão crucial se apresenta ao debate. Em quais lances o VAR deve intervir? E quando deve deixar que prevaleça a decisão de campo?

O então presidente, Andrés Sanches (2018), em entrevista coletiva no final do jogo levantou este debate:

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/corinthians/pedrinho-lamenta-gol-anulado-pelo-var-sensacao-frustrante/>. Acesso em 15 jun. 2022.

Nos dois lances, muita gente está falando que foi, muita gente falando que não foi. Se tem o VAR para falar em interpretação, não é para tê-lo. O VAR é para jogadas específicas, sem interpretação", afirmou Andrés em entrevista coletiva após o jogo(ANDRÉ SANCHES, 2018)¹¹⁵.

Para o dirigente, o árbitro não seguiu as diretrizes estabelecidas no protocolo do VAR pela Comissão de Arbitragem da CBF. Em caso de lances interpretativos, o manual sugere que a decisão de campo seja mantida¹¹⁶. Esta parece ser uma discussão pregnante a respeito de um VAR brasileiro, que como veremos na sequência de nossa exposição tem sido percebido como mais intervencionista que outros.

A percepção sobre a inovação não pode ser dissociada, portanto, de um cenário e de um contexto de desconfianças relacionadas ao histórico da arbitragem brasileira. Isto parece ser o que o tuíte do jornalista André Rizek nos sugere:

Figura 37 – Usuário @andrezek comenta uso de VAR na Final



Fonte: @andrerizek117.

Na midiatização, o exercício da prática jornalística transcende a atividade profissional nos veículos nos quais estes possuem vínculos empregatícios. As condições de acesso à produção de conteúdo em novas plataformas fazem emergir uma série de modalidades canais esportivos no *Youtube* e em outros espaços. Nas redes sociais, as fronteiras entre o privado e o profissional são diluídas (BRAGA, 2015). Figuras comentam aspectos relacionados a atividades mais banais do cotidiano na mesma medida em que nos oferecem discursos e leituras relacionadas à política, economia, cultura e, é claro, esporte.

¹¹⁵ Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/idolos-corintianos-divergem-sobre-var-na-final-da-copa-do-brasil-18102018> Acesso em 10 maio 2020.

¹¹⁶ Disponível em; https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201911/20191108145434_878.pdf. Acesso em 10 maio 2020.

¹¹⁷ Disponível em: https://twitter.com/andrezek?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em 10 maio 2020.

No caso do jornalista André Rizek, apresentador de um do programa Seleção SporTV, um dos programas televisivos diários mais relevantes da falação esportiva, a interação com o público acontece de forma espontânea e sistemática.

Mesmo quando está fora do ar, o apresentador estabelece uma série de interlocuções com seus telespectadores a partir de suas postagens. Não é incomum, por exemplo, que vez ou outra, estas discussões ascendam aos meios, levantadas por iniciativa do profissional em seu programa.

Sobre este lance específico, Rizek aproveita a deixa para comentar uma situação geral da arbitragem brasileira, sobre a qual estaria instalada tamanha crise em seus quadros, que nem o VAR seria capaz de ajudá-la. A perspectiva do jornalista é logo referendada pelo usuário @carlospertoRJ:

Figura 38 – Usuário referenda opinião de jornalista



Fonte: @carlosperto¹¹⁸.

O comentário do usuário referente ao post do jornalista não só referenda a opinião especializada, mas oferece um novo ângulo para o entendimento do processo de individuação do artefato técnico em questão (SIMONDON, 1989). A relação estabelecida na interação entre o objeto técnico e os árbitros evidencia novas tensões advindas das diferenças, daquilo que decorre da experiência do humano com o não-humano.

Embora o usuário em seu comentário tente atribuir toda responsabilidade do erro ao sujeito que opera a tecnologia, precisamos levar em consideração aspectos relacionados ao que o próprio objeto suscita. Tais relações vão se moldando de acordo com atualizações e percepções gerais compartilhadas entre os atores que se dispõem a refletir sobre a inovação, como temos notado ao longo da produção deste trabalho.

Entretanto, se o caso promove reflexões por parte da falação esportiva e sobretudo pela materialidade advinda da torcida alvinegra, a torcida do Cruzeiro demonstra como o VAR se insere na cultura do jogo. Enquanto os corintianos lidavam com a frustração do gol anulado, os cruzeirenses viviam a outra face da emoção.

¹¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/carlospertoRJ>. Acesso em 20 maio 2020.

Do sentimento de apreensão pelo gol sofrido à explosão da torcida e dos jogadores em campo, nos arriscamos a dizer que o gol anulado de Pedrinho é até mais lembrado e celebrado do que o Gol da virada feito por Arrascaeta no apagar das luzes do jogo.

Tal afirmativa se baseia na forma como percebermos como a final é lembrada e referenciada até hoje pelos torcedores. Quando pensamos em jogos históricos, lembramos sempre dos heróis e dos vilões em nossas tramas. Há sempre o autor do gol do título, da defesa importante, do momento decisivo que fica na memória e nos imaginários dos atores esportivos. O VAR se anuncia como mais um desses atores, às vezes protagonistas.

É possível observar no tuíte do @blogdaraposa, como mesmo após quatro anos do ocorrido o fato é lembrado e atualizado, fazendo referência à música “acorda Pedrinho” da banda Dionízo, sucesso de audiência no primeiro semestre de 2022.

Figura 39 – Post do @BlogRaposa em referência ao gol de Pedrinho, quatro anos após o jogo



Fonte: @blogdaraposa¹¹⁹.

O tuíte compila uma série de imagens do lance do gol anulado, captura na sequência a vibração e o desalento de Pedrinho. O processo de recontextualização das imagens na midiatição nos remete às “imagens-tótems”, pensadas por Rosa (2012) devido à sua capacidade de

¹¹⁹ Disponível em: https://twitter.com/BlogRaposa?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em 21 maio 2020.

se tornarem símbolos, marcas de um imaginário. “Isto ocorre não apenas por tais imagens estarem sendo publicizadas com frequência, mas porque envolvem estruturas mais profundas do social que considero, aqui, como totem” (ROSA, 2012, p. 331).

O VAR enquanto máquina de ver é pródigo em abastecer as mais diversas apropriações com imagens maquínicas, rastros que, como veremos ainda neste texto, extrapolam a dimensão do esporte e se inserem na conversação cotidiana. Tais imagens entram em circulação a partir de sua iconicidade, se inserem na circulação como disputas pela atribuição de seu valor. Em nosso caso, o cruzeirense atribui a perspectiva do humor às imagens técnicas a partir do gesto de rememorar o episódio usando a letra da música de sucesso no momento:

- Acorda Pedrinho, que seu gol foi anulado!

O humor mantém a dimensão de jogo viva, ainda que atravessada por todos estes mecanismos de controle oferecidos pelo espetáculo esportivo remodelado. É a resposta dos atores sociais, que reinventam os modos de jogar e de brincar com o futebol.

Finalizando a exposição desta primeira ocorrência constitutiva de nosso Caso Midiatizado, faz-se necessário fazer menção às respostas advindas do campo institucional, por parte da entidade máxima do futebol brasileiro.

Importante perceber como até aquele momento a CBF ainda não dispunha de um protocolo para avaliação do uso do VAR nos jogos, como faz hoje. Neste sentido, a entidade emitiu um documento genérico, que trouxemos no capítulo anterior, em que celebra o sucesso da implementação, embora o documento revele apenas a quantidade de vezes em que ele foi utilizado na competição.

Entretanto, a polêmica permanecia. Pressões advindas da percepção da circulação sobre o uso do VAR provocaram manifestações extraoficiais da entidade. No Brasil, a idealização do VAR é atribuída a Manoel Serapião Filho, primeiro responsável direto pelo CBF VAR. Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, afirmou: “*Não se trata de erro. O árbitro tem o direito de analisar. O conteúdo do lance é uma avaliação técnica de cada árbitro*” (SERAPIÃO EM ENTREVISTA CONCEDIDA À FOLHA DE SÃO PAULO, 2018)¹²⁰.

¹²⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/10/para-idealizador-do-var-no-pais-arbitro-da-final-da-copa-do-brasil-nao-errou.shtml>. Acesso em 21 maio 2020.

A afirmação traz à luz novamente a discussão originária sobre quando o VAR deve ou não ser utilizado. Recentemente, Gian Oddi, comentarista da ESPN, afirmou¹²¹ que o dispositivo pensado para encontrar elefantes estava procurando formigas durante as partidas¹²². A metáfora é potente para compreendermos o cenário que ainda vamos procurar desvelar neste trabalho, de um VAR com particularidades nacionais, ora acusado de ser intervencionista, ora acusado de ser omissivo – mas inevitavelmente atravessado por um contexto prolongado de crises e desgastes entre as instituições que por aqui regulam o jogo.

Para encerrar esta etapa, propomos novamente pensarmos no procedimento metodológico utilizado para análise dessa ocorrência, observada a partir de materialidades distintas. Resaltamos primeiro uma materialidade *ascendente* ativada por parte da CBF em um processo de legitimação da inovação, decorrente de um esforço anterior à sua implementação.

Olhamos para as notícias produzidas de forma institucional e para estratégias dispostas pela entidade para promover o CBF VAR tanto na esfera dos *media* como também em novos espaços emergentes dos meios digitais, como por exemplo o canal *Desempedidos*. Depois, procuramos descrever como o VAR foi percebido pelas discursividades *descendentes* dos *media*, ressaltamos a capacidade de adaptação da transmissão televisiva e dos processos de agenciamento do fato esportivo que buscam as primazias pelo sentido do jogo.

Destacamos a emergência da Central do Apito e dos comentaristas de arbitragem de modo geral, como especialistas que oferecem leituras elucidativas do uso do VAR no país, revelando atualizações disposicionais das gramáticas televisivas suscitadas por um contexto de tradução da inovação CBF VAR.

Entretanto, é na circulação propriamente dita que percebemos as defasagens entre a produção de sentidos da oferta e dos usos do dispositivo. Os fluxos ascendentes e descendentes se embaralham na interface do *Twitter* e de outras plataformas. Novas discursividades emergem a partir de vozes anônimas e dos processos interacionais que as mesmas estabelecem com as instituições esportivas e midiáticas.

Aqui, identificamos um VAR à brasileira, revelador da forma como nós percebemos as inovações e o esporte em um contexto local. Na sequência, continuamos no rastro das pistas coletadas neste entrelaçado de discursividades para analisar as próximas ocorrências, partindo dos mesmos princípios e fontes de materiais empíricos, buscando construir uma história do

¹²¹ Disponível em: <https://twitter.com/andrizek/status/1547741160193421314>. Acesso em 21 maio 2020.

¹²² A frase também foi usada recentemente por Seneme para explicar as novas diretrizes do VAR. “Buscamos ver elefantes, não formigas. O VAR é usado para ajudar em situações claras do jogo, erros óbvios. Ele não busca alcançar 100% de precisão em todas as decisões da arbitragem, não há nenhuma intenção de interferir com o fluxo essencial e emoções do futebol”. (SENEME, 2022)

CBF VAR, percebendo o contexto e as estratégias que se atualizaram tanto por parte da oferta como por parte do seu reconhecimento em circulação.

5.2 Ocorrência II: Das interpretações do lance às interpenetrações dos sistemas sociais

Destacamos no capítulo 3 como um sistema acopla procedimentos de outros em seus processos comunicativos (LUHMANN, 2011). Retomamos este conceito neste momento na observação de como se dão estes acoplamentos no processo de interpretação do lances envolvendo o CBF VAR no campo de jogo. Em midiaticização, um sistema possibilita condições ao outro, pois produzem relações de afetações mútuas. Neste sentido, os processos comunicacionais das instituições dos demais atores sociais se interpenetram em processos que se evidenciam por suas diferenças. A partir de diferentes leituras dessa ocorrência vamos buscar perceber como se dão estas interpenetrações entre os diferentes sistemas sociais que oferecem uma leitura do CBF VAR a partir da materialização das suas tecno-discursividades.

No vasto repertório de pensamentos difundidos pelo senso comum da falação esportiva, há um que diz que o bom árbitro é aquele que passa despercebido durante o jogo. O CBF VAR, ao contrário deste pressuposto, assumiu nestes primeiros cinco anos de uso um papel de protagonista em campo, centralizando discussões, “roubando a cena” no espetáculo esportivo. Em 2018, quando nos propomos a observar lances, ocorrências mais específicas que irrompem do campo de jogo e penetram os tecidos da circulação, nos deparamos com um cenário de eventos ainda espalhados, que possibilitaram a observação dos nossos primeiros indícios, capturados em torneios e competições com características e contextos particulares.

Uma análise sobre um cenário regular de atividades começou a se revelar enquanto possibilidade na medida em que o futebol brasileiro e a CBF incorporaram a tecnologia de forma definitiva em seu calendário. Primeiro na Copa do Brasil em 2018, depois no Campeonato Brasileiro de 2019, e posteriormente em outras divisões como fora demonstrado na Figura 24 - onde constituímos uma linha do tempo com um breve resumo dos principais acontecimentos institucionais envolvendo o VAR nestes primeiros cinco anos de seu uso.

Destacamos um cenário de crises, trocas nos quadros administrativos derivados de pressões externas que partem tanto das instituições, clubes e federações, como também do campo dos *media* e de suas vozes e saberes especializados. Disputas e debates relacionados ao uso do VAR em campo passam a ser regra e não exceção, tornando nosso desafio de clivagem de lances ainda mais delicados.

Neste sentido, escolhemos descrever neste momento um lance referente ao Campeonato Brasileiro de 2021, envolvendo a vitória por 3 a 0 do Flamengo sobre o Bahia no Maracanã em jogo válido pela rodada 31 daquela competição.

Durante a partida, o árbitro Vinicius Gonçalves assinalou pênalti polêmico para equipe rubro-negra e mesmo sendo orientado a checar o lance pelo VAR, seguiu com sua decisão de campo. O evento foi o estopim para a demissão de Gaciba da presidência da Comissão de Arbitragem da CBF. O também ex-árbitro e ex-comentarista da Central do Apito destaca-se como uma figura importante para a compreensão deste cenário desestabilizado, uma vez que assume cargo em 2019 para responder às urgências relacionadas a uma crise na arbitragem nacional.

A escolha pelo lance em si nos permite observar um contexto de desgaste anterior ao ano de 2021, capturando rastros deixados pelo uso do VAR nas temporadas de 2019 e de 2020, que culminaram no desgaste da figura de Gaciba. O contexto do lance ainda nos permite verificar o uso do VAR em um campeonato marcado pelo acirramento das disputas esportivas entre Atlético Mineiro e Flamengo, que além do título travaram uma disputa simbólica nas plataformas digitais em debates arrolados a supostos favorecimentos sobrevindos da arbitragem e de uma mal uso do VAR.

A ocorrência permite ainda a verificação de atualizações nas estratégias e nos protocolos de uso do dispositivo por parte da CBF, que enquanto inovadora precisa lidar com as contingências e com as respostas sociais acrescidas tanto pelo uso dos atores esportivos em campo, como também por pressões externas relacionadas à percepção dos demais atores sociais, agora dispostas no processo de mediação do fato esportivo.

Começamos a descrição deste acontecimento seguindo o procedimento descritivo adotado na seção anterior. Partindo das materialidades dispostas pela própria CBF, busca-se compreender primeiro quais atualizações foram feitas no dispositivo no período de dois anos que separam estes dois lances.

Na sequência, nossa atenção volta-se novamente à circulação de sentidos suscitados pelo lance em campo, onde procuramos indícios sobre um processo de atualização que também se estabelece no âmbito da recepção do espetáculo esportivo.

5.2.1 Atualizações estratégicas do CBF VAR (2019-2021)

Ao sugerir pensarmos no VAR como uma configuração, Freire (2020) confere ao dispositivo uma noção de interdependência decorrente do pensamento configuracional de Elias (2001). Olhando para nossos empíricos, o que observamos são as teias de relações que se criam

em torno do artefato. Deste modo, ao observá-lo, não podemos estabelecer dicotomias entre aquilo que decorre das instituições representadas pelas regras e manuais e o que sobrevém da relação individual de cada árbitro com o artefato tecnológico.

Deste modo, as defasagens, erros de uso relacionados ao manejo do árbitro de vídeo, implicam pensarmos em uma relação interacional entre atores humanos e não-humanos e nos sistemas sociais que também se manifestam nas práticas individuais. Tais relações interdependentes podem ser percebidas pelas discursividades em circulação que cristalizam algumas problemáticas percebidas, sobretudo, em dias de jogos pelos demais atores sociais.

Neste sentido, o discurso midiático também é parte deste cenário interdependente, e as intuições, por sua vez, buscam capturar os seus movimentos na formatação de suas estratégias. As reclamações dos jogadores contra a arbitragem no dia de jogo repercutem de muitas maneiras, são respostas sociais para inovação, que permitem que a entidade faça uma avaliação daquilo que tem sido compreendido pelos demais atores como uma defasagem na inovação.

É neste contexto que Gaciba, ex-árbitro e agora ex-comentarista da Centra do Apito, é apresentado como uma das soluções para tentar diminuir às fissuras provocadas pelo VAR em um contexto já desgastado da arbitragem brasileira. Como comentarista, ele se projetou por suas análises ponderadas a respeito dos erros no manejo do dispositivo e também por sua visão ampliada em que cobrava de maneira sistematizada um processo de capacitação da arbitragem.

Talvez como presidente da Comissão de Arbitragem pudesse colocar suas ideias em práticas.

Os sistemas sociais se interpenetram de tal forma, que um dos principais especialistas dedicados à avaliação do VAR no campo dos *media* assume em menos de um ano a responsabilidade daquilo que avaliava há pouco tempo como comentarista. Por um lado, não se pode afirmar que Gaciba tenha sido contratado pela entidade devido à sua projeção como comentarista na Central do Apito, uma vez que, na condição de árbitro, o mesmo apresenta-se gabaritado para exercício da função técnica.

Também não podemos ignorar o fato de que tal projeção é interessante para a imagem da CBF que precisa responder às urgências impostas por uma crise permanente. Sua figura traz credibilidade, mas é a afinidade com outras dimensões do espetáculo esportivo que parecem ter sido decisivas na escolha de Gaciba para o cargo. A midiaticização dilui as fronteiras dos campos sociais. Atores midiáticos assumem cargos importantes na política, na cultura e também nos cargos diretivos do esporte.

Em sua apresentação em abril de 2019, o então presidente da entidade Rogério Caboclo destacou qual era o principal objetivo da entidade com a mudança na comissão:

- “Nosso objetivo é um melhor espetáculo para quem assiste, com menos cartões por reclamação e mais tempo de bola rolando” (ROGÉRIO CABOCLO EM ENTREVISTA COLETIVA, 2019)¹²³.

O espetáculo é a preocupação central para a CBF, que precisa responder as críticas, sobretudo, relacionadas as paralizações excessivas no jogo de futebol no país, acima daquilo que a FIFA entende ser o ideal em suas cartilhas. O cenário de paralizações é agravado pelo uso do CBF VAR, que como vimos em nossos indícios, além de estar sendo percebido como muito intervencionista, também chama a atenção pela demora em seus processos deliberativos.

Gaciba aparece como solução para os problemas gerais da arbitragem, mas o VAR se apresenta como um desafio maior neste contexto. Pouco meses depois de sua posse, o dispositivo seria experimentado pela primeira vez de forma regular e abrangente no país, utilizado nos 380 jogos do Campeonato Brasileiro. O ex-árbitro retoma logo em sua apresentação, o discurso de que é necessário capacitar a arbitragem:

– A base de todo o meu projeto é valorizar os árbitros, tentar fazer com que eles tenham todos os recursos possíveis para desempenhar a função. O meu desafio é fazer com que o VAR seja utilizado da melhor forma possível. E faremos isso com muito trabalho – acrescentou (GACIBA EM ENTREVISTA COLETIVA, 2019)¹²⁴.

O processo de interdependências estabelecidos necessita ser compreendido. Tentativamente, a CBF cria novas estratégias, atualizações para responder às urgências sucedidas pela percepção das defasagens do VAR. Neste sentido, elencamos a seguir algumas dessas atualizações que se estabelecem de forma vertical, mas que posteriormente encontram suas respostas sociais, que culminaram na demissão de Gaciba.

No Quadro 7, abaixo, destacamos as principais atualizações do dispositivo CBF VAR neste período em que Gaciba assumiu e foi demitido da presidência da Comissão de Arbitragem. São mudanças estruturais e disposicionais importantes que resumem o conjunto de tentativas da CBF em responder às reclamações persistentes sobre o uso do VAR no país durante o período.

Além disso, no quadro também indicamos algumas alterações relacionadas às orientações e reformulações das regras do jogo advindas da IFAB, que interferem diretamente nos protocolos e na atuação dos VARs e AVARs.

¹²³ Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/5483826/cbf-rogerio-caboclo-novo-presidente-anuncia-mudancas-na-entidade-e-cria-conselho-de-craques. Acesso em 21 out. 2021.

¹²⁴ Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/5483826/cbf-rogerio-caboclo-novo-presidente-anuncia-mudancas-na-entidade-e-cria-conselho-de-craques. Acesso em 21 maio 2021.

Quadro 7 – Principais estratégias de aperfeiçoamento e atualizações do CBF VAR (2019 - 2021)

Data	Atualização	Comentário sobre a atualização
15/04/2019	Capacitação de árbitros em estrutura montada em hotel em Águas de Lindóia – SP	Como preparação para o Campeonato Brasileiro de 2019, a empresa <i>Haw Eye</i> , detentora da patente do VAR, é quem também oferece o curso com duração de 300 horas. Foram usadas 8 câmeras na sala de operações (VOR) em jogos simulados para a capacitação dos profissionais ¹²⁵ .
24/05/2021	Unificação de critérios para atuação do VAR	Buscando unificar e elucidar os critérios de atuação do VAR, Gaciba reuniu os 36 árbitros escalados para o Brasileirão para mais treinamentos no Centro de Excelência da Arbitragem Brasileira (CEAB). Destaca-se a preocupação da entidade com relação aos critérios, que precisam ser os mesmos em todos os jogos ¹²⁶ .
27/04/2019	Mudanças nas regras válidas para o Brasileirão advindas da IFAB	Além das atualizações disposicionais, as regras do jogo também se transformam em processualidades interdependentes. A IFAB em 2019 fez algumas alterações nas regras: orientações mais explícitas sobre toques na mão, posicionamento para substituições e tiros de meta, cartões para treinadores e novas orientações para o reinício do jogo bola ao chão. Esta mudança é importante para compreendermos o lance destacado nesta seção, deste modo voltaremos ao tópico.
09/03/2020	Capacitação de equipe de observadores do VAR (VOR)	Primeiro curso especializado que enfoca o trabalho dos observadores do VAR. Estes são responsáveis por observar o trabalho dos assistentes, orientar se necessário e intervir em caso de erro. Nota-se que, para esta experiência, Gaciba convidou seis comentaristas de arbitragem para acompanhar a capacitação ¹²⁷ .
17/02/2020	Introdução do VAR Remoto na Supercopa do Brasil, possibilitado por tecnologia de fibra ótica	O VAR remoto é uma atualização que tem dois propósitos: unificar os critérios de uso do VAR, uma vez que da mesma cabine (VOR),

¹²⁵ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/capacitacao-para-var-da-cbf-dispoe-de-megaestrutura-para-treinamentos>. Acesso em 21 maio 2021.

¹²⁶ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/index/arbitros-de-videos-fazem-imersao-na-semana-de-inicio-da-serie-a>. Acesso em 21 maio 2020.

¹²⁷ Disponível em <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/cbf-realiza-curso-de-capacitacao-para-observadores-do-var>. Acesso em 21 maio 2020.

		podem partir decisões em jogos diferentes, quando disputados em horários distintos. Sua adoção, entretanto, parece estar mais associada a questões financeiras.
08/04/2020	Mudanças nas regras válidas para o Brasileirão advindas da IFAB em decorrência da Pandemia do COVID-19	A pandemia decorrente do COVID-19 transformou radicalmente o calendário esportivo no mundo. Surgem novos protocolos e adaptações às regras. As mudanças estão relacionadas ao número de substituições por jogo que passam de três para cinco. Também aumenta para 15 o número de jogadores que podem ficar no banco de reservas. Há uma nova atualização relacionada ao lance de “bola na mão” e dentre outras pequenas mudanças. A IFAB passa a considerar apenas a parte inferior do braço como toque faltoso.
09/12/2020	Introdução do VAR no Brasileirão Feminino A1	A CBF adota o dispositivo na fase final da competição, arcando com todos os custos.
22/07/2021	CBF anuncia VAR para séries B, C e D	A instituição expande o alcance do VAR para as divisões inferiores. Cada competição, entretanto, guarda particularidades de uso e de compartilhamento das despesas ¹²⁸ .
1/08/2021	CBF adota VAR remoto para competições nacionais	Medida já vinha sendo estudada, como demonstramos. Sua viabilidade se explica sobretudo pelo aspecto financeiro relacionado à instalação e deslocamentos das cabines de VAR (VOR).
05/11/2021	Em uma aba na interface de seu site oficial, CBF começa a disponibilizar relatórios sobre o uso do VAR para cada jogo	Como resposta às reclamações, a CBF adota como protocolo a divulgação de um relatório sobre uso do VAR em todos os jogos da rodada, tanto na Série A quanto na Série B. Os relatórios passam a ficar disponíveis em seu site. Veremos particularidades deste material adiante.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados disponibilizados pela CBF.

O Quadro 7 apresenta um contexto amplo de transformações relacionadas aos processo de adoção do VAR pela CBF e pelo campo esportivo. Destacamos alguns elementos que serão recapitulados ao longo desta secção e também em nossas considerações finais.

Por ora, é importante ressaltar, deste contexto, o atravessamento da Pandemia de COVID-19, que desestabilizou os processos do espetáculo esportivo no mundo no ano de 2020.

¹²⁸ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/series-b-c-e-d-do-brasileirao-contarao-com-var-na-fases-finais>. Acesso em 23 jun. 2021.

Competições foram interrompidas e retomadas com estádios vazios, clubes e federações arcaíram com grandes prejuízos econômicos. No Brasil, o campeonato nacional daquele ano só terminou em 2021, com a retomada gradual do público aos estádios.

Há, portanto, uma experimentação do VAR em um estádio com público e em um estádio sem. Sobre o segundo cenário destaca-se como a transmissão de jogos em estádios vazios permitia a observância das dinâmicas do jogo de futebol a partir das falas dos jogadores e dos demais atores esportivos capturados pelos microfones da transmissão esportiva, bastidores que passam despercebidos em um cenário natural de um jogo de futebol de Série A, com barulho e atmosfera advinda da torcida.

Dispostas as condições pandêmicas, pode-se dizer que o debate sobre o VAR arrefeceu durante o ano de 2020, sobretudo no período em que os campeonatos ficaram paralisados. Conforme o jogo é retomado, os debates envolvendo a adoção do VAR também retornam aos noticiários e às redes sociais.

No jogo retórico de convencimento, a CBF apresentava números que revelavam níveis de eficiência do seu VAR. O processo de esclarecimento e de convencimento se deu por ações e estratégicas em suas páginas oficiais, mas também nos processos de interpenetração de suas discursividades em outros campos sociais, como o campo dos *media* e também o político.

Um indício deste processo é datado do dia 9 de julho de 2019. O Campeonato Brasileiro estava começando, mas o dirigente Leonardo Gaciba foi convidado a falar sobre o projeto do VAR em uma audiência pública na Comissão do Esporte da Câmara Federal. Segundo o deputado Evandro Romam (PSD), a audiência para ouvir o dirigente era grande na internet, o que demonstrava a relevância social do tema¹²⁹.

Gaciba trouxe dados das primeiras nove rodadas do Campeonato Brasileiro de 2019 e afirmou que 40 erros capitais foram corrigidos. Segundo dados da CBF, os árbitros, auxiliados pelo CBF VAR, acertaram em 97,1% revisáveis. Sem o VAR, lances como penalidades normalmente apresentavam índices de acerto de 57,4%. Agora, saltaram para 91,4%.

Na audiência pública, o ex-árbitro projetou a continuidade do VAR e desatacou os principais desafios:

– Na sequência do campeonato vamos seguir fielmente o protocolo da FIFA. Usar para erros claros e óbvios da arbitragem. Já vimos que tem campeonato com linha de uso um pouco diferente, mas no Campeonato Brasileiro, nesses primeiros 89 jogos, mostrou uma linha bem melhor para manter os critérios para todos os clubes participantes. Interferir o mínimo possível. Vamos tentar melhorar um pouco o tempo gasto

¹²⁹ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/leonardo-gaciba-apresenta-resultados-do-projeto-var-a-deputados-na-com>. Acesso em 21 maio 2021.

nas revisões, sem nunca abrir mão da precisão. Mas para poder melhorar a fluência do jogo (GACIBA, 2018).

A fala institucional da CBF revela o processo de interdependências também presentes nos processos relacionais e de hierarquia entre as federações locais com a FIFA e IFAB, de onde sobrevém o *slogan* oficial do VAR: “máxima eficácia, como o mínimo de interferência”. Já na sequência de seu pronunciamento, ele enuncia certa preocupação com o aspecto relacionado à fluência do jogo, percebido como um dos principais pontos de atenção para ajustes no dispositivo brasileiro.

Entretanto, veremos a seguir que as críticas à adoção do VAR no país não só estão relacionados ao tempo (a demora nas consultas e checagem), mas também estão implicadas por questões que emergem da própria compreensão ainda conturbada das relações estabelecidas ao redor do artefato tecnológico.

5.2.2 Contextos comunicacionais e uma crise agravada no CBF VAR

Vimos no capítulo 4 noções evocadas na obra de Lévi-Strauss: *Olhar escutar ler* (1993), utilizadas para a apresentação da minha relação com o objeto. A obra inspira uma concepção metodológica situada entre o rigor e a sensibilidade, que atravessa este trabalho, que por sua vez, também é uma instância de leitura sobre o fenômeno atravessada pela memória e pela relação que estabeleci com ele durante os seus quatro anos de desenvolvimento. Neste sentido, o texto oferece algumas percepções subjetivas do VAR e de seus contextos.

Estamos em 2021, a pandemia de COVID-19 ainda persiste. Os estádios voltam a receber público conforme o país avança de forma gradual e lenta nos protocolos de vacinação. Os processos de inovação e o campo científico se interpenetram com outros sistemas nas processualidades da midiáticação, tensões advindas do campo político agravam a crise sanitária, na medida em que se propagam discursividades e sentidos que negam os saberes constitutivos da prática científica. Recentemente, Fausto Neto (2020) voltou-se a este cenário para compreender as disputas travadas pelos discursos epidemiológicos e políticos na midiáticação:

Percebemos as disputas que travam discursos epidemiológicos e políticos, a partir de operações específicas no cenário da midiáticação. O primeiro, funcionando em regime de cooperação com outros discursos, se sustenta em termos de processos interacionais que organizam uma conversação social mais abrangente e convergente com os modos de conter o vírus no território social. O segundo, constituído em torno de lógicas lineares, adota prática discursiva que reconhece a existência do vírus, minimizando seu modo de ser, associando suas manifestações a recursos retóricos que acenam para outras instâncias de mediação, sejam minimizando-as e mesmo desqualificando seus métodos e racionalidades de enfrentamento (FAUSTO NETO, 2020, p. 256).

Não iremos nos aprofundar nesta paisagem abrangente e dispersante (do ponto de vista dos nossos objetivos). Entretanto, não se pode ignorar que a midiatização, sobre a qual o autor descreve as disputas discursivas referentes à pandemia, indicam processualidades muito mais radicalizadas do que aquelas encontradas há 30 anos. As condições produzidas pelas redes sociais e plataformas digitais passam a ser decisivas nos processos de governança e também constroem uma realidade mediada (COLDRY E HEPP, 2020).

Este cenário que decide eleições e transforma os rumos de campanhas epidemiológicas, também é o tecido em que se dispõe as disputas discursivas relativas ao uso do VAR. Assim, cada lance, cada polêmica envolvendo o dispositivo repercute de modo acentuado e difuso, tornando ainda mais embaraçados os circuitos em que a inovação é percebida e debatida.

Anteriormente, elencamos que em 2019, o discurso institucional ainda não capturava a totalidade de defasagens já identificadas no uso do VAR. Os números apresentados pela CBF destoavam das *hashtags* e dos cada vez mais frequentes e variados questionamentos relacionados à sua adoção no país.

No Quadro 8 abaixo, dispomos ao menos duas situações de jogo em cada Campeonato Brasileiro deste período que revelavam a diversidade e especificidade das ocorrências que emergiam do campo de jogo para o debate midiático. O próprio campo dos *media* constrói seus *rankings*, listas com os “piores erros” e maiores polêmicas. Discursos que, ao menos, sob algum critério, procura organizar este cenário. A partir de nossa observação, constituímos nossa própria lista, reveladora das fissuras que envolvem a inovação. O Quadro 8, então, se revela como um fragmento de condensação de um real reconstituído pelo autor da tese.

Quadro 8 – Fragmento de condensação de um real reconstituído pelo autor da tese - Lances relacionados ao uso do CBF VAR que agravaram a crise da CBF (2019-2021)

Data	Jogo	Detalhe do lance e especificidade da defasagem
28/04/2019	Bahia 3 x 2 Corinthians	A primeira rodada do primeiro Campeonato Brasileiro de 2019 ficou lembrada por conta de uma penalidade não marcada para a equipe visitante. O volante Ralf do Corinthians foi puxado dentro da área. O VAR não acionou o árbitro de campo, gerando revolta de jogadores e torcedores. O lance chama a atenção para a dimensão interpretativa, relacionada à intensidade faltosa que deve ser observada tanto pelos VAR como pelos AVARs ¹³⁰ .

¹³⁰ Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/brasileiro-serie-a/relembre-10-polemicas-relacionadas-ao-var-no-brasileirao/>. Acesso em 22 jun. 2021.

26/05/2019	Santos 0 x 0 Internacional	Se no lance anterior verificou-se a omissão por parte da arbitragem, a jogada desta vez revela excesso de interferência do VAR na partida. No empate sem gols, Rodolpho Toski Marque marca pênalti interpretativo em Rodrygo do Santos e é induzido pelo VAR a voltar atrás de sua decisão ¹³¹ .
29/08/2020	Botafogo 0 x 2 Internacional	Este jogo ficou marcado pela reação do goleiro do Botafogo, Gatito Fernández, que após o término da partida chutou o equipamento do VAR. Por falta em origem de jogada, o Botafogo teve um gol anulado. A falta era interpretativa, assim como a origem da jogada. Novamente destaca-se a característica de um VAR intervencionista ¹³² .
03/09/2020	Atlético-MG 3 x 0 São Paulo	O jogo estava 0 a 0 quando o São Paulo abriu o placar com Luciano. Após a checagem das linhas de impedimento (via software), o VAR recomendou que o juiz anulasse o gol. Entretanto, o frame da jogada, no momento em que o VAR traça a linha, está equivocado. Este foi o único erro envolvendo o uso do VAR, assumido publicamente pela Comissão de Arbitragem, chefiada por Gaciba naquele ano ¹³³ .
08/11/2021	Chapecoense 2 x 2 Flamengo	Outro lance de impedimento, dessa vez o erro está na ação do árbitro assistente em campo. O atacante Gabriel Barbosa do Flamengo sairia na cara do gol após receber passe ainda na intermediária de defesa. Aspecto não observado pelo bandeira, que levantou imediatamente o instrumento paralisando o jogo. O VAR não pode desta maneira interferir para corrigir o lance ¹³⁴ .
14/08/2021	Atlético 2 x 0 Palmeiras	A expulsão de Patrick de Paula aos 35 minutos do primeiro tempo pode ter interferido diretamente no resultado da partida. Bruno Arleu de Araújo expulsou o atleta após segundo 2º cartão amarelo. O detalhe do lance da falta é que Patrick claramente escorrega e não deveria ter sido advertido com o segundo cartão. Neste caso, o VAR não poderia interferir, pois se trata de um segundo cartão amarelo. Os questionamento aqui voltam-se então para seus protocolos, que não contemplariam segundo os enunciados de torcedores e jornalistas a totalidade de lances capitais de uma partida de futebol.

¹³¹ Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/brasileiro-serie-a/relembre-10-polemicas-relacionadas-ao-var-no-brasileirao/>. Acesso em 10 dez. 2021.

¹³² Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/os-5-piores-erros-do-var-no-brasileirao-2020-ate-o-momento>. Acesso em 10 dez. 2021.

¹³³ Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/os-5-piores-erros-do-var-no-brasileirao-2020-ate-o-momento>. Acesso em 10 dez. 2021.

¹³⁴ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/impedimento-de-gabigol-e-eleito-como-maior-erro-do-brasileirao-pela-central-do-apito-veja-lista.ghtml>. Acesso em 10 dez. 2021.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da análise de reportagens do globoesporte.com.

A partir da leitura acima, podemos notar ao menos quatro condições distintas de lances que revelam as defasagens entre oferta e adoção do VAR no campo de jogo. Uma primeira, relacionada a uma omissão por parte dos AVARs, que não orientam os árbitros a revisarem lances capitais. Uma segunda denota o sentido oposto e se relaciona ao intervencionismo dos AVARs, que convocam o árbitro de vídeo em lances interpretativos, induzindo novas decisões sobre as quais deveriam prevalecer as impressões e interpretações tomadas pelo árbitro de campo.

Já a o uso da linha de impedimento (medida pelo software), sua particularidade técnica, será destrinchada melhor por este trabalho na análise da próxima ocorrência. Entretanto, seu uso e margem de erro presentes em sua operação insurgem como um dos principais questionamentos à capacidade técnica do artefato tecnológico.

Outro aspecto que merece ser destacado nos dados coletados está relacionado ao protocolo e capacitação dos profissionais, que ainda cometem erros nos processos de interdependência estabelecidos pelo dispositivo em campo, como no caso do lance de impedimento do atacante Gabriel Barbosa. Além disso, existem lances, como o de Patrick de Paula, que expõem que o protocolo de checagem não garante a resolução de todos os lances capitais da partida, uma vez que o próprio entendimento do que seria um lance capital é subjetivo em uma partida de futebol.

Tais considerações feitas acima partem da análise de materialidades construídas e advindas sobretudo do campo dos *media*, como bem referenciamos no quadro. Neste sentido, o próprio empreendimento metodológico revela como as discursividades midiáticas constroem uma percepção reflexiva acerca da inovação.

Assim, buscamos costurar um panorama prévio em que se construiu o contexto de crise do CBF VAR, cujo estopim que culmina na demissão de Gaciba é o lance que faz referência a esta seção.

5.2.3 Tecno-discursividades em disputa: o árbitro que brigou com a imagem

No Maracanã, ainda sem sua capacidade máxima de público liberada, Flamengo e Bahia disputam jogo válido pela rodada 31 do Brasileirão de 2021. Pela transmissão do SporTV e do canal Premiere, é possível perceber o som que vem das arquibancadas. As torcidas voltam gra-

dualmente aos estádios e aposentam, por ora, o DJ que durante a pandemia inseria artificialmente gravações de cânticos que buscavam simular a atmosfera dos estádios lotados. Artificio adotado por quase todos os clubes mandantes do país, que procuram, cada uma à sua maneira, lidar com o desconforto provocado pelo silêncio no palco do espetáculo esportivo.

Já em campo, a disputa é pelo título. O Flamengo precisa vencer o jogo para se aproximar do líder Atlético Mineiro. A equipe consegue alcançar o seu objetivo com folga, mas o gol que abre o caminho para o triunfo por 3 a 0 é fruto de uma penalidade que novamente ascende o VAR ao centro das discussões da falação esportiva.

Na transmissão, a narração do lance realizada por Luiz Carlos Jr revela o tom da dúvida que impera sobre a jogada. Após cruzamento de Thiago Maia, o meia Diego Ribas tenta uma bicicleta. A bola aparentemente toca o peito do zagueiro Conti. Duas dúvidas precisam ser interpretadas pelo árbitro Vinícius Gonçalves Dias. Uma primeira diz respeito ao fato da bola ter ou não tocado no braço do zagueiro do Bahia, partindo das novas orientações da IFAB (destacadas na seção anterior e que delimitam o que deve ser compreendido como braço pela regra). Uma segunda deve questionar a distância entre os dois atletas, a velocidade em que se dá a jogada. Ainda que a bola toque no braço é preciso interpretar se houve ou não a infração.

Luiz Carlos Junior narrou assim o lance, ressaltando suas particularidades: “é pênalti para o Flamengo, bola no braço na bicicleta de Diego Ribas (...). Peito ou braço, vamos ver mais uma vez (...). Diego pedalou bonito e... Sandro Meira Ricci!” (LUIZ CARLOS JR, 2018)¹³⁵.

A suspensão na fala do narrador é deixada para intervenção do especialista da Central do Apito, que já percebeu que se tratava de um lance para o VAR: “Neste caso vai abrir a revisão, por se tratar de um lance (...) isso ele vai lá ver e deve anular o pênalti, pois a bola aparentemente toca no ombro” (SANDRO MEIRA RICCE, 2018)¹³⁶.

Tanto o especialista como o narrador acompanham a revisão ao vivo. Agora com imagens da interior cabine (VOR), que por sua vez dividem a tela com os lances que estão sendo revisados pelo árbitro. Deste modo, o público acompanha toda a dinâmica da revisão, assiste instantaneamente o processo de checagem, que se incorpora não só às dinâmicas das regras, mas que também se estabelece nos fluxos do espetáculo televisionado, como podemos notar na Figura 40:

¹³⁵ Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/futebol/brasileirao-serie-a/jogo/11-11-2021/flamengo-bahia.ghtml>. Acesso em 10 dez. 2021.

¹³⁶ Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/futebol/brasileirao-serie-a/jogo/11-11-2021/flamengo-bahia.ghtml>. Acesso em 10 dez. 2021.

Figura 40 – Interface da transmissão da checagem de pênalti marcado para o Flamengo



Fonte: (ge.com)¹³⁷

A interface é reveladora de ao menos duas estratégias que merecem ser destacadas. A primeira advinda da CBF, que procura estabelecer parâmetros de transparência, oferecendo à audiência a possibilidade de acompanhar a checagem ao vivo. Uma segunda revela as estratégias dos *media*, que incorporam o procedimento ao seu repertório tecno-discursivo, estabelecendo um novo elemento para trama construída.

O desfecho dessa revisão é o que mais chama a atenção. Marca recusa pelo VAR por parte do árbitro de campo – que mesmo após assistir as imagens parece estar convencido de que a bola tenha tocado no braço do zagueiro do Bahia.

Na Central do Apito, Meira Ricce concluiu: “Não foi pênalti. A bola pegou no ombro. O braço estava muito aberto, mas bate na altura do peito. Pelo menos nas imagens que a gente viu, a bola não bate no braço” (MEIRA RICCE, 2021)¹³⁸.

Outros especialistas concordaram em discordar da decisão tomada pelo árbitro em campo. Durante o programa *Spots Center* da ESPN, a ex-árbitra e comentarista Renata Ruel cravou que se tratava do erro mais absurdo do Brasileirão:

— Pra mim é claro que pega no peito, entre peito e ombro. Não é pênalti. Por mais que o ângulo de trás dê essa sensação, ele está tirando o braço e pega claramente no

¹³⁷ Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/futebol/brasileirao-serie-a/jogo/11-11-2021/flamengo-bahia.ghtml>. Acesso em 10 dez. 2021.

¹³⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/11/11/sandro-meira-ricci-sobre-penalti-a-favor-do-flamengo-nao-foi-nada.htm>. Acesso em 10 dez. 2021.

peito com ombro, e não bate no braço. Ele deu pênalti no campo de jogo. O VAR só poderia chamar se tivesse um erro claro e óbvio. Se o VAR chamou, ele já entendeu que tinha um erro claro e óbvio, que não era pênalti e que não toca no braço. A equipe do VAR entendeu com imagens claras que não houve toque de mão, caso contrário, teria mantido a decisão do campo. Nós tivemos erros nesse Campeonato Brasileiro, mas pra mim esse erro é o mais absurdo do Brasileirão até aqui (RENATA RUEL, 2021)¹³⁹.

A fala de Ruel, além de apontar o erro do árbitro em campo, resalta o problema no protocolo – uma desordem percebida nas interdependências das configurações do CBF VAR (LOUREIRO, 2021). A recusa do árbitro ao auxílio responde às críticas que dizem que os profissionais estão terceirizando a arbitragem para o dispositivo, perdendo autonomia e por consequência arrefecendo sua autoridade em campo.

Entretanto, a comentarista explica que não há o que ser interpretado ali, reforçando o valor de verdade da imagem que mostra a bola batendo no peito por meio dos ângulos das câmeras frontais. Ruel resalta ainda que um ângulo de uma câmera atrás do gol pode ter contribuído para que o árbitro de campo tenha ficado confuso, o que revela como a gramática da televisão se acopla à gramática das regras e das interpretações do jogo de futebol.

Se os conteúdos descendentes tomavam o lance como o reflexo de uma arbitragem caótica no país, nas redes, o Bahia se manifestava por meio de suas páginas institucionais. Logo após a partida, o presidente do clube se manifestou com tuíte:

Figura 41 – Protesto de Bellintani no Twitter



Fonte: ge.com¹⁴⁰.

¹³⁹ Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2021/11/comentarista-sobre-penalti-flamengo-contrabahia-erro-mais-absurdo-brasileirao>. Acesso em 10 dez. 2021.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/futebol/brasileirao-serie-a/jogo/11-11-2021/flamengo-bahia.ghtml>. Acesso em 12 dez. 2021.

O erro da arbitragem é entendido por Bellintani como um escândalo. O tuíte também denota outros sentidos conjunturais. O dirigente afirma que há intenção e interesse da CBF em ver o Bahia rebaixado. Segundo o dirigente, o suposto empenho transcorre em resposta às estratégias discursivas que o clube vem adotando de forma institucionalizada – apontando problemas sistêmicos do futebol brasileiro, criando campanhas relacionadas ao racismo e homofobia, além de indicar caminhos para a criação de uma liga que traria mais autonomia aos clubes frente à entidade.

O trabalho de Da Silva (2022) explicita este cenário no seu processo de investigação das ações estratégicas via mídiatização promovidas pelas instituições que mobilizam e produzem não só interações com seus torcedores, mas também tensionam o campo esportivo com o que a autora entende como estratégias inovadoras.

Em um fluxo *ascendente/descendente*, o discurso do presidente do clube é debatido pelo programa *Sports Centers*, no qual participavam Renata Ruel e outros comentaristas que além do lance, debatiam todo o contexto da crise da arbitragem. Via telefone, ele é convidado para interlocução e não muda o tom das críticas. Questiona a escala, pergunta o porquê do árbitro do jogo ter sido alterado um dia antes da partida e encerra dizendo que “*o árbitro marcou um pênalti que não viu nas imagens*” (BELLINTANI, 2021)¹⁴¹.

A subjetividade daquilo que pode ser ou não visto pelos olhos humanos em um jogo de futebol é esmagada pelo valor icônico das imagens e também pelos documentos de áudio que cristalizam a confusão entre VARs e AVARs na partida. A pressão sobre Gaciba e sobre a Comissão de Arbitragem ficou insuportável decorrente da insatisfação geral do Clubes com a arbitragem derivadas de contexto que procuramos desenhar no Quadro 8.

No dia seguinte, o colunista do portal UOL Rodrigo Mattos contou os bastidores da demissão de Gaciba. No mesmo dia do jogo entre Flamengo e Bahia, a Seleção Brasileira encarava o Uruguai em Montevideu pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2022. Ainda no estádio, o então presidente interino da CBF, Ednaldo Rodrigues, teria decidido pela demissão de Gaciba.

Nos camarotes do jogo da seleção, o erro de arbitragem contra o Bahia diante do Flamengo era um assunto mais comentado do que a partida do time de Tite. O presidente interino da CBF, Ednaldo Rodrigues, recebia reclamações e conselhos sobre o destino do chefe da comissão de arbitragem, Leonardo Gaciba. Não paravam de pintar alertas em seu celular com mensagens da Bahia, seu estado de origem, sobre o caso. Rodrigues percebeu que a situação de Gaciba tornara-se insustentável diante da sequência

¹⁴¹ Disponível em: https://www.Youtube.com/watch?v=4z_RaJQ_tAY. Acesso em 12 dez. 2021.

de erros cometidos pela arbitragem nas últimas três rodadas. No dia seguinte, em reunião, o demitiu para substituí-lo pelo vice Alício Penna Junior (RODRIGO MATTOS, UOL, 2021)¹⁴².

O texto de Rodrigo Mattos revela ainda que o processo que culminou na demissão do chefe de arbitragem também passava pela condução de Gaciba em relação às demandas dos clubes. Gaciba relutava em ceder os áudios das decisões do VAR, solicitados pelos dirigentes após lances que suscitavam dúvidas.

No dia seguinte, Alício Penna Junior já havia sido noticiado como presidente interino da Comissão de Arbitragem. Anúncio que se deu imediatamente ao desligamento de Gaciba. A primeira decisão do interino foi divulgar os áudios da partida.

O áudio de cerca de três minutos foi divulgado no site oficial da CBF, na aba que já destacamos neste trabalho, destinada à “análise do VAR”. Esta análise nem sempre vem acompanhada dos áudios. Ainda hoje, os mesmos só são liberados quando solicitados pelos clubes e a liberação nem sempre é autorizada.

Voltando à seção disponibilizada pela CBF como estratégia de conferir transparência aos processos, cabe destacar algumas questões do ponto de vista da interface e dos discursos que conformam as análises do VAR.

Observe-se na Figura 42 abaixo a disposição na interface do site:

¹⁴² Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2021/11/24/na-reta-final-cbf-admite-erro-em-metade-das-reclamacoes-e-ve-falhas-do-var.htm>. Acesso em 12 dez. 2021.

Figura 42 – Conteúdos dispostos na interface da seção Análise do VAR

Análise do VAR: Flamengo x Bahia - 31ª rodada do Brasileirão Assaí

12/12/2021 às 16:30 | Assessoria CBF

Atuação do árbitro de vídeo na partida entre Flamengo e Bahia, pela 31ª rodada do Brasileirão Assaí 2021



A Comissão de Arbitragem da CBF divulgou, nesta sexta-feira (11), as revisões do árbitro de vídeo (VAR) em **Flamengo x Bahia**, pela 31ª rodada do **Brasileirão Assaí 2021**. Confira a seguir o conteúdo disponibilizado de forma didática ao público do futebol:

Brasileirão Assaí: Flamengo x Bahia - 31ª rodada

REVISÃO 1

Situação protocolar: Revisão de penalidade marcada em campo

Decisão: Decisão de campo mantida e penalidade confirmada



Fonte: Print da interface do [cbf.com](https://www.cbf.com)¹⁴³.

A partir da interface, a CBF cria um protocolo para explicar a análise de todos os lances checados na partida. No caso de Flamengo x Bahia foram dois. Além do pênalti, no final do jogo, o VAR chamou o árbitro para checar possível expulsão de Diego Ribas. O jogador foi expulso após a constatação de sua agressão em um adversário.

Aqui, nos atentaremos à primeira checagem.

Três informações são dadas na explicação da instituição. Uma primeira relacionada ao que a CBF chama de *situação protocolar*, em que a instituição explica qual critério do protocolo

¹⁴³ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/analise/do-var/analise-do-var-flamengo-x-bahia-31a-rodada-do-brasileirao-assai>. Acesso em 12 dez. 2021.

o VAR foi acionado: em nosso caso à situação de penalidade máxima. O segundo explica qual *decisão* foi tomada: em nosso caso “revisão de penalidade em campo”. Uma terceira indica qual regra deve ser interpretada para o lance: no nosso caso a 12, sobre a qual a IFAB fez recentes mudanças.

De maneira didática, a FIFA disponibiliza em sua página o destaque da regra atualizada. Aqui destacamos o trecho da regra 12 que diz respeito ao lance analisado:

- Tocar a bola com sua mão/braço, quando sua mão/braço ampliar seu corpo de forma antinatural. Considera-se que um jogador amplia seu corpo de forma antinatural, quando a posição de sua mão/braço não é consequência do movimento ou quando a posição da mão/braço não pode ser justificada pelo movimento do corpo do jogador para aquela situação específica. Ao colocar a sua mão/braço em tal posição, o jogador assume o risco de sua mão/seu braço ser tocada pela bola e, portanto, deve ser punido (CBF, 2021-2022)¹⁴⁴.

Este foi o item em que o árbitro da partida se baseou para marcar a penalidade. Considerou que o jogador Conti abriu o braço de forma imprudente. Mas o problema está na premissa, em ter interpretado que a bola toca o braço quando a imagem demonstra o toque no peito.

A discussão dos códigos dispostos nas regras e nos protocolos podem ser capturados pelo áudio confuso divulgado pela CBF, em que podemos escutar uma conversa entre o árbitro Vinicius Gonçalves Dias Araújo (SP) e o árbitro de VAR Elmo Alves Resende Cunha (GO) durante os três minutos de revisão.

O áudio é composto por muitos ruídos propiciados pelas discussões dos atletas em campo e dos demais AVARs. Ressaltamos em nossa transcrição aquilo que capturamos de relevante no diálogo dos dois. Já o áudio é disponibilizado em formato de vídeo, com as imagens da transmissão das emissoras detentoras dos direitos de televisão.

Elmo (VAR): - Deixa eu ver essa imagem, espera um pouquinho (...) Quero ver só se a bola corre no braço (...) Vinicius narra o que você viu!

Vinicius (árbitro): - Eu vejo pegar com a mão, mais alto (inaudível) que o ombro. Vejo pegar na mão.

Elmo (VAR): (...) Recomendo a revisão porque a bola bate no peito do jogador e vai no peito. O **braço que está aberto não tem o toque**, está ok? (TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DISPONIBILIZADO PELA CBF, 2021)¹⁴⁵.

Já no monitor, o diálogo segue com o a discussão entre os dois, mesmo com a tentativa de interferência dos jogadores:

¹⁴⁴ Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202110/20211005110112_949.pdf. Acesso em 12 dez. 2021.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/analise/do-var/analise-do-var-flamengo-x-bahia-31a-rodada-do-brasileirao-assai>. Acesso em 12 dez. 2021.

Vinícius (árbitro):- Sai de perto de mim, não quero saber de ninguém perto de mim (...) eu vou analisar, calma (...)

Elmo (VAR): - Parei no ponto contato, quando a bola bate no peito e segue no braço. No braço que está esticado para cima não tem (inaudível) (...)

Vinícius (árbitro): - Eu vejo a bola pegar no bíceps dele, está vendo? (...) Tem outra câmera?

Elmo (VAR): - Voou te mostras (...) de qual braço você está falando? Esquerdo ou direito? Ela vai no peito e vai no bíceps.

Vinícius (árbitro): - Concordo com o que você fala, mas ele está numa ação de bloqueio. Ele corre o risco, pega no braço. Vou manter a penalidade, está bom?

Elmo VAR: - Ok (TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DISPONIBILIZADO PELA CBF, 2021)¹⁴⁶.

O protocolo de checagem se encerra, mas fica clara a discordância entre o árbitro de campo e o VAR. Vinicius não segue a recomendação de Elmo. Ao que parece, também fica clara no diálogo a interferência de uma série de fatores tanto tecnológicos como relativos à atmosfera do jogo que interferem nos processos comunicativos relacionados ao processo de checagem. Ruídos particularidades do artefato tecnológico que influenciam na decisão dos árbitros.

Importante ressaltar que os dois leram um toque no bíceps de Conte. Entretanto, o VAR avalia que o toque se deu após a bola ter batido no peito, o que pela regra anula a infração da jogada. Nenhum comentarista de arbitragem, sobre os quais conferimos a análise, observou este toque no bíceps. As discrepâncias entre os três níveis de leitura da jogada demonstram que há possibilidades distintas de interpretação para imagem técnica, embora aqui, o que pareça é que o árbitro tenha mesmo “brigado com a imagem”.

Outra particularidade da análise disponibilizada pelo VAR é que ela não pronuncia sobre a decisão. Não faz juízo se ela foi acertada ou não. Já publicamente, a ouvidoria¹⁴⁷ da CBF assumiu que 54% das reclamações dos clubes referentes a erros de arbitragem na competição procediam. Uma contradição entre os bons números que vinham sendo apresentados por Gaciba e pelo novo discurso de Alício Pena Júnior, que assume os desafios de aperfeiçoar a inovação.

Simultaneamente à construção discursiva dos *media*, a jogada circula nos espaços digitais. Não há mais pontos de partida para os sentidos atribuídos ao jogo. Nestes espaços os atores sociais e coletivos de torcedores conotam às jogadas novas estratégias discursivas dos coletivos, disputas clubísticas, rivalidades que afloram sob um contexto competitivo. Em circulação, é possível apreender novos parâmetros para a avaliação e percepção do CBF VAR, como veremos na seção seguinte.

¹⁴⁶ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/analise/do-var/analise-do-var-flamengo-x-bahia-31a-rodada-do-brasileirao-assai>. Acesso em 14 dez. 2021.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2021/11/24/na-reta-final-cbf-admite-erro-em-metade-das-reclamacoes-e-ve-falhas-do-var.htm>. Acesso em 14 dez. 2021.

5.2.4 Vigilâncias externas sobre a vigilância em campo

Em nosso trabalho, já no segundo capítulo, reunimos um conjunto de materiais empíricos que indicam como o VAR tem se estabelecido nas práticas da cultura futebolística. Isto pode ser identificado não só a partir de sua presença decisiva na construção do espetáculo esportivo, mas na forma como ele se estabelece em um universo simbólico do esporte.

Já apresentamos algumas evidências relacionadas a este processo. Sujeitos que brincam de VAR (CONCEIÇÃO, 2020); torcedores que benzem o aparato tecnológico com sal grosso em dia de jogo para espantar as interferências desvantajosas¹⁴⁸; jogadores e torcedores que direcionam suas frustrações de forma violenta em aparatos tecnológicos: como demonstrado no episódio em que a torcida do Grêmio invade o campo e destrói a cabine e o monitor utilizado pelo árbitro para checagem.

A temporada 2021 marca a volta dos torcedores às arenas e estádios no país. A competição apresenta uma nova fase de entendimento compartilhado sobre o dispositivo por parte seus atores e coletivos. A Figura 43 revela, a partir do humor e das figurações dos próprios torcedores, como o VAR passa a ser entendido em circulação.

Figura 43 – Torcedor se veste de árbitro e simula VAR em jogo do Flamengo



Fonte: lance.com¹⁴⁹.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.lance.com.br/humor-esportivo/vestido-arbitro-torcedor-imita-var-bomba-nas-redes-sociais.html>. Acesso em 15 jan. 2022.

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.lance.com.br/humor-esportivo/vestido-arbitro-torcedor-imita-var-bomba-nas-redes-sociais.html>. Acesso em 15 jan. 2022.

No jogo entre Flamengo e Internacional, as câmeras da transmissão flagram o torcedor, que de forma consciente performa, interpreta as ações do árbitro do vídeo. As imagens descendentes por parte da televisão ascendem como *memes* nas redes e retornam aos meios como estratégias de interação – mais uma evidência dos fluxos que investigamos para perceber os modos como o VAR tem sido percebido em seu processo de adoção.

A definição de ocorrências constitutivas de um caso em midiatização nos ajuda a sair das anedotas indicativas, para perceber como se dão as processualidades em circulação. Não se trata de generalizar as percepções a partir de eventos e discursos específicos e sim compreender o problema da comunicação que se desloca da instância da “produção” em direção àquilo que nos revela o processo de reconhecimento dos sentidos (VERÓN, 2004). A circulação é a instância em que percebemos estes sentidos atravessados e contaminados pela prática discursivas dos atores e coletivos.

Deste modo, é possível dizer que uma percepção em circulação sobre a inovação CBF VAR está contaminada pelas práticas que envolvem o jogo, disputas simbólicas que partem do repertório das rivalidades clubísticas, da constituição das identidades de cada torcida e de cada torcedor.

O Brasileirão daquele ano reascendeu uma das mais significativas rivalidades interestaduais do país. Atlético MG e Flamengo decidiram o Campeonato Brasileiro de 1980 e também se enfrentaram pela Libertadores de 1981, em jogo decisivo do Serra Dourada. A torcida atleticana até hoje reclama das arbitragens de José de Assis Aragão e José Roberto Wright, que teriam supostamente interferido diretamente nos resultados do jogo. Da década de 1980 para cá a rivalidade ora arrefeceu, ora se acirrou.

O contexto em que ocorrência observada por aqui se evidencia é uma rivalidade que se encontra aferrada devido à disputa de mais um título brasileiro, propiciada sobretudo pelo grande investimento financeiro dos dois clubes nos últimos anos. Narrativas históricas circulam nos jornais e nas redes, antigas discussões se atualizam com o contexto atual.

Agora é a torcida flamenguista que alega favorecimento ao Atlético - MG. O número considerado alto de pênaltis (11)¹⁵⁰ marcados para o clube gera debates entre especialistas e torcedores, abrindo discussões sobre o excesso do uso VAR e também sobre a sua influência nos resultados finais das competições.

Entretanto, nos circuitos, as conversas e feedbacks entre torcedores se dão de formas difusas. Se misturam aos debates entre as duas torcidas inscrições simbólicas de torcedores de

¹⁵⁰ Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/10033044/atletico-mg-chega-a-quase-o-dobro-de-penaltis-de-rivals-da-serie-a-desde-o-ultimo-brasileiro-veja-o-ranking. Acesso em 15 jan. 2022.

outros clubes que incrementam as disputas e conferem a elas outras subjetividades e identidades.

Na Figura 44, nota-se a característica tecno-discursiva do *meme*, utilizada como uma provocação ao clube rubro-negro no contexto do debate ampliado sobre o lance no *Twitter* no dia do jogo. A imagem é representativa das interfaces de discursos que se articulam em torno de uma narrativa que é lida a partir de nossa interpretação.

Figura 44 – Provocação de torcedor no *Twitter* relacionada à penalidade marcada para o Flamengo - interfaces de discursos que se articulam em torno de uma narrativa que lida a partir da interpretação do autor da tese



Fonte: @nathangoncalves¹⁵¹.

Trata-se de uma montagem gráfica realizada pelo usuário @nathangoncalves. O autor troca os uniformes dos VARs e AVARs por camisas do Flamengo e altera logo do CFB VAR para CBF FLA. O VAR parcial é uma nova instância de crítica à arbitragem. O dispositivo tecnológico entra no bojo da crítica aos “juizes ladrões”. O *meme* denota que o problema da

¹⁵¹ Disponível em: <https://twitter.com/nathancaralegal/status/1458941975936258048>. Acesso em 16 jan. 2022.

arbitragem está na falta de imparcialidade, no humano capaz de corromper, inclusive, a dimensão tecnológica pensada para evitar os erros dessa natureza.

A resposta do torcedor flamenguista se deu ao longo do campeonato por meio de uma mesma gramática que valoriza a dimensão do humor a partir das montagens iconográficas. Na Figura 45, o usuário @FOliveira1895 provoca sobre os pênaltis para o Atlético, aludindo a todo o contexto de um suposto favorecimento do VAR em relação à equipe.

Figura 45 – Provocação de torcedor no *Twitter* relacionada à penalidade para o Atlético



Fonte: @FOliveira1895¹⁵².

A figura mostra o atacante do Atlético, Hulk, caído no chão, estirado, simulando uma penalidade. O treinador Cuca celebra ao fundo. Os fogos de artifício fazem alusão à festa de Ano Novo na Austrália. A montagem denota a ideia de que antecipadamente é possível inferir que haverá um pênalti para a equipe alvinegra no jogo marcado para o dia 2 de dezembro.

O juízo contido no *meme* também aparece na reflexão de jornalistas. Para este exercício, tomamos a opinião de Mauro Cezar Pereira para uma breve explanação.

Neste caso, o jornalista avalia que muitos pênaltis estariam sendo marcados em favor do Atlético, com a conivência da imprensa Mineira, acusado por Mauro de ser subserviente aos interesses dos dirigentes atuais do clube:

¹⁵² Disponível em: <https://twitter.com/nathancaralegal/status/1458941975936258048>. Acesso em 15 jan. 2022.

Acho que isso reflete um chororô histórico de um clube que tradicionalmente se vítima, de uma imprensa que é subserviente em boa parte e não na sua totalidade a isso, temos até colegas da imprensa mineira que se referem à Leila Pereira como tia Leila, do Palmeiras, mas não usa tio Rubens quando fala do mecenas do Atlético-MG, muito interessante a postura de colegas mineiros da imprensa mineira também que falam assim porque a imprensa mineira em geral é subserviente aos dirigentes dos clubes (MAURO CEZAR PEREIRA, 2021).

O jornalista, que também é *youtuber* e trabalha agora em múltiplas plataformas¹⁵³, nunca escondeu ser torcedor do Flamengo e defende que sua transparência exige que ele reafirme ainda mais o seu compromisso com a ética jornalística e com o predicado da imparcialidade na hora de fundamentar suas análises¹⁵⁴.

Para refletir sobre as tensões que emergem das provocações do comentarista, precisamos retomar a ideia de contrato de leitura, “operações que visam a estabelecer o ‘modo de dizer’ do jornal e que se explicitam nas mensagens endereçadas ao leitor” (FAUSTO NETO, 2007, p. 10).

No caso da midiaticização, é cada vez mais flagrante a ascendência de jornalistas esportivos ao ambiente digital. Profissionais que trabalham em veículos tradicionais e que também possuem seus canais individuais em plataformas como *Youtube* precisam lidar com diferentes contratos de leitura em suas práticas laborais cotidianas.

No *Youtube*, Mauro direciona os comentários para torcedores do Flamengo. Na rádio Jovem Pan, assume novamente o papel de comentarista ao qual é incumbida a tarefa de analisar todo o contexto do futebol brasileiro.

Claro que os diferentes contratos de leitura que em midiaticização atravessam o fazer jornalístico tensionam o modo do receptor de observar e interpretar estes contratos. Recentemente, o pesquisador Leandro Marçal escreveu para o site *Ludopédio* um texto opinativo em que coloca em discussão o fazer jornalístico nesse cenário em que destaca o nascimento de uma imprensa clubista:

Numa rápida passada pelo Twitter, é fácil se deparar com comunicadores esquecendo as aulas de Ética e dando um jeito de expor colegas de profissão para defender o rubro-negro ou o alviverde, como se os clubes fossem verdadeiras seitas e a informação tivesse papel secundário na gritaria insana. Alguns chegam a desdenhar a apuração alheia, numa prepotência de fazer estátuas corarem (MARÇAL, 2021)¹⁵⁵.

¹⁵³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/11/22/mauro-cezar-no-atletico-mg-existe-a-narrativa-da-vitimizacao-ha-decadas.htm>. Acesso em 16 jan. 2022.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/flagrado-jornalista-da-espn-assume-ser-flamenguista/>. Acesso em 16 jan. 2022.

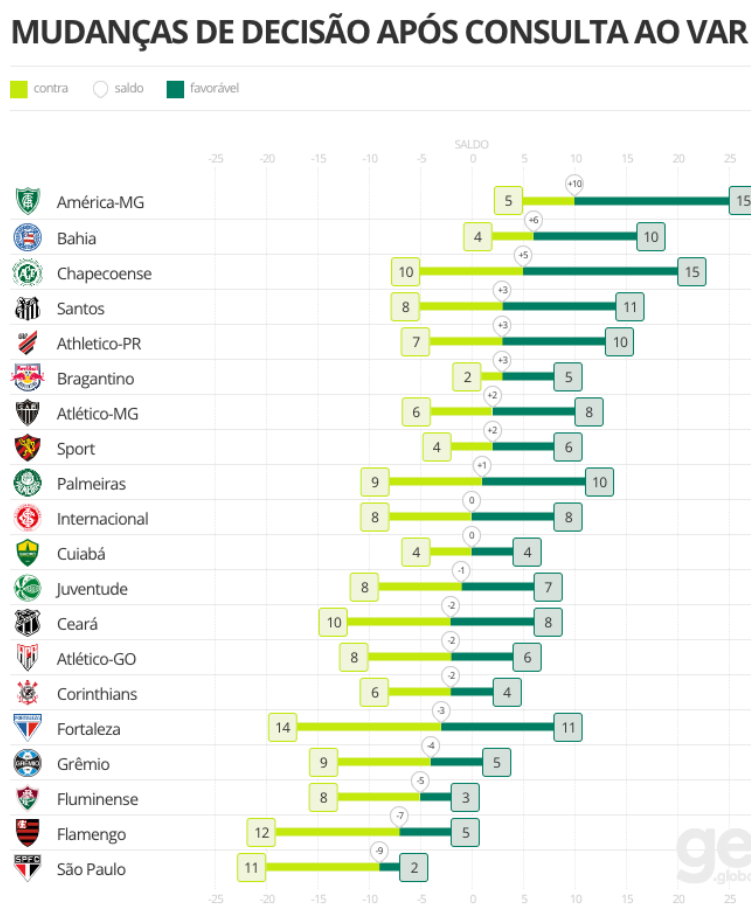
¹⁵⁵ Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-classico-da-vez-da-imprensa-clubista/>. Acesso em 16 jan. 2022.

As disputas internas entre jornalistas assemelham-se aos discursos empreendidos pelos torcedores, como afirma Marçal (2021). Sob este cenário, fica ainda mais delicado capturar as instâncias interpretativas sobre a inovação CBF VAR. Sob seu espectro passam a operar sentidos em disputas, que muitas vezes fogem dos aspectos objetivos de análises relacionadas ao seu uso.

Entretanto, existem os esforços em tornar palpáveis a interferência do VAR no espectro competitivo. Os portais dedicados ao esporte simulam tabelas que mostram como seria um campeonato sem VAR, indicando o poder de influência da tecnologia no resultado final da competição.

Já a figura 44 mostra um *ranking* feito pelo ge.com, indicando os clubes que foram mais beneficiados pelo uso do dispositivo naquele ano.

Figura 46 – Ranking de GE relacionados a decisões dp VAR no Brasileirão 2021



Fonte: ge.com¹⁵⁶.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/especial/ranking-do-var-no-brasileirao-veja-levantamento-do-espiao-estatistico>. Acesso em 16 jan. 2022.

A Figura 46 enuncia todas decisões e organiza aquelas que favoreceram ou prejudicaram cada clube. O saldo entre deliberações “favoráveis” ou “contrárias” não diz respeito aos erros ou acertos tomadas com auxílio do VAR. Apenas demonstra o efeito da tecnologia no campo de jogo.

A iniciativa do Globo Esporte em construir esse gráfico interativo soma-se às estratégias de observância e vigilância do VAR por parte dos *media*. Ainda sob o espectro do jogo sem o dispositivo, a materialidade demonstra o esforço em capturar as mudanças para além dos erros e defasagens identificadas no seu uso. Trata-se de uma realidade sobre a qual se questiona os métodos de uso, mas que aos poucos se consolida de forma permanente no espetáculo esportivo.

Estes esforços em capturar a performance do VAR brasileiro, entretanto, não advém apenas do campo dos *media*, nas redes e plataformas digitais surgem espaços dedicados ao assunto que é debatido amplamente pelos coletivos e atores sociais. Para este trabalho, escolhemos uma dessas páginas para explicar um pouco sobre as disputas discursivas que se dão acerca do lance.

Trata-se do perfil @VAR_Brazil. A localização do usuário indica que a iniciativa vem de Londres. O linguajar utilizado é técnico: VAR Check Brazil, mas a página assume-se como independente e não oficial, como notamos em sua descrição do perfil na Figura 47.

Figura 47 – Print do perfil da @Var_Brazil no *Twitter*

Fonte: @VAR_brazil¹⁵⁷.

Esta é uma iniciativa que emerge do discurso dos chamados “amadores”, que nas redes constroem suas próprias operações de checagem das checagens do VAR, uma checagem ao quadrado. No Campeonato Brasileiro daquele ano, a página analisou grande parte dos lances polêmicos, com linguagem técnica, mas a partir de estratégias colaborativas, em que convida os usuários a contribuírem com a página, enviando materialidades que ajudem a elucidar os lances. Flichy (2016) ressalta que os amadores são centrais para compreender o atual momento da nossa sociedade, não porque eles destituem os experts ou os profissionais de suas funções, mas porque criam discursividades de outra ordem.

À primeira vista, essas práticas abundantes aparecem como uma revolução de expertise. Graças aos instrumentos fornecidos pela informática e pela Internet, os novos amadores adquiriram o saber e o saber-fazer que lhes permitem rivalizar com os experts. Observa-se o aparecimento de um novo tipo de indivíduo, o pro-am (referente ao “profissional-amador”) (FLICHY, 2016, p. 14).

¹⁵⁷ Disponível em: https://twitter.com/VAR_Brazil?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em 16 jan. 2022.

No dia do jogo, a página evidenciou o erro na postagem compartilhada abaixo. @var_Brazil compartilhou um link disponibilizado por um dos seguidores em que o lance aparece em imagem da transmissão esportiva, capturada por uma filmagem feita de forma externa, aparentemente por um telefone celular.

Figura 48 – Print do comentário do @Var_Brazil em sua página sobre o pênalti marcado para o Flamengo



Fonte: @VAR_brazil¹⁵⁸.

No texto da postagem, a página confere o seu veredicto: “VAR *Fail*”. Salaria o erro da arbitragem e afirma que o lance foi ignorado pelo árbitro e pelo VAR. Pelo áudio disponibilizado pela CBF, vimos que quem de fato ignorou o lance foi o árbitro de campo.

As discussões sobre o lance não se encerram. No espaço dedicado aos comentários, os *feedbacks* às postagens se dão de modo instantâneo. Se estabelecem conversas descontínuas, circuitos dentro do circuito oferecido pela postagem. Como vemos no debate entre o usuário @ceudolixo com @leotrajano:

¹⁵⁸ Disponível em: https://twitter.com/VAR_Brazil/status/1458925986951610370. Acesso em 20 jan. 2022.

Figura 49 – Print do perfil da @Var_Brazil no *Twitter*

Fonte: @VAR_brazil¹⁵⁹

O debate tem como princípio retórico a disposição dos ângulos que capturam o lance. O usuário @lceudolixo argumenta com seu interlocutor a partir de um processo de contextualização e recontextualização das imagens retiradas da transmissão. Para ele, este é um lance claro de “bola na mão”. O ângulo escolhido para sua argumentação é o mesmo em que o árbitro da partida se baseou para marcar a penalidade.

A resposta de @leotrajano2 busca elucidar o contexto a partir de outra especificidade técnica relacionada à tecnodiscursividade envolvida. Para ele, a escolha do *frame* estático não ajuda a entender o contexto do lance em movimento. Para o palmeirense, a bola teria batido no peito antes, o que também invalidaria a infração segundo as novas orientações da IFAB.

O VAR é debatido no *Twitter* a partir das materialidades que são geradas em seu processo de uso, a partir de sua infraestrutura. Rastros digitais contam a história da inovação por muitos ângulos, debates e disputas. São rastros deixados por nós e também pelas processualidades da datificação, que organizam e oferecem uma possibilidade de analisarmos e observarmos a construção social da realidade (COLDRY E HEPP, 2020, p. 21).

¹⁵⁹ Disponível em: https://twitter.com/VAR_Brazil/status/1458925986951610370. Acesso em 20 jan. 2022.

Sobre as discursividades em jogo se estabelecem checagens ao quadrado e também ao cubo, por que não dizer assim?

Ao cubo, pois a verificação do lance é feita originalmente pelo VAR durante a partida, que passa a ser observada por uma segunda instância no trabalho dos especialistas nos *media* e também por atores sociais e coletivos nas redes. Entretanto, a checagem da Central do Apito cria uma nova dimensão de vigilância.

A infraestrutura montada pela TV Globo no sentido de conferir legitimidade e hegemonia nos processos de análise do uso do VAR no espetáculo esportivo tensiona o debate sobre o papel dos comentaristas de arbitragem. O jornalista Mauro Cezar Pereira foi o primeiro a manifestar o desconforto em sua conta no *Twitter*: “*Vamos reforçar aqui mais uma vez: a Central do Apito é um desserviço ao futebol. A Globo deu espaço a um grupo de ex-apitadores que defendem várias teses que fazem mal ao esporte. Que coisa deprimente*” (MAURO CESAR, 2021)¹⁶⁰.

O argumento de Mauro Cezar é que as análises dos ex-árbitros estariam contaminadas por vícios que eles herdaram do tempo em que apitavam. O corporativismo também é aventado. Neste sentido, o que o jornalista questiona é o espaço grande que esses especialistas ganharam no contexto do espetáculo esportivo depois da adoção do VAR nas competições nacionais.

O VAR e sua narrativa, ou ainda seu modo de oferecer a leitura do lance, acarretam tensões colaterais. Dentro da própria emissora isso ficou evidente em um episódio recente. O comentarista da casa, Arnaldo Ribeiro, foi demitido após dizer no ar, durante uma live em seu canal no *Youtube*, que a Central do Apito estaria apitando para o VAR:

Para você entender a questão do pênalti revertido e o lance final, é o seguinte: o árbitro do VAR era o Péricles Bassols. Um árbitro péssimo e que virou comentarista de arbitragem na TNT. Sabe o que ele tem no WhatsApp? O grupo dos comentaristas todos. O pênalti do Marquinhos, quando atropela ele, passa por cima... O Luiz Flavio está de frente para o lance, é imperdoável. O Sálvio Spínola, na transmissão, fala que na visão dele não foi. E o Péricles Bassols manda no ouvido do Luiz Flavio, depois de ouvir o Sálvio: ‘Dá uma olhada, na transmissão estão falando que não foi’. É assim que funciona o VAR o Brasil. Não tem interpretação do árbitro em campo. A interpretação é da câmera lenta, do cara do VAR e depois dele ouvir a Central do Apito (ARNALDO RIBEIRO, 2021)¹⁶¹.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2022/07/04/mauro-cezar-detona-central-do-apito-em-lance-envolvendo-flamengo-desservico-ao-futebol.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 21 out. 2022.

¹⁶¹ Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2021/08/ex-arbitro-responde-arnaldo-ribeiro-insinua-coes-central-do-apito>. Acesso em 21 jan. 2022.

A fala de Ribeiro implica pensarmos em duas questões importantes para o contexto deste trabalho. Uma primeira relacionada às possibilidades de acesso e de comunicação do VAR com indivíduos fora do campo de jogo. Segundo o jornalista, o VAR responsável pela revisão estaria em permanente contato com outros especialistas, incluindo os comentaristas de arbitragem a partir da ferramenta do *Whatsapp*.

Uma segunda questão deriva das disputas pela autoridade de interpretação do lance, cenário de mediações arrefecidas, sobre as quais dedicaremos um espaço em nossas conclusões. A Central do Apito passa a exercer uma autoridade sobre a construção narrativa do jogo, como se construísse um veredicto sobre o trabalho dos juízes.

As discursividades midiáticas neste caso interpenetram as configurações do jogo, influenciando nas decisões do árbitro, se não de forma direta como insinuou Ribeiro, ao menos de forma indireta, uma vez que estão reveladas as fissuras tanto no campo do jornalismo esportivo como nas funções exercidas pelos assopradores do apito.

Arnaldo foi demitido pela emissora e Paulo César de Oliveira, comentarista de arbitragem da casa, respondeu às insinuações, embora não desmintas a existência do grupo e das possíveis interferências:

Mais uma vez eu tenho que ressaltar e vender o nosso peixe porque esse é o papel do comentarista de arbitragem, exatamente por essa análise técnica baseada na experiência que nós tivemos no campo de jogo, mas fundamentalmente na regra do jogo. Erramos e acertamos. Quando tem uma questão de interpretação, nós debatemos, mas quando é conceito da regra, a gente sempre tenta trazer aqui o que diz a regra e a maneira como ela deve ser interpretada (PAULO CESAR DE OLIVIRA, 2021)¹⁶².

Paulo Cesar se baseia na regra como catalizador das interpretações convergentes entre Central do Apito e VAR (ambas questionadas por Ribeiro). A demissão do comentarista coincide com a contratação de Gaciba pelos canais Disney. De ex-árbitro a comentarista, depois chefe de arbitragem e, por fim, comentarista de arbitragem novamente.

Um caminho que expõe os processos de desestabilização do exercício profissional, tanto dos árbitros como dos jornalistas, atravessados pelas processualidades de um futebol espetacularizado que se defronta com o seu processo de midiática profunda.

Esta ocorrência nos serviu para descrevermos os efeitos do VAR sob a perspectiva mais alongada de sua adoção no futebol brasileiro. Descrevemos um cenário de atualizações constantes em seu funcionamento. Ressaltamos os processos de interpenetração dos sistemas sociais

¹⁶² Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2021/08/ex-arbitro-responde-arnaldo-ribeiro-insinua-coes-central-do-apito>. Acesso em 21 jan. 2022.

via midiatização, uma instância de vigilância ampliada sobre o seu uso e as tensões colaterais que provoca tanto no campo esportivo como no campo midiático.

Nossa próxima ocorrência visa jogar luz sobre um aspecto ainda pouco debatido por este trabalho. As linhas que traçam os impedimentos (*via software*) e que suscitam uma nova natureza de debates acerca da tecnologia. Trata-se também da ocorrência mais recente, o que nos permite ter uma visão ainda mais ampliada sobre as atualizações do dispositivo.

5.3 Ocorrência III: Do paralaxe às redes

5.3.1 Do tira-teima ao VAR

A regra do impedimento, a número 11 do jogo de futebol¹⁶³, certamente é uma das que mais exigem atenção da arbitragem e dos atletas. Ela é quem diz que um jogador está fora do jogo (*off-side*), quando ele recebe um passe em uma posição que o coloque à frente do último adversário (excetuando o goleiro). Se o atacante estiver em seu campo de defesa, não há impedimento. O árbitro e, sobretudo, os assistentes, precisam estar atentos ao momento do passe e à posição do atleta que se desloca para recebê-lo, um processo interpretativo que exige uma percepção exata da temporalidade e espacialidade em que se desenvolve a jogada.

São muitos os detalhes que envolvem sua interpretação, sobre os quais não precisamos nos aprofundar por aqui. O fato é que em decorrência de suas nuances, a regra sempre expôs a dificuldade do olho humano em capturar com precisão o resultado de fatores que implicam em seu entendimento. Esta dificuldade criou um cenário de infindáveis imagens envolvendo jogadas de impedimento que decidiram jogos e campeonatos pelo mundo.

A transmissão esportiva, conforme se desenvolveu o espetáculo e suas infraestruturas, criou ao longo dos anos alguns modelos para verificação e elucidação das jogadas por parte dos especialistas, um dos mais conhecidos é o famoso “tira-teima”. Trata-se de um dispositivo de leitura, oferta de angulações.

Este recurso permitiu uma análise mais precisa do que a linha simplesmente traçada pela própria equipe da transmissão, por meio de seus equipamentos gráficos, que buscavam capturar o momento exato por onde se pode observar a jogada. Um frame paralisado da imagem, capaz de indicar a bola saindo do pé do jogador em um ponto A e a posição do jogador que recebe a bola no ponto B.

¹⁶³ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/aplicacao-regra-diretrizes-fifa>. Acesso em 15 fev. 2022.

Entretanto, a imagem nos revela uma realidade distorcida. De modo que ao longo dos tempos muitos foram os investimentos em tecnologia para que oferecessem a captura da realidade a partir do processamento de dados.

No Brasil, a TV Globo foi pioneira em adotar o recurso do tira-teima na Copa do Mundo de 1986. A tecnologia inventada por um italiano, consistia em um *hardware* que, em sua base de dados, tinha as medidas oficiais dos gramados onde foram realizadas as partidas. A tecnologia prometia capturar com precisão o posicionamento de cada atleta dentro de campo e, a partir dos dados, gerava uma imagem virtual, com um ângulo que as câmeras de transmissão não tinham acesso. A Figura 50 mostra como se dava o efeito, já durante às transmissões do Campeonato Brasileiro de 1987, transmitido pela Globo:

Figura 50 – Imagem e leitura de tira-teima em lance em jogo entre Corinthians e São Paulo em 1987



Fonte: globo.com¹⁶⁴.

No final da década de 1980, as imagens processadas por dados já prenunciavam os cenários da midiatização aprofundada, um momento em que novos meios produzem de forma ostensiva conhecimento social “por meio de automação que é necessariamente exterior aos processos cotidianos de produção de sentidos dos seres humanos” (COULDRY E HEPP, 2020, p. 186).

¹⁶⁴ Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/fantastico-tira-teima-1986/4023398/>. Acesso em 20 fev. 2022.

Tais meios são orientados por metas, forças econômicas e desestabilizam os processos sociais e criam uma sociabilidade computacional, plataformizada (COULDRY E HEPP, 2020).

Em nossas conclusões, faremos um comentário mais aprofundado acerca deste atual momento da midiaticização, que sugere pensarmos nos processos da datificação e onde retomamos, ainda que de modo breve, a incidência da algoritimização na produção e oferta do acontecimento. Aqui, tomamos este cenário como contexto de desenvolvimento do VAR e de suas processualidades algorítmicas, herdadas das infraestruturas já desenvolvidas pelo espetáculo esportivo.

Neste sentido, conforme as tecnologias e tira-teimas foram se aperfeiçoando, tornavam-se ainda mais frequentes os apelos pela tecnologia no campo de jogo. Ora, se nós telespectadores temos acesso ao processo de checagem instantâneo e automatizado, por que não oferecer esta possibilidade aos árbitros do jogo, em prol de decisões mais ajustadas?

Uma das principais ofertas do VAR se relaciona com a resolução deste tipo de lance, incapturável a olhos nus. Para se ter uma ideia, segundo levantamento do Globoesporte.com¹⁶⁵, em 2021 foram mais de 391 interrupções de jogo para análise do VAR no Campeonato Brasileiro, das quais 109 foram dedicadas para observância de lances relacionados a impedimento. O tempo médio de cada checagem é de cerca de 2 minutos, maior do que quando comparadas às outras.

O funcionamento do processo de tracejo da linha do VAR explica o próprio funcionamento do artefato teológico, híbrido de tecnologias abertas e fechadas (SIMONDON, 1989). Ou seja, parte do seu funcionamento decorre da atuação humana, embora os dados que geram a linha de impedimento sejam processados internamente por softwares automatizados.

Descrevendo os protocolos, conseguimos compreender melhor o seu funcionamento. Quando um lance de impedimento duvidoso se dá em campo, o VAR pede para que o árbitro de campo paralise o jogo. Durante o processo, ele é quem orienta os Operadores de VAR (VORs) a paralisarem a imagem no momento certo para o processo de checagem.

Estes operadores são técnicos especializados – especialistas cadastrados e homologados por entidades como IFAB e FIFA. No Brasil, são 30 operadores capacitados, funcionários da empresa detentora da patente do VAR, a *Hawk-Eye*, na série A, e agora *Sportshub* nas séries B, C e D. São operadores de *replay* que desenvolvem uma função muito semelhante aos operadores de VT das grandes emissoras.

¹⁶⁵ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/var-em-detalhes-entenda-como-e-tracada-a-linha-de-impedimento-veja-video-com-passo-a-passo.ghtml>. Acesso em 22 fev. 2022.

A matriz do campo dos *media* subsidia a tecnologia e a configuração organizada pela CBF. Os processos comunicacionais são interpenetrantes e as defasagens encontradas nos processos de checagem e calibragem do VAR derivam muitas vezes de uma infraestrutura pensada para transmissão do espetáculo e não para a operação da tecnologia.

Primeiro, o VAR orienta qual referência deve ser dada para o tracejo da linha. Esta é a chamada base da linha que determina em qual extremidade ela deve ser posicionada, por exemplo: ombro do jogador, chuteira ou cabeça, referência dos atletas envolvidos no processo comparativo. O VAR é quem escolhe o frame em que deve se verificar o momento exato em que a bola parte do ponto A para o ponto B.

O funcionamento integral da tecnologia parte do vínculo estabelecido no processo de interação de três fatores distintos: uso dos *replays* disponíveis, comunicação e linhas de impedimento (traçadas via *software* que triangula as imagens e os dados coletados em diversas câmeras). O que o *software* faz é capturar o *paralaxe*, que, para a física, grosso modo, significa perceber o movimento de objeto a partir da observação em pontos espaciais distintos. Quanto mais câmeras em campo, mais ângulos disponíveis para a calibragem do *software*. Neste sentido, o VAR explicita que, muitas vezes, a imagem que vemos na televisão não corresponde à realidade das distâncias entre os atletas, por exemplo, ângulos que confundem quando se pensa que ajudam a elucidar.

Quem forma a linha e avalia se está tracejada de modo correto é o VAR, mas evidentemente que a pressão do jogo e o ambiente (que já descrevemos durante a exposição do tópico anterior) interferem diretamente no processo relacional entre homem e máquina, provocando defasagens, tanto no modo de utilizar a máquina como em seus processos de calibragem.

Desta complexa operação da física, surge uma imagem softwarizada, com características de um maquinismo presente no cotidiano da sociedade em midiatização, com um poder enunciativo próprio, como nos sugere Carlón (2008):

E que o que mudou não tem apenas consequências óbvias para a proliferação de imagens que impera no mundo em que vivemos, já que é muito mais fácil tirar uma foto do que produzir uma imagem segundo a perspectiva, mas também importantes efeitos enunciativos (CARLÓN, 2008, p. 135).

Vejam os exemplos do resultado dessa imagem *softwarizada* na Figura 51 em jogo entre Atlético e São Paulo pelo Campeonato Brasileiro 2020:

Figura 51 – Imagem de checagem do VAR em lance de impedimento marcado no jogo entre Atlético e São Paulo pelo Brasileiro de 2020



Fonte: globo.com¹⁶⁶.

A imagem mostra as linhas traçadas pelo software. O pontilhado vertical azul aponta a posição do defensor, já o pontilhado vertical vermelho a do atacante. Quando a linha vermelha está à frente da azul, constata-se o impedimento.

Neste caso, o gol de Luciano do São Paulo foi anulado, gerando um grande debate sobre o lance, uma vez a que diferença é milimétrica entre as duas, ao ponto de uma sobrepor a outra. O ponto de referência do atacante do São Paulo está marcando o braço do centroavante. A regra diz que o braço não deve interferir no processos de análise de lances de impedimento, de modo que a base para o tracejo da linha deveria estar posicionada no ombro do jogador do São Paulo.

No Brasil e no mundo, não foi preciso muito tempo para observar que embora parte do processo seja automatizado, as interdependências estabelecidas entre os atores humanos e não humanos no campo de jogo aumentaram a margem de erro do dispositivo.

Ainda em nosso processo de construção de cenários, descrevemos enquanto operações no Quadro 9, cinco lances em que foram constatados erros do VAR e AVARs no processo de tracejo das linhas de impedimento. Erros constatados segundo a leitura dos especialistas, indicando os questionamentos que decorreram dessa jogada.

¹⁶⁶ Disponível em: <https://www.lance.com.br/sao-paulo/reencontra-atletico-mineirao-apos-polemica-com-gol-anulado-luciano.html>. Acesso em 8 maio 2022.

Quadro 9 – Lances relacionados ao mal uso da linha de impedimento pelo CBF VAR (2019 - 2021)

Data	Jogo	Detalhe do lance e especificidade da defasagem
12/06/2019	Internacional x Bahia	Gol de Lindoso anulado pelo VAR. A imagem mostrava o jogador em posição legal, mas o cálculo do software apontava que o jogador estava à frente. No dia seguinte, Gaciba divulgou a imagem utilizada e explicou como funcionava o sistema. O desconforto entre aquilo que se vê e aquilo o que <i>software</i> mostrou obrigou que a entidade buscasse formas de elucidar o funcionamento do tracejo da linha ¹⁶⁷ .
03/09/2020	Atlético MG x São Paulo	VAR traça a base da linha errada em jogador do São Paulo e gol é anulado incorretamente. Pela primeira vez, a CBF admiti um erro dessa natureza e atribui o erro ao fator humano. <i>“Fizemos uma análise desse lance. A linha realmente não é colocada. Alguns outros detalhes também. Não adianta lutar contra a imagem, claramente a linha não está colocada de uma forma padrão, não é erro da tecnologia, é um equívoco humano da colocação da linha de impedimento”</i> (GACIBA, 2020) ¹⁶⁸ .
03/09/2020	Vasco 0 x 2 Internacional	Logo aos nove minutos de jogo, Rodrigo Dourado abriu o placar de cabeça. Uma sombra no estádio São Januário, impediu a calibragem do VAR, que não identificava a linha lateral do campo. Após o lance a CBF precisou elucidar o que seria essa calibragem e qual procedimento adotar em caso de erro. No caso a manutenção da decisão em campo ¹⁶⁹ .
16/11/2020	RB Bragantino 2 x 0 Botafogo	Novamente a questão da calibragem voltou à tona. Dessa vez no confronto entre Bragantino e Botafogo, o erro no tracejo da linha se deu por conta da calibragem de umas das câmeras. Agora, a <i>Hawk-Eye</i> precisou vir a público, pediu desculpas aos clubes, à CBF e também os torcedores. Destacamos um trecho da carta divulgada pela empresa: <i>Durante a partida BRAGANTINO x BOTAFOGO no dia 4 de julho, tivemos um incidente que afetou o uso correto da tecnologia de linha de impedimento virtual durante uma revisão de VAR. O problema foi causado pela posição da câmera de</i>

¹⁶⁷ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2019/06/cbf-divulga-imagem-do-var-e-garante-que-gol-de-lindoso-na-vitoria-do-inter-foi-legal-cjwuqcomp00rb01p6b3cev2vq.html>. Acesso em 9 jun. 2022.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/10/14/gaciba-admite-erro-na-utilizacao-do-var-em-atletico-mg-x-sao-paulo.htm>. Acesso em 9 jun. 2022.

¹⁶⁹ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/var-nao-funciona-e-gol-do-inter-e-validado-por-decisao-de-campo-vasco-protesta.ghtml>. Acesso em 9 jun. 2022.

		<p><i>transmissão usada para essa decisão específica de impedimento, o que significa que uma calibração suficiente não pôde ser alcançada neste exato momento.</i></p> <p><i>Infelizmente, o processo operacional correto não foi seguido para mitigar o efeito desse problema, e garantiremos que os mesmos sejam revisados e aprimorados para evitar tais situações no futuro. (HAWK-EYE, p. 2021)¹⁷⁰.</i></p>
05/07/2022	Ituano 1 x 1 Cruzeiro	<p>Agora em jogo válido para série B do Campeonato Brasileiro. O jogador Edu faz o gol anulado de forma incorreta. Novamente o erro se dá no processo de tracejo da base de referência, que deveria estar no pé do atleta.¹⁷¹ A novidade é que agora a linha é traçada ao vivo, de modo a expor o uso do software, por decisão da CBF, que atualiza o dispositivo para conferir mais transparência ao processo.</p>

Fonte: Elaborado pelo auto a partir da análise de reportagens do globoesporte.com.

A partir do Quadro 9, podemos explanar sobre algumas características recorrentes relacionadas à natureza do erro do VAR nos protocolos de checagem de lances de impedimento. Uma primeira revela o papel inovador assumido por duas instituições. A CBF, responsável por orientar e determinar os protocolos de checagem, responsável por definir os modos de uso da tecnologia.

Uma segunda está relacionada ao papel exercido pela *Hawk-Eye*, responsável por cuidar da parte fechada da tecnologia, daquilo que não se vê, *softwares* e *hardwares*. Pela primeira vez, a empresa assume um erro no seu equipamento no país após jogo de Bragantino com o Botafogo. Agora, são as questões tecnicistas que se imiscuem ao debate esportivo, fala-se em calibragem, paralaxe, condições distintas dos estádios em receber o aparato tecnológico.

No próximo tópico, estas questões serão trabalhadas, dada nossa observância à circulação de sentidos ativados por um lance envolvendo o clássico Palmeiras e São Paulo, válida pela Copa do Brasil de 2022. A reverberação do lance também serve como base contextual mais recente das percepções sobre o processo de inovação.

¹⁷⁰ Disponível em: <https://www.lance.com.br/botafogo/bragantino-e-botafogo-empresa-reconhece-erro-de-calibragem-do-var-mas-cita-que-decisao-foi-correta.html>. Acesso em 8 jun. 2022.

¹⁷¹ Disponível em: <https://placar.abril.com.br/brasileirao/var-erra-ao-tracar-linha-e-anula-gol-legal-do-cruzeiro-ronaldo-ironiza/>. Acesso em 8 jun. 2022.

5.3.2 As mal traçadas linhas do VAR

Estamos em 2022, o CBF VAR entra no seu quarto ano de uso regular em competições nacionais. A crise na arbitragem está agravada. A troca de Gaciba por Alício Pena Junior e posteriormente a efetivação de Wilson Luiz Seneme como presidente da Comissão de Arbitragem não surte o efeito desejado pela instituição.

A implementação do dispositivo parece expor, evidenciar problemas crônicos da arbitragem no país. Um levantamento feito pela Central do Apito¹⁷² capturou um aumento de 16% no uso do dispositivo no Campeonato que ainda não havia entrado na metade, e já contabilizavam 91 mudanças de decisões após orientação para checagem. Para o jornalista e comentarista Paulo Vinícius Coelho, os números são um indício de que o VAR está ajudando uma arbitragem que erra muito e completa “o VAR só é bom aonde a arbitragem é boa” (PAULO VINÍCIUS COELHO, 2022).

Na série B, o CBF VAR se depara com novos desafios. Estádios pequenos com infraestruturas inferiores e transmissões com menos câmeras, o que, como vimos, dificulta o seu processo de calibragem. O Estádio Municipal Doutor Novelli Junior, conhecido Novelli Junior, tem capacidade para menos de 20 mil pessoas e suas condições e disposições de câmera, interferem diretamente no processo de instalação do VAR.

Antes do jogo, a calibragem é feita pelos operadores de VAR, contratados pela empresa responsável pela patente. Duas horas antes da partida eles testam o sistema. Procuram os pontos cegos das câmeras. A calibragem do VAR se dá neste sentido, no entendimento do *software* em relação às especificidades do espaço e da infraestrutura de transmissão disponível.

No estádio acanhado, com menos câmeras disponíveis, é possível afirmar que o trabalho do VAR fica prejudicado. Neste cenário, Cruzeiro e Ituano se enfrentam pela rodada 14 da competição e empatam por 1 a 1. O gol do atacante Edu é anulado por impedimento que daria a vitória à equipe celeste. O gol é anulado em campo e passa pelo processo de checagem.

Na transmissão do canal Premiere, a ex-árbitra Janette Mara Arcanjo, identifica o erro em lance revisado de forma rápida e parece espantada com a velocidade. A decisão foi tomada em apenas 3 segundos.

Por essa imagem disponibilizada, para mim é incorreto (anular o gol). Tem um pé direito (do defensor) que poderia habilitar o jogador do Cruzeiro. O vermelho é o ombro do Edu, que é a linha do atacante. A linha do defensor, no mínimo, poderia ter sido utilizada a câmera invertida para pegar melhor o posicionamento do defensor.

¹⁷² Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-pvc/post/2022/07/25/brasileirao-tem-um-erro-grave-de-arbitro-a-cada-dois-jogos-confirma-uso-excessivo-do-var-no-primeiro-turno.ghtml>. Acesso em 28 jul. 2022.

Para mim, está traçada de maneira incorreta no defensor (JANETTE MARA ARCANJO, 2022).

A ex-árbitra identifica o erro no processo de checagem. Questiona a câmera escolhida para o traçar das linhas. Segundo a comentarista, o VAR não viu o pé direito do zagueiro do Ituano, que dava condições de jogo para o atacante. A base para análise foi feita no jogador errado. A checagem do VAR é feita ao vivo. Os telespectadores assistem o processo durante a transmissão, podem acompanhar o trabalho do VAR e dos operadores de *replay*. A imagem final que influenciou na decisão do juiz mostra que a base da linha azul do defensor está de fato marcada no lugar errado, segundo nossa leitura e interpretação do lance.

Figura 52 – Imagem de checagem do VAR em lance de impedimento marcado no jogo entre Cruzeiro e Ituano pelo Campeonato Brasileiro da Série B de 2022



Fonte: globo.com¹⁷³.

A partir da imagem, é possível identificar em que se baseia o argumento da comentarista. A base da linha azul está marcada no ombro do atleta do Ituano, uma câmera invertida possibilita ver o pé de um segundo jogador que habilitaria o atacante do Cruzeiro.

Três dias depois, a CBF divulga os áudios do lance. Na conversa, o árbitro de campo não interfere e aguarda a decisão do VAR, naquele dia comandado por Pathrice Wallace Corrêa. O que se captura dos áudios são os debates intensos no campo e o diálogo entre o VAR e os

¹⁷³ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/07/05/ituano-x-cruzeiro-central-do-apito-ve-erro-do-var-ao-tracar-linha-de-impedimento-em-gol-de-edu.ghtml>. Acesso em 27 jul. 2022.

operadores de *replay*. Três segundos após a traçar a linha, Pathrice dá o veredicto em um diálogo rápido com o árbitro de campo Bruno Arleu:

Pathrice Wallace: "Confirmada a decisão de campo. Prossiga", disse a cabine do VAR.

Bruno Arleu: "Impedimento, né?", questionou Bruno Arleu.

Pathrice Wallace: "Perfeito, impedimento", concluiu o VAR.

(TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO EM JOGO ENTRE CRUZEIRO E ITUANO).

A conta oficial do Cruzeiro se manifestou imediatamente no *Twitter* no intervalo do jogo, uma vez que o lance ocorreu aos 44 minutos do primeiro tempo:

- "*Alguém entendeu essas linhas do VAR? Anularam errado por linhas tortas. 🙄 – escreveu @cruzeiro (2022)*"¹⁷⁴.

O humor tem sido utilizado com frequência pelos clubes em suas redes sociais. As discursividades se incorporam às estratégias de comunicação institucional. Nas contas oficiais, os chamados "social media" comentam o jogo em tempo real, criam estratégias para anunciar jogadores e se apropriam das gramáticas da plataforma para se aproximar com seus torcedores.

Os profissionais, por sua vez, são enunciados pelos torcedores como "estagiários". Uma ironia relacionada ao fato de que por algum tempo o trabalho nas redes era visto como menos importante no trabalho da comunicação.

O cenário que se apresenta hoje é o inverso, os clubes investem cada vez mais neste tipo de profissional, buscando a partir de discursividades em fluxos ascendentes um contato direto com os seus torcedores. Abaixo da postagem institucional, a usuária @aleeh_cec comenta:

- "Posta a imagem aí, estagiário"¹⁷⁵.

O "estagiário" não posta, mas em resposta a usuária @m_luccas61 posta a foto solicitada, com qualidade inferior, nitidamente extraída em processo *de print screen*. O autor do post confere mais zoom à imagem técnica retirada da transmissão. Faz intervenções gráficas e por meio do texto argumenta que o erro está relacionado ao desejo da Globo, detentora dos direitos de transmissão, em ter um campeonato mais disputado, uma vez que sua equipe iria disparar ainda mais na liderança da competição. Nota-se um múltiplo trabalho de leitura, autorias, disputas de ponto de vista, que complexifica o status do fato, do lance como um acontecimento.

¹⁷⁴ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/07/05/ituano-x-cruzeiro-central-do-apito-ve-erro-do-var-ao-tracar-linha-de-impedimento-em-gol-de-edu.ghtml>. Acesso em 27 jul. 2022.

¹⁷⁵ Disponível em: https://twitter.com/aleeh_cec. Acesso em 27 jul. 2022.

Figura 53 – Tuíte com comentário de @m_luccas61 sobre o lance de impedimento



Fonte: @m_luccas¹⁷⁶

Não enterraremos no mérito da insinuação do torcedor, mas importante destacar como a empresa constituiu ao longo dos anos uma relação tão próxima com o futebol nacional, que não é incomum encontrar entre torcedores e até dirigentes, discursividades que ressaltam o poder de interferência da emissora no Futebol Brasileiro, promovendo alterações nos horários e no calendário das competições, destacando jogos de alguns clubes em detrimento de outros em processos delicados de formulação de seus contratos de leitura, e sobretudo, nos processos econômicos de compra dos direitos de imagem dos atletas e das competições.

O lance, considerado “bizarro” pelo torcedor, foi ressaltado por um processo de recontextualização da imagem por parte do ator, que em midiaticização leva seus sentidos à frente como nos sugere Rosa (2019), constituindo novas gramáticas de recepção, a partir da discursividade oferecida pelo campo produtor.

A iconologia dos intervalos não reside na significação das figuras, mas nas relações que estas mantêm entre si e que duram para além do tempo. Transpondo para nossa

¹⁷⁶ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/07/05/ituano-x-cruzeiro-central-do-apito-ve-erro-do-var-ao-tracar-linha-de-impedimento-em-gol-de-edu.ghtml>. Acesso em 27 jul. 2022.

abordagem da midiatização, podemos considerar que as imagens na atualidade são potencialmente prolongadas (ROSA, 2019, p. 168).

Exemplo claro da intervenção da leitora no processo de produção e reinterpretação do acontecimento. Já o usuário Diego Furro interfere na imagem de uma outra maneira, faz um círculo no pé do zagueiro, buscando evidenciar ainda mais a falha do VAR.

Figura 54 – Tuíte com imagem alterada graficamente por @diegofurro



Fonte: @diegofurro¹⁷⁷.

Em midiatização, este tipo de imagem, advinda originalmente da transmissão esportiva, caminha em novos fluxos e circuitos, não só no *Twitter*, mas em diversas redes e plataformas, de modo que não se pode mais identificar de onde surge e para onde se destinam de maneira definitiva. As discursividades anônimas se apropriam do saber técnico, recriam o fato esportivo ao seu modo. Eis aí o exemplo típico do processo de circulação transformando leituras em novas leituras, segundo dinâmicas de circuitos interacionais de várias naturezas (FAUSTO NETO, 2018).

¹⁷⁷ Disponível em: <https://mobile.twitter.com/diegofurro>. Acesso em 28 jul. 2022.

Distâncias entre celebridades, instituições e personalidades do esporte com usuários comuns se encurtam nas zonas de contato, oferecidas pelas novas condições de circulação na sociedade em midiaticização. O ex-jogador Ronaldo Nazário, mais conhecido como Ronaldo Fenômeno é agora sócio majoritário do clube. Adquiriu o Cruzeiro em 2022 quando o clube passou por uma reestruturação transformado em (Sociedade Anônima do Futebol (SAF))¹⁷⁸.

Ronaldo, enquanto dirigente, comentou o lance com ironia e interagiu com torcedores do time, como podemos ver na Figura 55:

Figura 55 – Tuíte de Ronaldo Fenômeno com ironia ao VAR

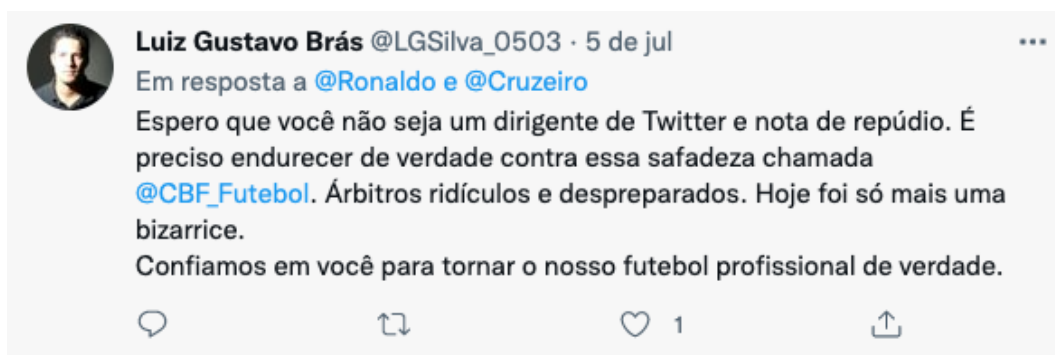


Fonte: (@ronaldo)¹⁷⁹

¹⁷⁸ Disponível em: <https://twitter.com/Ronaldo/>. Acesso em 27 jul. 2022.

¹⁷⁹ Disponível em: https://twitter.com/LGSilva_0503/status/1544489148454666241. Acesso em 27 jul. 2022.

Figura 56 – Tuíte de torcedor cobrando providência Ronaldo Fenômeno



Fonte: @LGSilva.

Na circulação, a recepção age. Ronaldo, que ironiza o uso do VAR, é cobrado pelo torcedor a tomar atitudes mais efetivas, tais ações se dão pelas diluições de fronteiras estabelecidas em outros tempos, como nos aponta Fausto Neto (2010).

A soberania das gramáticas – em produção e em reconhecimento – perde suas marcas discursivas de fronteiras. Estas são dissolvidas pela força de co-enunciações que se constituem no contexto deste novo dispositivo circulatório. Este as põe em contato, mas através de marcas que somente produzem sentido através do trabalho que fazem no interior das interfaces (FAUSTO NETO, 2010, p. 56).

O jogo continua em midiaticização. E as providências mais efetivas pedidas pelo torcedor começam a se desenhar já na entrevista coletiva por outros dirigentes. Logo após a partida, um dos CEO do Cruzeiro, Gabriel Lima, em entrevista coletiva disse que solicitaria o áudio da checagem. A materialidade em si não revela o erro no protocolo relacionado ao processo de escolha de ângulo e da escolha pela base de referência correto, embora exponha a concordância entre os membros da comissão de Arbitragem com o procedimento.

A gente vai conversar na CBF para entender. A gente vai querer escutar o áudio da sala do VAR para entender o que foi discutido e o que foi conversado naquele momento. Saber qual é o planejamento para frente. Qual é a solução institucional que vai ser dada para erros como esse não acontecerem mais (GABRIEL LIMA, 2022)¹⁸⁰.

O áudio do VAR passa a ser tratado pelas instituições como um documento, que torna possível a investigação e um processo de vigília ampliado do trabalho dos profissionais. A situação de exposição contrasta com o silêncio da arbitragem que é orientada pela própria instituição a não dar entrevistas. Casa Grande, ex-atleta e, até aquele momento, comentarista da Rede Globo, escreveu em sua coluna: “*Não entendo por qual motivo um juiz é proibido de dar*

¹⁸⁰ Disponível em: https://twitter.com/LGSilva_0503/status/1544489148454666241. Acesso em 27 jul. 2022.

entrevistas. Qual é o problema? Jogadores e treinadores falam. Qual a pessoa mais indicada para esclarecer o que fez numa partida?''.

As discussões em torno das condições de noticiabilidade atravessam vários campos sociais, como o jurídico e o político. Neste caso, o campo dos *media* provoca tensionamentos nas diretrizes seguidas pela arbitragem profissional. O silêncio destes contrasta com a midiaticização dos demais atores sociais e instituições do futebol, presentes em diversas plataformas, contraindo cada vez mais profissionais capacitados para enfrentar o cenário não só de defasagens de sentidos, mas também de defasagens na prática dos profissionais, marcadas agora relação intensa das profissões com as tecnologias midiáticas.

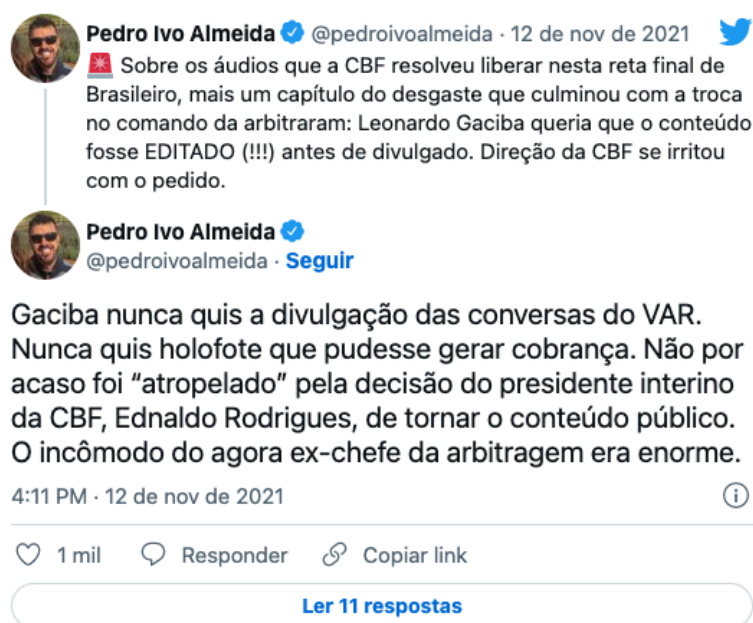
Tal assertiva nos faz pensar em uma nova ambiência que provoca defasagens não só por meio dos sentidos enunciados sobre o VAR, mas relativos às materialidades, discursividades e tecnicidades que colocam em xeque os processos de mediação tradicionais.

O arrefecimento das mediações na ambiência da midiaticização não estaria atrelado apenas ao poder de mediação dos *media*, mas decorre de pensarmos em processos sociais complexificados, como nos sugerem Faxina e Gomes (2016):

Assumindo-se a midiaticização como um novo modo de ser no mundo, como visto antes, tende-se a superar a mediação como categoria para se pensar os meios hoje, mesmo sendo esse mais que um elemento que faz ligação entre a realidade e o indivíduo, via mídia. Ele é a forma como o receptor se relaciona com a mídia e o modo como ele justifica e tematiza essa mesma relação. Por isso, estrutura-se como um processo social mais complexo que traz no seu bojo os mecanismos da produção de sentido social (GOMES, 2018, p. 244).

O novo jeito de ser no mundo atravessa novos modos de torcer, jogar futebol e também implicam em novos modos da arbitragem se relacionar com o jogo. Segundo o jornalista Pedro Ivo Almeida, um dos motivos que fizeram Gaciba ser demitido deu-se justamente no seu trato conservador na relação da arbitragem com a mídia, como podemos notar na série de tuítes:

Figura 57 – Tuíte do jornalista Pedro Ivo Almeida com informações sobre Gaciba e os áudios da CBF



Fonte: @pedroivoalmeida.

O jornalista indica que Gaciba queria editar os áudios, preservar aspectos relacionados ao que há de mais íntimo nas relações estabelecidas pela arbitragem. Em midiaticização, ela fica exposta, desgastando ainda mais os profissionais envolvidos em lances polêmicos. Vimos no tópico anterior que Gaciba foi demitido. Uma das primeiras ações de Alcício Pena Junior foi a de dizer que, a partir daquele momento, segundo semestre de 2021, os áudios seriam disponibilizados de forma integral.

Até o presente momento de escrita dessa tese, os áudios ainda não têm sido liberados em todos os lances, mas estão sendo disponibilizados com mais frequência. Instalaram-se novos protocolos em que os clubes estabelecem disputas pelas materialidades que comprovem suas leituras sobre os lances.

Descrevemos um cenário ampliado de debate sobre a arbitragem, atravessada por novas discursividades, inseridas neste processo pela implementação de um artefato tecnológico complexo, que deixa rastros e materialidades descontextualizados de sua função inicial e recontextualizados nos circuitos e nas disputas pelos sentidos do espetáculo esportivo.

Contudo, a materialidade não só repercute e reverbera por seu efeito nos resultados esportivos. Também desperta o interesse pela tecnologia em si. Na imprensa e nas redes procura-se entender o funcionamento do *software*. Uma discussão sobre tecnologia e computação se

acopla aos debates do futebol, novas evidências para buscarmos entender os caminhos da inovação no contexto do futebol brasileiro.

5.3.3 A margem de erro do CBF VAR

A divulgação dos áudios expõe ainda mais as fragilidades estruturais da arbitragem no Brasil, país em que a atividade não é profissional, resultando em ausência de garantias trabalhistas e financeiras que fazem com que grande parte dos árbitros não consigam se dedicar integralmente à atividade.

Uma contradição que fica ainda mais explícita com a adoção do VAR. A cobrança sobre os árbitros aumenta de forma exponencial, tanto por requerer novas habilidades e treinamentos nos processos interacionais envolvendo homem e máquina, como também por expor seus processos laborais a partir de materialidades que entram em um processo de circulação ampliada, gerando um debate sobre a inovação, que essencialmente passa pelo seu uso em campo de jogo.

A solução encontrada pela CBF, para estancar as crises e responder as reclamações dos clubes e torcedores e de campos sociais das mais distintas procedências, normalmente está associada ao afastamento do quadro de arbitragem. No caso, o VAR Pathrice Wallace e o árbitro Bruno Arleu foram encaminhados para um programa de recuperação para arbitragem criado em 2022, já na gestão de Wilson Seneme.

A criação do Programa de Assistência ao Desempenho da Arbitragem (PADA) visa acabar com a “geladeira”, termo pejorativo que conota o tempo que um juiz fica parado após cometer um erro grave. Busca-se neste processo capacitá-lo a partir de uma assistência multidisciplinar integrada. Curioso perceber que ambos os juízes foram encaminhados para o programa, ainda que o erro, neste caso, possa ser atribuído ao VAR. Trata-se de mais uma atualização acarretada pelo dispositivo.

Se o VAR e o árbitro que erram de alguma forma são encaminhados a programas de capacitação, o que acontece quando o erro for atribuído exclusivamente ao sistema tecnológico, ao artefato propriamente dito?

Os casos envolvendo o tracejar da linha de impedimento fizeram com que outro assunto relacionado ao VAR entrasse em circulação. Dessa vez, ativados não só pelo campo jornalístico e esportivo, mas também por estudiosos e cientistas de outras áreas que apontavam que mesmo que o sistema estivesse bem calibrado, sempre haveria alguma margem de erro. A comentarista de arbitragem Renata Ruel dos canais Disney entrevistou recentemente o Professor Doutor Fe-

lipe Arruda Moura do Departamento de Ciências do Esporte da Universidade Estadual de Londrina, para tentar entender como essa margem de erro poderia interferir no uso do VAR no jogo de futebol.

O professor explica o funcionamento do VAR. Elucida o que seriam os GPS esportivos, que monitoram o posicionamento dos jogadores em campo de forma individual. Há dois modos de medir posições dos atletas em campo, no caso dos GPS esportivos a margem de erro pode ser de até 50 cm, meio metro que torna inviável o seu uso no futebol.

Já o VAR utiliza um sistema de posicionamento local, antenas instaladas no estádio que diminuem essa margem:

Como sistema intermediário, está o sistema de vídeo que, se seguido rigorosamente procedimentos específicos de posicionamento de câmeras, resolução da imagem, detecção correta do jogador na imagem, calibração e reconstrução bidimensional de altíssima qualidade, entre outros, podem apresentar erros ao redor de 30 cm. Em esportes como o futsal e tênis, por ocorrerem em espaços menores, chegamos a erros de aproximadamente 10 cm (FELIPE ARRUDA MOURA, 2022)¹⁸¹.

Para um lance de impedimento, que em muitos casos pode ser decidido por milímetros a diferença parece ser grande. O professor esclarece que essa margem é variada e o que o mais preocupa parece estar na imagem bidimensional, tomada como referência para o traçado da linha:

linha traçada a partir de um ponto do jogador é certamente o fator mais preocupante, por termos como referência apenas um plano da imagem. Com apenas uma imagem, somente uma análise bidimensional é possível, o que nesse caso certamente incidirá em erro de perspectiva (FELIPE ARRUDA MOURA, 2022)¹⁸².

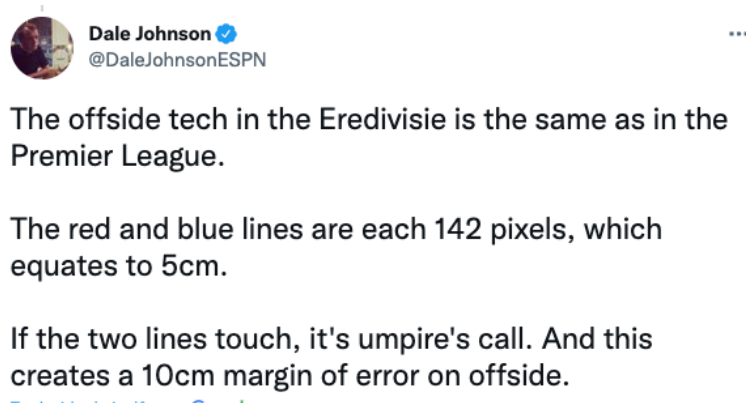
O cientista encerra a entrevista dizendo que acredita que o VAR venha para melhorar o futebol, auxiliar nas tomadas de decisão. Saliencia a necessidade de medir a margem de erro, específica do dispositivo, trabalho que derivaria de uma coleta ampla de materialidades e que levaria um certo tempo para ser processada.

O futebol dos debates esportivos nas redes também é tema de investigações científicas das mais variadas disciplinas, como por exemplo a Biomecânica, especialmente na constatação da existência desta margem de erro. Ligas como a Holandesa e, posteriormente, a Premiere Legue “engrossaram” as linhas de impedimento do VAR local.

¹⁸¹ Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/renataruel/775632_margem-de-erro-do-var-pode-ser-de-10-cm-a-meio-metro-explica-especialista-em-tecnologia-de-rastreamento. Acesso em 28 jul. 2022.

¹⁸² Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/renataruel/775632_margem-de-erro-do-var-pode-ser-de-10-cm-a-meio-metro-explica-especialista-em-tecnologia-de-rastreamento. Acesso em 28 jul. 2022.

Figura 58 – Tuíte do jornalista Dale Johnson em que explica providência da Premiere League



Fonte: (@dalejohnsonESPN).

As linhas maiores são medidas em *pixel* pelo jornalista, cerca de 142 equivalente à 5 cm em campo. A margem de erro do VAR seria aumentada propositalmente, tal a tolerância da liga com lances de impedimento. O aumento da tolerância para análise de casos envolvendo impedimento foi aventado no Brasil por Renata Ruel, que depois da entrevista passou a incorporar o discurso científico em suas análises, como podemos notar na Figura 59.

Figura 59 – Tuíte de Renata Ruel sobre margem de erro em Campeonato Brasileiro



Fonte: @RuelRenata.

O que a comentarista explica é que dadas as condições e limitações da tecnologia, por bom senso, seria interessante que lances muito ajustados como este não fossem investigados pelo VAR, que estaria no jogo para achar erros graves e não pequenos. “Elefantes e não formigas”, como disse outrora o jornalista Gian Oddi.

O caso expõe que a *caixa-preta* do VAR está aberta, uma vez que se deflagra a impossibilidade de um sistema de medição com 100% precisão. As atualizações posicionais são feitas ora pelas federações locais, ora pela FIFA e pela IFAB.

O VAR enquanto inovação, traduzido pelos processos de adoção, renovava transformações nas regras e em outros arranjos do jogo de futebol. Em 2020, o ex-treinador Arsene Wenger, hoje dirigente da FIFA, propôs alterações nas regras de impedimento. A proposta visa beneficiar as situações de ataque. Qualquer parte do corpo do atacante que estiver atrás da linha do defensor habilitaria o atleta para seguir em frente com a jogada. *"Isso resolverá o problema [dos impedimentos] e não teremos mais decisões milimétricas quando o nariz do atacante estiver à frente dos zagueiros"* (WENGER, 2020)¹⁸³.

A proposta foi rejeitada pela entidade, que aposta em mais tecnologia para a resolução do problema. Um processo de marcação semiautomático para lances de impedimento. A partir de sensores distribuídos no estádio será possível identificar, segundo a entidade, o momento exato do toque na bola do jogador, resolvendo o problema do *frame* escolhido para o tracejo da linha. Neste sentido serão mapeados quase 30 pontos pré-determinados nos corpos dos atletas envolvidos no lance. Como podemos ver na Figura 60, disponibilizada pela própria FIFA:

¹⁸³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/20/wenger-tenta-mudar-regra-do-impedimento-por-causa-do-var-entenda-a-ideia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 20 jul. 2022.

Figura 60 – 29 pontos mapeados em corpo de atleta por sensores que irão auxiliar na marcação de lances de impedimento



Fonte: FIFA (2021).

A tecnologia nova, inscrita no processo de inovação a partir de movimentos de *translação* e *tradução* é atualizada (LATOIR, 2001). Novas mediações, sobreposições e interferências mobilizam FIFA e IFAB a procurarem alternativas que respondam às controvérsias identificadas em seu uso.

Tal atualização certamente irá reverberar nos processos de atualização do CBF VAR. Neste sentido, ainda é precoce fazer qualquer inferência sobre os seus efeitos no contexto do futebol brasileiro. Ainda que tenhamos analisado ocorrências situadas nos mais de quatro anos de implementação do VAR por aqui, a novidade que será apresentada ao mundo na Copa do Mundo do Catar em 2022 revela um cenário de desestabilizações.

A *caixa-preta* do VAR está aberta. Em nossa apresentação, observamos as defasagens entre aquilo que compreendemos como postulados de oferta e o seu reconhecimento em um cenário de midiatização, marcadas por disputas tecno-discursivas onde se misturam as gramáticas de produção e recepção do espetáculo esportivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O horizonte com o qual nos deparamos neste momento não nos oferece um ponto de chegada, conclusões definitivas sobre o fenômeno que procuramos observar. Busca-se sintetizar e de modo reflexivo o que apreendemos deste percurso: trajetórias, métodos, objetivos e inferências transversais. Um processo analítico que permita olhar para o que está disposto e projetar o que ainda merece ser investigado em incursões futuras.

Iniciamos esta tese com uma pergunta problema que deve ser lembrada neste momento de uma maneira resumida. Logo em nosso capítulo introdutório, nos perguntamos em que medida observar a circulação (instância de interação interpessoal mediada por tecnologias, marcada pelo desajuste estabelecido entre produtores e receptores (FAUSTO NETO, 2018)) nos ajudaria a interpretar as condições e ações comunicacionais - gramáticas de oferta e de reconhecimento (VERÓN, 2013) - inscritas no processo de implementação do VAR no futebol brasileiro em seus primeiros quatro anos de uso.

Como objetivo principal, almejamos perceber na circulação os processos comunicativos que atravessam a implementação do dispositivo CBF VAR no Brasil. Mais especificamente, buscamos perceber como o VAR desponta como objeto potente para pensarmos em questões da comunicação, das inovações e do esporte, observando as interpenetrações entre os sistemas sociais envolvidos neste processo. Objetivamos, portanto, capturar as primeiras consequências provocadas pelo VAR no espetáculo esportivo em um contexto do futebol nacional.

Nossos esforços foram organizados em quatro capítulos, após a Introdução. Organização que reflete nosso percurso de aproximação, captura de indícios e enfrentamento do nosso problema de pesquisa a partir da observação da midiaticização em um Caso que reflete sua complexidade.

No segundo capítulo, buscamos descrever como o VAR estava sendo percebido em um contexto ampliado de estudos acadêmicos, construindo uma historicidade do objeto, capturando indícios que nos permitissem ir adiante em um processo de afinamento das questões que desaguariam no problema comunicacional e mais especificamente como uma problemática da midiaticização.

Traçando um breve estado da arte, destacamos 29 trabalhos, entre artigos, dissertações e ensaios advindos de áreas distintas que nos revelaram a emergência de um objeto que suscitava questões relacionadas ao esporte, mas que também eram representativas de um tempo em que as mídias e seus processos tecnológicos se inscrevem de modo radical nos demais processos sociais. Neste sentido, é curioso perceber, enquanto conclusão desta primeira etapa, como todas

as reflexões por nós observadas (mesmo aqueles que não eram da Comunicação), em algum momento, foram atravessados por materialidades midiáticas advindas de fluxos distintos, tanto dos *media*, como também dos demais atores e campos sociais e suas instituições envolvidas com o processo da inovação.

Olhando para os trabalhos de outras áreas, identificamos uma dupla interdisciplinaridade, que envolve tanto os esforços de investigação do futebol, como também os estudos da comunicação. Como observa Martino (2021), nossa área passou a integrar o conjunto de interesses de áreas como Sociologia, da Filosofia, dentre outras, sobretudo aquelas ligadas às ciências sociais e humanas, na medida em que novos meios de comunicação de massa e seus produtos se integraram às mais diversas práticas sociais. Das materialidades extraídas do Campo dos *media*, os autores discutem questões pertinentes a suas problemáticas. Da matemática do paralaxe observada a partir da imagem advinda da transmissão esportiva aos problemas sociais percebidos a partir das discursividades daqueles que dissertam sobre a tecnologia.

Na busca pelo “desentranhamento do comunicacional” (BRAGA, 2011) do fenômeno foi possível extrair deste conjunto de trabalhos ao menos três aspectos fundamentais sobre o VAR, que mereciam ser tratados a partir de uma visada que valorizasse as interações e os processos comunicacionais. Discursos que constroem uma percepção ampliada e desordenada sobre o fenômeno.

Um primeiro aspecto diz respeito às implicações do dispositivo nas dinâmicas do jogo. Autores como Tonet (2020) destacavam a tecnologia de vídeo como um sintoma de um futebol que caminha em direção ao espetáculo, se distanciando de noções relacionadas ao “espírito de jogo”, teorizadas por autores consagrados como Huizinga (1999, p. 3).

A partir de nossa observação, identificamos que, embora o CBF VAR consista em um dispositivo de controle para aplicação das regras no futebol, o jogo e sua ludicidade se manifestam em outras instâncias, brechas do futebol espetacularizado, atravessados por lógicas da midiatização e por vários registros de suas manifestações através de mensagens.

A dimensão de “jogo” trabalhada na seção 2.1 emerge das festas das torcidas que usam o telefone celular como sinalizadores segundo várias operações sócio-simbólicas, na galhofa e na rivalidade construída nos *memes* que circulam nas redes sociais, nas lacunas deixadas pelo dispositivo de controle do futebol, onde jogadores simulam, ludibriam a tecnologia, seus olhos, desenvolvem estratégias em resposta, como no caso do torcedor do Santos que benze o VAR para que ele ajude, ou ao menos não atrapalhe seu time em um momento importante.

Um segundo aspecto tratado em nosso segundo capítulo está relacionado às transformações que o VAR oferece ao esporte, se apresentando no conjunto de suas interdependências

como uma inovação que modifica as dinâmicas da arbitragem e das próprias regras do futebol. O trabalho de Loureiro (2020), inspirado na noção de Norbert Elias, demonstra este cenário nas relações internas do jogo, normatizadas por FIFA e por IFAB, adotadas pela CBF e pelas federações locais.

A partir da perspectiva dos estudos do esporte, a noção de interdependência ajuda a observar como o futebol é construído de forma sistêmica pelas instituições e individualmente, na ação e compreensão dos árbitros a respeito de um novo elemento incluído a dinâmica do jogo.

Após observar o seu funcionamento, podemos concluir que os processos de interdependências envolvendo o VAR estão atravessados por processos socio-técnicos mediados. Não se dão apenas entre atores esportivos e instituições do esporte, mas entre os atores sociais que de um modo geral participam do procedimento, conferem valor ao dispositivo, descontextualizam e contextualizam seus sentidos na cotidianidade, até mesmo fora do esporte.

“Chamar o VAR” virou uma expressão popular de revisão para lances da vida que extrapolam a dimensão do esporte e mostram como as inovações são pensadas em laboratório (LATOURE e WOGLAR, 1997), mas processadas e traduzidas pela adoção em um processo de retroalimentação, que envolve controversas e um processo de estabilização ainda não identificado no caso da tecnologia de vídeo de futebol, ou seja, o VAR ainda não constituiu uma *caixa-preta* capaz de sedimentar e introjetar os seus processos de modo natural no jogo de futebol.

O VAR enquanto artefato tecnológico também precisou ser investigado a partir de uma perspectiva teórica que valorize as características inerentes à máquina, importantes para entendermos quais relações emergem dos objetos. Buscando sua ontogênese, como nos sugere Simondon (1989), descrevemos o seu funcionamento híbrido, em processos que envolvem a junção de máquinas fechadas e abertas. Isto é: marcado por processos de alta tecnologia como a linha de impedimento traçada via *software*, mas que também envolve e suscita processos de comunicação via rádio e análises de imagem abertas e transmitidas para o público.

Buscamos perceber como tal máquina se inscreve no futebol dentro de um contexto histórico, buscando perceber como se deram outras inovações e como essa se apresenta como uma das mais transformadoras do esporte neste período mais recente do futebol globalizado. Talvez por isso, identificamos muitos trabalhos que procuraram observar rapidamente seus efeitos na Copa do Mundo de 2018, megaevento entendido pela própria FIFA como representativo para afirmação da inovação no cenário mundial.

Neste sentido, poucos foram os trabalhos que apostaram em observações que valorizassem as defasagens entre os bons números apresentados pela FIFA a respeito do uso em campo e as queixas, incompreensões que emergiam tanto do campo de jogo, como na percepção de torcedores sobre a adoção do artefato em competições.

Nos aproximamos de perspectivas que buscassem capturar o que o VAR suscitava enquanto dispositivo, como bem indicou Melgaço (2021), mas em uma perspectiva local e em um período mais espaçado. Um dispositivo interacional (BRAGA, 2020) capaz de nos revelar um pouco mais sobre o futebol e sobre os arranjos propiciados pelo atual estágio da midiática na sociedade de uma forma mais ampliada.

Deste modo, embarcamos em questões interdisciplinares, com objetivo de desembarque na problemática da comunicação midiática, em busca de estabelecer nossos fundamentos teóricos e analíticos. Neste segundo momento, no segundo capítulo propriamente dito, buscamos primeiro estabelecer parâmetros entre os trabalhos que abordam a interface do esporte com a comunicação. Começamos por descrever a longa trajetória de investigações relacionadas aos processos de representação de nosso futebol a partir de discursividades jornalísticas e publicitárias. Aliás, descrevemos como o campo dos *media* e o futebol se retroalimentaram a partir de relações econômicas e discursivas, construindo um espetáculo moldado para ser visto, ser consumido, debatido e experienciado em esfera global.

A partir de nossas observações, percebemos como de algum modo os *media* se comportaram como co-enunciadores do VAR, primeiro em um processo, apresentando suas funcionalidades ao público, depois constituindo novas estratégias de observância de seu funcionamento, estabelecendo nova importância aos comentaristas de arbitragem, e também buscando assegurar seu lugar histórico de disputa e de controle pela construção das narrativas e das primazias de sentido sobre o jogo de futebol.

É que as condições de acesso e de produção de sentidos na midiática constituem uma nova ambiência (FAXINA E GOMES, 2016), um novo jeito de ser mundo, de jogar futebol, de consumir e se relacionar com o esporte. Evidenciamos isso em nosso processo de escrita, demonstramos como as práticas midiáticas ampliam os lugares de discussões do jogo. Não se trata apenas de deslocar o problema de investigação dos meios à problemática da recepção ampliada. Agora, a recepção age, constrói seus próprios sentidos sobre o futebol e sobre a inovação.

Em que lugar poderíamos observar as ações comunicacionais relacionadas a inovação advindas de distintos actantes no processo de implementação em contexto de midiática? Ora, na circulação: “Situada na arquitetura comunicacional e seus processos de midiática

crecente [...] institui novas formas de interação entre produtores e receptores de mensagens” (FAUSTO, 2010, p. 55).

Desenhemos na Figura 5 no capítulo 3 como se dariam estes fluxos comunicacionais em circulação. Da parte da oferta, advindas de ações comunicacionais de instituições cada vez mais midiáticas, tais como FIFA, IFAB e CBF, além é claro da dona patente do VAR, *Hawk-Eye*.

O campo dos *media* por sua vez oferece uma primeira leitura de uso, repercutindo leituras de especialistas, transmitindo os eventos, criando modos de inserir os protocolos do VAR dentro da linguagem do espetáculo esportivo. Os receptores e demais atores sociais também percebem o VAR ao seu modo nas plataformas e redes sociais, estabelecendo zonas de contato entre os actantes, onde podemos notar estratégias e sentidos que se tensionam, oferecendo a este trabalho um ponto potente para observação de como a inovação VAR tem sido percebida e traduzida em seu processo de adoção.

Neste sentido, o olhar direcionado para a circulação nos permite identificar as atividades esportivas dentro de campo envolvendo o VAR. Seu uso é percebido a partir das zonas de contato que revelam as interpenetrações sistêmicas (LUHMAN, 1998; 2011) do campo esportivo, midiático e até político como demonstramos em nossas análises.

Escolhemos delinear nosso procedimento metodológico de análise posteriormente à uma apresentação geral do objeto e de nosso arcabouço teórico, justamente por compreender as dificuldades que enfrentaríamos no processo de delimitação de um caso em contexto de mediação profunda.

Classificamos o VAR como um dispositivo interacional (BRAGA, 2020). Para Ferreira (2013, p. 147), “os dispositivos permitem a concretização da circulação, lugar misto. (...) não é meio nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio”. Tratamos de descrever também alguns aspectos deste dispositivo, notadamente seus arranjos a partir da leitura que Braga (2020) faz do conceito de dispositivo foucaultiano. Percebemos deste modo um dispositivo com seus múltiplos arranjos, que poderiam ser explorados a partir da definição de um Caso Midiatizado.

Este foi um dos grandes desafios oferecidos pelo nosso problema. Como observar um contexto tão abrangente, em uma ambiência midiática em que a circulação se dá em sentidos não lineares e reunindo heterogeneidades, racionalidades e interações? A definição pelo Caso Midiatizado segue uma tendência de trabalhos que tem surgido dos esforços de discentes do PPGCC da Unisinos, mais precisamente na Linha de Pesquisa 4 (Linha de Pesquisa em Mediação e Processos Sociais), algo que se especifica como referência em nossa bibliografia.

Ao contrário do caso midiático, em midiaticização é necessário um processo de clivagem, de delimitações ou tentativas de demarcações que organizem o processo investigativo. Uma vez que a não linearidade em seus fluxos não permite a definição de pontos de partida e de chegada, não é possível esgotar o caso, como propõe Becker (1999) em sua abordagem metodológica clássica. A esteira do fluxo adiante marca os casos em midiaticização, neste sentido escolhemos fazer alguns recortes mais que nos permitiram organizar o Caso do CBF VAR Midiaticizado.

Primeiro, decidimos observar o VAR em seu contexto local, após apresentar indícios coletados ao longo de quatro anos e apresentá-los em artigos e trabalhos de disciplinas durante as atividades do doutoramento. A partir desses indícios, percebemos características particulares do CBF VAR, tanto do ponto de vista das estratégias de oferta como também do ponto de vista de sua adoção, percebida pelos atores sociais e instituições em um processo de circulação igualmente particular, inscritas em contexto de crises institucionais (relacionadas a CBF) envolvendo a arbitragem brasileira e o modo como os atores sociais envolvidos com o esporte produzem leituras sobre a inovação a partir de realidades diversas.

Nossa clivagem se deu sobre eventos que demarcassem de alguma forma fases distintas da adoção do VAR nas competições do país, aonde pudéssemos perceber as atualizações estratégicas da entidade e a percepção dos atores sociais em um cenário mais regular e cotidiano, diferente da sua observação em *megaeventos* que se dão de forma esporádica em contextos excepcionais.

De outubro de 2018 a junho de 2022 elegemos aquilo que chamamos de três ocorrências constitutivas de nosso Caso em Midiaticização, dispositivos, lances envolvendo o CBF VAR que emergem do campo de jogo, ganham os debates esportivos nos *media*, nas redes e nos permitem capturar as tensões e as disputas que atravessam o processo de inovação.

Para organizar estes fluxos, os DA (dispositivos analíticos, capazes de capturar aspectos da circulação em sociedade em midiaticização) trabalhados por Carlón (2014; 2017) foram fundamentais para a formulação de uma metodologia capaz de enfrentar os desafios impostos para o nosso caso midiaticizado, organizando os seus sentidos e possibilitando uma descrição cronológica de cada fato.

É possível tirar conclusões específicas de cada ocorrência observada, que depois, ao final, nos conduzem em direção a reflexões mais abrangente acerca do Caso. Na primeira ocorrência elencada, ainda no ano de 2018, percebemos os esforços afirmativos da CBF em implantar o VAR como uma resposta à altura aos desgastes que a instituição vinha sofrendo em sua imagem, após escândalos de corrupção e sucessivas crises em seu quadro administrativo.

Entretanto, foi só a bola rolar para percebermos uma discrepância entre aquilo que a entidade enunciava em seus manuais e em notícias disponíveis em canais institucionais, com o que vinha sendo notado pelos atores em circulação. Ora, logo o CBF VAR foi atrelado à arbitragem brasileira e aos seus contextos de crises e problemas estruturais. O VAR só funciona bem em lugares em que arbitragem é boa, concluiu o jornalista Paulo Vinícius Coelho (2022).

A partir da observação daquilo que emerge enquanto sentido a partir do gol anulado de Pedrinho na final da Copa do Brasil, foi possível notar os primeiros estranhamentos relacionados aos efeitos do dispositivo na temporalidade e espacialidade do jogo, aos efeitos do dispositivo em sua dinâmica, interrompendo algumas emoções e criando novas situações e tensões para o jogo de futebol. Gritar o gol, agora, exige a cautela e a percepção da interferência ou não do árbitro de vídeo – que, por sua vez, no país, ainda busca o tom entre a omissão e o intervencionismo em relação à autoridade do árbitro de campo.

Se a CBF comemorava o sucesso do árbitro de vídeo em campo, fora dos gramados os atores já indicavam um caminho mais longo para estabilização do processo de inovação. Alguns criticavam o uso intervencionista, outros já incorporavam o VAR aos discursos clubistas, aos *memes*, à história do jogo.

O VAR chegava de forma definitiva no futebol brasileiro. Mas os anos seguintes foram marcados por atualizações nos seus modos de uso. A CBF buscava tornar os seus processos mais transparentes. Emissoras investiam cada vez mais em especialistas de arbitragem. Gaciba saiu da Central do Apito e vai à presidência da Comissão de Arbitragem da CBF.

No Campeonato Brasileiro de 2019, ele é adotado de forma definitiva. A partir desse momento, conseguimos organizar melhor os lances disruptivos que demonstravam um cenário de uma crise na arbitragem brasileira agravada pelo uso do VAR.

Construímos uma historicidade das atualizações do CBF VAR até 2021, quando localizamos nossa segunda ocorrência. O jogo entre Flamengo e Bahia marca a briga do árbitro com a imagem, efeito de pressões advindas das leituras externas sobre o uso do VAR. O erro claro na marcação de pênalti para o Flamengo culmina na demissão do chefe de arbitragem e chama atenção para os processos de interpenetração dos sistemas sociais.

As leituras do campo midiático sobre a inovação influenciam nas decisões e nas atualizações disposicionais do CBF VAR. Os modos de ver e de observar dos demais atores sociais também. São níveis distintos de observações sobre o uso da inovação, que ascendem do dispositivo e de seus artefatos à cultura do jogo de futebol.

O campo dos *media* também se atualiza. As disputas sobre a observação do VAR se intensificam. A Central do Apito cria novas polêmicas, novas instâncias de debate, geram incômodos tanto no fazer prático dos juízes como no fazer jornalístico de outros profissionais, que denunciam a emergência da hegemonia opinativa advinda do discurso dos especialistas em arbitragem.

Neste sentido, em circulação, a partir do acionamento dos fluxos dos dispositivos analíticos, observamos as lutas, as disputas pelo sentido do jogo entre os sistemas estabelecidos pelos campos midiático esportivo.

Nossa terceira ocorrência revelou algo mais implícito na relação entre a prática profissional da arbitragem e as relações estabelecidas com o artefato. Uma relação em defasagem, estabelecida a partir de processos tentativos, de calibragem dos arranjos que se atualizam na medida em que são percebidos pelos coletivos e atores sociais que passam a debater as inovações no processo de circulação.

A implementação do VAR em contexto local também revelou aspectos importantes de como o jogo e os seus sentidos são construídos por aqui. Em nenhum momento objetivamos verificar se o VAR brasileiro funciona ou não. Se trabalha melhor que outros espalhados pelo mundo. Se traz mais problemas do que soluções ou se resolve de forma satisfatória parte dos problemas da arbitragem.

Os estudos em mediação permitiram uma análise sobre o VAR em uma perspectiva em que ele é meio, instrumento de vigilância e controle de jogo e também dispositivo, sobre o qual pudemos analisar como a sociedade se relaciona com o esporte espetacularizado. A emergência do árbitro de vídeo como questão expõe esta interface, reveladora das práticas mediadas que atravessam as relações na contemporaneidade.

A mediação abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea (GOMES, 2016).

Este novo ambiente social juramenta a mediação das instituições. Difícil encontrar alguma que não esteja presente nas plataformas e redes, que não desenvolva estratégias de comunicação para legitimação de suas atividades. As práticas comunicativas se estabelecem nas interdependências das organizações, aceleram e dinamizam os processos de interação. As mídias se integram à vida social de modo intenso e o futebol é revelador deste cenário.

Pudemos observar atividades em midiatização em todas as instituições envolvidas com o processo de inovação do VAR nas práticas de sua oferta, sobretudo a partir de ações da FIFA, IFAB e CBF, que desenvolvem documentos e manuais explicativos de seu uso e compartilham os processos de treinamento dos árbitros.

A prática jornalística profissional também se adequa às novas possibilidades do mundo digital. Jornalistas profissionais não atuam mais de forma exclusiva em canais consagrados dos *media*. Experimentam outros formatos proporcionados pelas tecnologias digitais: *podcasts*; canais no *Youtube*; contas em redes sociais. Realizam um contato mais imediato com a audiência, interações que se realizam em *feedbacks* mais imediatos.

Os micro-acontecimentos resultam em polêmicas que ascendem com a mesma intensidade e velocidade com que são substituídas por novos fatos nas redes sociais. O *Twitter* se revelou como este espaço no qual pudemos investigar as manifestações. Nos comentários, nos *trending topics*, pelas *hashtags*, jornalistas, empresas de comunicação, atletas, torcedores, clubes e CBF discutem rodada a rodada aspectos relacionados à sua inovação.

Observando as zonas de contato nesses espaços, podemos descrever o processo de interpenetração, conceito extraído da teoria sistêmica de Luhmann (2011), tanto por Verón (2013) como por Fausto Neto (2012; 2018), que explica a dinâmica entre os sistemas socioindividuais e os sistemas sociais, dentre eles os *media*, as mídias, além dos campos esportivo, político e econômico que, em nosso caso, se integram aos processos e aos produtos do futebol espetacularizado.

Luhmann (2011) explica que as interpenetrações são marcadas pelos feixes de relações e de mútuas afetações que se estabelecem reciprocamente segundo em desordem de seus *feedbacks* em processos não-lineares:

No caso da interpenetração, o sistema receptor exerce também uma influência retroativa sobre a formação de estruturas do sistema penetrador, intervindo, portanto, de duas formas: a partir do interior e do exterior. [...] os sistemas que se interpenetram permanecem meio um para o outro, significando que a complexidade que mutuamente disponibilizam é inapreensível, isto é, desordem (LUHMANN, 2011 p. 267-268).

Como conclusão, podemos afirmar que o VAR se atualiza em decorrência deste processo de interpenetrações, que se estabelecem tanto a partir dos processos de produção de sentido como de reconhecimento. Surgem novas gramáticas atravessadas por lógicas e operações discursivas de quem participa do jogo de futebol e também de quem o percebe a partir dos processos de recepção do espetáculo esportivo.

Neste sentido, a CBF mediatiza suas estratégias de oferta. Busca interlocutores para conferir legitimidade ao dispositivo. Mas é na circulação que ela é tensionada, validada ou descredibilizada. Suas defasagens se materializam a partir das discussões entre especialistas e torcedores que de certa maneira interferem nos processos de atualização e aperfeiçoamento da tecnologia, conforme vimos.

Embora o VAR apresente bons resultados no sentido de diminuir os erros da arbitragem em campo, o processo de inovação é percebido por suas defasagens (descontinuidades, instabilidade em suma) por aquilo que ainda está sendo construído e percebido em diferentes coletivos.

Esta talvez seja a principal reflexão extraída de nossos esforços. No contexto da mediação, a circulação e os processos discursivos que nela se concretizam são o espaço em que os agentes inovadores se conectam com o processo de adoção, este espaço é, portanto, subsídio e desafio para os laboratórios, pois exprimem a experiência compartilhada acerca do VAR.

Como conclusões provisórias e indícios para **futuras investigações**, identificamos novas discussões que emergem a partir da observação do VAR. A primeira diz respeito à vigilância, questão que emerge da própria infraestrutura e principal oferta do VAR. Um dispositivo de controle, “máquina olhante” que, como demonstramos no capítulo 3, suscita pensarmos nas subjetividades construídas na sociedade disciplinar descrita por Foucault (2009) e também o relacionar à sociedade do controle, posterior, em que, para Deleuze (1992, p. 216), seus mecanismos “funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea”.

Entretanto, inscrito no cenário de mediação, o VAR apresenta uma nova instância de vigilância, não apenas pelo controle que estabelece no jogo, mas pelas vigilâncias outras que se revelam no processo de observância do futebol espetacularizado. A profusão de mídias digitais, câmeras em celulares cada vez mais baratos, transformam, segundo Bauman (2014), “a visão das pessoas sobre o que deve ser público e o que deve ser privado”.

Atores sociais anônimos produzem sua vigilância, disponibilizam dados privados em plataformas e redes sociais. Fotografias, dados de sua localização, subjetividades relacionadas ao consumo capturados na datificação. Ao perceberem o VAR, produzem discursividades sobre o seu uso, vigiam o trabalho dos árbitros e dos técnicos. Colocam o VAR em movimento para além do campo de futebol.

Instauram-se vigilâncias sobre as vigilâncias. A Central do Apito dos canais Globo lembram uma sala de monitoramento de controle de segurança. Os áudios, rastros produzidos pelos

dispositivos, convêm de material para avaliação do trabalho dos profissionais. Nas redes, o usuário do *Twitter* “VAR CHECK BRAZIL” mostra como sujeitos anônimos criam suas próprias vigilâncias sobre o modo de vigiar do dispositivo.

O cenário de vigilâncias se expande no processo em que jogadores são monitorados por torcedores, produzindo evidências contra si mesmos, são vigiados em seus momentos de lazer. O silêncio dos árbitros é sintoma de uma autoridade ameaçada por processos outros, já que a mediação arrefece sua mediação. Os dispositivos não apenas auxiliam os árbitros, mas também defrontam sua autoridade com o imperativo do artefato tecnológico, máquinas perturbadoramente vivas (HARAWAY, 2005), que a cada dia se fazem mais presentes nas processualidades sociais.

O arrefecimento da mediação dos árbitros vai ao encontro com um cenário geral estabelecido pela mediação, que desestabiliza antigos processos transformando os campos políticos, jurídicos, econômicos e também esportivos. É de certa forma uma evidência do processo interacional de referência, como propõe Braga (2006).

É preciso reconhecer também que a mediação observada neste trabalho se encontra em um estágio de transformação, como sugerem Couldry e Hepp (2020), um cenário de datificação. Neste, sobressaem processos cada vez mais automatizados, propiciados por meios computacionais e algoritmos que agem no cotidiano social. Estão presentes por toda parte, na hora em que escolhemos filmes em plataformas de *streaming*, no modo como nos relacionamos afetivamente por aplicativos de namoro, na forma como nos locomovemos, assistimos futebol, dentre tantos outros exemplos.

A plataforma da sociedade (VAN DIJCK, 2013) designa a forma como as tecnologias digitais contemporâneas criam infraestruturas no atual modo de produção capitalista, gerando fissuras e modelos semelhantes para todos os setores da sociedade. Mais do que mediadoras, as tecnologias digitais são “meios de organização das atividades de trabalho e de comunicação” (GROHMANN E QIU, 2020, p. 3-6). Especialmente um novo tipo de trabalho simbólico, que vai além das materialidades.

Esta pode ser a chave para trabalhos futuros que desejem pensar o VAR a partir deste viés, compreendendo-o como um produto da datificação, que altera a atividade profissional dos árbitros a partir de seus mecanismos cada vez mais automatizados, influenciando de modo colateral no trabalho de jornalistas e nos processos já estabelecidos do espetáculo esportivo.

Por aqui, pensamos o VAR como uma inovação percebida a partir dos sentidos produzidos por sujeitos e instituições na dimensão da circulação (ainda que em plataformas e redes sociais também em tempos atuais atravessadas pela organização de algoritmos).

Nosso trabalho foi realizado a partir da constituição de um caso midiaticizado, que, por um lado, fez com que abrissemos mão de uma investigação aprofundada sobre um acontecimento específico. E, por outro, a ampliação de nosso recorte foi fundamental para percebermos as particularidades da implementação do VAR no Brasil. Um VAR que se mistura ao drama e à singularidade do futebol nacional, de suas particularidades, problemas e vícios.

Um VAR à brasileira e o seu processo de implementação nos ofereceram a possibilidade de observação expandida dos processos de inovação e de suas atualizações. Da falação esportiva, podemos extrair indícios relevantes de como se dão as inovações em um cenário marcado pela midiaticização das instituições e atores sociais envolvidos com o esporte.

Encerramos nossos esforços neste momento, mas o VAR segue sendo atualizado, provocando novos debates, transformando o futebol e suas interdependências. Novas investigações sobre novos cenários são fundamentais para a construção de uma história relacionada a esta inovação, que nos ajuda a contar a história das transformações sociais implicadas de forma radical pelos processos comunicacionais.

Neste sentido, acreditamos que nosso trabalho **contribuiu para o campo** com reflexões sobre o esporte em midiaticização, explorando os processos de interpenetração que o constitui. Além disso, permitiu reflexões acerca das inovações neste cenário atravessado por novas lógicas e gramáticas reveladoras dos processos econômicos, políticos e sociais que podem ser observados no futebol e em outras esferas do cotidiano. Metodologicamente, também apresentamos soluções para o enfrentamento de Casos em um contexto de midiaticização, recortes que buscam organizar um cenário complexificado por ações comunicacionais não-lineares.

Admitimos que nossa interlocução se baseou essencialmente com um arcabouço teórico da midiaticização latino-americana e nacional. Uma percepção ampliada dos estudos internacionais tanto sobre o VAR como sobre o esporte, que aqui aparecem como indicativos, serão importantes para constituirmos nossos próximos passos na busca das definições das particularidades do processo de adoção do VAR no Brasil.

Em muitos momentos deste trabalho utilizamos a primeira pessoa como forma de aproximar a leitura do pesquisador com o tema que lhe é caro seja em seu exercício profissional ou em sua experiência pessoal e passional com o esporte. Para finalizar esta tese proponho novamente uma guinada interpretativa.

Talvez seja cedo para referendar o tamanho da transformação que o VAR oferece ao esporte. Mas certamente a discussão midiática que se estabelece ao seu entorno revela e sintetiza um cenário de mudanças profundas na antiga relação entre esporte e mídia. Uma

relação de retroalimentação que culmina em novos processos no fazer e no consumir o futebol espetacularizado.

Me coloquei diante deste desafio de organizar minimamente este cenário de desordem das práticas midiáticas que envolvem o VAR, não buscando ordenar fluxos, mas buscando identificá-los, trazendo a luz onde as discursividades de naturezas distintas se encontram dando novos sentidos e novos contornos ao jogo de futebol.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Mateus Kerr. **O VAR e o tempo**: a dinâmica das transmissões esportivas com a utilização do árbitro de vídeo. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8692>. Acesso em 18 ago. 2022.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- _____. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Edição alemã de Rolf Tiedemann; organização da edição brasileira Willi Bolle; colaboração na organização da edição brasileira Olgária Chain Féres Matos; tradução do alemão Irene Aron; tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão; revisão técnica Patrícia de Freitas Camargo; posfácios Willi Bolle e Olgária Chain Féres Matos. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BERTONI, Anaís Schüler. **Um Uber para chamar de teu, Porto Alegre**. As estratégias de comunicação entre o duplo desafio: mídiatização da inovação e da conjuntura de risco/Covid-19. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10920>. Acesso em 25 ago. 2022.
- BORGES, Bernardo Buarque de Hollanda. Futebol, arte e política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. **Organizações & Sociedade**, vol. 16, n. 48, jan./mar., 2009, p. 123-140.
- BOSCHILIA, Bruno; MARCHI JUNIOR, Wanderlei. As novas tecnologias no futebol: algumas reflexões sobre o fair play na contemporaneidade. **Esporte e Sociedade**, ano 14, n. 34, 2021, p. 1-19
- _____. O VAR na perspectiva dos 5E's: possibilidades de compreensão do futebol contemporâneo. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, vol. 26, n. 282, 2021, 2-16.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A., JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs). **Mediação & mídiatização** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.
- _____. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, n. 2, abr., 2008, p. 73-88.
- _____. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, vol. 25, n. 58. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2011.

_____. Dispositivos interacionais. In: **Anais do 20º Encontro Anual da Compós**, 2011, Porto Alegre. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/papers/dispositivos-interacionais>. Acesso em: 20 ago. 2022.

_____. Dispositivos Interacionais. In: BRAGA, José Luiz et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p. 16-41.

_____. Lógicas da mídia, lógicas da midiática? In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lins (orgs.). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre Mediatizaciones**. Rosario: UNR, 2015, p. 15-32.

_____. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, vol. 1, n. 2, jul./dez., 2006, p. 9-35

_____. **Uma conversa sobre dispositivos**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Sulina, 2004.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 2001.

CARLÓN, Mario. En el ojo de la convergencia. Los discursos de los usuarios de Facebook durante la transmisión televisiva de la votación de la ley de matrimonio igualitario. In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antônio (orgs.). **Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación**. Buenos Aires: La Crujía, 2012, p.173-194.

_____. La cultura mediática contemporánea: otro motor, otra combustión (segunda apropiación de la Teoría de la Comunicación de Eliseo Verón: la dimensión espacial). In: CASTRO, Paulo César (org.). **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento**. Maceió: EDUFAL, 2017. p. 25-48.

_____. Maquinismo, naturaleza y sociedad en el discurso de las cámaras de informes climáticos y de control de tránsito por televisión. **CIC - Cuadernos de Información y Comunicación**, Buenos Aires, vol. 13, 2008, p. 131-141.

_____. Público, privado e íntimo: el caso Chicas Bondi y el conflicto entre derecho a la imagen y libertad de expresión em la circulación contemporánea. In: CASTRO, Paulo César (org.). **Dicotomia Público/Privado: estamos no caminho certo?** Maceió: Edufal, 2015, p.211-232.

_____. Sujetos telespectadores y memoria social. In: CARLÓN, Mario. **Sobre lo televisivo: dispositivos, discursos y sujetos**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

_____. Tras los pasos de Verón... Un acercamiento a las nuevas condiciones de circulación del sentido en la era contemporánea. **Galaxia** (São Paulo, online), n. 43, jan./abr., 2020, p. 5-25.

CARVALHO, Natália da Silva. **O que é que o Bahia tem? Não é só futebol: ações de comunicação entre clube e torcedores - estudo de campanhas de Comunicação desenvolvidas pelo Esporte Clube Bahia em 2019**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11061>. Acesso em 22 ago. 2022.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da Conceição. As VÁRIas regras no futebol e o seu efeito na VÁRzea. **Ludopédio** [online], 26 maio 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/as-varias-regras-no-futebol-e-o-seu-efeitona-varzea/>. Acesso em 20 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Regras de Futebol 2017/18**. Rio de Janeiro: CBF, 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Regras de Futebol 2019/2021**. Rio de Janeiro: CBF, 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Regras de Futebol 2021/2022**. Rio de Janeiro: CBF, 2017.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; BRINATI, Chico; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira (orgs.). **Futebol: fato social total**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2020.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2020.

_____. Conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments. **Communication Theory**, v. 23, n. 3, 2013, p. 191-201.

D'ANDREA, Carlos; MELGAÇO, Leonardo. Tecnologias emergentes: 'questões problemáticas' do VAR tuitadas durante a Copa 2018. **Anais do 28º Encontro Anual da Compós**, Porto Alegre, 2019.

D'ANDRÉA, Carlos; STAUFF, Markus. Mediatized Engagements with Technologies: "Reviewing" the Video Assistant Referee at the 2018 World Cup. **Communication & Sport**, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/21674795221076882>. Acesso em 25 ago. 2022.

DA MATTA, Roberto et. al. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMASIO, João. **O caso dos museus espíritas: iconicidade do imaginário na midiatização**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11761>. Acesso em 25 ago. 2022.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola Superior de Educação Física, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5343>. Acesso em 03 abr. 2016.

_____. Futebol e antropológico. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). **O futebol nas ciências humana no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2020, p. 309-337.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1992.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Cinema 2. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. O ato de criação. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais

_____. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Veja, 1996, p. 83-96.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

DIAS, Thiago N. P. S.; COUTO, Victor F. B. **O árbitro assistente de vídeo na Copa do Mundo de 2018**. Monografia (Educação Física), Universidade Federal do Espírito Santo, 2018. Disponível em:

https://cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/thiago_nery_e_victor_furtado_-_o_arbitro_assistente_de_video_na_copa_do_mundo_de_futebol_de_2018.pdf. Acesso em 10 ago. 2022.

ECO, Umberto. **A falção esportiva - viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1993.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação. In: **Alceu**, v. 10, n. 20, jan./jun., 2010, p. 55-69.

_____. Circulação além das bordas: In: FAUSTO NETO, Antônio; VALDETTARO, Sandra(orgs). **Mediatización, Sociedad y Sentido**. Coloquio del Proyto “Mediatización, Sociedad y Sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasilenos y argentinos”, 2010.

_____. Circulação: trajetos conceituais. In: **Rizoma**, v. 6, n. 2, jul./dez., 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>. Acesso em 20 mar. 2020.

_____. Coronavírus - sentidos em circulação: do laboratório às discursividades sociais. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 19, n. 35, 2020, p. 61-71.

_____. Da convergência/divergência à interpenetração. In: **Operações de mediação: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo**. Santa Maria, RS: Facos-UFSM, 2016, p. 53-81.

_____. Fragmentos de uma analítica da mediação. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2008.

_____. Mediação: prática social, prática de sentido. In: **Anais do Encontro Rede Prosul: comunicação, sociedade e sentido**. São Leopoldo: Unisinos. PPGCC, 2006.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Mediação: um novo modo de ser e viver em sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FARREL, Mathew. A Brief History (And Defense) of VAR. **soccer politics: a discussion forum about the power global game**, 2019. Disponível em: <https://sites.duke.edu/wcwp/2019/04/01/a-brief-history-and-defense-of-var/>. Acesso em 18 ago. 2022.

FERNANDES JUNIOR, Rodrigo. **Participação do árbitro de vídeo (VAR) na Copa do Mundo da FIFA de 2018**. Monografia (Educação Física), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/203985>. Acesso em 22 ago. 2022.

FERREIR, Jairo. O objeto, o método e a metodologia na pesquisa da circulação e mediatização (inferências a partir da obra *Ethnographie de l'exposition*). **Famecos**, vol. 27, n. 1, jan./dez. 2020, p. 1-17.

_____. Adaptação, disrupção e reação em dispositivos midiáticos: questões sobre a incerteza e indeterminação nos processos de mediatização. In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lins (orgs.). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre Mediatizaciones**. Rosario: UNR, 2015. p. 71-86.

_____. As metamorfoses da circulação: dos fluxos às questões de reconhecimento. In: A CASTRO, Paulo César (org.). **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento**. Maceió: EDUFAL, 2017. p. 109-124.

_____. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições. In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (orgs.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013. p. 140-155.

FERREIRA, Felipe; OLIVEIRA, Edilson; SILVA, Emanuel Tavares. Futebol na rede: uma análise dos twitters sobre a utilização da arbitragem de vídeo nas finais do Campeonato Paulista de Futebol de 2019. In: **Anais do II Seminário Internacional de Estudos Interdisciplinares do Esporte e da Sociedade**, vol. 1, n. 2, 2019, Disponível em: <https://siseve.apps.uepg.br/storage//siiefs2019/docs/03-001.pdf>. Acesso em 3 jan. 2020.

FERREIRA, Fernando da Costa. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). **O futebol nas ciências humana no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2020, p. 508-524.

FIFA. FIFA. Site. Disponível em: <https://www.fifa.com/>. Acesso em 10 ago. 2022.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FINK, Eugen. **Play as Symbol of the World**. Trad. A. Moore e C. Turner; Bloomington, EUA: Indiana University Press, 2016.

FLICHY, Patrice. Internet, um mundo para os amadores. In: FLICHY, Patrice; FERREIRA, Jairo; AMARAL, Adriana (orgs.). **Redes digitais: um mundo para os amadores**. Novas relações entre mediadores, mediações e mediatização [recurso eletrônico]. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016. p.13-48.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FORD, Aníbal. La exasperación del caso. In: FORD, Aníbal. **La marca de la bestia**: Identificación, desigualdades e infoentretenimento en la sociedad contemporânea. Buenos Aires: Norma, 1999, p. 245-287.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FREIRE, Víctor Ramos. “The video is wrong”: notas etnográficas sobre a introdução do árbitro de vídeo na Copa do Mundo televisionada. In: **Anais da ReACT - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, vol. 4, n. 4, 2019, p. 1-17.

_____. **O drama do árbitro de vídeo**: objetividade e interpretação no futebol brasileiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/42345/1/2021_VictorRamosFreire.pdf. Acesso em 10 ago. 2022.

_____. **Precisão, justiça e favorecimento**: a arbitragem de vídeo na Copa do Mundo de 2018. Monografia (Ciências Sociais), Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/27258>. Acesso em 19 ago. 2022.

FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro. In: FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM 2012.

_____. **O livro dos abraços**. 5.ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.

GASTALDO, Édison. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 39-51, mar., 2011.

_____. Futebol e estudos de comunicação no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani, PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2020, p. 399-410.

_____. Futebol midiaticizado e sociabilidade masculina: apontamentos etnográficos. In: **Anais da 25ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2006.

GASTALDO, Édison; HELAL, Ronaldo. Homo-ludens e o futebol espetáculo. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, 2013, p. 111-122.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

GIGLIO, Sérgio Settani, PRONI, Marcelo Weishaupt. A polêmica sobre o VAR e suas consequências no futebol. In: GIGLIO, Sérgio Settani, PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2020, p. 309-337.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiaticização**: um conceito em evolução. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2017.

_____. A midiaticização, espiritualidade e internet. In: FERREIRA, Jairo; DA ROSA, Ana Paula; FAUSTO NETO, Antonio, BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro Gilberto (orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiaticização**. Santa Maria RS: FACOS - UFSM, 2018, p. 241-249. Disponível em: <http://midiaticom.org/files/entreoquesedizeoquesepensa.pdf>. Acesso em 22 ago. 2022.

GROHMANN, Rafael; QIU, Jack. Contextualizando o trabalho em plataformas. **Contracampo**, Niterói, vol. 39, n. 1, abr./jul. 2020, p. 1-10.

GUIMARÃES, M. C.; COSTA, G. T. A influência do VAR no resultado final do Campeonato Brasileiro de 2019. **RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, vol. 12, n. 49, 2021, p. 502-506.

GUMS, Elyson; IOSCOTE, Fabia; MICHAELA JOHN, Valquira. VAR na mídia: Uma análise das notícias e interações no portal trivela sobre o uso do árbitro de vídeo no futebol brasileiro. In: **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, São Paulo, 2018.

GÜRLER, C.; POLAT, V. Efeito do árbitro assistente de vídeo no futebol: caso da Superliga turca. **RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, vol. 13, n. 52, 2021, p. 118-124. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1080>. Acesso em 18 ago. 2022.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

HJARVARD, Stig. **Da mediação à midiaticização**: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, jul./dez. 2015.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo, 1999.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KUBAYI, ALLIANCE; LARKIN, PAUul., The impact of video assistant referee (VAR) on match performance variables at men's FIFA World Cup tournaments.. - Proceedings of the Institution of Mechanical Engineers, Part P: **Journal of Sports Engineering and Technology**. Vol 236, 2021. Disponível em::

https://www.researchgate.net/publication/349885930_The_impact_of_video_assistant_referee_VAR_on_match_performance_variables_at_men's_FIFA_World_Cup_tournaments/citation/download. Acesso em 18 ago. 2022

LATOURE, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: Edusc, 2001.

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Reassembling the social**: an introduction to actor-network-theory. New York: Oxford University Press, 2005.

LATOURE, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEMOS, André. **A Comunicação das Coisas. Teoria Ator-Rede e cibercultura**. SP, Annablume, 2013

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Olhar escutar ler**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Companhia das Letras, 1977.

LIVINGSTONE, S. On the mediation of everything: ICA presidential address 2008. **Journal of Communication**, v. 59, n. 1, 2009, p. 1-18.

LOUREIRO, Luiz Augusto Zafalon. **Futebol e controle do jogo**: as interdependências do árbitro brasileiro na configuração VAR. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Sistemas sociais**: esboço de uma teoria geral. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MARTIN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.

MARTINO, Luís C. De qual comunicação estamos falando? In: FRANÇA, Vera Veiga ; MARTINO, Luiz C.; HOHLFELDT, Antonio (orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: 2012, p. 11-27.

MARTINS, Gabriel; GARCIA, Matheus. Futebol, o ópio do capital: apontamentos sobre a relação entre a Superliga e acumulação capitalista. **Estudos Marxistas**, 2021. Disponível em: <https://estudosmarxistas.ufsc.br/2021/04/29/futebol-o-opio-do-capital-apontamentos-sobre-a-relacao-entra-a-superliga-e-acumulacao-capitalista/>. Acesso em 5 ago. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, v. 10, n. 17. 2013, p. 142-170.

MELGAÇO, Leonardo. **VAR**: atualizações disposicionais durante a Copa do Mundo FIFA 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34329>. Acesso em 20 fev. 2021.

MIÈGE, Bernard. A convergência das TIC: um percurso já com cerca de 25 anos. In: **Operações de midiaticização: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo**. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2016, p. 17-32.

MONTAÑO, Sonia. **Plataformas de vídeo: apontamentos para uma ecologia do audiovisual da web na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MUSEU DO FUTEBOL. **Museu do Futebol**, 2022. Notícias. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/noticias/>. Acesso em 15 ago. 2022.

NETO, Michel Nicolau; CAVALCANTTI, Sávio. Futebol e capitalismo: Mercadorização do esporte e formação de uma cultura neoliberal. In: GIGLIO, Sérgio Settani, PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2020, p. 276-291.

NUNES LEITE, Sandra. **A lógica midiática na ação comunicacional da inovação**. Maceió, 2009.

OLIVEIRA, A. C. et al. A nova tecnologia no futebol: diálogos sobre a influência do VAR. **RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, vol. 12, n. 47, 2020, 94-102. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/898>. Acesso em 18 ago. 2022.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. Por uma Geografia Urbana da Resistência: Homenagem a Gilmar Mascarenhas. **Continente**, n. 14, set. 2019, p. 273-293. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/236>. Acesso em 15 ago. 2021.

PALMEIRO, Nuno M. M. **Referencial para a utilização de técnicas de inteligência artificial no futebol**. Dissertação (Mestrado em Gestão de Informação), Universidade Nova, 2020. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/97200>. Acesso em 10 ago. 2022.

QUEIROZ E MELO, M. F. A.; MORAES, M. O. A técnica como modo de existência: um diálogo entre as ideias de Latour e Simondon. **Memorandum**, vol. 31, 2016, p. 276-297. Disponível em: seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6198. Acesso em 18 ago. 2022.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Revan; Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2000.

ROSA, Ana Paula da. Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor. In: **Anais do V Colóquio Semiótica das Mídias**, Japaratinga, 21 de setembro de 2016. Disponível em http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm5/CSM5_AnaPaulaRosa.pdf. Acesso em 10 mar. 2021.

_____. **Imagens-totens: a fixação de símbolos nos processos de midiaticização**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3429>. Acesso em 25 ago. 2022.

ROSA, Bianca. **Estratégias de construções jornalísticas Lava Jato e Vaza Jato**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos

Sinos, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9958>. Acesso em 25 ago. 2022.

SAID, Gabriel. O VAR é burro. **Ludopédio**. 25 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-var-e-burro/>. Acesso em 2 ago. 2020.

SALOMÃO, Waly. **Hélio Oiticica: qual é o parangolé? Teoria Ator-Rede**. SP, Companhia das Letras, 2013

SILVA NETO, José Pereira. **Análise comparativa entre o número de infrações nas Copas do Mundo de Futebol de 2002, 2006, 2010, 2014 com a copa de 2018: mudanças implementadas pelo árbitro de vídeo**. Monografia (Educação Física), Universidade Federal de Pernambuco, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/42572?locale=pt_BR. Acesso em 21 fev. 2022.

SILVA, Leonardo Oliveira da. **O jogo de forças no futebol midiaticizado: A nova relação entre clubes e repórteres setoristas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

SILVA, Orlando C. **Comparação entre os números de pênaltis no campeonato brasileiro da série A: antes e após a implantação do árbitro de vídeo (VAR)**. Monografia (Educação Física), Universidade Federal de Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43827>. Acesso em 21 fev. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Gislene. **Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiaticização?** In: JANOTTI Junior, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Midiaticização**. Salvador – Brasília; EDUFBA - Compós, 2012

SILVEIRA, Márcio Telles. A recriação dos tempos mortos do futebol pela televisão: molduras, moldurações e figuras televisivas. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/72639>. Acesso em 15 ago. 2021.

SIMBERG, Lucas S.; NOTARE, Márcia R. **Futebol em sala de aula: a geometria dinâmica e a interpretação de um lance polêmico**, **Góndola**, vol. 16, n. 3, set./dez., 2021, p. 553-566.

SIMONDON, Gilbert. **Du mode d´existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1989.

SIQUEIRA, Holgonsi S. G.; MEDEIROS, Márcio F. S. Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico. **Configurações**, vol. 8, 2011, p. 11-32.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Televisão e psicanálise**. São Paulo. Ática, 2003.

SOUSA, Filipe. **Análise das percepções sobre o video assistant referee na ótica dos adeptos de futebol em Portugal**. Dissertação (Mestrado em Gestão de Marketing), Instituto Português de Administração e Marketing, 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/33770>. Acesso em 19 ago. 2022.

TEIXEIRA, Carlos R. G.; TIETZMANN, Roberto. A imagem é clara? O VAR e as interpretações da imagem na Copa do Mundo da Rússia 2018. **Mídia e cotidiano**, vol. 15, n. 2, 2021, p. 121-138.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 52, 2001, p. 133-165.

_____. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TONET, Vinicius Garzon. Contra o VAR aos 40 minutos antes do nada, 69. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; BRINATI, Chico; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira (orgs.). **Futebol: fato social total**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2020.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity: A critical history of social media**. Oxford University Press, 2013.

VASCONCELOS COSTA E SILVA, Pedro. Do paralaxe às redes: considerações sobre a implementação do VAR na sociedade em midiatização. In: **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020, p. 1-15.

_____. Midiatização e futebol de várzea: um estudo de caso do Inconfidência Esporte Clube. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. In: **Diálogos de La Comunicación**, Lima, Felafac, n. 48, out. 1997. Disponível em: https://comycult.files.wordpress.com/2014/04/veron_esquema_para_el_analisis_de_la_mediatizacion.pdf. Acesso em 25 mar. 2015, p. 1-10.

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

_____. **La semioses social, 2: Ideas, Momentos, Interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

_____. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, vol. 8, n. 1, jan./jun. 2014, p. 13-19.

WESCHENFELDER, A. **Manifestações da midiatização – transformação dos atores sociais em produção e recepção: o caso Camila Coelho**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7970>. Acesso em 22 ago. 2019.

WESCHENFELDER, Aline. Estudo de caso midiatizado: estratégia metodológica em pesquisas no contexto da midiatização. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, v. 1, n. 4, abr. 2021. Disponível em: <https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticacao-artigos/article/view/1354>. Acesso em: 31 ago. 2022.

WINNER, Langdon. Do Artifacts Have Politics? In: WINNER, L. **The Whale and the Reactor**; A Search for Limits in an Age of High Technology. Chicago: The University of Chicago Press, 1986, p. 19-39.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZOBOLI, Fabio; GALAK, Eduardo; JUNIOR, Hamiciliar Silveira Dantas. O árbitro de vídeo: política, futebol e corpos em imagens (em movimento). **Arquivos em movimento** – Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos, UFRJ, Rio de Janeiro, n. 14, n. 1, 2018.

LISTA DE NOTÍCIAS E MATÉRIAS CONSULTADAS

AGRELA, Lucas. As tecnologias por trás da olimpíada 2021. **Exame**. 24, julho de 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/as-tecnologias-por-tras-da-olimpiada-2021/>. Acesso em 12 jul. 2022.

ALMEIDA, Natália. Os 5 piores erros do var no brasileirão. **90min**. 15, novembro de 2020. Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/os-5-piores-erros-do-var-no-brasileirao-2020-ate-o-momento>. Acesso em 10 dez. 2021.

AVELAR, André. Ídolos corintianos divergem sobre VAR na final da Copa do Brasil. **R7**. São Paulo, 18, outubro de 2018. Disponível em: <https://esportes.r7.com/futebol/idolos-corintianos-divergem-sobre-var-na-final-da-copa-do-brasil-18102018> Acesso em 10 maio 2020.

Arbitragem trabalha habilidades específicas para atuação do VAR. **CBF**. Rio de Janeiro 5, de julho de 2017. Disponível em: www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/arbitragem-trabalha-habilidades-especificas-para-atuacao-do-var> Acesso em 12 mar. 2021.

Árbitros compartilham experiência do uso do VAR na final catarinense. **CBF**. Rio de Janeiro, 30, de junho de 2018. Disponível em: <https://www.sinafesc.com.br/?p=3512>. Acesso em 12 mar. 2021.

Árbitros de vídeo fazem imersão na semana de início da série A. **CBF**. Rio de Janeiro, 24, maio de 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/index/arbitros-de-videos-fazem-imersao-na-semana-de-inicio-da-serie-a>. Acesso em 26 jul. 2022.

Árbitros reforçam protocolo do VAR antes da prática em campo. **CBF**. Rio de Janeiro, 2, julho de 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/arbitros-reforcam-protocolo-do-var-antes-da-pratica-em-campo>. Acesso em 12 mar. 2021.

Atlético-MG chega a quase o dobro de pênaltis de rivais da Série A desde o último Brasileiro; veja o ranking. **ESPN**. São Paulo, 22 de março, de 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/10033044/atletico-mg-chega-a-quase-o-dobro-de-penaltis-de-rivais-da-serie-a-desde-o-ultimo-brasileiro-veja-o-ranking. Acesso em 15 jan. 2022.

BARBOSA, Danielle. Comentarista de arbitragem da ESPN sobre pênalti a favor do Flamengo contra o Bahia: “Erro mais absurdo do Brasileirão”. **Torcedores**. 11, novembro de 2021. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2021/11/comentarista-sobre-penalti-flamengo-contra-bahia-erro-mais-absurdo-brasileirao>. Acesso em 10 dez. 2021.

BARBOSA, Danielle. Ex-árbitro, Paulo César de Oliveira ‘responde’ Arnaldo Ribeiro após insinuações sobre a ‘Central do Apito’. 2 de agosto, de 2021. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2021/08/ex-arbitro-responde-arnaldo-ribeiro-insinuacoes-central-do-apito>. Acesso em 21 jan. 2022.

CASTRO, Luis Felipe. VAR dá a Neymar a lição de que ele tanto precisava. **Veja**. São Paulo, 22, jun de 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/var-da-a-neymar-a-licao-que-ele-tanto-precisava>. Acesso em 20 jul. 2018.

CBF divulga imagem de VAR de gol de Lindoso e garante que foi legal. **Gaúcha ZH**. Porto Alegre, 3 de junho, de 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2019/06/cbf-divulga-imagem-do-var-e-garante-que-gol-de-lindoso-na-vitoria-do-inter-foi-legal-cjwuqcomp00rb01p6b3cev2vq.html>. Acesso em 9 jun. 2022.

CBF EXPLICA USO DO ÁRBITRO DE VÍDEO NA COPA DO BRASIL. **Gaúcha ZH**. 20, de jun 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/07/cbf-explica-uso-do-arbitro-de-video-na-copa-do-brasil-cjk8sjav002hz01p6vmsjxf9d.html>. Acesso em 18 ago. 2018.

CBF implanta VAR nas Séries B, C e D do Campeonato Brasileiro. **CBF**. Rio de Janeiro, 21, julho de 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/series-b-c-e-d-do-brasileirao-contarao-com-var-na-fases-finais>. Acesso em 23 jun. 2021.

CBF promove 2º Curso de Capacitação para uso do VAR. **CBF**. Rio de Janeiro, 26, junho de 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/capacitacao-do-var-entra-em-reta-final-para-2022>. Acesso em 12 mar. 2021.

CBF realiza curso de capacitação para observadores do VAR. **CBF**. Rio de Janeiro, 22, abril de 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/cbf-realiza-curso-de-capacitacao-para-observadores-do-var>. Acesso em 26 jul. 2022.

CBF: Rogério Caboclo, novo presidente, anuncia mudanças na entidade e cria 'conselho de craques. **ESPN**. São Paulo, 9, abril de 2019. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/5483826/cbf-rogerio-caboclo-novo-presidente-anuncia-mudancas-na-entidade-e-cria-conselho-de-craques. Acesso em 21 out. 2021.

Capacitação para VAR da CBF dispõe de megaestrutura para treinamentos. **CBF**. Rio de Janeiro, 15, abril de 2019. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/capacitacao-para-var-da-cbf-dispoe-de-megaestrutura-para-treinamentos>. Acesso em 21 maio 2021.

CEZAR, Mauro. No Atletico-MG existe a narrativa da vitimização há décadas. **Uol**. São Paulo, 22 de novembro, de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/11/22/mauro-cesar-no-atletico-mg-existe-a-narrativa-da-vitimizacao-ha-decadas.htm>. Acesso em 16 jan. 2022.

COELHO, Arnaldo Cezar. Arnaldo Cezar Coelho chama VAR de chacinha moderno. 5, de julho de 2019. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/programas/grande-circulo/noticia/no-grande-circulo-arnaldo-cesar-coelho-critica-o-var-chacinha-moderno.ghtml>. Acesso em 20 jul. 2019.

COELHO, Paulo Vinícios. Brasileirão tem um erro grave de árbitro a cada dois jogos, confirma uso excessivo do VAR no primeiro turno. **Globo Esporte**. 25 de julho, de 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-pvc/post/2022/07/25/brasileirao-tem-um-erro-grave-de-arbitro-a-cada-dois-jogos-confirma-uso-excessivo-do-var-no-primeiro-turno.ghtml>. Acesso em 28 jul. 2022.

Com pênalti polêmico, Gabigol chega a 100 gols, e Flamengo vence o Bahia. **Globo Esporte**. Rio de Janeiro, 11, novembro de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/futebol/brasileirao-serie-a/jogo/11-11-2021/flamengo-bahia.ghtml>. Acesso em 10 dez. 2021.

Como o VAR funciona em outros esportes. **Globo Esporte**. 10, abril de 2018. Disponível em <https://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/pode-isso-arnaldo-saiba-como-tenis-volei-e-outros-esportes-se-adaptaram-ao-var.html>. Acesso em 10 out. 2019.

CURRO, Luiz. Com o VAR, troca-se a dinâmica pelo aborrecimento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20, abril de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/04/com-o-var-troca-se-a-dinamica-pelo-aborrecimento.shtml>. Acesso em 12 jan. 2022.

Curso de VAR no Brasil: experiência transferida para cabine de vídeo. **CBF**. Rio de Janeiro, 3, junho de 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/curso-de-var-no-brasil-experiencia-transferida-para-cabine-de-video>. Acesso em 12 mar. 2021.

David Elleray acompanha Curso de Árbitro de Vídeo (VAR) no Brasil. **CBF**. Rio de Janeiro, 29, junho de 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/david-elleray-acompanha-curso-de-arbitro-de-video-var-no-brasil>. Acesso em 12 mar. 2021.

DERNARDIN, Pedro Ernesto. O VAR tira a dinâmica do futebol e se torna chato. **Gaúcha Zero Hora**, Porto Alegre, 20, maio de 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/pedro-ernesto-denardin/noticia/2019/05/o-var-tira-a-dinamica-do-futebol-e-se-torna-chato-cjw6dro3s006i01lkgcvesfwu.html>. Acesso em 12 jan. 2022.

E o VAR? Ex-árbitros analisam uso da tecnologia na final da Copa do Brasil. **Lance**. São Paulo, 20, outubro de 2018. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/e-o-var-ex-%C3%A1rbitros-175744335.html>. Acesso em 19 jun. 2019.

FAGUNDES, Salvio Spinola. Tempo de jogo e dimensões são sempre iguais? 'Regra 18' explica e mostra que nem sempre é assim. **ESPN**. 17, junho de 2017. Disponível em: http://m.espn.uol.com.br/blogs/salviospinola/606379_tempo-de-jogo-e-dimensoes-sao-sempre-iguais-regra-18-explica-e-mostra-que-nem-sempre-e-assim. Acesso em 20 ago. 2019

FAGUNDES, Salvio Spinola. O VAR, a Copa do Mundo e as prerrogativas do árbitro. **Revista Consultor Jurídico**. 26, Jun de 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-jun-6/opiniao-var-copa-mundo-prerrogativas-arbitro>. Acesso em 02 nov. 2019.

Fantástico: Tira-Teima (1986). **Memória globo**. Rio de Janeiro, 1 de junho, de 1986. Disponível em: <http://globo.v.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/fantastico-tira-teima-1986/4023398/>. Acesso em 20 fev. 2022.

FERNANDES, Martins. FIFA responde CBF, defende árbitro de vídeo e se recusa a entregar áudios. **Moscou**. 20, de junho de 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/fifa-responde-cbf-defende-arbitro-de-video-e-se-recusa-a-entregar-audios.ghtml>. Acessado em 26 jul. 2020.

Fora de campo globo registra maior audiência. **Lance**. 24, julho de 2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/globo-registra-maior-audiencia-do-ano-com-flamengo-x-atletico-mg-pela-copa-do-brasil.html>. Acesso em 26 set. 2022.

Gaciba admite erro na utilização do var. **UOL**. São Paulo, 7 de setembro, de 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/10/14/gaciba-admite-erro-na-utilizacao-do-var-em-atletico-mg-x-sao-paulo.htm>. Acesso em 9 jun. 2022.

HERNANDEZ, Javier. Francisco. López: “Yo inventé el VAR y lo tengo registrado”. **AS**, Madrid, 17, outubro 2017. Disponível em: https://as.com/futbol/2017/10/13/mas_futbol/1507854251_047957.html. Acesso em 07 dez. 2020.

Ituano x Cruzeiro: Central do Apito vê erro do VAR ao traçar linha de impedimento em gol de Edu; veja o lance. **Globo Esporte**. 5 de junho, de 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/07/05/ituano-x-cruzeiro-central-do-apito-ve-erro-do-var-ao-tracar-linha-de-impedimento-em-gol-de-edu.ghtml>. Acesso em 27 jul. 2022.

Leonardo Gaciba apresenta resultados do projeto VAR a deputados na Comissão do Esporte. **CBF**. Rio de Janeiro, 10, julho de 2019. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/leonardo-gaciba-apresenta-resultados-do-projeto-var-a-deputados-na-com>. Acesso em 21 maio 2021.

MALESON, Roberto. VAR em detalhes: entenda como é traçada a linha de impedimento; veja vídeo com passo a passo. **Globo Esporte**. RIO de janeiro, 18 de setembro, de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/var-em-detalhes-entenda-como-e-tracada-a-linha-de-impedimento-veja-video-com-passo-a-passo.ghtml>. Acesso em 22 fev. 2022

MALESON, Roberto. Impedimento de Gabigol é eleito como maior erro do Brasileirão pela Central do Apito; veja lista. **Globo Esporte**. Rio de Janeiro, 20, dezembro de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/impedimento-de-gabigol-e-eleito-como-maior-erro-do-brasileirao-pela-central-do-apito-veja-lista.ghtml>. Acesso em 10 dez. 2022.

MATTOS, Rodrigo. Na reta final CBF admite erros. **UOL**. São Paulo, 11, dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2021/11/24/na-reta-final-cbf-admite-erro-em-metade-das-reclamacoes-e-ve-falhas-do-var.htm>. Acesso em 12 dez. 2021.

Mauro Cezar detona 'Central do Apito' em lance envolvendo Flamengo: 'Desserviço ao futebol. **UOL**. São Paulo, 22 de julho, de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2022/07/04/mauro-cezar-detona-central-do-apito-em-lance-envolvendo-flamengo-desservico-ao-futebol.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 21 ago. 2022

Metodologia de excelência é destaque no curso de árbitro de vídeo. **CBF**. Rio de Janeiro, 28, junho de 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/metodologia-de-excelencia-e-destaque-no-curso-de-capacitacao>. Acesso em 12 mar. 2021.

Nunca mais verás um gol em impedimento, diz Infantino. **Extra**. 3, julho, 2018 Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/copa-2018/nunca-mais-vera-um-gol-em-impedimento-diz-infantino-ao-avaliar-uso-do-var-22881810.html>. Acesso em 12 jul. 2022.

Pedrinho Lamenta gol anulado pelo VAR. **Gazeta Esportiva**. São Paulo, 18, outubro de 2018. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/corinthians/pedrinho-lamenta-gol-anulado-pelo-var-sensacao-frustrante/>. Acesso em 15 jun. 2022.

RB Bragantino e Botafogo: Empresa reconhece erro de calibragem do VAR, mas cita que decisão foi correta. **Lance**. São Paulo, 7 de julho, de 2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/botafogo/bragantino-e-botafogo-empresa-reconhece-erro-de-calibragem-do-var-mas-cita-que-decisao-foi-correta.html>. Acesso em 8 jun. 2022.

Ranking do VAR no Brasileirão: Athletico-PR e Internacional ocupam primeiros lugares; veja lista. **Globo Esporte**. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro, de 2021. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/especial/ranking-do-var-no-brasileirao-veja-levantamento-do-espiao-estatistico>. Acesso em 16 jan. 2022.

Relembre 10 polemicas relacionadas ao VAR no brasileiro. **Gazeta Esportiva**. São Paulo, 19, dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/brasileiro-serie-a/relembre-10-polemicas-relacionadas-ao-var-no-brasileirao/>. Acesso em 22 jun. 2021.

RUEL, Renata. Margem de erro do VAR pode ser de 10 cm a meio metro explica especialista em rastreamento. **ESPN**. 10 de julho, de 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/renataruel/775632_margem-de-erro-do-var-pode-ser-de-10-cm-a-meio-metro-explica-especialista-em-tecnologia-de-rastreamento. Acesso em 28 jul. 2022.

SABINO, Alex; COZENZO, Luiz. Para idealizador de var no país arbitro da final da copa do brasil não errou. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 18 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/10/para-idealizador-do-var-no-pais-arbitro-da-final-da-copa-do-brasil-nao-errou.shtml>. Acesso em 21 maio 2020.

Sandro Meira Ricci sobre pênalti a favor do Flamengo: 'Não foi nada. **UOL**. São Paulo, 11, novembro de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/11/11/sandro-meira-ricci-sobre-penalti-a-favor-do-flamengo-nao-foi-nada.htm>. Acesso em 10 dez. 2021.

SANTOS, Gabriel. Lance. São Paulo reencontra o Atlético-MG no Mineirão após polêmica com gol anulado de Luciano. **Lance**. São Paulo, 6 de setembro, de 2021. Disponível em: <https://www.lance.com.br/sao-paulo/reencontra-atletico-mineirao-apos-polemica-com-gol-anulado-luciano.html>. Acesso em 8 maio 2022

Torcedor do Santos joga sal grosso na cabine antes de duelo contra o Grêmio decidido pelo VAR. **Globo Esporte**, SANTOS, 10, outubro de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/torcedor-do-santos-joga-sal-grosso-na-cabine-do-var-antes-de-duelo-contra-o-gremio-veja-video.ghtml>. Acesso em 29 mar. 2022.

VAR erra ao traçar linha e anula gol legal do Cruzeiro; Ronaldo ironiza. **Placar**. São Paulo, 6 de junho, de 2022. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/brasileirao/var-erra-ao-tracar-linha-e-anula-gol-legal-do-cruzeiro-ronaldo-ironiza/>. Acesso em 8 jun. 2022

VAR estreia em torneios nacionais nesta quarta; veja como o árbitro de vídeo pode ser usado. **Globo Esporte**. São Paulo. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-estrela-no-brasil-nesta-quarta-veja-como-o-arbitro-de-video-pode-ser-usado.ghtml>. Acesso em 12 mar. 2021.

VAR NO BRASIL: Árbitros contam com suporte psicológico e estatístico. **CBF**. Rio de Janeiro, 20, agosto de 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/var-no-brasil-arbitros-contam-com-suporte-psicologico-e-estatistico>. Acesso em 12 mar. 2021.

VAR no Brasil: Marcos Marinho Analisa preparação da arbitragem. **CBF**. Rio de Janeiro, 10, junho de 2018 Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/var-no-brasil-marcos-marinho-analisa-preparacao-da-arbitragem-1>. Acesso em 12 mar. 2021.

VAR no Brasil: Dirk Schlemmer destaca investimentos feitos pela CBF. **CBF**. Rio de Janeiro, 4, junho de 2018. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/arbitragem/var-no-brasil-dirk-schlemmer-destaca-investimentos-feitos-pela-cbf>. Acesso em 12 mar. 2021.

VAR rouba a cena na final da Copa do Brasil. **Globo Esporte**. 17 de outubro, de 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/copa-do-brasil/noticia/var-rouba-a-cena-na-final-entre-corinthians-e-cruzeiro-gaciba-analisa-lances.ghtml>. Acesso em 26 jul. 2022.

Vestido de árbitro, torcedor imita VAR e bomba nas redes sociais. **Lance**. São Paulo, 21 de agosto, de 2021. Disponível em: <https://www.lance.com.br/humor-esportivo/vestido-arbitro-torcedor-imita-var-bomba-nas-redes-sociais.html>. Acesso em 15 jan. 2022

WENGER TENTA MUDAR REGRA DE IMPEDIMENTO POR CAUSA DO VAR. **UOL**. São Paulo, 22 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/20/wenger-tenta-mudar-regra-do-impedimento-por-causa-do-var-entenda-a-ideia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 20 jul. 2022.